

*Paixão
em
Roma*

SHEILA CRUZ



Paixão em Roma

Livro 1

Copyright © 2017 Sheila Cruz

Capa: Dri K.K

Revisão: Valéria Avelar

Diagramação Digital: Valéria Avelar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Epílogo](#)

[Bonus](#)

Prólogo

Abro os olhos com dificuldade, pela luz que invade o ambiente. Mas uma vez esqueci as venezianas da janela aberta. O sol está a pino logo pela manhã. Também o que eu queria? Estamos em pleno verão em Roma. Obvio que mesmo nas primeiras horas do dia, o sol já daria as caras.

Forço-me a levantar e criar animo para mais um dia. Na mesma hora, vem à lembrança de que dia é hoje. Faz um ano, que aquele maldito acidente de carro, tirou a vida dos meus pais. Um ano tentando juntar os cacos e fazer nossa pequena família seguir em frente. Clara minha irmã adolescente, tem me dado certo trabalho, saído com amigos que não conheço e voltado bêbada das baladas. Tento relevar, só tem 17 anos e ainda está tentando se adaptar à nova realidade. Mas está difícil lidar com minhas responsabilidades e ter que me preocupar com uma adolescente entrando numa crise rebelde. Sei que suas atitudes rudes, só mascaram a dor de perder nossa família. Mas espero que enxergue, que também perdi muito, que também, sinto saudades.

Respiro fundo e me sento na cama toda desajeitada. Faço alguns alongamentos para começar o dia e me dirijo para o banheiro para fazer minha higiene matinal.

O novo apartamento, é pequeno comparada ao que vivíamos com nossos pais. Mas infelizmente com a morte deles, as coisas mudaram. Agora o orçamento está mais apertado e o dinheiro que sobrou com a venda do imóvel antigo, e a compra desse, será para pagar a faculdade da Clara.

A residência que vivíamos, era um apartamento de alto padrão no bairro “Monteverde”, mas foi necessário diminuir os gastos. Recebemos uma boa quantia de seguro de vida e temos aluguel de uma casa de praia em Lido di Ostia, que fica cerca de 35 quilômetros de Roma. Estamos vivendo de maneira simples, mas não posso reclamar. Não nos falta nada e amanhã já começo no emprego novo. Graças a Deus, consegui trabalho logo após terminar meu estágio e melhor ainda, numa clínica de fisioterapia bem conhecida. Tive sorte de receber indicação de um professor da faculdade. Devagarzinho as coisas entrarão nos eixos. Clara, voltará a ser aquela garota doce e gentil de antes e viveremos bem. Sei papai e mamãe ficariam orgulhosos dos meus esforços, da maneira que estou cuidando da gente.

Após sair do banho, vou direto para o quarto de Clara, pretendo acordá-la para tomarmos café da manhã. Ao abrir a porta tenho a surpresa do quarto estar vazio.

— Não acredito que ela não chegou ainda. Caramba!!! São sete da manhã.

Ligo imediatamente no seu celular e uma voz de sono me atende.

— Alô.

— Cadê você? São sete horas e perdeu aula de novo!!

— Aiii...fala baixo, estou de ressaca, Nina.

— Não interessa!! Você tem responsabilidades, Clara. Hoje é terça-feira e você sai pra beber e não volta para casa? Está achando que é adulta e dona do próprio nariz?

— Não enche, só estou aproveitando a vida. E você não manda em mim. Não é minha mãe — ela responde exaltada, tento manter a calma e não perder a razão.

— Clara, papai não ia gostar de saber que não está se esforçando na escola. Você precisa ter boas notas para entrar numa ótima faculdade;

— Acorda Nina!! Eles não estão mais aqui, nos abandonaram sozinhas. Porque vou perder meu tempo seguindo seus planos? Nem a família dele quer saber da gente, nunca quiseram.

— Não fala isso — respondo triste com sua revolta — Foi um acidente, eles não tiveram culpa, Clara. Jamais teriam nos deixado por vontade própria. Onde você está? Vou te buscar — Falo de maneira tranquila, para lhe fazer voltar a razão.

— Nem sei onde estou, dormi na casa de uma cara que conheci na festa de ontem.

Choco-me com sua resposta e abro a boca feito um peixe em busca de oxigênio. Minha vontade é de lhe dar uma bronca, mas já percebi que não é a melhor estratégia.

— Ok!! Faz o seguinte, pergunta o endereço e vou te buscar. Pode ser?

Ela tira o telefone da orelha e fala com alguém.

— Não precisa, ele já está levantando e irá me levar em casa. Em meia hora estou aí.

Desligo o aparelho e fico atônita com o rumo que as coisas estão tomando. Minha irmã sempre foi uma menina boa, estudiosa e amável. Depois do acidente se tornou arredia, amarga e desiludida. Até poucos dias atrás, era virgem e agora está dormindo com qualquer um. Realmente perdi o controle da situação e ainda não sei como agir.

Sigo para sala e brinco com nosso cachorro. Snop tem apenas 1 ano e 4 meses, mas parece uma criança cheio de energia. Jogo a bolinha e ele busca com a maior satisfação. Ganhei Snop de presente, quando concluí o curso de fisioterapia na faculdade. Foi uma compensação por estudar com tanto empenho por 04 anos. O pequeno Beagle se joga sobre o sofá e me entrega o brinquedo, aguardando para receber um afago.

A televisão está ligada, porém, não vejo nada. Minha preocupação se encontra, em certa adolescente sem juízo.

A porta abre e escuto passos seguindo pelo corredor, a porta de seu quarto é fechada, mas não me importo de entrar sem bater. Snop me segue, na esperança de receber atenção de Clara também.

Ela está tirando o tênis e se joga na cama.

— Podemos conversar? — Falo num tom conciliatório. Ela bufa e responde malcriada.

— Não, estou cansada.

— Clara!! — A repreendo.

— Nossa Nina, como você é chata. Só porque é toda certinha e virgem aos 22 anos, não quer dizer que tenho que seguir os seus passos. Acredite, sua vida parece ser bem chata.

Suas palavras me agridem profundamente, sei que não tenho uma vida social agitada. Mas por acaso é crime ser estudiosa e caseira?

Não sou do tipo popular e baladeira. Sempre fui tímida, com poucos amigos, mas que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos.

— Só quero seu bem Clara, somos só nós duas agora. Uma cuidando da outra. Precisamos estar unidas, em sintonia. Por favor, olha para mim — peço com a voz quase num sussurro e

parece surtir efeito.

Seus olhos marejam e vejo que toquei no ponto fraco. O fato de sermos sozinhas daqui por diante.

— Desculpe Nina, é que hoje faz um ano e estou tão triste, acordei com saudades e parece que a qualquer momento vou me afogar numa melancolia profunda — as palavras se misturam num grande murmúrio — Liguei para vovó e ela nem me atendeu. Você acredita nisso? Que tipo de avó renega as netas e as deixa sem ninguém no mundo? Quando papai era vivo, ela nunca foi muito legal com a gente, mas nos recebia em sua casa, agora, nos varreu do mapa, é como se não existíssemos.

— Clara me escuta, não precisamos dela e nem dos outros parentes do papai. Sempre fomos uma família de 4, agora seremos 3 — sorrio e aponto para o Snop.

Ela se acalma um pouco e relaxa em meus braços.

— Desculpe novamente, não quis te preocupar. Prometo que se for dormir fora, aviso.

— Só quero seu bem Clarinha. Toma cuidado com quem está andando, sei que não tenho experiência nesse lance de sexo. Mas se cuida e usa preservativo, o perigo não é só gravidez.

Ela sorri meigamente, e me encara sem culpa.

— Posso estar meio fora de rumo, mas não me descuido de jeito nenhum. Só transei com dois caras e foi tudo com camisinha. Fica tranquila!!

Eu a abraço apertado.

— Só não deixa de estudar, tá. Você vai precisar ter um curso superior, para conseguir uma boa colocação no mercado.

Ela me olha desconfiada e responde.

— Ainda não tenho certeza do curso que quero fazer, tenho dúvidas.

— Você tem mais um ano para terminar a escola, até lá, vá pensando nas opções, pesquisando sobre cada curso.

Ela assente de maneira positiva e volta a deitar. Só que desta vez com Snop enrolado nas suas pernas.

Saio para resolver algumas pendências na rua e volto depois do almoço.

No final da tarde, resolvo dar um passeio com meu cachorro, coloco a coleira e aviso minha irmã.

— Farei uma caminhada com snop. Quer ir?

— Não, obrigada. Daqui a pouco o carinha que sai ontem, vai passar aqui e vamos ao cinema.

— Ok. Só não chegue tarde, amanhã tem aula.

Ela revira os olhos e dá de ombros.

Dou risada e vou até a área de serviço buscar a coleira.

Snop se remexe em completa satisfação, sua hora preferida é o momento do passeio. Adora bater perna na rua, é um verdadeiro malandrinho. Toda a vizinhança já o conhece, faz amizade como ninguém. Afirmo com todas as letras que é mais popular do que eu, aliás, de popular não

tenho nada. Só tenho duas amigas próximas, Gina que nos conhecemos desde criança, porque moramos e crescemos no mesmo prédio. E Fabíola que fazia o mesmo curso que eu.

Olho-me no espelho e aprovo o visual. Em pleno verão, adoro andar à vontade e estou usando shorts jeans, blusinha de alça e tênis. Pego a coleira e sigo para o elevador de serviço, Snop dá uma pequena latida e se remexe sem parar, que bicho elétrico esse cachorro.

Cumprimento o porteiro e saio a passos lentos pela calçada. Snop late e faz graça para o Alberto da banca e depois recebe um carinho de Giuseppe da padaria. Preciso aprender a ser popular desse jeito.

Na hora de fazer as necessidades, é aquela enrolação, procura por uma moita alta, não gosta que ninguém espie. Para isso é tímido. Decido comprar umas besteirinhas e sigo para o mercadinho da esquina. Prendo meu cachorro no gancho em frente ao estabelecimento e começo a sapear pelas prateleiras. Faço uma careta ao ver que estão meio vazias e questiono Antônio, o dono do mercado.

— Por que as prateleiras estão vazias, seu Antônio?

— Meus dois funcionários faltaram hoje, estou sozinha, Nina.

Coitado, depender de terceiros é complicado. E agora está fazendo o possível para conseguir dar conta de todas as tarefas.

— Que chato!! Imagino que deve estar quase louco sozinho.

— Sim menina, estou aguardando minha filha chegar da escola, para receber uma mãozinha.

— Eu venho mais tarde. Obrigada viu.

Ele acena simpaticamente e resolvo passar em outro mercado, que fica duas quadras daqui.

Snop está lá fora, e não para de latir. Ao me aproximar, vejo o motivo na outra esquina. Há um gato enorme na porta de uma lavanderia. E infelizmente, meu cachorro nutre uma antipatia feroz pelos felinos.

— Para Snop!! Não seja chato e obedeça a mamãe.

Ele parece me ignorar e continua a latir. Eu o solto do gancho e quando dou por mim, ele escapa num momento que deixei a coleira um pouco frouxa em minhas mãos. Foi um segundo de descuido, quase nem acredito, grito e corro para tentar segurá-lo, mas infelizmente não tenho essa chance. Snop atravessa a rua em disparada, e é atropelado por um carro em movimento. Travo no lugar sem saber como agir, a dor de vê-lo sendo lançado longe é demais e quase me curvo em desespero. Não posso perder mais ninguém, minha família já se tornou tão reduzida, que a simples perspectiva, de não vê-lo vivo, é quase insuportável. Coloco as mãos na cabeça em sinal de desespero e ajoelho-me próximo de onde está caído.

Snop solta uma lamúria esganiçada, demonstrando o tanto de dor que senti. Tem sangue em sua cabeça e não consigo mensurar a gravidade dos ferimentos. O motorista abre a porta e se aproxima. Escuto vários palavrões, ele parece nervoso e irritado.

— Puta que pariu!! Quem deixou esse cachorro solto?

Olho para o homem e travo novamente. Ele é lindo, alto, intimidador e parece estar querendo arrancar a pele de alguém.

— Ele é meu — respondo num fiapo de voz. Primeiro porque estou nervosa e preocupada. E

segundo, porque seu jeito másculo e autoritário, deixa explícito que é uma pessoa que não gosta de ser incomodada — Desculpe, ele viu um gato do outro lado e escapou da minha mão.

Ele me fuzila, com lindos olhos azuis piscina, mas que não demonstram nenhum sentimento.

— Droga!! Vou perder uma reunião importante, para levar esse cachorro num veterinário — murmura furioso. Me encolho no lugar, mas não o deixarei sair sem socorrê-lo.

— Desculpe novamente, mas preciso de ajuda, não posso carregá-lo sozinho.

Ele bufa e agacha.

— Você dirige?

— Sim.

— Vou pegá-lo e você leva o carro.

Assinto de maneira positiva.

Snop choraminga ao ser carregado, e os ajudo a se acomodar no banco e corro para o volante.

É um Mercedes-Benz GLE coupé, mas não faço a menor ideia de como ligá-lo e mexer em seu painel. Fico como uma barata tonta encarando o volante, como se fosse uma nave alienígena.

— O que foi? — O estranho pergunta sem paciência.

— É que nunca dirigi esse tipo de carro. Onde coloco a chave?

Ele ri, mas percebo que não acha nenhuma graça.

— Só sabe dirigir carroça?

Me pergunta de maneira grosseira.

Olho para trás e faço uma cara de desespero.

— É só me mostrar que sairemos daqui.

— Aperte o botão de Start do lado do volante, depois regule no D, esse outro botão no console do lado da sua perna direita e por último dê um toque no freio para destravar o freio de mão — segui suas instruções minuciosamente e logo o carro se pôs a dirigir.

— Para onde o levaremos? — Ele pergunta.

— O veterinário dele é aqui perto — indico com o dedo, a direção que seguiremos.

O trajeto é feito em silêncio. Estaciono e os ajudo a sair novamente. Samira a dona da clínica é chamada e nos atende com rapidez.

O pequeno choraminga ao ser colocado na maca e o troglodita, por incrível que pareça é carinhoso e amável com meu cão.

— Calma campeão!! Você vai ficar bem — e lhe faz um afago no focinho e um beijo na cabeça.

Quando Samira o leva para sala de exame, fico ali parada e tremendo. Tenho medo que Snop não resista aos ferimentos, mesmo não sabendo se são graves ou não. Sem que perceba, o homem se aproxima e toca em minha mão.

— Vai ficar tudo bem.

Pela primeira vez, vejo algum sentimento transparecer em seu semblante e isso me desperta coisas estranhas, que nunca senti.

Sua mão, faz outro carinho, só que agora sobe por meu braço. Arrepio-me no mesmo instante e tento disfarçar com um pigarro. Aproveito o momento íntimo e esquadrinho seu rosto e corpo, surpreendendo com tanta beleza e masculinidade.

É alto, cabelo curto, mesclado entre o loiro e castanho claro. Seus olhos são azuis e amendoados. Tem um físico que aparenta ser bem definido embaixo do terno cinza, que se encontra completamente arruinado, sujo de sangue e cheio de pelos. Lembra o personagem do Thor do filme da Marvel.

— Obrigada — respondo com as bochechas pegando fogo, espero que não tenha notado como o admirava — No meio de toda essa confusão esqueci de dizer meu nome. Me chamo Nina.

Ele sorri e o encaro, como se tivesse sido hipnotizada.

— Sou Luca — ele se aproxima e me dá um beijo no rosto. Devo ter quase pegado fogo de tanta vergonha.

— Olha Luca, se quiser ir embora, vou entender, já fez bastante pelo Snop, agora é com a doutora Samira.

Luca me encara e balança a cabeça com uma resposta negativa.

— Prefiro esperar e depois deixo vocês em casa.

Fito aquele homem lindo a minha frente e tenho vontade de abraçá-lo, estou me sentindo tão frágil e precisando tanto de carinho. Justo hoje acontece isso com o Snop?

Sento na sala de espera, fecho os olhos e relembro do dia que o ganhei. Snop é elétrico desde bebezinho e sempre encheu minha vida de alegria e sentido, não quero imaginar que possa perdê-lo. O soluço chega primeiro e o choro vem sem ser convidado. Tento brecá-lo ao colocar a mão fechada nos lábios, mas é em vão.

Luca senta-se ao lado e passa o braço nos meus ombros. Me sinto segura e permito-me chorar e extravasar minha angústia, a saudade e o medo de perder novamente.

— Eii Nina, calma!! Ele vai ficar bem. Ficarei com você, até a doutora nos dar um parecer.

Aceno com a cabeça, porque sou incapaz de pronunciar qualquer palavra agora.

Após ficarmos abraçados por alguns minutos, ele resolve puxar papo.

— Você mora aqui perto? — Luca pergunta.

— Sim, me mudei tem três meses — respondo e seco as lágrimas.

— E você?

— Moro no Trastevere — arqueio a sobrancelha. Ele mora num dos bairros mais caros de Roma. Deve ser bem de vida, só pode.

— É o sonho de consumo de todo romano, morar em Trastevere — sorrio timidamente.

Ele dá uma risada gostosa, mas não parece estar acanhado por sua posição social.

— Sou um cara de sorte, não posso reclamar.

Ficamos em silêncio e dessa vez, sou eu que puxo conversa.

— Você faz o quê?

Ele pensa por alguns segundos antes de responder, por um momento, parece desconfortável.

— Se não quiser responder, tudo bem, não é da minha conta.

Ele sorri novamente e responde:

— Não tem problema. Sou executivo numa empresa que faz abastecimento para navios de carga e passageiros. Comida, peças para maquinário e manutenção de convés.

— Achei que fosse advogado.

— Sou formado em direito, mas não exerço a profissão. E por que achou que fosse advogado?

— Sei lá... seu jeito sério e sisudo.

— Sisudo?? — pergunta surpreso.

— Sim!! Você não é do tipo sorridente.

— Mas não sou sisudo também.

— Tudo bem, só tive essa impressão, Luca — dou de ombros, mostrando que isso não é importante.

— Agora é minha vez, deixa eu adivinhar. Você deve estar fazendo alguma faculdade na aérea da saúde.

Fico de boca aberta de como ele acertou de primeira.

— Sou fisioterapeuta formada — digo cheia de orgulho.

— Formada. Quantos anos tem?

— 22.

— Pensei que fosse mais jovem, parece uma menininha — não sei porque, mas não gostei do tom da sua voz, falou de um jeito desdenhoso, como se me achasse uma pirralha.

— E você não fica com menininhas? — Enrijeci ao falar o que só pensei, minha boca foi mais rápida que o bom senso. Não tenho nada com sua vida e nem com as preferências. Por que estou incomodada?

— Digamos que garotas da sua idade se iludem com facilidade, tem expectativas de conhecer um príncipe e acredite, estou longe de ser um bom partido para qualquer mulher.

Fico envergonhada com o rumo da conversa e mudo o foco para outro assunto.

— E o que denunciou que trabalho na área da sua saúde?

— O seu jeitinho meigo, de que gosta de ajudar as pessoas — Luca responde e me olha com ternura. Quase derreto no lugar, esse homem abala minhas estruturas.

Infelizmente, nunca me senti sacudida ou atraída por caras da minha idade. Sempre os achei imaturos e pouco interessantes. Já Luca despertava algo em meu interior, que desconhecia desde a minha adolescência. Será que é muito velho? Parece ter uns 30 anos, mas não é tanta diferença. Parece loucura, não ter me envolvido com ninguém até hoje e inclusive em várias situações, achei-me uma aberração por não me interessar por garotos da minha faixa etária. Mas o tempo foi passando e cá estou. Virgem aos 22, uma raridade nos dias atuais.

— Meu pai era médico, digamos que amenizar a dor do ser humano está no sangue.

— Era? Ele se aposentou?

Abaixo a cabeça e respiro fundo, não queria entrar nesse assunto, mas não quero ser grosseira.

— Faz um ano que meus pais morreram num acidente de carro.

Seus olhos azuis perdem um pouco da frieza anterior e transformam-se em pesar.

— Sinto muito Nina, não quis ser bisbilhoteiro.

Dou um sorriso amarelo e tento disfarçar o nó que se forma em minha garganta.

— Tudo bem, já estou conformada.

Ele volta a apertar meu ombro e fico ali, recebendo seu apoio, mesmo sendo um completo desconhecido. E no final percebo que gosto, que me sinto acolhida.

Doutora Samira retorna e nos dá uma ótima notícia.

— Fizemos ultrassonografia e raio-x. Internamente está tudo bem, não houve nenhum tipo de lesão. Ele só quebrou a perna direita da frente e usando uma tala, o problema com certeza será resolvido.

Solto a respiração, que nem havia percebido ter segurado.

— Ele já pode ir pra casa? — Pergunto ansiosa.

— Pode sim, vou colocar a tala, prescrever alguns remédios e logo irei liberá-lo.

Sorrio feliz e exultante por tudo ter dado certo.

— Eu disse que tudo ia ficar bem — Luca sussurra encostando ao meu ouvido, e novamente arrepio-me da cabeça aos pés.

Sigo até o caixa para pagar seus procedimentos, antes que Snop seja trazido. Me preocupo, porque não temos dinheiro de sobra, mas darei um jeito, irei tirar da venda do apartamento. Mas Luca é mais rápido e pega a conta das minhas mãos.

— Deixe que eu pago — afirma num tom autoritário e direto.

— Snop é responsabilidade minha Luca, você não teve culpa.

— Eu o atropeliei, a conta é minha.

— Não seja teimoso, ele escapou da minha mão — retruco brava, pois, realmente não precisa desembolsar essa quantia toda.

— Não adianta falar, faço questão — bufo e aceito, já que parece ser coisa de homem orgulhoso.

Logo Snop é trazido e está sonolento pela medicação. Pego-o no colo e Luca nos acomoda no carro.

Sinalizo onde moro e em poucos minutos entro no meu apartamento. Luca me auxilia para colocar Snop na minha cama.

— Vai deixá-lo aqui?

— Vou, ele dorme comigo todo dia.

— Cama não é lugar de bicho — diz fazendo careta.

— Snop é como um filho, não é apenas um bicho como você fala. E outra, vive em apartamento, não rola pela terra.

Ele me olha como se ainda não entendesse a lógica. Pelo jeito que é seco, não deve ter animal e tampouco filho.

— Vou fazer um café. Você aceita? — Ele acena positivamente e senta-se no sofá.

Sigo para cozinha e ligo a cafeteira. Vejo quais opções tenho na geladeira para oferecer a Luca. Pego torradas, um potinho com patê de azeitona e espero que sirva.

Coloco a mesa de jantar e o chamo para comermos.

— Estava indo no mercado quando aconteceu o acidente, estou desprevenida para receber visitas — sibilo e mostro o conteúdo sobre a mesa.

— Não tem problema — responde gentilmente — Você mora sozinha? — Pergunta curioso.

— Moro com minha irmã caçula.

— Só vocês duas? Nenhum familiar mais velho, tipo uma tia ou avós?

Pigarreio, não entendo onde ele quer chegar e o que ele tem com isso.

— Somos uma família de três — e aponto para o quarto incluindo Snop — Meu pai não se dava bem com a família e minha mãe era de Tóquio e não tivemos contato com seus familiares.

— Descendência japonesa? Por isso é tão linda e diferente — Luca me elogia e encara meus lábios cheio de cobiça. Esquento em vários lugares do corpo e sinto-me ofegar de adrenalina. Já achei alguns garotos bonitos e até senti vontade de beijar antes, mas com ele a sensação era intensa e profundo. Luca não era um garoto em crescimento, iniciando a vida adulta com hormônios em erupção. Não!!! Ele já era homem em todos os sentidos, e irradiava feromônios pelos poros, era sexy e sabia usar tal poder como uma arma. E eu, como uma menina boba, inocente e sem experiência, seria uma presa fácil. Mas mesmo sabendo de todo o perigo envolvido, não quis correr e tão pouco fugir. Muito pelo contrário, meu desejo mais profundo, era me jogar sem pensar nas consequências.

Continuamos nos encarando, não conseguia tirar meus olhos do seus. E um desejo insano e arrebatador nos acomete. Luca levanta numa rapidez e me pega nos braços. O beijo que começou tímido e lento, foi tomando proporções gigantescas. Mesmo com minha inexperiência, agi por instinto, saboreando cada canto de sua boca e gemendo a cada toque da língua. As mãos de Luca se moviam sem parar e quando percebi, havia subido em seu colo, com as duas pernas agarradas na cintura. Ofegamos e gememos juntos.

— Que vontade de te comer, porra! — Sussurra com malícia e deixa-me fora do prumo — Vou te chupar inteira, esses peitinhos duros e arrebitados. Você é linda e uma delícia.

Estremeço por completo. Luca é intenso e mesmo nunca tendo vivido nada perezoso, duvido que outros despertariam tais sensações. Esqueço as coisas ao meu redor e só penso nos lábios e mãos que me sugam e apalpam sem dó.

— Sua irmã está em casa? — Respondo que não, e ele parece satisfeito.

— Então podemos usar o sofá para transar — enrijeço no mesmo momento e paro de retribuir os beijos e carícias. Ele se dá conta da minha falta de interação e me encara.

— Que foi?

Não sei como abordar o assunto virgindade, mas preciso lhe contar o quanto antes.

— É que... eu nunca... fiz isso aqui — e aponto para nós dois.

Ele parece não entender no começo, continua me fitando, até que seus olhos arregalam mediante a compressão.

— Não... não pode ser. É brincadeira, não é? Garotas aos 22 não são mais virgens.

Enrubesco e por mais idiota que seja, tento me explicar.

— Sempre fui tímida e estudiosa, canalizei as energias em outras coisas. Nunca fiquei prestando atenção em garotos, nem era popular na escola, o tempo foi passando e passando — Não tenho que me envergonhar da minha condição, foi uma escolha e a fiz consciente, não iria transar com qualquer um, para não ser virgem.

Luca seca a testa e parece se recuperar de uma maratona.

— É melhor eu ir, ainda bem que é uma garota ajuizada e breiou essa loucura.

— Luca, eu te contei para você ir com calma, não quer dizer que não estou afim — E tento lhe dar um beijo. Ele no mesmo momento vira o rosto e se afasta. Fico confusa com sua frieza.

— Você está me rejeitando por que sou virgem?

— Não!! Estou evitando estragar seus sonhos com príncipes e blá...blá. Meu perfil é mais de lobo mal. Encontre alguém da sua idade, que queira coisa séria, te leve para o cinema e todas essas coisinhas românticas que mulher gosta.

Sinto-me uma idiota, estou aqui, com a maior cara de menina apaixonada e ele desdenhando. Visto uma máscara de quem não está nem ligando e tento parecer desinteressada.

— Ok!! Se não quer, tem quem queira. Hoje mesmo arrumo um candidato.

Ele se enfurece com meu comentário e sinto um aperto no braço.

— Já disse para arrumar um cara legal, não sair daqui e ir num bar arrumar um babaca para montar em você.

— Me solta, e o que eu fizer daqui por diante, não é da sua conta.

Respondo empinando o queixo e sendo impertinente.

Luca respira fundo, pega algo na carteira e vejo que é um cartão de visitas.

— Aqui está meu telefone — me entrega o pequeno cartão — Se precisar de qualquer coisa Nina, pode me ligar, mesmo que seja de madrugada.

— Sei me cuidar, Luca. Não se preocupe.

— Não seja orgulhosa e me prometa.

Nos fitamos sem parar e vejo que volta a olhar para minha boca. Tenho vontade de beijá-lo, mas o orgulho é maior. Foi ele que quis assim.

— Sim senhor papai, eu ligo.

Ele ri diante da birra, se aproxima e me dá um beijo na bochecha, se afastando e deixando-me completamente sozinha.

Tenho vontade de chorar, porque sei que provavelmente nunca mais verei Luca. E o fogo e o desejo que senti terão que ser engavetados. Mesmo sabendo que é uma péssima escolha para um primeiro relacionamento, não consigo deixar de querê-lo. Olho novamente para o cartão e suspiro diante do nome imponente:

“ Luca Ferrarezi”

Capítulo 01

Continuo olhando para televisão e nada vejo, o cheiro e presença de Luca ainda pairam no ar da pequena sala. Fecho os olhos e suspiro diante da minha loucura, quase perdi a virgindade com um desconhecido, só posso ter endoidecido de vez. O que aconteceu com a minha timidez, perdi? Ponho as mãos na testa, meditando sobre nossos momentos juntos e não consigo chegar a lugar algum. Ainda não consigo entender, a razão de ter cedido totalmente a um cara que nunca vi. Confesso que Luca despertou sentimentos antes desconhecidos ou amortecidos, não sei, a única certeza é que ainda estou de pernas bambas e quente. Sofrendo ao lembrar dos beijos e ainda sentindo o toque das suas mãos fortes e decididas, seu cheiro amadeirado era inebriante e infelizmente parecia estar grudado a minha pele. Levantei e andei de lado a outro, tentando dissipar os sentimentos que insistiam em atormentar minha cabeça.

Fui ao quarto espiar Snop, e o encontrei cochilando ainda, caminho pelo corredor e decido ir até a cozinha lavar a louça, talvez assim encontre uma distração que será bem-vinda.

Escuto um barulho de chave e a porta se abre, Clara entra com o rosto vermelho e com cara de brava.

— Que foi? — A questiono preocupada.

— Nada de mais, só discuti com o carinha que estou ficando.

— O que você dormiu na festa?

Ela acena a cabeça sem muita vontade.

— Acho que não nos veremos mais, estou sem saco — fala sorrindo e realmente não parece estar abalada.

— Que bom que alguém na família é esperta, aliás bem diferente de mim... — deixo a frase na metade e vejo que falei demais. Clara na mesma hora me encara desconfiada. Droga!! Maldita boca grande.

— Por que está falando isso? Você também não dá trela para ninguém, até hoje nem teve um namorado.

Abaixo a cabeça sem graça e tento remediar o que disse, para não ter que contar o que aconteceu na sala.

— Nada não!! Só estou falando que você é esperta e não se deixa apegar com facilidade.

Clara continua me olhando e parece ler minha mente.

— Pode contar Nina, está escondendo alguma coisa;

Penso com rapidez para inventar alguma coisa e lembro do Snop. Vou contar do atropelamento e com certeza esse pequeno deslize será esquecido.

— Snop foi atropelado! — Digo de uma vez, ela arregala os olhos e parece que irá chorar. Na mesma hora a tranquilizo.

— Calma!! Ele está bem, quebrou a perna direita da frente e ficará de tala por um tempo. Mas de resto não tem nada a nos preocuparmos.

Ela respira aliviada e sua cor volta aos poucos.

— Está internado?

— Não! Tá na minha cama, esta cochilando por causa dos remédios.

— Me conta o que aconteceu, estou quase tendo um chiquile.

Minha irmã pedi e senta-se junto a bancada de mármore na cozinha. Conto cada detalhe e ainda recebo uma bronca, por tê-lo deixado escapar para rua.

— Ufa!! Graça à Deus que não foi nada pior, não ia conseguir perdê-lo também — Sibila Clara de maneira pensativa.

— Eu também não, mas só tenho a agradecer a doutora Samira e ao Luca que me ajudou.

— Esse Luca é legal?

Clara pergunta curiosa.

— Sim, afinal me ajudou a trazê-lo aqui e ainda pagou o veterinário, não tenho do que reclamar... — e sou interrompida no mesmo instante.

— Porque ficou vermelha e trêmula ao falar dele?

— Nada ué!! É só adrenalina pelo aconteceu?

Ela me olha desconfiada, mas deixa passar e segue até o quarto. Ao entrarmos o pequeno está acordado e balança o rabinho lentamente, ainda sonolento.

— Oi pestinha — diz minha irmã de forma carinhosa e Snop dá um gemidinho esganiçado, querendo chamar atenção.

Nos aproximamos e fazemos leves afagos em sua cabeça, aos poucos ele começa a tentar se levantar. Coloco Snop no chão, que logo se equilibra e anda mancando com a pequena tala. Teremos que tomar todo cuidado com ele, e encher a área de serviço com várias fraldas, porque nem tão cedo poderá perambular pela rua.

— Vem comer Snop, precisa se alimentar para tomar o seu remédio — comilão de nascença, me segue de maneira desajeitada e come bastante ração do prato.

— Amanhã é aniversário da Gina, vai ter festinha. Quer ir comigo? — Pergunto a Clara.

— Onde vai ser?

— Na casa dela.

Minha irmã pensa antes de responder.

— A Gina é uma chata e não gosto dela, mas infelizmente não tenho programação para esse fim de semana. Então para não ficar em casa, vou aceitar.

— Não seja chata, Clara!! Gina é legal, só é um pouco tímida e diferente — Clara bufa sem paciência e responde.

— Não sabia que ser mal-humorada e mal-amada era ser diferente.

— Ela não é nada disso. Você a conhece a bastante tempo.

— Por isso mesmo, Nina. Ela parece que só gosta de você e não faz nem questão de ser agradável com o resto do mundo. Não sei como a Fabíola aguenta.

— Na verdade, elas não se suportam — digo quase em um sussurro.

— Tá vendo!! A Fabíola foi a única amiga, que não deixou de andar com você, por causa da sonsa da Gina.

— Eu sei que você não está totalmente errada. Mas a Gina é desse jeito desde criança e quase não tem amigos, então me sinto culpada de deixá-la de lado.

— Problema dela. Quem manda ser estranha?

Reviro os olhos e decido não discutir esse assunto.

— Bom!! Vou ver o horário e depois te aviso.

Minha irmã acena que sim e como eu esperava, esquece o assunto Luca.

No outro dia cedo, saio para fazer compras e deixo Clara tomando conta de Snop. Que aparentemente acordou melhor e disposto.

Volto com uma sacola pesada e abastecida de mantimentos, comprei frutas, legumes e algumas outras coisinhas para preencher a geladeira.

— Ahh!! Esqueceu de comprar biscoito recheado?

— Eu até lembrei, mas estava sozinha para carregar tudo, não deu pra trazer.

Minha irmã faz cara de paisagem e entende o recado, se quiser outras guloseimas, terá que ir buscar.

— Não tem problema, depois passo no seu Antônio e compro o que faltou. Então vai ter bastante gente na festa?

— Não sei, Gina não comentou nada. Mas a família dela é certeza.

— Então nem vou tão arrumada, tenho certeza que será uma festinha brega e sem ninguém — dou risada com o comentário de Clara, as duas não se tocam de jeito nenhum e minha irmã não perde a oportunidade de dar uma alfinetada.

— Você não perdoa, né!!! — Gargalho.

— Não mesmo, e escute bem. Meia-noite já estaremos em casa.

Balanço a cabeça em descrença e resolvo separar uma roupa legal e bonita.

— Vou separar uma roupa e já volto.

Sigo para meu quarto e reviro o guarda-roupa em busca de algo simples e arrumado. Até cogitei um jeans, mas depois achei melhor usar algo mais sofisticado, mesmo que não tenha ninguém além de nós. Separo um vestido azul-marinho curto e bem justo, acima do joelho. Tenho certeza que será perfeito para a ocasião. Tomo um banho bem demorado, lavo os cabelos e depois o seco com secador, ficarão com efeito selvagem e volumoso do jeito que gosto. A maquiagem simples de apenas sombra clara, lápis e gloss dá um desfecho no visual. Quando me olho, aprovo o que vejo na imagem do espelho e sorrio.

Bato no quarto da Clara e a vejo terminando de se arrumar.

— Vai de jeans, Clara?

Ela olha-me por sobre o ombro e responde:

— Não vou usar minhas roupas boas, para essa festinha mixuruca dá Gina.

Dou de ombros e resolvo nem comentar nada, ela que sabe.

— Vamos, a Fabíola vai passar aqui daqui a pouco.

— A Gina convidou a Fabíola?

— Não! — Murmuro no mesmo instante.

— A Gina não vai gostar — retruca minha irmã — Nem eu fui convidada e estou indo de penetra.

— Eu me entendo com a Gina, relaxa.

Digo para tranquilizá-la, mesmo sabendo que minha amiga irá reclamar.

Aguardo Fabíola no hall do prédio. Logo um fiat Punto estaciona e vejo seus braços acenando de longe.

Entro e sento ao lado e Clara se acomoda no banco traseiro. Uma música animada toca em sua playlist.

“ Hear Me Now - Dj Alok ”

Enquanto canto e balanço a perna ao ritmo da batida, Fabíola tagarela sem parar.

— Só você para me forçar a vir nessa roubada, Nina. Sabe que não gosto da Gina. Por que não veio sozinha?

Reviro os olhos e repito tudo que lhe disse, no dia que combinamos de vir a festa.

— Tirando os pais da Gina, a maioria de seus parentes são esnobes e metidos. Não estava a fim de enfrentá-los sozinha, queria ter companhia para falar mal quando virarem as costas.

Fabíola me encara e retruca.

— A Gina tem a quem puxar então.

Logo estacionamos e nos dirigimos para recepção. Como morei no mesmo prédio, o funcionário liberou minha entrada no mesmo momento.

Ao chegarmos no corredor já escuto os barulhos de música e muita falação.

— Quê estranho, parece que está cheio — comento com as duas.

— Não é possível — diz Clara com uma expressão incrédula — Gina é tão chata e não faz amizade com quase ninguém. Onde ela arrumou gente para vir?

Dou de ombros e toco a campainha.

— Na mesma hora a empregada de Gina abre a porta e sorri quando me ver.

Herminda, é uma senhora portuguesa, que trabalha para família de Gina a 20 anos.

— Nina!! Que bom revê-la, faz tempo que não nos vemos — se aproxima e me abraça.

— Verdade Herminda. Nossa como está cheio!! — Olho ao redor e percebo que não conheço ninguém. São amigos da Gina? — Pergunto espantada com tanta gente desconhecida.

— Que nada, são amigos do Paolo — faço uma cara de surpresa e abro a boca na mesma hora.

— Paolo está em Roma?

— Sim e agora veio para ficar — Herminda me encara e pisca.

Fabíola não entendendo nada da nossa conversa, logo pergunta.

— Quem é esse Paolo?

A encaro de rosto e sorrio.

— É irmão da Gina, ele morava na Alemanha e parece que voltou de vez.

— Droga!! — Murmura Clara irritada — Porque não vim arrumada como vocês, olha, tem um monte de gatinhos.

Dou risada, agradeço Herminda e saio em busca da aniversariante.

Na sacada gigante do apartamento, há diversas pessoas conversando e logo avisto minha amiga, e ao seu lado Paolo, que foi minha paixão platônica na adolescência. Ele sempre foi lindo, simpático, atlético e fora do meu alcance. Quando Paolo morava em Roma, eu não passava de uma garotinha magra, desajeitada e com os peitos crescendo. Sempre soube que jamais teria olhos para mim e conforme esperado, foi embora estudar, sem nem se dar conta da minha existência.

Gina me vê e vem me cumprimentar.

— Parabéns, amiga!! — grito e lhe dou um abraço apertado e sincero.

— A festa começou agora que você chegou — ela responde animada e no mesmo momento, encara Fabíola com desafio.

— Quem te convidou? — Questiona Fabíola a queima roupa.

— Gina!! — repreendo — Você foi no aniversário dela sem ser convidada. Lembra?

Minha amiga me encara, comprime os lábios em desagrado e responde.

— Como a Nina é convidada especial, você pode ficar.

Fabíola responde na mesma hora, porque não aceita desaforo de ninguém.

— Só estou aqui porque a Nina me implorou, pode ter certeza que tinha coisa melhor para fazer — as duas se olham feio e não falam mais nada.

— Você viu que meu irmão está aqui? Meus pais estão nas nuvens com sua volta — Gina comenta contente.

— Sim, eu vi. E esse pessoal, são amigos dele?

— Claro!! Nem conheço essa gente — fala e faz uma cara de nojo — Estão aqui, para comemorar o retorno do meu irmão.

Clara, que estava calada até então, não se aguenta.

— Realmente!! Se fosse só o seu aniversário, seria um milagre ter essa galera aqui — minha irmã alfineta sem piedade.

— Não me lembro de ter chamado a problemática na conversa — Gina retruca sem paciência e prevejo que o tempo irá frechar.

— Hey meninas, chega!!! Estamos numa festa e vamos aproveitar.

— Vem Nina, vamos falar com meu irmão.

Gina pega em minha mão e me leva para junto da rodinha que conversa sem parar.

— Olha quem está aqui, mano.

Paolo se vira despretensiosamente, inclusive ainda está sorrindo e junta as sobrancelhas em dúvida.

— Nina!! Wow, não acredito, você está... — Paolo me esquadrinha da cabeça aos pés, e parece não ter palavras — Nossa!!! Você está realmente linda — fico vermelha mediante seu elogio e jeito de me olhar, parece me ver pela primeira vez, como se nunca tivesse me enxergado antes. Confesso que tenho uma sensação ótima, de finalmente ser notada. Entretanto, pode parecer loucura, mas é como se agora, não fizesse mais diferença. Paolo já não é mais minha obsessão de menina, foi algo passageiro e que não deu em nada.

— Eu cresci — digo sorrindo.

Ele continua me observando e Gina não perde a oportunidade e fez uma cara de tédio.

— Eu hein, Paolo!! Fecha a boca, parece que nunca viu a Nina antes.

Ele parece se envergonhar, me dá um dá um beijo no rosto.

— Foi um prazer revê-la, Nina — sai nos deixando a vontade.

Vou cumprimentar os pais de Gina e ficamos circulando pela festa. Volta e meia, pego Paolo me encarando, ele tenta disfarçar, mas o pego no flagrante. Fabíola e Clara se cansam das conversas fúteis de Gina e ficam sozinhas pela festa.

Encostamos num canto sossegado e ficamos pondo a conversa em dia. Faz uma semana que não nos víamos. E assunto nunca falta.

— Filha!! Quero que conheça uns amigos de seu pai — diz Carlotta, mãe de Gina, minha amiga vai de má vontade e fico sozinha, olhando a vista da cobertura.

— Fiquei sabendo dos seus pais. Sinto-muito, Nina.

Escuto a voz grossa e forte de Paolo e quando viro, seus olhos estão pesarosos e tristes.

— Foi difícil no começo, quer dizer, ainda é difícil, mas não posso fraquejar e nem olhar para trás. Afinal, tenho uma irmã sob minha responsabilidade.

— Ainda lembro deles aqui na sala de casa, parece que foi ontem — diz cheio de nostalgia.

— Pois é!! Nossos pais sempre se deram bem.

— Você seguiu os passos do seu pai?

— Não exatamente, fiz fisioterapia.

— Sério? Achei que seria minha colega de profissão.

— Estou fora!! Médico trabalha demais — ele ri e concorda.

— Eu admito, nossos horários são estranhos mesmo.

— Qual a sua especialização? — Pergunto curiosa, porque Gina não é de falar muito dele.

— Cardiologista.

— E já tem algum lugar para trabalhar em vista?

— Já sim. Vim de Munique com uma indicação de emprego, vou trabalhar no Rome American Hospital.

— Parabéns! Fico muito feliz por você, trabalhar no que se ama é maravilhoso. E ainda mais em um hospital como aquele, só vai acrescentar na sua carreira.

— Verdade Nina, estou cheio de expectativas. Mas me conte sobre você, está trabalhando?

— Começo numa clínica de fisioterapia na segunda-feira, estou bem ansiosa. Sabe como é né, primeiro emprego — falo sorrindo e dou de ombros.

— Entendo demais, também não vejo a hora de colocar minha vida no lugar.

Gina chega e parece não gostar da presença de Paolo.

— Paolo, tem uma garota ali na sala te chamando — ele junta as sobrancelhas em descrença.

— Quem quiser falar comigo, vem até aqui — responde imediatamente.

— Parecia ser algo sério Paolo, ela está aflita.

Seu irmão bufa e segue até a sala. Gina me puxa e leva-me para seu quarto.

— Não tem ninguém procurando seu irmão, não é?

Ela gargalha, como se achasse superengraçado o que fez.

— Só fiz isso para ele sair do nosso pé.

— Mas Gina, seu irmão não está me incomodando, só estávamos conversando.

— Você devia me agradecer, Nina. Não percebe que ele está de olho em você. Acabei de te salvar de uma boa roubada, isso sim.

Gina age de maneira estranha as vezes, parece sentir um ciúme exagerado. Sei que gosta de mim como irmã, que zela e sempre se preocupa com meu bem-estar. Mas toda vez que algum cara se aproxima, ela parece um cão de guarda e chegava a ser mais chata que meus pais.

— Obrigada pela preocupação, Gina. Mas sei me defender e não preciso de um guarda costas.

— Vamos voltar para festa, não quero ficar trancada.

Antes que saia pela porta, ela cruza minha frente.

— Desculpe, Nina. Não quis ser enxerida ou mandona. É que sempre cuidamos uma da outra como irmãs, que sinto-me na obrigação de te proteger — seus olhos tem um brilho estranho, como se quisessem dizer algo e não pudessem, lentamente ela levanta a mão e faz um carinho ousado em meu rosto. Não gosto da sensação e dou passo para trás. Gina se recompõe e sorri como se nada tivesse acontecido. E volta a tagarelar.

— Deixe de besteira e vamos voltar para festa então. Vamos no divertir.

Achei aquele gesto íntimo demais para duas amigas, mas deixo para lá. Deve ser coisa da minha cabeça.

Capítulo 02

Acordei tarde e com dor de cabeça, talvez tenha abusado um pouco na bebida, depois daquela cena estranha e descabida no quarto de Gina. Minha mente não para de rodar e voltar para aquele momento. Por que minha amiga ficou tão enciúma e irritada com Paolo? E pior, por que me acariciou daquele jeito íntimo e audacioso? Não faço a menor ideia, mas prefiro pensar que foi coisa da minha cabeça, não quero enveredar por pensamentos que podem ser pura suposição. Gina nunca comentou nada sobre ter outra opção sexual, sempre acreditei que gostasse de homem, ela até comentava que achava alguns garotos bonitos na nossa época na escola. Porém, assim como eu, nunca namorou ninguém. Sempre acreditei que seu fracasso no quesito amoroso, fosse por conta da timidez e insegurança, não pelo fato de não gostar do sexo oposto. Mas chega!! Não tenho certeza de nada, não julgarei minha amiga.

Levanto da cama, escovo os dentes e vou direto para sala. Fiz uma pequena cama improvisada para Snop. Ajeitei alguns cobertores velhos, formando um fino colchão e deixei para que possa se deitar à noite. Infelizmente com a perna quebrada, meu cachorro fica impossibilitado de subir em minha cama na hora do descanso. Nada mais justo do que criar um novo espaço para esse malandrinho. Dou remédio, troco a água e jogo fora as fraldas descartáveis sujas. Agora Snop está pronto para começar o dia.

Volto para cozinha, ligo a máquina de café e coloco alguns brioques recheados na cesta. Clara, acordará em breve e deixarei tudo pronto para que coma sem precisar preparar nada. Minha irmã é um desastre na cozinha e será capaz de colocar fogo, ao tentar fazer um simples café.

Snop dá um latidinho baixo, como se quisesse atenção. Sento no chão, encostada no sofá e espero que se aconchegue em meu colo enquanto como meu brioche e tomo meu café puro. Na televisão passa um noticiário e vejo o quanto a violência tem crescido em Roma, todos os dias são manchetes de ondas de violência e criminalidade. Pego o controle e resolvo colocar em algo mais leve, está passando aquele programa “ Mude meu look” com aquela apresentadora asiática Jeannie Mai. Sorrio e balanço a cabeça, as vezes tenho a sensação de que seja tudo armado, porque aparece umas pessoas vestidas de um jeito tão estranho, que só pode ser brincadeira. A moça desse episódio, usa umas roupas coloridas e cheias de brilho, tipo roupa de fada, com glitter no rosto. Como alguma criatura anda assim pela rua? São nesses momentos, que questiono a veracidade do programa. Mas enfim, vejo até o final e gosto do novo look. A moça está parecendo um adulto normal agora.

Clara acorda e senta-se logo atrás.

— Posso mudar de canal? — Me pergunta bocejando.

— Pode Clara, vou sair para correr. Você cuida do Snop? — Ela me olha, com rosto ainda inchado.

— Pode ir, não vou a lugar algum, ainda estou com sono.

— Nossa!! São 01:00 da tarde. Ainda está com sono?

— Adolescente dorme muito, Nina. Se acostume. Fase de crescimento, lembra?

— Eu nunca dormi demais.

— Você é uma exceção, a maioria de nós adora uma cama.

Dou risada e tenho que admitir que minha irmã tem razão.

Coloco uma legging preta, uma blusinha curta azul claro e meu tênis de corrida. Enquanto vejo meu reflexo no espelho, prendo meu cabelo num rabo de cavalo bem alto e adiciono brincos pequenos ao visual esporte ao ar livre.

Comecei a correr um mês após a morte dos meus pais, foi uma forma saudável de canalizar minha raiva e indignação. Muitos descontam suas frustrações na bebida, comida ou buscam consolo nas drogas. Encontrei algo que acalma minha alma e preenche o vazio da saudade. Enquanto corro, silêncio as diversas questões que povoam minha mente, consigo deixar a cabeça vazia e só escutar as batidas do coração, que trabalha de maneira desenfreada para manter-me de pé.

Correr trouxe-me paz e equilíbrio, que foram os ingredientes necessários para conseguir balancear e reestruturar meu emocional. Alongo-me na calçada, antes de iniciar a atividade e corro lentamente pela calçada, desviando cuidadosamente dos pedestres que passam de um lado a outro. Tenho cuidado redobrado nos semáforos e fico atenta a alguns carros que sobem a calçada sem respeitar quem está passando.

Sigo pela minha rua na Via dei Sardi e viro à direita na via Tiburtina, pretendo correr até basílica de San Lorenzo Al Verano e de lá volto pela via Cesare de Lollis. Enquanto cumpro meu trajeto, penso que amanhã começo a trabalhar, é impossível não sentir frio na barriga. Afinal, será meu primeiro emprego. Mas confiança não me falta, estudei 04 anos e sei que estou mais que preparada para desempenhar a profissão que escolhi. Amo o que faço e digo com propriedade, que serei uma ótima fisioterapeuta.

Ao me aproximar da basílica, sinto uma vontade imensa de entrar e rezar em agradecimento, pelas coisas boas que estão acontecendo nos últimos dias. Não sou nenhuma carola ou religiosa fervorosa, mas tenho sensibilidade para saber, quando estou sendo agraciada pelo altíssimo por tantas bênçãos. Entro em silêncio e ajoelho-me no banco mais próximo.

— Deus!! Sei que não temos nos falado com muita frequência ultimamente, mas quero te agradecer de coração, pelas coisas boas que tenho recebido. Tenho ciência que não mereço nada, afinal, não sou uma frequentadora assídua da missa, mas quero agradecer do mesmo jeito. Cuide e guarde a minha irmã, sei que ela as vezes não tem muito juízo, mas tenho certeza que o senhor entende, que sabe que Clara não faz nada por maldade.

Fecho os olhos e continuo minha oração de maneira fervorosa e sincera. E cerca de 15 minutos depois, estou na rua novamente, fazendo um caminho diferente e voltando para casa.

Enquanto escuto uma música e estou completamente imersa na batida, escuto uma buzina, não dou trela porque acredito que não seja comigo, o motorista volta a insistir e finalmente olho na sua direção. Paro e sorrio diante do carro, Paolo está no banco do motorista, sorri acena para mim, mostrando lindos dentes brancos.

Recupero o fôlego e sigo na direção onde está estacionado.

— Está perdido? — Pergunto para Paolo, surpresa por encontrá-lo perto de casa.

— Acabei de deixar minha mãe na igreja — Ele aponta na direção da Basílica.

— Sério? Sai de lá agora.

— Foi destino a gente se encontrar — pisca e sorri charmosamente — Quer uma carona?

Penso por alguns segundos e aceito sua gentileza.

Entro no Jeep Grand Cherokee e tenho que admitir que é espaçoso e confortável. Homens e seus brinquedos, adoram ostentar através do carro. Ele põe o veículo em movimento e iniciamos uma conversa descontraída.

— Onde você mora?

— Aqui perto, na Via Dei Sardi.

— Corre todo dia? — Ele pergunta, enquanto mantêm a atenção no trânsito.

— Ultimamente sim. Mas amanhã começo a trabalhar, aí talvez só consiga umas três vezes por semana. O tempo vai ficar mais apertado — sorrio e levanto a sobrancelha, em sinal de pesar. Ele respira fundo e diz:

— Faz parte do processo da vida adulta, responsabilidades.

Aceno em concordância.

— Concordo!! Quando a gente cresce as prioridades mudam e é necessário abrir mão de algumas coisas. Mas tenho certeza que vou me acostumar logo.

— Vai sim — Paolo responde com um olhar otimista e sincero. Me sinto bem ao seu lado, ele me passa segurança e um ar de confiabilidade. Deve ser bom ter alguém próximo para ajudar. Mas ponho esse pensamento de lado, e penso que agora quero viver por minha conta, nada de depender emocionalmente e financeiramente dos outros. Nossos pais, nos criaram numa verdadeira bolha de proteção e agora que se foram, fiquei completamente sem chão e sem saber o que fazer e nem como agir. Ter crescido num lar, cheio de zelo e proteção extrema, nos fez ficar indefesas diante das adversidades, e tem sido difícil me adaptar à nova realidade. Mas infelizmente não temos escolha, olhar para trás não nos ajudará em nada.

Paolo virá em minha rua e logo sinalizo que moro no prédio da esquina.

— Está gostando do bairro?

— Estou sim, estação Termini é aqui do lado, o comércio é variado, não tenho do que reclamar.

— Que bom!! Fico satisfeito em saber que está se saindo bem. Mas antes de descer, me passa seu telefone, a gente pode sair para jantar e comemorar seu emprego novo — diz animado.

Fico um pouco sem graça, mas resolvo dar. Afinal, sou solteira e ele também.

— Claro!! anota aí.

Eu ligo e dou o número e ele me adiciona no whatsapp.

— Bom trabalho amanhã — ele fala me olhando nos olhos, se aproxima e me dá um beijo no rosto. Confesso que fiquei um pouco frustrada, porque achei que sentiria o mesmo calor e fogo que senti por Luca. E o pior foi não senti nada parecido. Uffff...não é possível!!! O que aquela cara desperta em mim, parece feitiçaria. Parece que ainda posso sentir seu cheiro. Para Nina!!! Esquece, que provavelmente nem irá vê-lo de novo.

Entro em casa e Clara ainda continua na televisão.

— Nossa chegou rápido — ele pontua.

— Encontrei Paolo no caminho, ele me deu uma carona.

Clara ri e faz uma cara marota.

— Eu percebi ele te secando na festa, aproveita maninha, Paolo está um gato, eu cairia fácil naqueles braços.

Gargalho e olho para ela.

— Você só tem cara de boba, mas é bem malandrinha.

— Sou mesmo, imagina o que tem por baixo da roupa... hummm!!! — Diz minha irmã quase que num sussurro.

— Clara!! — censuro-a. Apesar de saber que já teve experiências sexuais, ainda tenho dificuldade de falar sobre o assunto, não me sinto confortável.

— Deixe de bobagem, Nina. Vai se guardar pra quem? Depois morre e só quem vai desfrutar são os bichos embaixo da terra.

— Quase fiz isso... — quando percebo, vi que a boca falou mais rápido do que eu queria.

— O QUÊ? — Clara percebe meu deslize e questiona falando alto.

— NADA NÃO — tento disfarçar.

— Fala, Nina. Te conheço, está escondendo alguma coisa... bora... abra a boca, irmãzinha.

— Então... sabe o Luca... — demoro um pouco a falar, mas conto tudo e sinto-me uma boba, por estar sendo aconselhada por minha irmã adolescente. Mas infelizmente, Clara é mais experiente do que eu.

— Uau!! Ele deve ser um tsunami, olha como você fica quando fala dele, está até vermelha — Ela diz e morri de rir.

— Não estou achando graça!! Eu que pareço a adolescente da casa.

— Não, Nina!! Você está vivendo, finalmente. Chega de querer ser a filha perfeita para agradar nossa mãe. Ela se foi e não precisar se esforçar tanto, para alcançar os altos padrões que a mamãe achava aceitável.

Fico triste com o que a Clara diz, mas tenho que admitir que tem razão. Mamãe nunca nos contou muito da sua família no Japão, mas o pouco que sabíamos, é que foi criada num modelo que a mulher deve ser a perfeita filha e esposa, e seus desejos e vontades podem ficar em último lugar. E involuntariamente, nos vimos sendo educadas da mesma maneira. Mas vejo que Clara, conseguiu se desvencilhar destes preceitos bem melhor que eu.

— Obrigada Clara!! Às vezes quem está de fora enxerga melhor — olho-a com pesar.

— Antes tarde, do que nunca — Ela responde cheia de sinceridade.

E o domingo finaliza sem novidades.

Na segunda-feira cedo, chego a clínica e sou apresentada por uma funcionária do RH a todos os colegas de trabalho. O Estabelecimento é grande e espaçoso. E lá, as fisioterapias são separadas por regiões do corpo. Ficarei cuidando dos pacientes que estão com problemas e lesões na coluna. Só trabalho na parte da manhã, e estou procurando emprego para atender na parte da tarde também.

Os dias passaram rápido e na quinta-feira, minha supervisora me chama em sua sala.

— Nina, você está procurando emprego para o período da tarde?

— Estou sim, Marta. Por quê?

— Tem uma paciente de fisioterapia, que recebeu alta do ortopedista para fazer Pilates. E precisa que alguém dê aula em sua casa, foi montada toda uma estrutura para isso. Você tá interessada? Mas já aviso que ela paga bem.

Penso um pouco e resolvo escutar a proposta.

— Se ela paga tão bem, é claro que estou — sorrio feliz com a oportunidade.

Marta me fala os valores por aula, onde a senhora mora e seu telefone.

— Seu nome é Domenica Ferrarezi e acabei de enviar o número do celular no seu whatsapp.

Escuto o nome e algo familiar soa na minha cabeça. Já escutei esse sobrenome em algum lugar. Fico matutando, até que me recordo do cartão de visitas. “ Ferrarezi” é o sobrenome do Luca. Será que são parentes?

Capítulo 03

Esquece esse cara Nina!!! Digo a mim mesma. Tudo bem que o nome da paciente é Ferrarezi. Mas, e daí? Muitas pessoas tem o mesmo sobrenome e não são parentes.

Salvo o número de celular em minha agenda e decido que ligarei mais tarde.

Passo na lavanderia para buscar um edredom e sigo a passos lentos para casa. O volume em minha mão é gigante e me arrependo no mesmo instante, de não ter pedido para entregarem. Preciso passar num açougue, mas com esse trambolho, fica impossível carregar qualquer outra coisa.

O porteiro me ajuda a entrar no elevador e fico lutando para achar a chave. Por que mulher tem mania de carregar a vida toda na bolsa?

Chamo Clara ainda na sala, mas pelo silêncio, percebo que ainda não chegou da escola. Snop aparece em meu campo de visão e me recebe com seu mais novo modelito, a tala na perna.

Limpo sua bagunça na área de serviço e coloco mais razão.

— E aí molequinho. Como foi seu dia?

Ele abana o rabinho e se esfrega em minhas pernas. Faço um leve afago em sua cabeça e sigo para cozinha. Estou morrendo de fome e não tem nada de mistura no freezer. Geladeira de gente solteira vive vazia, constato tristemente.

Busco minha carteira e desço rapidamente. Tem macarrão na dispensa e vou buscar somente carne-moída. Nada melhor que um espaguete à bolonhesa, é rápido e gostoso.

Ao sair do meu prédio um dos porteiros me chama.

— Dona Nina, tinha homem aqui fazendo perguntas da senhora e da sua irmã.

Franzo a testa achando aquela história estranha e sem nexos. E penso que pode ser Luca ou até mesmo Paolo. Será?

— Como ele é seu Bartolomeu?

Ele respira fundo e tenta puxar na memória, contraindo os lábios um no outro.

— Dever ter uns 60 anos, cabelo grisalho, é um senhor magro e alto.

Minha teoria que poderia ser um dos dois, acaba de cair por terra.

— E o que ele queria saber? — O questiono preocupada, afinal um estranho do nada aparece na portaria do meu prédio fazendo perguntas, é de se estranhar.

— Primeiro ele perguntou se morava uma Nina Yoshida Cantiere e sua irmã Clara. Depois quis saber se fazia tempo que tinha mudado para cá. Até então eu respondi, aí ele perguntou se moravam somente vocês duas. Achei estranho e pus o camarada para correr, disse que não daria mais nenhuma informação. Mesmo assim, ele tentou me oferecer dinheiro, mas fui irredutível dona Nina. Não disse nada.

Fico chocada e intrigada com a história de Bartolomeu. Quem estaria interessado em nossa vida? Minha família paterna com certeza não. Afinal meus pais morreram faz um ano e a última vez que os vi foi no enterro.

— Obrigada por me avisar Bartolomeu.

Saio caminhando pensativa e desorientada. Penso, penso e não chego a lugar algum. Mas enfim, não adianta ficar queimando a cachola, não tenho como adivinhar quem está a nossa procura.

Compro a carne-moída, volto para casa e faço o espaguete para sobrar para o outro dia. Clara chega no final da tarde e lhe conto o ocorrido na portaria.

— Você não tem ideia de quem está nos procurando? — Pergunta minha irmã.

— Não!! Estou tão curiosa quanto você.

— Que sinistro — diz ela.

Dou uma risada fraca e respondo.

— Também acho — levanto e vou direto para o banheiro, cheguei do trabalho e nem tomei uma ducha ainda.

Ao sair limpa e vestida, resolvo ligar para paciente e combinar um horário para fazer avaliação.

Pego o aparelho, seleciono o nome e aperto o botão de chamada.

— Alô — uma voz calma e gentil atende minha ligação.

— É a Domenica Ferrarezi? — Questiono.

— Sim. Quem fala?

— Oi Domenica, boa tarde! Meu nome é Nina e trabalho na clínica Healthcare, recebi indicação que você está interessada em ter aulas de pilates na sua casa.

Ela ri e responde:

— Interessada é pouco, Nina, estou desesperada atrás de alguém — sorrio com sua espontaneidade. E já pressinto que nos daremos bem.

— Espero poder ajudá-la. Amanhã você tem disponibilidade para marcarmos um horário — Pergunto a Domenica.

Ela fica alguns segundos em silêncio e parece estar pensando.

— Qual o melhor horário para você Nina?

— Eu trabalho na clínica até meio-dia. Na parte da tarde ou à noite estou livre.

— Pode ser às 14 horas?

— Combinado Domenica. Ah me passe seu endereço por gentileza.

Ela fala e anoto mentalmente. Sua casa se localiza no Parioli e penso que realmente ela não tem nada a ver com o Luca, pois o mesmo mora no Trastevere. Ufaa!

Assisto um pouco de televisão e vou dormir cedo. Amanhã meu dia será corrido e se Deus quiser, com mais um emprego.

A manhã na clínica passa de maneira rápida e atendi uma média de cinco pacientes por hora. Como um lanche na esquina e sigo direto para estação de metrô. Calculei que chegarei com 20 minutos de antecedência, mas prefiro chegar cedo a atrasada.

Paro em frente ao endereço dado. A casa é grande e bonita, mas não é nada exagerado ou que ostente luxo demais.

Toco o interfone e uma voz feminina soa pelo aparelho.

— Pois não!!

— Boa tarde! Me chamo Nina e vim conversar com a Domenica Ferrarezi.

— Pode entrar — a voz ordena calmamente.

Sigo pela porta de entrada e uma senhora que parece ser empregada, me cumprimenta e me encaminha para sala de exercícios. A cada passo, observo tudo curiosamente. A casa é antiga, bonita e bem decorada. É um lugar espaçoso e bem distribuído. Há muitos quadros pendurados, vasos gigantes decorando os cantos das paredes e um lindo tapete persa cobrindo metade do chão. Nota-se que é uma casa de gente rica, mas ao mesmo tempo, se percebe simplicidade, sem exagero.

— A Domenica, já vem recebê-la — diz a funcionária amavelmente.

— Obrigada.

Olho a sala equipada e sorrio feliz. O espaço é ótimo e realmente foi preparado para aulas de pilates. Tem bolas de vários tamanhos, tapete, anel, faixas elásticas e um aparelho chamado Cadillac. Excelente!! Ali poderei trabalhar facilmente.

— Olá — escuto uma voz feminina e me viro no mesmo instante. Uma senhora loira, bonita e por volta dos 60 anos, caminha em minha direção. Ela sorri amavelmente e seus lindos olhos azuis brilham cheios de vida — Muito prazer Nina — ela estende os braços e me abraça de forma carinhosa.

— O prazer é meu, Domenica — digo em resposta a sua simpatia sincera.

— Venha sente-se aqui — ela aponta um pequeno sofá de três lugares no canto da sala — Você é tão novinha — fala sorrindo.

— Me formei tem um ano e estava fazendo estágio, comecei na clínica esta semana — digo demonstrando que tenho experiência.

— Imagino que sim!! Mas vamos ao mais importante. Você tem disponibilidade de vir duas vezes na semana?

— Tenho sim. Qual o melhor horário e dia? — Pergunto a ela.

— Hum... final da tarde é o ideal — Ela coloca a mão no queixo num gesto pensativo — Às 18:00 horas, nas terças e quintas, seria possível? — Domenica pergunta.

— Sim, está ótimo, combinado.

— Marta te falou o valor que irei pagar? — Aceno que sim, e ela continua — Você prefere receber por transferência bancária ou te pago em dinheiro agora? — Dou de ombros e respondo:

— Você que sabe. Veja o que for melhor.

— Vou te pagar em dinheiro agora, mês que vem faço transferência bancária.

A empregada entra na sala e lhe chama a atenção.

— Domenica, seu filho chegou.

A expressão de seu rosto muda e vejo o quanto ficou alegre e exultante.

— Nina, meu filho chegou atrasado para almoçar. Você se importa de esperar um pouco?

— Sem problemas!! Não tenha pressa.

Ela sai apressada e desaparece no interior da casa. Fico ali olhando tudo ao redor, sou uma curiosa nata e arrisco a dizer que sou pior que gato.

Envio uma mensagem para Marta, avisando que fechei com a Domenica e agradeço sua ajuda.

Pelo jeito da minha nova aluna, nos daremos muito bem, ela parece ser uma pessoa legal, alto-astral e descolada. Aquele tipo de gente que envelhece somente o corpo, porque a alma sempre será jovem. Fico sapeando na internet, olho a previsão do tempo para o final de semana. Hum fará sol, acho que vou à praia no sábado, estou tão branca que pareço um palmito em conserva. Entro no facebook e espio os posts de alguns amigos, fico tão distraída e completamente relaxada. Escuto vozes se aproximando, estou de costas para a porta e estremeço ao escutar uma voz rouca, grossa e forte, que a pouco tempo se tornou familiar. Não pode ser? Só pode ser brincadeira do destino? Merda!!

Continuo de costas e escuto passos invadindo a sala.

— Nina, desculpe a demora. Quero te apresentar meu filho — demoro a me virar. Droga!! Queria ter a capa da invisibilidade do Harry Potter e sumir dessa sala.

Lentamente viro-me e encaro aqueles lindos olhos azuis, que se arregalam ao me reconhecer.

— Nina!! — Ele pronuncia meu nome surpreso e parece não acreditar que estou à sua frente.

— Olá Luca. Como vai? — Sussurro envergonhada, querendo encontrar um buraco para me esconder.

— Vocês se conhecem? — Domenica nos olha desconfiada.

— Sim — digo alto demais e com a voz esganiçada — Tivemos um pequeno acidente.

Sua mãe parece não acreditar.

— Que tipo de acidente?

— Hum.... O Luca atropelou meu cachorro — murmuro não querendo entrar em detalhes — Mas Snop está bem, não foi nada sério — ela parece respirar aliviada.

Luca está calado, sem deixar de me encarar nem por um instante.

Domenica observa o filho, sorri e fala.

— Esqueci de pegar seu dinheiro. Que cabeça! Já volto — Ela olha para Luca novamente, pisca e caminha em passadas curtas e decididas.

Um silêncio desconfortável se instala no ambiente e decido quebrar o gelo.

— Desculpe, Luca!! Não fazia ideia que Domenica é sua mãe, não quis invadir a privacidade de ninguém.

Ele continua a me fitar e começo a ficar realmente sem graça.

Luca ri, mas parece não achar nenhuma graça.

— Quer que eu acredite nessa desculpa esfarrapada? — Luca questiona de forma fria e rude — Por isso não gosto de virgens, costumam ser grudentas como chiclete.

Minha boca abre na mesma hora, mediante tanta grosseria. Quê cretino!

— Você acredita que eu perderia meu tempo investigando sobre sua família? — Pergunto de maneira debochada — Meu tempo é preciso demais para desperdiçá-lo com gente insignificante — falo isso e aponto em sua direção — Mas confesso que admiro pessoas que tem um ego desse tamanho, que acreditam ser irresistíveis. Mas fique tranquilo, estarei aqui toda terça e quinta às 18 horas, é só não aparecer. É um favor que fará a nós dois.

Digo isso, pego minha bolsa e caminho para porta. Pegarei o dinheiro com Domenica semana que vem. Escuto Luca me chamar e ignoro. Não ficarei aqui escutando suas ofensas descabidas. Ele continua gritando meu nome e apresso os passos.

— ESPERA NINA!!!

Ando rapidamente e saio no quintal, finalmente irei embora e depois dessa, espero nunca mais ouvir falar desse cara. Não sei qual o problema dele e também não me interessa.

Capítulo 04

Ando decidida até o portão da frente e recebo um solavanco no braço ao tentar prosseguir. Luca está em meu encalço e segura-me com os braços ao redor da cintura.

— Não me ouviu te chamando?

Continuo de costas e nem me dou o trabalho de o encarar. Não temos nada a conversar e duvido que algum dia, saia um diálogo interessante entre nós.

— Me solta!! — Sibilo entre dentes e pouca paciência.

— Se prometer ficar boazinha e me escutar, eu solto — diz ele pausadamente.

Seu aperto se afrouxa e vejo-me finalmente livre daqueles braços fortes e bem torneados. Foco Nina!! Digo mentalmente a mim mesma.

— Pois não! — Respondo tentando ser educada, mesmo que ele não mereça. Mas não irei entrar na sua vibe de homem das cavernas.

Ele parece lutar contra si mesmo, se move mudando o peso de uma perna para outra. Sinto que não está confortável, se mostra pensativo e preocupado.

— Eu fiquei surpreso quando a vi com minha mãe, e não soube lidar com a situação. Desculpe!! Sei que não merece as coisas que disse.

Eu o encaro espantada. Realmente não esperava um pedido de desculpas, mas a mágoa e o fato de ter sido rejeitada dias atrás, ainda martelavam meu orgulho. Com certeza aceitarei suas desculpas, mas acredito que estamos longe de nos darmos bem ou tampouco sermos amigos.

— Tudo bem, Luca. Desculpas aceitas, não sou de guarda rancor de ninguém — digo com sinceridade o encarando — Mas nós sabemos que estamos longe de sermos amigos, então o melhor cenário é nos mantermos afastados.

Ele se surpreendi com o que digo e fica introspectivo. Após alguns segundos de silêncio, volta a falar. E seu rosto transparece a frieza e distância habituais.

— Você tem razão — sussurra com uma entonação triste — Como eu disse antes, não sirvo para uma garota como você.

Apesar de saber que Luca tem razão, suas palavras me entristecem e machucam, mas recuso-me a demonstrar qualquer fraqueza na sua frente.

— Eu tenho que ir Luca. Tchau!!

Ele volta a me segurar e pergunta.

— Está indo para casa? — Franzo a testa com o questionamento, mas respondo numa boa.

— Sim — sorrio timidamente — Minha irmã vai chegar da escola daqui a pouco —

Ele me olha e sorri também, agora parece mais tranquilo e relaxado.

— Vem, vou te dar uma carona — diz ele.

— Imagina!!! Você nem almoçou — pontuo sem graça, pois não quero lhe dar trabalho.

— Eu como perto do trabalho.

— Luca!! Não precisa se incomodar, a estação de metrô é bem próxima, em poucos minutos caminhando, chego lá.

— Não me incomodo. Vem, meu carro está estacionado na entrada aqui ao lado — diz de forma decidida, não aceitando uma negativa.

Respiro fundo e resolvo aceitar, afinal, estou cansada e uma carona será bem-vinda.

Ao passarmos pela porta da cozinha, Domenica aparece e nos intercepta.

— Está tudo bem? — Pergunta sorrindo e vejo que está desconfiada.

— Vou dar uma carona para Nina — Luca responde sério e agindo normalmente.

— Não vai mais almoçar, filho?

— Não! Almoço perto do escritório — Domenica arqueia a sobrancelha surpresa e me encara, vejo em seu semblante que está imaginando coisas a nosso respeito. Pronto, era só o que me faltava!!! Nem iniciei as aulas e minha aluna deve estar pensando que estou dando em cima de seu filho.

Sem que Luca veja, Domenica sorri feliz e pisca de maneira divertida, como se estivéssemos compartilhando um segredo. Envergonhada e sem saber como agir, apenas lhe aceno um adeus e entro no carro.

Com o carro em movimento, Luca começa uma conversa casual.

— Como está o Snop?

— Está melhorando. No início ficou irritado, mas depois se adaptou. Ele ainda é novinho e cheio de energia, e ficar com os movimentos limitados não deve ser fácil.

Luca assenti de forma positiva.

— Quantos anos tem sua irmã? — Ele pergunta.

— Dezesete, está no colégio ainda. Ano que vem começa a faculdade — digo orgulhosa de Clara e com certeza meu rosto deve estar demonstrando isso.

— Não me conformo que seus familiares as deixaram sozinhas. Vocês são novas demais, precisam da ajuda de alguém mais velho — diz Luca com o olhar obscuro e parece aborrecido.

Dou de ombros e conto por cima um pouco da história da minha família paterna.

— Meus pais tiveram um início de relacionamento conturbado. Papai foi casado por 10 anos e conheceu minha mãe quando fazia uma especialização em Tóquio. Os dois se apaixonaram e ele largou a primeira mulher para ficar com ela. Sua família nunca o perdoo, meus avós são daqueles que casamento é para sempre. Enfim, nós terminamos sendo excluídas também e a mágoa se estendeu mesmo após a morte dos dois. Clara tentou falar com a minha avó, mas ela nem retornou as ligações.

— Não posso crer que ainda existem pessoas moralistas desse jeito, bando de hipócritas — diz Luca revoltado.

— Já passei da fase de ficar com raiva ou indignada, Luca. Antes dos meus pais morrerem, nós não sentíamos tanto. Mas depois, um apoio familiar fez falta — Sussurro e uma tristeza bem grande forma um bolo em minha garganta, seguro-me para não permitir que uma lágrima

escorra.

Ele estaciona o carro na porta do meu prédio e segura minha mão de forma carinhosa.

— Não foi minha intenção falar sobre isso e te deixar desse jeito, Nina — ele percebe que fiquei perturbada.

— Tudo bem!! Já vai passar — falo e enxugo uma lágrima que escapa sem minha permissão — No mesmo instante, Luca me puxa e me dá um abraço apertado e cheio de carinho. Fico ali, perdida naquele calor tão acolher e bem-vindo. Sentindo cada pedaço do seu tórax pressionando o meu. Nem sei em que momento, o carinho consolador se transformou em outra coisa. Luca começou a esfregar as mãos em minhas costas e com o passar dos segundos, os afagos se tornaram possessivos e passaram para apertos. Viro-me e o encaro, os olhos ficam presos numa bolha de desejo e vontades não ditas. Primeiro, ele encara meus olhos e depois os lábios e parece desejá-los profundamente. Esquadrinho seu rosto anguloso e noto pequenos detalhes antes não vistos. Sardas que se amontam ao redor do nariz e próximas a bochecha, e os olhos são amendoados e de um azul tão claro e límpido que é como ver o mar num dia de verão. Os cabelos claros e dourados que se ajeitam tão lindamente em seu rosto, o tornando mais perfeito e adorável. Luca é lindo, como um daqueles príncipes da Disney.

— Você mexe tanto comigo, Nina. Estou tentando ficar longe, mas está difícil. É como se houvesse um ímã me puxando e não consigo lutar contra.

Minha respiração acelera e pisco sem parar, escutar essa confissão deixa-me de pernas bambas e totalmente estremecida.

— Então não lute, fica comigo, não vou te cobrar nada — falo num sussurro, quase implorando para que me tome e acabe com meu tormento.

Ele me olha intensamente, como se quisesse seguir em frente, mas algo o impedisse. Do que tanto Luca tem medo? Por que essa aversão a relacionamentos?

Luca encosta a cabeça em minha testa, me dá um pequeno selinho e responde:

— Mesmo que não me cobre nada, Nina. Sei que está esperando por algo mais e infelizmente não tenho nada para te dar. Não quero e nem acredito em relacionamentos, só quero sexo e nada além disso. E no final, ficará com o coração despedaçado na sua primeira experiência com alguém.

Sei que Luca tem razão, mas uma fúria me sobe o sangue e pulo do seu colo imediatamente. Se não me quer. Por que não me deixa em paz?

Tento sair do carro e atrapalho-me para abrir a porta.

— Nina calma!! Não saia desse jeito, vamos conversar.

— Conversar? Sobre o quê? — Sibilo entre dentes irritada — Você não quer nada comigo, mas fica me dando carona ou tentando me consolar sobre os meus problemas. Esse joguinho de pega e larga não é legal e nem honesto. Se não estou à altura do grande Luca Ferrarezi, me deixe em paz e siga seu rumo — falo num rompante de ira.

— Não é nada disso, é só que... — nem o deixo terminar a frase e consigo pressionar o botão correto para abrir a porta da frente.

— Nina!! — Escuto sua voz rouca e aflita e lhe deixo falando sozinho. Entro no elevador e fervero de raiva por ter sido rejeitada novamente.

E prometo a mim mesma, não cair novamente em sua conversa fiada e jeito sedutor. Foda-se Luca!! Vou deixar de ser boba e viver como as meninas da minha idade. Curtir as festas, beijar os caras e quem sabe curtir minha sexualidade com alguém normal e sem medo de relacionamentos.

Entro em casa soltando fogo pela venta e Clara percebe meu descontrole.

— Que foi Nina?

— Nada!! — Solto sem paciência e com o pavio curto.

— Nossa!! Afiou o casco hein — diz ela rindo.

Bufo e sigo direto para meu quarto, não estou com humor para piadinhas.

Clara grita da sala e escuto de longe quando bato a porta.

— Quando quiser conversar, estou aqui esperando.

Deito na cama e fico remoendo as cenas do carro. Que ódio, dane-se esse cara!! Vou viver minha vida, juro.

Capítulo 05

Mesmo completamente transtornada pela raiva, termino cochilando torta na cama. O cansaço da primeira semana de trabalho me venceu, e sucumbi a um sono profundo e pesado. Acordo com uma leve batida na porta, no início estou meio perdida e desorientada, como se não soubesse onde estou. Mas aos poucos oriento-me e entendo que estou em casa, mais especificamente no meu quarto. Acordo de cara inchada, cabelos desgrehados e me concentro-me na pessoa que está na porta.

Clara, levanta um prato de comida e segue em minha direção.

— Fiquei preocupada que não comeu nada quando chegou. Então fiz omelete e te trouxe.

Sento preguiçosamente na cabeceira da cama e recebo o prato da sua mão. Verifico o conteúdo e fico surpresa, ao ver o lindo omelete com pequenos pedaços de peito de peru. Meu estômago no mesmo instante ronca alto e começo a salivar, mediante a expectativa de experimentar aquela delícia. Não sei se é a fome ou a aparência da comida.

— Hum está com uma cara boa, parece o que a mamãe fazia — Clara sorri e concorda.

— Vai me contar o que aconteceu? — Clara pergunta sem rodeio.

Respiro fundo e desabafo, ela nada diz e só observa.

— Aconteceu alguma coisa para ele ser desse jeito — analiso e tenho que concordar que é o mais provável. Clara tem toda razão, mas se ele não se abre, não posso ficar insistindo e fazendo papel de chata.

— Também acredito!! Mas enfim, se não me conta nada, infelizmente, não posso ajudá-lo. Posso te pedir uma ajuda? — Pergunto a minha irmã.

— Claro!! Manda — diz ela.

— Quero mudar sabe, deixar de ser a bobinha e a virgem do século. Me arrumar de forma mais ousada, ser mais descoladas com os caras. Quero umas dicas — sussurro envergonhada — Sei que é estranho estar pedindo conselhos para minha irmã mais nova, mas fora você, só tenho a Fabíola para pedir um socorro. A Gina é tão estranha, que desconfio que nem sabe paquerar direito. Clara gargalha alto e concorda.

— Aquilo não ia saber paquerar nem uma samambaia seca — diz ela num tom debochado e engraçado.

E aos poucos Clara vai me dando alguns conselhos de o que usar e o que não fazer.

— Não ofereça telefone para o cara, espere ele pedir. Quando o homem está interessado, ele dá um jeito de pegar seu número — Ela finaliza como se tivesse experiência de uma vida inteira. Anoto mentalmente todas as dicas, espero realmente lembrar de tanta coisa — Agora um último conselho — diz ela séria — Pare de andar com a Gina, porque ela só te atrapalha. Na festa tinha uns carinhas te olhando e ela parecia um cão de guarda. Eu hein, está com umas altitudes esquisitas — mal minha irmã sabe do episódio do quarto, mas resolvo deixar para lá e não contar nada.

— Mas algum conselho — pergunto em expectativa.

— Não!! Por enquanto é só — sibila e pisca de maneira sapeca.

Ela sai do quarto e volta a ficar deitada, as imagens de Luca tentam tomar espaço, mas luto bravamente para empurrá-las para um canto esquecido da mente.

Quando levanto para ir ao banheiro, meu celular toca. No visor vejo que é a Gina e atendo.

— Oi — atendo e falo bem baixinho

— Que voz de sono. Estava dormindo?

— Acordei agora a pouco — respondo.

— Hum que gostoso, queria estar aí — ela responde de forma estranha e diria até maliciosa. Mudo de assunto para cortar o clima íntimo.

— Me ligou para falar alguma coisa? — Questiono logo de cara.

— Sim. Meu irmão te convidou para ir numa festa com a gente amanhã? — Murmura de má vontade.

— É impressão minha ou não quer que eu vá?

— Não é nada disso!! Só não gosto do Paolo te cercando, você sabe minha opinião sobre esse assunto — Responde de má vontade. E começo a enxergar todas as coisas que Clara sempre sinalizou, sobre o jeito estranho de Gina. Será que ela é lésbica e tem vergonha de se abrir? Tenho que bolar um jeito de abordar esse assunto e ganhar sua confiança para que me conte a verdade.

— Tudo bem, eu vou com vocês. De quem é a festa?

— Um colega de trabalho do Paolo, depois te passo o horário no WhatsApp.

— Tá bom, Gina. Até amanhã.

— Ah!! Não quer fazer nada hoje? Podemos comemorar sua primeira semana de trabalho — ela pergunta animada. Porém, não estou com animo pra nada, só quero sentar em frente à televisão e ficar pulando de um canal a outro.

— Tô cansada amiga, amanhã a gente se diverti — sussurro com a voz ainda preguiçosa.

— Tá bom sua chata, beijos.

Desligo o aparelho e vou direto tomar banho. A água está uma delícia e quase cochilo de novo embaixo da ducha.

Ao sair, encontro Clara esparramada no sofá.

— Tá com febre? — Pergunto rindo.

— Por quê?

— Sexta-feira em casa — digo e bagunço seu cabelo.

— Não estou a fim de sair, quero ficar quietinha. A semana foi pesada na escola.

— Ok. Vamos ficar vegetando na frente da TV então — E logo Snop aparece e senta junto aos nossos pés, doido para ganhar um carinho.

— Vamos assistir a reprise da 7ª temporada de “The Walking Dead”? Gravei toda a temporada — Pergunto para Clara.

— Pode ser. Aliás, perdi alguns episódios, tô dentro.

Coloco o episódio número 01 e choro horrores, quando o Glenn e Abraham são assassinados friamente. Que série carniceira, ninguém é poupado, daqui a pouco só ficarão os zumbis rodando pelos sets de filmagem. Fico brava com os criadores e tenho vontade mandar um e-mail reclamando. Mas do que adianta, afinal eles já estão fora mesmo.

— Não gostei que o Glenn morreu, vou dormir deprimida — falo a minha irmã, ela ri e me olha como se eu fosse uma idiota.

— É filme Nina!!! O cara tá vivo — Sibila zombando.

— Eu sei, mas não consigo não sentir tristeza, gosto de ver a série com ele e a Meg — Minha irmã bufa e muda de canal.

O sono começa a aparecer novamente e resolvo ir para cama. Vou quase me arrastando pelo corredor e me jogo bem no meio dos lençõs. Snop geme ao pé da cama querendo subir, mas não deixo. Enquanto não tirar a tala, não é recomendável dormirmos juntos.

Acordo cedo, vou até a cozinha fazer meu desjejum e me arrumo para correr. Farei o mesmo itinerário da semana passada, não estou afim de ir muito longe. Alongo-me por uns 10 minutos e começo a trotar lentamente. Essa semana, só sai para correr 2 vezes, então vou pegar leve para não ter nenhum risco de lesão.

Enquanto corro, escuto uma música que me lembra do Luca. Mesmo me esforçando para não pensar, ele teima em aparecer na minha mente. Maldita atração desenfreada!! Preciso urgente me desintoxicar desse cara, mas quem sabe hoje fico com alguém. Festinha, gente solteira e uma coisa leva a outra. Vou me arrumar bastante e ir bem bonita. Quero testar meus limites e sair da bolha da inocência. Enfim, curtir minha idade.

— Esta roupa ficou legal? — Viro-me e olho para minha irmã, que faz uma cara de desgosto.

— Está legal para ir trabalhar — responde sarcástica.

Prendo meus lábios numa linha fina e meus ombros caem em desânimo.

— Não tenho nada sexy para ir nessa festa. Aliás, não tenho nada sensual no guarda-roupa.

— Eu tenho, vamos lá fazer uma visita ao meu quarto.

Sigo-a e logo vejo o quanto minha irmã tem bom gosto. Suas peças são simples, mas descoladas.

Uso um vestido de elastano preto, colado ao corpo e por cima uma jaqueta de couro vermelha. Nós pés sapatos de salto pretos. Olho-me no espelho, e suspiro cheia de aprovação ao ver o reflexo de uma garota diferente. Clara faz uma maquiagem pesada, mas que não é vulgar e em poucos minutos estou pronta para cair na noite.

Às 21 horas Gina e Paolo me aguardam na portaria. Ao sair na calçada, sou medida e esquadrihada por ambos.

— Está linda, Nina!! Vou ficar de olho em você na festa — Paolo me elogia sem tirar os olhos, devo estar vermelha como um tomate. Mas logo Gina despeja seu descontentamento.

— Não sei para que tanta maquiagem e esse vestido, que mal consegue andar — diz ela num muxoxo. Não sei se é ciúmes ou inveja mesmo.

— Estou satisfeita com meu visual Gina, não acho que está vulgar ou feio — falo com segurança.

E Paolo me socorre.

— Concordo! A Nina está uma delícia nesse vestido, pena que outros também irão ver — pigarro alto para tentar mudar o rumo da conversa.

— Seu amigo está fazendo aniversário?

— Que nada!! É festa pra reunir a galera mesmo — Paolo é tão diferente da Gina, tão mais leve e bem-humorado. Parece apreciar as coisas simples da vida.

— Legal! Vamos comemorar bebemorar então — levanto os braços animada. Gina faz uma carranca e se cala. E Paolo parece entrar na onda e provoca a irmã.

Ao chegarmos ao prédio de alto padrão, logo vejo que seu amigo é endinheirado.

A festa está rolando na cobertura, o apartamento é amplo e decorado no estilo minimalista. As pessoas se movem de um lado a outro, interagindo entre si, o barulho da música se mistura as conversas. Paolo nos apresenta a seu colega de trabalho do hospital. Giorgio é um cara simpático e alegre, nos deixa à vontade e pedi para nos sentirmos em casa. Conheço a turma de Paolo e confesso que me dei bem com todos, apesar da diferença de idade, são pessoas descoladas e agradáveis. Gina como sempre, parece uma geladeira ao meu lado, sem grande expressão no rosto e nenhum esforço para se enturmar. Ignoro seus comentários ácidos e lhe dou uma patada em certa altura da festa.

— Vamos embora, essa festa está chata, Nina.

— Não vou!! Estou curtindo bastante e quero ficar com o pessoal.

— Eles são amigos de Paolo, não seus — retruca maldosamente, e como estou com o pavio curto e de saco cheio de gente querendo me controlar, dou um basta. Já fui muito controlada por meus pais, agora quero viver o lado bom da vida, sem recriminações ou reprimendas.

— Sinta-se livre para ir. Vou ficar, até cansar — respondo de maneira direta.

— Por que está se comportado desse jeito? Você nunca foi de se vestir assim, ou de não escutar o que digo.

— Gina, tô cansada de só fazer o que os outros querem, quero curtir a vida, os bons momentos. Ser a menininha tímida e boba, já deu — falo com sinceridade, como nunca falei antes na vida.

— Isso é coisa daquela maluca da Clara, não é? Está enchendo a sua cabeça com essas bobagens.

— Chega, Gina!! Não vou me justificar para ninguém. Se acostume, essa é minha nova versão daqui para frente.

Respiro fundo e saio em disparada pelo apartamento. Quero ficar o mais longe possível da Gina. Não estou na sintonia para ouvir sermões e conselhos furados.

Quando viro bruscamente para a área da piscina, bato em alguém alto e forte. E só não vou ao

chão, porque sou segurada pela cintura. Ao me endireitar e olhar para cima, vejo meu pior pesadelo materializado. Luca está a minha frente, me encara nos olhos e depois desce seu olhar pelo meu corpo. Sou inspecionada da cabeça aos pés e começo a respirar com dificuldade. Droga, era só o que faltava!! Meu primeiro dia de liberdade e trombo justo com ele.

Capítulo 06

Tento parecer relaxada e confiante, não quero demonstrar o quanto sua presença me desestabiliza. Levanto os ombros em sinal de confiança e sorrio simpaticamente para ele.

— Oi Luca, tudo bem?

Ele me analisa e responde:

— Estou bem— continua me encarando — Você conhece a Antonella?

Franzo a testa em dúvida, não sei de quem ele está falando.

— Quem é Antonella? — Pergunto.

— A dona da casa. Não a conhece? — Parece confuso.

— Não!! Meu amigo Paolo trabalha com o Giorgio.

Me olha surpreso e arrisco a dizer que ficou incomodado com essa informação.

— Amigo!!! — Enfatiza a palavra com mais determinação do que o necessário.

— Sim, conhece o Paolo? Ele também é médico e trabalha no hospital com Giorgio.

Luca faz uma careta e responde:

— Não tive o prazer — diz com sarcasmo.

— Depois eu te apresento — Sibilo, destilando uma falsa simpatia. Sei que é errado usar Paolo para lhe fazer ciúmes, mas ele que se dane.

Ele continua me encarando como se quisesse dizer alguma coisa, mas resolvo quebrar o clima estranho.

— Bom!! A gente se vê por aí — e saio em disparada, a procura de alguém conhecido. Tenho que ocupar minha mente, e não quero ficar tendo pensamentos libidinosos com esse homem gostoso. Ele não irá ser meu mesmo, é melhor aceitar o quanto antes e parar de sofrer.

Logo encontro Paolo com dois amigos e me junto a conversa. Ao olhar para trás, vejo Luca falando com Giorgio e os dois estão me encarando, parecem falar algo a meu respeito. Disfarço e volto a interagir com o grupo. O que será que estão conversando? Uma curiosidade imensa me consome para saber o assunto e finjo me interessar pelo bate-papo. Paolo se aproxima e me abraça de lado, segurando-me pela cintura.

— Vou te ligar semana que vem, para marcamos o jantar. Pode ser durante a semana?

Olho para ele ainda aérea, com os pensamentos longe dali.

— Claro!! Durante a semana está ótimo.

— Você está bem? Teu rosto está vermelho. Quer sentar?

— Acho que abusei da bebida — digo envergonhada e sorrindo timidamente.

— Vamos sentar ali — ele me acompanha e não tira a mão da minha cintura, sento-me na sala de estar com ele ao lado.

— Comeu alguma coisa? — Pergunta preocupado.

— Dois canapés — Sinalizo levantando dois dedos.

— É pouco, Nina. Vi que bebeu várias taças de pró-seco e pelo jeito, não está acostumada. Aqui vai uma dica. Quer beber? Mantenha seu estômago forrado.

Assinto que sim.

— Vou buscar algo doce, para cortar o efeito do álcool — avisa Paolo e segue para cozinha.

Ao virar meu rosto para observar as pessoas no ambiente. Vejo Luca, com uma morena pendurada em seu braço, o ciúme sobe por minhas veias e sinto uma vontade de levantar e voar em seu pescoço. Mas que direito eu tenho? Não tivemos nada, além, de alguns beijos. Olho a cena decepcionada, mas finjo não me importar. Os vejo seguir para área externa e respiro de alívio, prefiro não ficar assistindo os dois conversando cheios de intimidade. Mas antes penso, em como a morena é bonita, elegante e seu corpo é magro, mas com curvas generosas, cabelos castanhos e olhos azuis. É obvio que prefere ficar com ela. Por que se interessaria por mim? Uma virgem sem sal e inexperiente.

Paolo volta e senta-se ao meu lado novamente.

— Come esse pedaço de torta de maçã, está com uma cara ótima — estende um pequeno prato cuidadosamente.

— Obrigada Paolo, vá ficar com seus amigos, não quero estragar sua festa — digo sendo sincera, afinal, ele não é obrigado a ficar de babá, cuidando de gente que não sabe beber.

— Prefiro você — diz e faz um afago em meu rosto. Não sei porque, mas seu toque não me causa nenhum frisson ou anseio como o de Luca. É como ser acariciada por um amigo, só isso. Tenho raiva de mim mesma. Por que não me derreto por quem realmente merece? Mas não recuo, preciso tentar ter uma vida normal e pretendo começar com Paolo se tudo der certo.

Divido a torta com ele, e recebo pequenos pedaços da sobremesa direto na boca. Paolo parece achar graça de estar me alimentando. Escuto uma risada feminina próxima ao sofá, e vejo Luca e a morena em pé a nossa frente. Ela sorri com olhos brilhantes e cumprimenta meu amigo:

— Paolo, nem acreditei quando Gio, me disse que estava de novo à Itália.

Paolo se levanta e a abraça.

— Pois é, cansei de morar fora, então resolvi voltar para casa — Ele fala simpaticamente — Deixe-me te apresentar uma amiga de infância. Nina essa é Antonella, irmã do Giorgio.

A morena que é muito mais bonita pessoalmente, se aproxima e me dá um beijo no rosto.

— É um prazer te conhecer Nina e por favor sinta-se à vontade aqui em casa — sibila num tom falso, que pouco acreditei. Estava apenas fazendo média, por ser amiga de Paolo.

— Obrigada — respondo baixo, quase num sussurro.

— Ah como sou mal-educada, esse é o Luca. Eu trabalho na empresa da sua família — a tal Antonella, fala toda pomposa.

Paolo estende a mão e o cumprimenta. Luca responde educadamente, mas não sorri. E me encara descaradamente. Percebo que a morena metida, também nota e não gosta.

— Vocês se conhecem? — Antonella questiona sem rodeios — Luca parece despertar de um transe e responde:

— Ela é fisioterapeuta da minha mãe.

A morena me esquadrinha de cima a abaixo e retruca:

— Que mundo pequeno, não é mesmo!! — Percebo que não gostou nada da informação, mas estou pouco me lixando para os dois. Eles que se lasquem.

— Onde está a Gina, Paolo? — Questiono para criar uma desculpa e poder fugir dali.

— Não sei, disse que ia te procurar e sumiu — fala num tom preocupado.

— Vou procurá-la e já volto — saio respirando fundo e dando graças a Deus. Rumo para o lado da cozinha e pretendo pegar outra taça de pró-seco. No caminho puxo o celular da bolsa e envio uma mensagem para Gina.

“Onde você está? Estamos te procurando”

Entro na cozinha, que está bombando de gente do buffet. Pego a primeira taça que vejo a frente e mando o líquido doce, gelado e cheio de bolhas para dentro. Não pretendo ficar bêbada, mas com o álcool, consigo ficar mais leve, quem sabe não pensar naquele babaca.

E fico ali, espiando o movimento de vai e vem de funcionários, enchendo as bandejas de bebidas e comidas. Até que escuto aquela voz, que faz minhas entranhas se retorcerem e viro o rosto para ter certeza se é real ou alucinação da bebida.

— Podemos conversar? — Se aproxima, quase colando o corpo ao meu.

Respiro fundo e penso que só pode ser brincadeira.

— Não acho uma boa ideia. Não quero confusão com sua namorada, ela tem cara de brava.

Ele ri com vontade, porque percebi que estou falando mole.

— Primeiro: ela não é minha namorada e segundo: é melhor parar de beber — murmura e tira a taça da minha mão.

Quando estou para lhe dar uma bela resposta, sinto um pouco de tontura e seguro-me no batente da porta.

— Vem comigo, está com uma cara péssima — me arrasta e entra por uma porta, que logo percebo ser um quarto. Olho ao redor e pela decoração é um cômodo masculino.

— De quem é esse quarto? — Pergunto curiosa.

— É do Gio — responde sem muitas explicações e me puxa para o banheiro da suíte.

— Lave o rosto que vai melhorar — mandão como sempre, vai indicando o que devo fazer.

Faço o que diz, mas não aguento ficar quieta.

— Eu estou bem, foi só uma tontura boba. Chame o Paolo que ele fica comigo, não quero estragar sua noite de pegação — digo ironicamente.

— Noite de pegação? — Fala próximo ao meu rosto — Não tem hora pra isso, pode ser a qualquer momento, inclusive agora — todos os pelos dos meus braços se arrepiam de antecipação, mas me contenho e dou um passo para trás, e mantenho distância colocando a mão em seu peito, ele já me rejeitou duas vezes, não lhe darei outra oportunidade.

Recomponho-me e respondo:

— Mas não irá acontecer nada entre a gente. Afinal, eu sou a virgem chiclete. Lembra? — Eu

lhe jogo na cara, as palavras que me disse dias atrás. Luca congela no lugar e parece perdido, não esperava ser rejeitado. E não paro por aí — Estou seguindo seu conselho, Luca. Encontrei alguém que não tem preconceito com idade ou que se incomode com minha inexperiência. Muito pelo contrário, ele pareceu bem animado com essa novidade — Seus olhos parecem duas labaredas ardendo em chamas, contrai o maxilar como se estivesse furioso e vejo umas das mãos abrindo e fechando a todo momento — Mas obrigada pela ajuda, vou voltar para meu acompanhante.

Ao me mover para sair do banheiro, sou agarrada por trás. Ele me levanta e senta-me no balcão de mármore do banheiro. Se enfia no meio das minhas pernas e sou beijada como nunca fui na vida. Nossas bocas se encaixam tão perfeitamente, que parecem ter nascido para isso, numa dança erótica de línguas, que se experimentam e tocam sem parar. Gemo e agarro seus cabelos, que são um pouco compridos e extremamente macios. Sinto a textura da sua pele na ponta dos dedos, o cheiro bom, de homem másculo e ardente, que está necessitado de uma fêmea.

Luca urra em meu ouvido e sussurra:

— Não consigo ficar longe, tentei te deixar em paz, mas é impossível. Só de te ver, fico mexido, com um desejo que beira a loucura. O que fez comigo pequena? Teu cheiro parece uma droga se espalhando por meu sistema.

Levanto o pescoço para lhe dar acesso ao meu colo e tenho vontade de gritar de alegria. Finalmente, admitiu que senti a mesma coisa, que tem o mesmo tesão e fissura.

— Quero você... agora — digo num gemido descarado, não escondendo minhas intenções. Mesmo sabendo que estamos no quarto de Gio e que podemos ser pegos a qualquer instante.

Luca desce as mãos por meu quadril e levanta o vestido com extrema facilidade. Fico só de calcinha sobre a pedra gelada, ele desce a cabeça e aprecia a vista sem o menor constrangimento.

— Você é tão linda, Nina. É deliciosa na medida certa. Fico de pau duro, de saber que nunca senti ninguém no meio das pernas. Você vai gostar, te prometo — volta a me beijar cheio de fome, enquanto sua mão entra em minha calcinha e começa a massagear meu clitóris. No início é devagar, ainda conhecendo o local. Aos poucos vou sentindo um calor gostoso e um prazer tímido. Mas um vulcão, despona em meu interior. O gemido que antes era só um sussurro, aumenta o som e aos poucos vou perdendo a razão e começo a me remexer no ritmo dos dedos. Que sensação maravilhosa, sinto que explodirei a qualquer momento, que meu corpo não irá suportar. E antes que me dê conta, gozo tão forte, que uma lágrima de libertação escapa dos olhos e um barulho de agonia escapa por minha garganta. Nunca imaginei sentir nada parecido. Por isso as pessoas eram tão enlouquecidas por sexo, por isso o mundo girava em torno desse assunto.

Encosto o corpo no espelho do balcão, porque estou exausta e em êxtase. Luca parece hipnotizado, observando minhas reações.

— Gostou? — Pergunta-me ansioso. Quase não consigo responder, tamanho cansaço.

— É maravilhoso, nunca senti nada parecido — respondo ofegante.

Ele sorri e parece orgulhoso com o próprio trabalho. Se aproxima novamente como se fosse continuar. Mas infelizmente, escutamos alguém batendo na porta, pulo do balcão e arrumo meu vestido correndo. Luca olha desconfiado e caminha lentamente para abri-la. Assim que a

escancara, Gina está na porta com uma cara preocupada. No início não me vê.

— Ah desculpe, é que estou procurando minha amiga, Nina. Por acaso você viu uma garota baixinha, de olhos puxados? — Questiona despretensiosamente.

Luca me olha, como quem diz: O que devo responder?

Saio do banheiro e apareço na porta. O choque e surpresa nos olhos da minha amiga, são indescritíveis. Ela parece ter levado um soco na boca do estômago ou pior, ter engolido vários alfinetes.

Encaro Luca novamente e digo:

— Depois a gente se fala — ele assente, se aproxima e me dá um beijo no rosto, mas antes sussurra bem baixinho.

— Sonha comigo — sorrio e sigo pelo corredor, com Gina ao lado em silêncio.

Antes de chegarmos na área externa, destila indignação.

— Estou indo embora de táxi, meu irmão te leva. Mas antes, arrume o cabelo, está com cara de quem acabou de dar — murmura cheia de cólera, sai andando e pisando duro.

Qual o problema dessa garota? Gina está instável e parece mudada, não consegue se sentir feliz por nada do que faço. Juro!! Estou a ponto de cortar os laços, não quero chegar a esse ponto, mas se não me deixar escolhas é a única solução.

Capítulo 07

Paolo encosta o carro na calçada, frente ao prédio onde moro. E parece preocupado e aflito. Tentou ligar diversas vezes para o celular de Gina e o aparelho está desligado.

— Tem certeza que não sabe o que aconteceu? Gina saiu sem dizer nada — Procuro ser convincente, para que não perceba que estou mentindo. Não irei contar que sua irmã me pegou no flagrante com outro cara. Já percebi que está interessado em mim, e não tenho coragem de lhe contar isso assim, tão diretamente.

— Não sei de nada, sinto muito!!

— Ela está mudada, parece outra pessoa, Nina. E fora que as vezes dorme fora e não dá satisfação para ninguém. Minha mãe fica louca de preocupação.

— Eu imagino!! — Murmuro envergonhada por não dizer a verdade. Mas não tenho certeza de nada, nem posso lhe contar as minhas suspeitas. Preciso dar um jeito de Gina se abrir comigo, urgentemente. Essa situação foi longe demais e se somos amigas de verdade, ela com certeza pode contar com meu apoio.

— Vou tentar ligar depois, quem sabe me conta o que anda acontecendo — digo tentando a acalmar.

— Obrigado, Nina. Se conseguir alguma novidade, quando a gente sair para jantar essa semana você me conta — Fico tentada a negar esse encontro, mas não sei qual desculpa dar, sendo que havia aceitado antes de encontrar Luca na festa.

— Ah o jantar! Que cabeça, tinha esquecido — digo, dando um sorriso amarelo.

— Te ligo, assim que souber da minha escala no hospital — Paolo se inclina para me dar um beijo e na mesma hora me esquivo, e abro a porta do carro.

— A gente se fala então — aceno e pulo para calçada, como se tivesse pegando fogo na roupa. Vejo que ele fica olhando, enquanto sigo para a portaria. Deve ter me achado uma idiota, mas depois do que Luca fez comigo, não quero tentar sair com ninguém, mesmo sabendo que não posso esperar nada sério.

Entro no meu apartamento e está tudo escuro. Não sei se Clara saiu e se está dormindo. Passo pela sala e sigo pelo corredor sem fazer barulho. Snop late e vem atrás.

— E aí bonitão. Como passou o dia? Vem! Entre aqui — coloco Snop dentro do quarto e o ponho em cima da cama, ele faz uma pequena festinha e logo deita na pontinha. Safadinho, está se fazendo de bobo, porque quer dormir comigo. Mas não caio nessa, terá que voltar para o chão.

Escuto um gemido estranho, no começo olho para Snop achando que está vindo dele. Depois percebo que vem do quarto ao lado. Chego perto da parede preocupada, será que minha irmã está passando mal. Enrubesco, ao perceber que parece ser de prazer, igual aos que soltei com o Luca.

Pelo jeito, Clara, arrumou diversão para sábado à noite, sorrio. Pelo menos alguém se deu bem, nessa casa!!

Mudo de roupa, coloco um fone de ouvido e mergulho num sono gostoso e profundo, regada a sonhos eróticos, com um cara loiro, grande e lindo. Aí meu Deus, socorro!!!

Acordo cedo e descansada. Estico-me e faço alongamento antes de sair para correr. Ao passar pelo quarto de Clara, a porta ainda está fechada, não vou bater, porque sei que provavelmente está acompanhada.

Vou até a cozinha e preparo um cafezinho bem gostoso, para comer com um brioche recheado. Enquanto estou de costas, escuto um pigarro alto. Viro-me e me deparo com um rapaz alto e bonito, que com certeza é o acompanhante da minha irmã.

— Olá — diz ele sem graça.

— Olá. Tudo bem? Sou Nina, irmã da Clara — estendo a mão e ele gentilmente retorna o cumprimento.

— Sou Enzo.

— Quer tomar um café? Acabei de fazer — pergunto a Enzo.

Ele se mexi desconfortável e percebo que está envergonhado — Não precisa se incomodar, tomo café em casa — fala num tom baixo.

— Imagina!! Senta aqui, olha tem brioche recheado. A Clara ainda está dormindo?

Respondi que sim.

— Então me faz companhia, Enzo. Não gosto de comer sozinha.

Quero conhecê-lo um pouco mais. E nada melhor do que oferecer um bom café da manhã.

— Vocês se conhecem de onde? — Pergunto despreziosamente.

— Nos conhecemos numa festa, semana passada — E na hora, me lembro do episódio que minha dormiu fora.

— Por acaso a Clara dormiu na sua casa nesse dia?

— Dormiu — responde coçando a cabeça e olhando para o chão.

Pelo jeito a relação dos dois está progredindo, fico feliz com isso e me polio para não me intrometer além da conta.

— Bom!! Vou sair para correr, Enzo. Pode ficar aqui se quiser, sinta-se à vontade — digo de maneira simpática — o controle da televisão está aqui — entrego o aparelho em sua mão.

Ele parece surpreso e arrisco a dizer, que esperava outro tipo de tratamento. Mas prometi a mim mesma, mudar de comportamento e deixar de ser chata e protetora demais. Não quero ser uma réplica da minha mãe, que nos amava tanto, que até sufocava.

— Tchau — E aceno em despedida.

Ao sair na rua, sou presenteada por um dia claro e ensolarado, apesar de cedo, o sol está no auge. Sinto-me bem, com disposição, e começo a correr dando leves trotes. As cenas de ontem, invadem minha mente sem permissão, mas como estou de bom humor, deixo-as rola livremente. Nunca imaginei sentir tanto prazer. Aquilo foi espetacular!!

Não fazia ideia, de como o corpo responde a estímulos nos lugares certos. Quando Paolo me toca, não sinto nem metade do arrepio que o Luca me desperta. É como se ele fosse um ímã, me puxando e atraindo, não consigo desvencilhar-me ou tampouco dizer, não.

Continuo correndo e com os pensamentos a mil. Ao atravessar uma rua calma, quase sou

atropelada. Também, estou com a cabeça longe. Peço desculpas ao motorista e volto a correr.

Será que ele está em casa agora? Será que voltou para ficar com a Antonella? Este último pensamento me assombra e tenho medo de estar criando expectativas fora da realidade. Afinal, Luca não prometeu nada.

Corro por quase uma hora e volto para casa. Ao chegar, encontro o lindo casazinho agarrado no sofá e vendo televisão.

— Oi — falo pra lhes chamar a atenção, porque os dois estão se beijando.

— Oi — eles respondem em uníssono.

— Vou tomar um banho.

— Nina, seu telefone estava tocando — diz Clara, com o rosto ainda inchada de dormir.

— Tá bom, obrigada — agradeço e sigo para o quarto.

Pego o aparelho e vejo uma ligação de Gina. Mas como não estou afim de falar. Envio uma mensagem.

Nina: *Oi, Saí pra correr. Está tudo bem?*

Gina: *Sim, Só queria pedir desculpas por ontem. Não quero ficar brigada. Vamos almoçar juntas durante a semana?*

Amo Gina como uma irmã e não sou de guardar mágoa. Acredito que as pessoas na hora da raiva, falam coisas impensadas e que depois se arrependem.

Nina: *Claro!! A gente combina então. Bjs e um ótimo domingo.*

Sorrio por estarmos nos acertando e volto para sala. Ficamos a tarde toda vendo filmes. Enzo é um cara legal e ganhou minha admiração. Tem 22 anos e acabou de se formar em engenharia química. Está fazendo alguns cursos em sua área e procura desesperadamente por um emprego. Clara precisa de boas influências e percebo que o admira.

O dia passa rápido e quando vejo, o domingo já está no fim. Infelizmente, nenhum sinal do Luca e às vezes acho que tudo foi uma alucinação da minha cabeça.

A segunda inicia pesada. Todas as macas da minha sala estavam cheias e trabalhei como uma louca, a manhã toda. O número de pacientes aumentou graças à Deus. Quanto mais gente, mais garantia de emprego.

Ao meio-dia vou direto para casa. Faço almoço e deixo pronto para Clara. Sento no sofá e penso na vida. Gostaria de arrumar outra ocupação na parte da tarde, as segunda, quarta e sextas, iria dar um bom upgrade em nossas finanças. Comentei com alguns pacientes pela manhã, quem sabe recebo indicação para dar alguma aula, ou até mesmo sou chamada por alguma clínica que deixei o curriculum.

Enquanto divago, totalmente perdida em pensamentos. Meu celular toca, olho o aparelho e vejo no visor o nome Corinna estampado. Quem estranho. O que será que minha avó quer? Depois que papai morreu, ela sumiu do mapa.

— Alô — respondo receosa.

— Nina? — Pergunta ela.

— Oi vó Corinna. Como vai?

Ela seca como sempre, não me responde e vai direto ao assunto. Aliás, não me lembro de ter sido simpática em nenhum momento da minha infância.

— Preciso conversar com você. Pode falar?

— Posso sim vó — Apesar de ser bruta e nenhum um pouco amável, como a maioria das avós, a respeito em consideração ao meu pai. Nunca o respondi ou fui grosseira.

— Vou ser direta, porque acredito que não temos tempo a perder — retruca num tom amargo e pouco amigável.

— Seu avô morreu semana passada — fico chocada por não me avisarem. Apesar de não ter muito contato, éramos sua família. Gostaria de ter ido em seu enterro e lhe prestado as últimas homenagens.

— Por que não avisou vó? Eu teria ido ao enterro.

Ela de maneira fria e desalmada, responde, sem a menor pena.

— O enterro foi só para os próximos, por isso não as chamei — Sinto uma dor ardente e lancinante no peito. Sei que este desprezo não é novidade, mas cada vez que sou alvo das suas injúrias e maldades, sinto como se fosse a primeira vez.

Tento me manter firme e não sucumbir a seus comentários ácidos e maldosos.

— Então por que está ligando agora? — Destilo a mesma frieza, no qual fui tratada.

— O testamento será lido e quero que você renuncie, se algum bem lhes for direcionado. Não preciso dizer o motivo. Afinal, vocês sabem que não fazem parte desse Clã.

Por alguns segundos fico em silêncio, tentando assimilar e mensurar o tamanho do desprezo dessa mulher por nós. Entendo que não gostasse da minha mãe. Mas o que eu e Clara fizemos? Ela jogou todos, contra o próprio filho. Meu pai tinha uma ótima relação com meu avô e foi obrigado a se afastar, porque a esposa e filhas estavam sendo repudiadas por todos. Não irei deixar barato e nem irei me calar.

— Não renunciarei nada — sou taxativa e direta.

— O quê? — Ela pergunta, sem acreditar na minha audácia.

— Você escutou perfeitamente. Meu pai tinha direito a essa herança, e com a morte dele, o direito passa para nós. Então não abrirei mão de nada. Acostume-se com isso.

— Você é uma atrevida e está igual a sua mãe. Não passa de uma golpista barata e sem classe.

O sangue ferve na veia e lhe dou uma resposta há altura.

— Não interessa o que acha ou não acha. Só não me amole, porque não tenho tempo para gente desocupada. Ela bufa e prevejo que irá falar muito mais, mas não lhe dou essa chance e desligo imediatamente.

Tremo da cabeça aos pés de raiva e mágoa. Nunca lhe fiz nada e sempre fui alvo constante de suas críticas e maldades. Não quero chorar e nem me deixar levar, mas está difícil de segurar.

A primeira lágrima escorre sem querer, a segunda jorra com o meu consentimento, e quando vejo, a represa está com a comporta aberta.

Choro de saudade!! Gostaria que papai e mamãe estivessem ali, me consolando e cuidando, como sempre fizeram. Ser a responsável pela casa, sendo tão nova, é pesado para alguém que

não está acostumada. Há um ano atrás, minhas únicas preocupações eram tirar boas notas e me preparar para o mercado de trabalho. Agora estou aqui, entrando num embate com minha avó megera.

O telefone toca de novo e atendo num ímpeto de fúria, sem olhar o número, mas tenho certeza que é Corinna.

— ESCUTE, POIS NÃO VOU REPETIR. NÃO ASSINAREI NADA, PROCURE SEUS DIREITOS — Grito a plenos pulmões. O silêncio do outro lado é quebrado com uma voz rouca e grave, uma voz que venho querendo escutar novamente desde sábado à noite.

— Nina!! O que aconteceu? Com quem estava falando?

Não consigo responder nada, pois só choro. A compulsão de aliviar a tristeza é tão grande, que não tenho forças para responder.

— Calma!! Só me diz se está em casa?

A única coisa que balbucio, é um sim.

— Tô chegando — ele diz preocupado.

Fico encolhida no sofá, parecendo um feto no útero. Sem vontade de nada, só desejando sumir do mapa. A campainha toca duas vezes e demoro um pouco para abrir a porta. Luca está parado, quase ocupando todo o batente. Sua presença é marcante, acolhedora e traz uma sensação de segurança. Como se nada de ruim, fosse se aproximar.

Sou puxada para seus braços, sinto-me minúscula diante desse homem. 1,63 x 1,85. É como Davi, diante de Golias. Seu toque me acalma, sou tragada para dentro de lindos olhos azuis, que me devoram e que dizem tantas coisas. Ficamos apenas nos olhando, palavras não eram necessárias. Seus dedos longos, secam minhas lágrimas e afagam meu rosto.

Luca se abaixa, me dá um beijo na testa, tão cheio de carinho e sentimento, que me desarmo completamente. Como não me apaixonar?

Capítulo 08

Ali, diante da porta de entrada ficamos nos tocando em silêncio, a segurança e paz que seus braços me proporcionavam eram reconfortantes, trazendo calma para a tempestade que se formou em minha mente. As palavras de minha avó ainda me perturbavam, mas estar em sua presença, era como um antídoto para qualquer doença e aos poucos a confusão, deu lugar a mansidão. Fui me acalmando, a respiração voltando ao normal e as lágrimas secaram.

— Está mais calma? — Pergunta com o cenho franzido, demonstrando preocupação.

— Sim, seu abraço me acalmou — Ele olha-me com ternura e me puxa para o sofá.

— Me conta o aconteceu? — A voz séria e de timbre forte, ressoa pela sala.

Respiro fundo e conto detalhadamente a maldade de minha avó paterna. Luca se levanta enfurecido e caminha pelo ambiente, parece a ponto de explodir.

— Velha filha da puta!! — Diz num rompante de fúria.

Dou risada e volto a o encarar.

— Ela não pode fazer isso, seu avô, deixou um testamento em que você é uma das herdeiras, ela terá que engolir essa.

— Eu sei, só fiquei magoada. Com a morte do papai, achei que talvez ela amolecesse o coração, mas me enganei. Pelo jeito aquela coisa não tem nada batendo no peito — falo com a voz baixa e melancólica.

— Na leitura do testamento, eu vou com você. Ok? — Fito seus lindos olhos e agradeço por estar cuidando de mim.

— Obrigada!! Mas não quero te dar trabalho, Luca.

— Faço questão, quero ver se consigo, ela será tão petulante, aliás, estou doido para lhe dizer umas boas verdades.

Sorrio novamente e lhe ofereço algo.

— Quer um café, vou fazer agora.

— Aceito!!

Sigo para cozinha e o deixo na sala.

Enquanto estou de costas e totalmente distraída, mexendo na cafeteira. Sinto suas mãos laçarem minha cintura, de maneira firme e com uma pegada forte. A voz de trovão, ecoa por minha orelha.

— Te ver assim, distraída e tão inocente, me deixou com um tesão danado — Luca se encosta e sinto a ereção me cutucando as costas.

Um calor desmedido, me varre de cima abaixo. Suas mãos fortes e grandes, me apalpm os seios sem a menor delicadeza. Começa os apertando com vontade e depois passa a dar leves beliscadas nos mamilos. Sinto-me como uma massa de sensações, absorvendo cada toque com intensidade. Gemo descaradamente, não consigo e nem quero frear meus instintos. Luca vira-me de frente e ataca minha boca como um esfomeado, em busca de matar a fome. Nossas línguas

encontram ritmo e se devoram insanamente. Ele chupa meus lábios e geme desavergonhadamente. Arrepio-me inteira e me entrego sem reservas a luxúria que nos assola.

Luca se inclina e logo estou com as pernas ao redor do seu quadril. Mal me dou conta e me encontro no meu quarto, deitada na cama. A loucura é geral. Sou despida com rapidez e o ajudo a retirar suas roupas na mesma velocidade. Estamos na febre e sem tempo a perder. Ele paira sobre mim e beija meu pescoço, indo em direção aos seios. Que delícia!! Sua boca é incansável, recebo chupadas e leves dentadas, ao qual deixam meus mamilos sensíveis e avermelhados. Arfo de prazer, ansiando ter mais do seu corpo, quero-o inteiro dentro de mim. Mesmo sabendo que a primeira vez é dolorosa e incomoda.

Luca desce, deixando um rastro de beijos e arfadas pelo restante do corpo, e o vejo pairar sobre meu púbis. Ter alguém inspecionando sua vagina, é estranho. Logo lhe chamo atenção.

— Que foi!! Tem alguma coisa errada aí embaixo?

Luca ri e depois me encara.

— Até sua boceta é linda! Rosada, pequena e redondinha... ah e tem um cheiro gostoso — quase desfaleço de tesão, Luca me enlouquece e fico fora de rumo — deita e abre bem a perna — fala num sussurro erótico e fico entorpecida, o querendo.

Começa com leves lambidas, meu corpo fica em estado de alerta, sentindo e recebendo sua carícia no meio das pernas. O ritmo aumenta, vou perdendo o foco e a razão, o prazer é tão intenso e acentuado, que meu corpo se prepara para a descarga de adrenalina. Os dedos dos pés vão se encurvando, os músculos do abdômen se contraem, pelos eriçados, pupilas dilatadas e bum, um orgasmo fenomenal escapa da garganta. Meu gemido é tão alto e forte, que provavelmente, o vizinho da frente tenha escutado. Luca aparece no meu campo de visão e ainda posso ver, seus lábios molhados.

— Gostosa demais!! Tô de pau duro, só de pensar em entrar em você. Só de imaginar que deve ser tão apertadinha, estou a ponto de furar a calça.

Suas palavras sujas me deixam de pernas bambas e esqueço até quem sou.

— Quero você inteiro, vem, preciso de mais — digo arfando, cheia de desejo.

Luca recua em busca da carteira e enquanto põe o preservativo, esquadrinha todo seu corpo. Pele branca, mas levemente dourada, braços forte e bem definidos, peito e ombros largos, abdômen sarado e cheio de gomos. Pai do céu!! Não sei se dou conta de tanta gostosura. Olho seu pênis ereto e sinto um pouco de medo, parece que não irá caber ou pior, irá me arrombar.

— Vai doer um pouquinho, mas fique tranquila que vou devagar — sibila baixinho, me deixando alerta. Reteso os músculos com medo.

— Não fique tensa, quanto mais retraindo, será pior. Relaxa!!

Tento lhe obedecer, mais é difícil, sempre temos receio do desconhecido.

Luca acomoda seu pênis na entrada e vai avançando aos poucos, sinto sua respiração no meu pescoço, e percebo que se controla para não exagerar. O ardor é grande e involuntariamente contraio-me inteira.

— Já vai passar, linda — diz ele com a voz falhando — Nossa que delícia!! É tão justinho, parece um punho me apertando — Ele se move um pouco mais rápido e me mantenho firme, para aguentar até o fundo. Aos poucos, a ardência vai sendo substituída pelo prazer. Luca é

carinhoso e vai com calma. Sem que perceba, começo a gemer, curtindo e aproveitando cada estocada.

— Está gostoso? — Me questiona com brilho nos olhos.

— Sim, quero mais — sussurro manhosamente.

Luca aumenta a velocidade e seu rosto está iluminado de prazer, percebo que curte tanto quanto eu.

— Então vou te dar muito pau, amanhã vai ter dificuldade para sentar — Sua voz demonstra que está por um fio, à beira do precipício. O prazer que senti a pouco, volta com tudo e gozo deliciosamente. Luca acelera, me estocando com força, de maneira incansável, parece que irá me partir ao meio. Um urro, irrompe em sua garganta, o fazendo desabar sobre mim, parece exausto e satisfeito. Vê-lo desse jeito, me deixa nas nuvens, a mil, completamente feliz.

Ficamos nos fitando, não dizemos nada. Luca toma atitude, se abaixa e me dá um delicioso selinho. Ao meu ver, foi melhor e mais significativo, que os beijos esfomeados.

— Te machuquei? — Luca pergunta.

Aceno negativamente.

— Foi melhor do que sonhei — Falo com sinceridade e recebo um afago terno no rosto.

— Também gostei bastante e apesar da sua inexperiência, não amarelou e curtiu do começo ao fim.

— Já tinha ficado com alguma virgem?

Luca faz uma careta e responde:

— Uma vez e foi horrível, não gosto nem de lembrar.

Ri da careta que fez e deixei o assunto de lado.

— Está com fome? Fiz almoço agora a pouco.

— Vou aceitar, estou morrendo de fome — Luca diz e aponta para o estômago.

Levanto sentindo um desconforto no meio das pernas e uma sensação de estar melada. Olho para a cama e há uma enorme mancha de sangue no lençol. Enrubesco e olho para ele.

— Vai lá tomar um banho, eu tiro o lençol e deixo aqui no canto — Sigo para o chuveiro e logo estou acompanhada.

Uma dúvida surge em minha cabeça. Como ele tinha meu celular? Não lembro de ter lhe passado.

— Como conseguiu meu número? — Luca sorri de lado, com a maior cara de safado.

— Minha mãe.

— Ah claro, só podia!! Como não pensei nisso.

— Ela fez várias perguntas e ficou muito curiosa, inventei que um amigo estava interessado nas suas aulas, confirme minha história — Diz ele, me advertindo.

— Pode deixar, não vou te deletar.

Saímos do box, fico um pouco tímida por ser esquadrihada tão de perto e descaradamente.

— Tem vergonha de ficar nua?

— Um pouco — respondo e abaixo a cabeça.

— Nina!! Você não faz nem ideia do quanto é linda, não é?

Dou uma gargalhada e falo:

— Sou muito pequena e magrinha, às vezes me acho um mosquito, perto daquelas meninas altas e cheias de curvas.

— Para com isso!! Não é tão magrinha assim. Tem seios durinhos e redondos, bumbum arrebitado e é gostosa para caralho. E fora que tem uma beleza exótica. Você acha que há muitas asiáticas de olhos claros por aí?

Nunca me vi nesse angulo e confesso que me senti linda, ao ser descrita desta forma.

— Me senti uma modelo agora — falo rindo e levantando os ombros.

— Não deixe ninguém te diminuir ou menosprezar. Cada um tem uma beleza única e desperta a atenção de alguém. Tem homens que gostam de mulheres gordinhas, outros como eu, gostam das pequenas e magrinhas — sibila de um jeito engraçado.

— Vou considerar esta informação — digo zombeteira.

Coloco um vestidinho de alça florido e vou para cozinha. Luca segue em meu encalço, senta-se numa banquetta, que fica junto ao balcão da cozinha e me olha enquanto esquento a comida.

— Gosta de Lasanha à bolonhesa? — Pergunto.

— Como até pedra, Nina. Lá em casa, não tinha essa de não comer as coisas. Dona Domenica não é fácil, a gente comia tudo, nem que fosse com o chinelo em cima da mesa.

Gargalho ao imaginar a cena. Domenina não parece ser a típica matrona brava. Ver Luca sentado, sem camisa na minha cozinha, é uma visão do paraíso, poderia encará-lo por horas a fio. Enquanto estamos jogando conversa fora, Clara chega da escola e estaca ao nos ver almoçando.

Seus olhas o varrem da cabeça aos pés, mas pela graça de Deus, minha irmã se comporta e não diz nenhuma besteira.

— Olá, eu sou a Clara — Diz ela simpaticamente e o beija o rosto.

— Você é a famosa Clara, escutei bastante a seu respeito. Sou o Luca.

— Não acredite em nada do que a Nina diz!! Ela fala mal de mim, mas é tudo mentira — Clara sibila fazendo uma cara de inocente. E pisca para mim.

Rimos e logo os dois estão conversando. Assim que a lasanha saiu do forno, levo as coisas para mesa de jantar e nos acomodamos na sala. A conversa flui com naturalidade, Luca e eu parecíamos namorados, tamanha cumplicidade. Nada era forçado, simplesmente nos dávamos bem. E Clara a todo instante, me olhava, arqueava a sobrancelha, tentando enviar uma mensagem, de que estava adorando nos ver juntos.

— Bom!! A lasanha estava ótima, mas tenho que ir trabalhar — Ele se despedi da minha irmã e segue para porta. O acompanhamento a passos lentos, não gostaria que fosse embora e muito menos, nem sei se irei vê-lo novamente. Infelizmente, não temos nada sério.

Abro a porta e fico um pouco sem jeito, não sei como devo me despedir. Me mantenho no lugar, com um sorriso amarelo no rosto.

— Obrigada pela companhia no almoço — falo, para preencher o vazio do silêncio que se instalou.

Luca se aproxima e taca um beijo escandalosamente safado, nossas línguas dançam cheias de malícia e novamente sinto, aquela sensação gostosa de querer fazer sexo.

— Te ligo — ele sussurra de maneira sexy.

Sorrio feliz, em saber que irá me procurar novamente e entro em casa no modo saltitante. Com as bochechas vermelhas e humor lá no alto.

— Aiiii, Nina do céu. Que gato!!!! Nossa! Só de olhar já dá calor. Mas pode me contar, e quero os mínimos detalhes.

Tento me fazer de besta, mas Clara não é trouxa.

— Do que está falando? Eu só o convidei para almoçar, nada mais.

— Ah tá!! Desembucha mana. Se não falar, vou lá no seu quarto procurar vestígios.

Na hora, lembro do lençol sujo de sangue, jogado no chão e resolvo contar a verdade.

— É... bem... nós.... — Clara corta sem paciência.

— Fala logo, Nina. Parece que está com a língua presa.

— Tá bom, sua chata!! Eu hein, só estava tomando coragem para contar. Bem, nós finalmente transamos, e aliás, foi espetacular — digo rindo feito uma adolescente boba, agitando os braços.

— Num acreditoooo!!! Finalmente. E olha, abriu a porteira com chave de ouro, porque aquele Thor. Afff....tudo de bom.

— Também acho ele parecido com o Thor, tão lindo, quanto — E suspiro alto, sem conseguir disfarçar.

— Nina! — Clara me chama a atenção.

— Oi! — Respondo fitando seu rosto.

— Cuidado tá, ele é um cara legal e tal, mas pelo que você me disse, não quer nada sério e não está afim de relacionamento. Não se iluda mana, isso que aconteceu hoje, não significa nada sério para ele.

As palavras de Clara, são como um soco no estômago e um balde água fria. No fundo, sei que está certa e isso é apenas um conselho, de quem se enxerga além.

— Eu sei que você razão, que não posso e nem devo me deixar levar. Mas por algumas horas, quis criar a ilusão que poderíamos dar certo juntos, mas não passou de ilusão. Fica tranquila!! Não vou me enganar novamente.

Dou um beijo na testa dela e sigo para o quarto.

O ambiente ainda está impregnado com seu cheiro, e com as lembranças vividas do nosso momento de intimidade. Não posso me deixar levar como hoje, tenho que blindar meu coração e cair na realidade, que não passa de sexo casual. Mas é tão difícil.

Capítulo 09

A manhã começou corrida, com a sala lotada de pacientes, as macas estavam sempre ocupadas, o vai e vem de pessoas foi incessante. Já no final da minha última sessão, atendo uma senhora bem idosa, desde o meu primeiro dia. Dona Gemma é gentil e agradável, rolou uma empatia logo de cara, conversávamos sem parar, e a senhora me contou toda sua vida. Era viúva há 20 anos e morava com o filho mais velho e a nora. Vivia elogiando o neto mais velho, que pelo jeito é seu favorito.

— A gente sempre conversou bastante, mas nunca te perguntei se você é solteira — Questiona Gemma curiosa. Estranho seu comentário, mas não vejo motivos para não responder.

— Sou solteira, Dona Gemma. Estou há procura do príncipe encantando — falo em tom de brincadeira.

Ela sorri e consigo visualizar todas as rugas que adquiriu pelos anos.

— Nada não!! É só curiosidade mesmo — Franzo a testa em dúvida, mas deixo para lá. Afinal, ela só fez uma pergunta inocente.

Ao final da fisioterapia, pergunto:

— Dona, Gemma. Alguém vem lhe buscar?

— Sim, meu neto. Vai me ligar ao chegar aqui na frente. Você pode ajudar a me levar lá fora?

— Claro!! Sem problemas, só me avise, que a acompanho.

Deixo-a na maca e preencho algumas fichas da evolução dos pacientes.

— Nina!! Ele chegou — Gemma gesticula e me alerta.

— Vamos lá. Pego em seu braço e a ajudo a se locomover com sua bengala.

— Qual é seu carro? — Pergunto a pequena senhora que está ao meu lado.

Logo um rapaz alto, de olhos azuis e brilhantes, salta do carro, de modo a aparar a avó.

— Vó, entra por aqui — O homem gesticula e a ajuda a entrar no banco do passageiro.

Fico parada o observando. Ele é bonito e elegante, com lindos cabelos pretos e fartos. Seu corpo é magro e forte, mas nada do tipo de rato de academia. Parece ser bem definido somente. O rosto é anguloso, de feições bem-feitas, parece com aqueles modelos de revista de modo.

— Querido! Essa é Nina, minha fisioterapeuta — gesticula a senhorinha em minha direção.

Ele se vira e posso ver o quanto é mais bonito pessoalmente. Me estende a mão em um cumprimento gentil.

— Olá, me chamo Lorenzo.

Estendo a mão de volta.

— Prazer Lorenzo, sua vó a paciente que mais gosto — Digo sorrindo, por ser verdade, acabei ficando amiga de Dona Gemma.

— Ela adora conversar, acredito que já tenha percebido — Ele brinca arqueando a sobrancelha grossa.

— Não me incomodo, Lorenzo. Adoro nossas conversas — Seu neto me encara disfarçadamente, mas percebo que me inspeciona.

Gemma acena um adeus do carro.

— Foi um prazer te conhecer, Nina. Acredito que nos veremos sempre — Fala educadamente, mas senti uma indireta em suas palavras.

— Com certeza — respondo, sorrio e lhe aceno com a mão.

Ele é atraente, mas nada se compara a virilidade de Luca. Perto dele, todos são insignificantes. Ele se destacaria mesmo no meio de um exército ou multidão. Luca tem uma aura ameaçadora, que o concede certo poder sobre as pessoas. Sua postura demonstra que nasceu para liderar e não aceita seu desafiado. Fico de pernas bambas, quando lembro de como nos tocamos, como manuseou meu corpo com maestria, tirando cada gota de prazer e me deixando totalmente à deriva.

Troco-me e sigo para casa. Resolvo dar uma corrida no parque perto de casa. E ao chegar, escolho uma roupa bonita e confortável para dar aula para Domenica, Afinal, não sei se verei Luca. Resolvo ir com um vestido azul claro rodado e um pouco acima do joelho, calço uma rasteirinha nude e deixo os cabelos soltos.

Chego no horário na casa de Domenica, e sou recebida pela bela senhora sorridente.

— Olá, Nina!! Está linda e com uma carinha feliz — Se aproxima e abraça-me carinhosamente.

Sinto a pequena indireta, mas faço-me de desentendida. Ela está doida para saber o que está rolando entre Luca e eu.

— Claro que estou feliz, tenho saúde, trabalho no que gosto, só tenho a agradecer — sibilo e lhe pisco um olho.

— Não tenho dúvida que é uma ótima fisioterapeuta. Vou te recomendar para minhas amigas. Mas me diga. Luca conseguiu falar com você? — Ela pergunta despretensiosamente, como quem não parece muito interessada.

Tenho vontade de sorrir, porque sei que Domenica é uma mãezona e só está curiosa sobre a vida romântica do filho.

— Conseguiu sim, irá me indicar um cliente — Minto, para confirmar a história que ele o contou. Não posso desmentir.

— Que ótima notícia — Ela aquiesce feliz — Daqui a pouco estará com todos os seus horários preenchidos.

— Deus te ouça — digo e levanto uma das mãos.

— Desculpe ter perguntado. É que naquele dia, que ele lhe deu carona, senti um clima diferente entre vocês e confesso que fiquei animada.

Sorrio sem graça.

— Só ficamos amigos Domenica, Luca é boa pessoa. E me ajudou no atropelamento do meu cachorro. Sempre vou ser grata.

Ela comprime os lábios e franze a testa.

— Mesmo assim fico feliz, meu filho precisa de boas companhias — Sei o que ela está insinuando, mas decido não entrar na onda. Não posso falar, que seu filho só está me comendo e quando enjoar, irá cair fora.

Iniciamos a aula e conversamos sobre amenidades. Domenica fala dos filhos numa alegria, e vejo o quanto se orgulha da prole. Pergunta sobre minha família e conto uma parte da minha história. Vejo em seus lindos olhos azuis, que aliás, são iguais ao de Luca, o quanto ficou triste com o que escutou.

— Sinto muito pelos seus pais querida, você é tão jovem, não merecia perdê-los tão prematuramente — Abaixo os olhos e respondo:

— Faz parte da vida, não é? Sei que eles estão num lugar bom — Ela se aproxima e toca em meu rosto ternamente.

— Tudo vai dar certo, querida!! Quem planta coisas boas, colhe coisas boas, Nina. Você pode não entender agora, mas acredite. Lá na frente, receberá as recompensas da sua coragem.

Meus olhos lacrimejam com suas palavras carinhosas e gentis. E quando vejo, estou a abraçando amavelmente.

— Obrigada, Domenica!! Ando precisando de palavras de incentivo. Ser adulto com responsabilidades e manter uma casa, não é nada fácil.

— Eu te entendo.

Voltamos a conversar agora, sobre assuntos mais leves e logo estou indo embora da sua casa.

No caminho meu celular vibra e vejo no visor que é Gina.

— Oi — A voz do outro lado está animada.

— Oi Gina. Tudo bem?

— Esta sim, estou ligando para saber se quer jantar hoje — fico pensando um pouco e resolvo aceitar.

— Mas vamos em um lugar barato, não posso ficar esbanjando.

— Vamos no “Famiglia Beline”.

— É caro, Gina. Desculpe, mas não vou.

— Eu pago, e não se fala mais nisso.

Bufo, mas aceito a oferta.

— Passo na sua casa às 20 horas — Ela fala e deixamos combinado.

Às 20 horas em ponto, estou descendo e entrando no carro dela.

— E aí, tudo bem? Como está na clínica? — Gina pergunta.

— Tudo certinho, já tenho bastante pacientes e estou dando duas aulas particulares à tarde. Esperto conseguir preencher todos os meus horários.

— Se eu não fosse tão sedentária, faria pilates com você — Ela murmura e faz uma careta do tipo “Deus me livre me exercitar”.

Dou risada e lhe chamo a atenção.

— Já falei que exercício não é só por estética, se trata de saúde, Gina. Mais tarde irá amargar as consequências de não se cuidar.

Ela ri e dá de ombros.

— Vou deixar para pensar nisso, quando estiver mais velha.

Balanço a cabeça a recriminando por pensar assim, mas não discuto. Ela já é adulta e sabe o que faz.

Estacionamos em frente ao restaurante e o valet leva o carro.

O restaurante está cheio para uma terça-feira e pegamos uma mesa quase escondida, em um canto bem discreto do salão.

— Como está sendo trabalhar com seu pai? — Gina revira os olhos e comprime os lábios numa careta.

— O velho não é fácil, mas gosto de ser advogada e fora que o escritório dele já está estruturado, tem nome e uma clientela fixa.

— Aproveite amiga, porque pra quem começa do zero, é bem mais difícil.

Ficamos falando sobre amenidades e bobagens do dia-a-dia.

Ao olhar para entrada, congelo, quando noto um casal bonito, passando pela porta.

Luca entra no salão, com a tal Antonella ao lado. Os dois caminham graciosamente, rindo e completamente distraídos. Ela cochicha próximo a sua orelha e ele dá uma gargalhada achando graça. O ciúme dá as caras, e o sinto se esmiuçando por minhas entranhas. É impossível não notar, formam um par adorável, aliás, ela dá de dez a zero no meu biótipo.

É morena, alta e cheia de curvas. Eu sumiria ao seu lado.

— Que foi? — Gina pergunta e olha para a mesma direção que meus olhos.

Faz uma carranca e não perde a oportunidade de alfinetar.

— Te falei que esse cara não presta, só quer se aproveitar.

Desvio os olhos e tento fazer um rosto de quem não está ligando.

— Nós não temos nada sério, estamos só ficando — minha voz sai mais trêmula e sem convicção, do que esperei.

— Nina!! Você não é garota de relacionamento casual. Merece ser amada e levada a sério, precisa que alguém comprometido, que te apoie, não esse mulherengo de meia tigela.

Sorrio com o que ela diz, porque sei que é sincero de coração. Mas não posso recriminá-lo. Afinal, ele não me prometeu nada e nem disse que seríamos exclusivos. Mas será que tenho emocional para aguentar isso? Não sei de mais nada.

Quando volto a olhar, vejo o modo como interagem e percebo que são amigos e se dão bem.

Tento voltar a ter uma conversa normal com Gina. Forçando minha mente, a não virar naquela direção de novo, mas falho veemente e o que vejo me desestabiliza por completo. Sinto vontade de sumir daquele ambiente, meu estômago se contrai e sinto uma dor imensa no peito, como se tivesse levado vários socos seguidos.

Antonella, com uma cara bem sensual, sobe um dos pés pelas pernas de Luca. Como se o

estivesse seduzindo, para dar o bote. Ele não se move e apenas a encara sério. Num rompante de tristeza, levanto imediatamente, pego minha bolsa e sigo para saída. Infelizmente, sou obrigada a passar ao lado de sua mesa, e quando olho, vejo que Luca finalmente me viu. Me olha espantado e surpreso. Lanço um olhar feio, quase mortal e passo direto. Não quero lhe ver nem pintado de ouro.

Ao parar na calçada, olho para avenida em busca de um táxi, quero ir embora o quanto antes, não irei esperar a Gina. Sinto um puxão e Luca me aprisiona com sua mão. Seus olhos estão confusos e preocupados.

— Por que saiu correndo e nem falou comigo?

Dou uma gargalhada sarcástica, do tipo “ É sério que está me perguntando está merda? ”

— Por que não volta e fica com a morena que estava quase trepando na mesa?

Meu rompante de fúria o surpreende, ele balança a cabeça e responde:

— Antonella trabalha comigo, e já tivemos um rolo, ela sempre faz isso, mas não estamos mais saindo, Nina. Não ia acontecer nada, pode acreditar.

Ele vira para o valet e solicita seu carro.

— Hey!! O que está fazendo? — Pergunto nervosa e sem paciência.

— Vou te levar para casa — fala cheio de certeza, deixando claro, que não aceita outra alternativa.

— Não vou com você, prefiro ir andando a ter de ir no seu carro.

— Não seja teimosa, temos que conversar e estipular algumas coisas.

— Não!! Empaco no lugar e faço birra.

Luca sem paciência, me levanta e joga no ombro. Dou grito, não esperava por aquilo, ele ri e dá um tapa na minha bunda. O Carro chega e sou jogada como um saco de batata, do lado do passageiro. Luca trava a porta e sou obrigada a ficar no carro. De longe vejo Gina estacada na porta do restaurante e posso dizer que não está nada feliz.

Capítulo 10

Fico emburrada, sem vontade alguma de abrir a boca. Sinto-me desrespeitada e afrontada, por ser obrigada a ir embora de carona com Luca. Que criatura teimosa e arrogante, é incapaz de entender que passou do limite, que avançou por caminhos que não foi convidado. Fervo e bufo de raiva, quero ter minha opinião levada em conta. Cansei de sempre fazer a vontade dos outros, de ser facilmente manipulada. Sempre agi da maneira que era esperada por meus pais, fui a filha estudiosa, caseira e sossegada. Deixei de viver as etapas pertinentes à minha idade para agradar e nunca causar problemas. Mas cansei!! Vou agir de acordo com meus preceitos e força de caráter. A mocinha tonta e sem vontade própria se foi e provavelmente não volta mais.

— Por que está com essa cara? — Pergunta Luca, com o semblante sério.

— Sério? Vai dizer que não faz ideia? — Respondo de maneira cínica e debochada.

— Tive de agir assim porque não me escuta, já fica puta e sai andando sem me deixar explicar — Fala como se isso fosse uma justifica plausível.

— Não gosto que tirem minhas escolhas Luca, respeite para ser respeitado.

Ele bufa e retruca:

— Você nem me deixou falar, Nina. Já ia sair desembestada atrás de um taxi.

— Não temos nada a conversar. Deixe eu te dar um resumo do que ia acontecer. Antonella ia se esfregar em você e como não é gay e nem bobo, ia se dar bem hoje à noite. Não é isso? Ou estou esquecendo algum detalhe sórdido?

Luca respira fundo, aperta o volante e se justifica.

— Só para ficar sabendo, não saio com Antonella há um mês — Ele diz isso e faz uma cara como se um mês fosse uma eternidade.

Gargalho e não perco a oportunidade.

— Nossa praticamente uma vida!!! Me poupe, Luca. Provavelmente deu uma pausa, porque estava pegando outras e não tinha espaço na agenda.

Ele não responde e continua calado e sério. Como diz o ditado: “ Quem cala consente”.

— Bom, enfim!! Nem sei porque estou falando isso. Porque, afinal, não temos nada sério e você não me prometeu nada — Digo a ele com a voz fraca e derrotada. Clara e até mesmo Gina, já haviam me alertado sobre o perigo de me envolver com alguém como ele. Agora, só restava juntar meus cacos e sair de cena, com a melhor dignidade possível.

— Nunca menti ou te fiz promessas, Nina — diz de forma direta e sem rodeios — Já disse que não sou homem de relacionamentos.

Respiro fundo e sinto uma dor no coração tremenda, Luca já estava entranhado na minha pele e depois da tarde de ontem, será mais difícil ainda esquecê-lo. Mas não posso aceitar dividi-lo, ou esperar um horário em sua vida agitada. É mais do que posso suportar.

— Eu sabia das condições desse arranjo. Mas acho que não tenho estômago e tampouco

estrutura emocional, para continuar com isso — respiro lentamente e concluo meu pensamento — Não me arrependo de nada, Luca. Você foi maravilhoso e me ensinou, o quanto o sexo pode ser ótimo. Sinto-me sortuda, por ter perdido a virgindade com um cara experiente e vivido. Pelo menos daqui pra frente, serei criteriosa e exigente com meus próximos parceiros — falo e dou um sorriso verdadeiro.

Luca me olha com a testa franzida e parece surpreso.

— Próximos parceiros... está me dispensando, Nina? — Pergunta incrédulo.

— Isso não é um relacionamento para eu te dispensar. Só estou deixando claro, que não nos veremos mais — Verbalizo cada palavra calmamente e vejo seu rosto empalidecer, tamanho desagrado.

— Mas tudo isso, porque sai para jantar com a Antonella?

— Aquilo só me fez ver, que você tem razão. Somos incompatíveis e com ideais diferentes. É melhor cada um seguir seu caminho. Obrigada pela carona e seja Feliz, Luca.

Olho seu rosto pela última vez e percebo que está perplexo e sem palavras. Mas decido não estender o sofrimento e saio do carro rapidamente, enquanto ainda estou inteira e tendo um grande controle sobre o choro.

Caminho de cabeça baixa, cumprimento o porteiro e sigo para o elevador. Lá, quando estou completamente sozinha, posso me derramar e chorar sem medo de ser vista. Um soluço forte ecoa por minha garganta e coloco as mãos no rosto, em sinal de derrota. Estou tão fascinada por ele. Como será daqui para frente? Outros homens não têm graça, quando penso em seu lindo rosto e corpo, e mais ainda, quando lembro de como me fez sentir na cama. Tão másculo e viril, tão bruto e autoritário. Me dirijo à escada de emergência, porque não quero que Clara me veja assim. Preciso pôr uma pedra nesse assunto, e não ficar remoendo a história.

Me acalmo depois da crise e resolvo mandar uma mensagem para Gina. Afinal, minha amiga ficou para trás e deve estar preocupada.

Nina: *Oi, já estou em casa. Você tinha razão, ele não vale a pena.*

Gina: *Ufaa!! Finalmente você percebeu.*

E logo meu telefone toca.

— Oi, Gina — Atendo com a voz ainda arrastada.

— Que foi? Está com a voz estranha — Questiona preocupada.

— Eu subi de escada, faltou luz na minha rua e estou ofegante, só isso — minto, para não contar que acabei de chorar.

— Ah tá!! Me conta o que aquele cretino fez — Vejo que Gina o detesta.

— Não fez nada, amiga. Só percebi que não serve para mim. Você tem razão, pensamos diferente e prefiro não perder tempo.

— Que notícia ótima, Nina!! Vou até dormir melhor — Gina não esconde seu contentamento e por mais que tenha andado estranha nesses tempos, ainda a amo muito, é como uma irmã de sangue — Final de semana, a gente sai para comemorar — ela sibila animada.

— Pode ser — digo sem muita emoção — Vou deitar, que amanhã acordo cedo — Eu dou

essa desculpa para desligar.

Meus sonhos são recheados pela figura de Luca, em várias situações. Primeiro o vejo com a tal Antonella e depois com outras mulheres, mas em todo momento, sou ignorada e deixada de lado, assim como provavelmente, seria na vida real.

Acordo angustiada, pesada e com o coração dolorido de tristeza. Sei que irá demorar um tempo, até minha cabeça aceitar a distância e ausência. Mas não há remédio para coração sofrendo, somente o tempo.

Faço minha higiene matinal e sigo para o trabalho. E assim segue a rotina, a semana inteira, sem sinal de Luca ou de sua existência. Também o que eu queria? No fundo, sei que é melhor assim, só o coração que precisa aceitar o fato.

Respiro aliviada, ao chegar na sexta-feira após o almoço. É hora de ir embora e iniciar o final de semana. Ao sair pela porta da clínica, tomo um susto, ao ver o carro de Luca estacionado e o próprio, encostado aguardando na calçada. Enrijeço no lugar e não sei o que fazer. Não sei se está ali para procurar fisioterapia ou a minha procura.

O cumprimento amigavelmente com um beijo no rosto.

— Veio procurar fisioterapia?

Ele ri timidamente e coloca as mãos no bolso.

— Não!! Vim te convidar, para passar o fim de semana na praia comigo — Empalideço e imediatamente as pernas ficam trêmulas. Por um instante, tenho a sensação de ter escutado errado.

— O quê? — Questiono com as sobrancelhas arqueadas.

— Fim de semana na praia, Nina. Topa? — Ele diz novamente, como se nada tivesse mudado entre nós.

— Olha, Luca!! — Passo a mão no rosto confusa — Não é uma boa ideia — sibilo firme, sem me deixar abalar pela proposta.

— Você decidiu, Nina. Aliás, mal tive tempo de abrir a boca, quando vi, já estava longe — Retruca, como se estivesse indignado — Entra no carro, no caminho para sua casa conversamos — Diz com um tom mais ameno.

Decido aceitar a carona, mas só isso. Pelo menos é o que disse a mim mesma.

O primeiro trecho do caminho, ficamos em silêncio. Depois, Luca começa a falar.

— Pensei melhor no que tivemos, e não quero deixar de te ver e nem que tenha outro parceiro — sibila baixo, quase num sussurro e parece se esforçar para dizer tais palavras — Pelo menos, não por enquanto — noto certo ciúme na afirmação e me mantenho calada, aguardando o término da conversa — Vou te ensinar tudo sobre sexo, não é necessário procurar em outro lugar. Me disponho a ensinar.

— Está se oferecendo para ser meu professor? — Pergunto desconfiada.

— Sim!! Por que não?

Arfo surpresa, porque por essa, eu não esperava. Mas algo ainda me incomoda e deixa-me desconfortável e receosa.

— E vai ficar só comigo? Vai deixar a metade da população feminina de Roma, na mão?

Ele ri e se aproxima.

— Enquanto durar nosso arranjo, sim. Mas o mesmo vale para você.

Sentir seu hálito de menta, perto da minha boca, me desestabiliza e provoca arrepios em todos os lugares. Fico excitada, porém, tento me manter firme e lúcida.

— Por que está fazendo isso, Luca? — Ele parece perdido com minha pergunta, engole seco e responde:

— Porque sim — E logo muda de assunto — Então vai subir para pegar suas coisas?

Fico pensando e decido agarrar a oportunidade que me foi dada. Sei que estou dando um tiro no pé. Mas esse homem, ainda está no meu sistema e ter a chance de ficar com ele, nem que seja por alguns dias é tudo que tenho. Aproveitarei, enquanto posso.

— Vou fazer uma mala e já desço — Os olhos de Luca, brilham e me dá um imenso sorriso verdadeiro.

Ele aguarda no carro e passo pelo hall, quase saltitando de alegria. Não ficarei pensando muito, porque o medo e insegurança irão me desestimular.

Entro em casa correndo e logo sou recepcionada por Snop e sua alegria de viver. Ele late e abana o rabinho sem parar. Clara aparece e vem conversar.

— O que vamos fazer esse fim de semana? — Clara pergunta animada.

— Você eu não sei, mas eu estou indo para praia.

— É mesmo. Não me diga que é com o bonitão do Thor?

Aceno que sim e minha irmã pula no lugar.

— Que sacrifício, olhar aquele peito trabalhado no musculo — Dou risada com sua espontaneidade.

— E o seu namoradinho. O Enzo?

— Foi visitar os avós em Nápole. Infelizmente, estou sozinha e jogada — Murmura dramaticamente.

— Liga para Gina. Ela vai adorar sair com você.

Clara me olha indignada e responde:

— Deus me livre!! Prefiro ficar trancada o fim de semana inteiro, a ter que aturar aquela chata.

Gargalho, porque sei que as duas não se bicam e sigo para meu quarto.

— Deixa eu te ajudar a escolher as roupas, porque você tem um gosto duvidoso — sibila Clara me provocando.

— Não tenho, nada!! Me visto muito bem — respondo rindo.

— Até parece, deve ter umas roupas aí, iguais da vó Corinna. Bem cafona!!

E começo a separar. Pego um vestido de alça, que vai até o joelho. Minha irmã corre e o arranca da minha mão.

— O que é isso, Meu Deus?

— Um vestido, ué!!

— Parece uma toalha de mesa, não... não. Chega pra lá, vou escolher para você.

Clara faz uma limpa e diz que metade das roupas, irão para doação.

— Mas eu gosto das minhas coisas, Clara.

— Quanta coisa horrorosa, Nina. Compre novo e desapega dessa breguice.

Bufo e aceito o inevitável. Porém, as roupas que separou são bem legais e combinam com o ambiente de litoral. Saio de lá feliz e contente. Sei que meu fim de semana, será especial e inesquecível.

Capítulo 11

Chego com uma pequena mala modesta, afinal, será apenas um fim de semana. Luca desce para me ajudar e a guarda de imediato no porta-malas. O clima entre nós é relaxado e descontraído, vejo por sua linguagem corporal, que está contente e arrisco a dizer, empolgado. Ainda estou com o pé atrás e pretendo me manter assim por um bom tempo. Infelizmente, Luca não tem um histórico confiável, não posso me dar ao luxo de pular sem paraquedas ou me jogar cegamente. Tenho que tentar resguardar meu coração de alguma maneira, ainda só não sei como.

— Nossa você demorou — Diz ele num tom leve, sem críticas — Estava quase subindo para te buscar, comecei a achar que havia desistido.

Sorrio de lado e respondo:

— Sou uma pessoa de palavra, não ia desistir assim do nada, sem motivo algum.

Ele comprime os lábios pensativo e fala:

— Nem todo mundo tem palavra ou tampouco caráter, Nina. Espero que você não cruze com ninguém do tipo, pela vida — Sinto mágoa em suas palavras, como se alguém o tivesse apunhalado profundamente. A curiosidade me corrói e uma vontade insana, de conhecer um pouco mais daquele homem, me invade de uma maneira, que não aguento e pergunto.

— Alguém já fez isso com você? — A boca é mais rápida que a razão.

Luca se remexi desconfortavelmente e pressinto que toquei num assunto perigoso. Seus ombros ficam tensos e sutilmente, o vejo apertar o volante em puro desagrado.

— Digamos que aprendi na carne, que a maioria das mulheres não são de confiança.

Franzo a testa e mato a charada. Algumas ex-namorada o fez sofrer, por isso é arredo em relação a relacionamentos. Se tornou frio e desconfiado, não se entrega e muito menos confia com facilidade. É o tipo de gente que só se entrega, se confiar de coração, se não duvidar da parceira. Provavelmente, foi machucado e ferido na carne, não irá amar facilmente. Respiro fundo!! Porque me dou conta que me envolvi com uma bomba relógio, que vive a ponto de detonar a qualquer instante.

— Discordo!! Nem tudo mundo é assim, Luca. Eu por exemplo, sempre fui fiel as minhas convicções. Muitas colegas, diziam que era tola, por me manter virgem, ou não sair por aí beijando qualquer um. Mas sempre acreditei, que iria encontrar alguém especial, diferente, que não precisava me oferecer ou sair dando tiro pra todo lado.

— Sou alguém especial por acaso? — Ele sorri, fica contente com meu comentário.

— Claro!! — Fico um pouco tímida de dizer o que sinto, mas resolvo ser sincera, já que estamos conversando amigavelmente, sem máscaras ou fingimento — Senti uma energia diferente quando te vi, tem gente que não acredita nessas coisas, mas eu sim. Tem pessoas que passam em nossa vida, para nos deixar algo. Não sei o que você tem para mim, mas espero descobrir logo — Falo isso e sorrio timidamente.

Luca para num semáforo e me olha com ternura, faz um leve afago gentil no meu rosto.

— Você é muito inocente, Nina. Cuidado!! — Não gosto do seu tom de voz, que mais parece um alerta, que irei me dar mal a qualquer instante.

Ficamos calados e Luca muda de assunto. Acho que amenizar o clima estranho que se instalou no veículo.

Conversamos sobre o meu emprego, depois me contou um pouco sobre o dele. E nessa, fiquei sabendo que Luca é executivo na empresa da sua família. Que mexe com ramo de abastecimento de material, alimentos e água, de navios de carga e transatlânticos. A empresa tem filias espalhadas por toda Itália e também na Espanha. A conversa foi interessante e bem instrutiva, pois fiquei sabendo várias coisas que nem sonhava, no ramo náutico.

Depois passamos a falar de família e por último de sonhos e expectativas. Luca é um cara culto, instruído e viajado. Em certos momentos, me senti um pouco boba e sem experiência. Mas fazer o quê? Ainda sou jovem, cheia de coisas para viver e aprender. Não tenho do que me envergonhar.

Depois de quase uma hora de carro. Chegamos em Lido di Ostia, o lindo litoral próximo a Roma. À tarde está gostosa e agradável, temperatura na casa dos 32 graus. O movimento no bairro ainda é tranquilo, as pessoas irão pegar estrada mais à noite, sentido litoral. Ainda é possível curtir a tranquilidade da redondeza.

A casa da família de Luca, fica localizada no início do bairro. Numa rua sossegada e com poucos vizinhos. Os muros são altos, garantindo privacidade e segurança aos moradores. Entramos pela garagem e fico boba, de como é grande e bem cuidada. Percebe-se que os donos são abastados. Luca pega minha mala e joga sua pequena mochila nas costas. Pelo jeito é como eu, não gosta de andar com muita bagagem.

— Fique à vontade, Nina. Vou te mostrar a casa.

— Posso ir no banheiro antes? Acho que é psicológico, basta pegar estrada, minha bexiga fica cheia — Dou de ombros.

— Segunda porta no corredor — Indica com o braço estendido.

Corro para esvaziar que está me matando, e sinto um alívio tremendo de sentar no vaso. Observo o lavabo e tudo é de extremo bom gosto. Domenica está de parabéns, sua casa de praia é linda.

Todos os ambientes ficam entre o branco e bege, e os móveis de madeira, dão um ar despojado de litoral. Há vários quadros enfeitando as paredes, e pequenos vasos criando um ambiente moderno e discreto. Fico apaixonada, é realmente um lugar agradabilíssimo para se hospedar.

Enquanto estou parada no meio da sala, observando tudo. Luca me abraça por trás. Sinto um calor abrasador, e o contorno do seu corpo forte e bem cuidado. Sua proximidade, mexi com todas as minhas terminações nervosas.

Arfo e respiro com dificuldade. Quero me acabar e faltar sem pensar no amanhã.

— Gostou da casa? — Pergunta, com aquela voz grossa e potente. Fazendo qualquer mulher ficar anestesiada.

— Amei!! Domenica tem muito bom gosto. É um lugar lindo e muito aconchegante, daqueles que se pode passar vários dias confortavelmente.

— Temos propriedades em outros lugares, mas essa é seu xodó. Papai disse, que logo que se aposentar, virá morar aqui.

Sorrio, com o modo como fala dos pais. Luca parece extremamente ligado à família.

— Seu pai não é nada bobo!! É um ótimo lugar para viver. O melhor dos dois mundos, perto da cidade e em frente à praia.

— Pois é!! Meu velho já trabalhou tanto, merece ter uma velhice sossegada, poder curtir a vida — Venha, vou te mostrar a parte de cima.

Subimos uma pequena escada, e Luca me mostra quatro lindas suítes, todas na mesma cor do andar inferior. Decoradas em estilo minimalista, ou seja, poucos acessórios em completa aversão ao exagero.

— Esse é meu quarto — sussurra as palavras, cheio de malícia.

Entro no ambiente olhando para todos os lados, sou curiosa nata e não sei disfarçar. A cama é gigante e arrisco a dizer, que é maior que uma king-size. Sento na beirada e o colchão é macio e confortável.

— Onde vou ficar? — Pergunto só para ter certeza que ficaremos juntos.

— Aqui, ué!! Ou não quer dormir comigo?

Sorrio de maneira sapeca.

— Claro que eu quero!! Se eu não me engano, teve um cara que prometeu me ensinar várias coisas — sussurro, fazendo cara de safadinha.

Luca me encara, e vejo que está por um fio para me pegar. Sinto-me nervosa e quente.

— Põe um biquíni e me encontra na piscina — seu tom é autoritário, daquele que não aceita ser contrariado. Arfo e estremeço em expectativa. Tenho uma leve ideia do que me aguarda, e nunca me senti tão excitada como agora. Imaginar aquelas mãos grandes e pesadas me apalpando, deixa-me febril e molhada. Luca me atíça, empurra-me ao limite da minha sexualidade. Sei que depois dele, jamais serei a mesma, talvez nunca mais consiga me sentir satisfeita e completa novamente. Quero aproveitar cada minuto e momento ao seu lado. Mesmo sabendo que nunca teremos nada sério ou duradouro.

Verifico minha bagagem e vejo que Clara colocou um lindo biquíni coral de cortininha. Logo percebo que a peça não é minha, são minúsculos e jamais compraria aquilo. Fuço novamente e constato que todos os biquínis são dela. Clara me paga quando chegar em casa.

Coloco a peça e olho-me no espelho. Estou vermelho sangue de vergonha. A calcinha é muito pequena, quase não cobre nada e dou graças à Deus, de ficarmos aqui na piscina, jamais sairia em público com nada parecido. Praia nem pensar!!

Coloco um vestidinho branco, que nada mais é que uma saída de praia. Ao chegar à piscina, Luca está nadando de um lado a outro. E fico ali, espiando seus músculos sobressalentes, ao flexionar os braços em cada braçada. Suas pernas esguias e torneadas, o abdômen sarado, com gomos a mostra. É um belo espécime, daqueles de dar água na boca, de te deixar zonda e cheia de vontade de cometer loucuras em todos os cantos da casa.

Sento com as pernas na dentro d'água e fico ali distraída. Luca chega de mansinho, como um tubarão espreitando a caça.

Suas mãos grandes tocam minhas coxas e as separam na mesma hora. Sinto um arrepio e uma coisa gostosa, que antecede o prazer. Se acariciada por ele, é a coisa mais certa do mundo, meu

corpo o reconhece, clama por sua atenção. Luca me puxa para dentro da piscina e nos mesmo momento, entrelaço as pernas em sua cintura. O hálito fresco é delicioso, a barba para fazer roça em minha pele, despertando cada terminação nervosa. O fogo e luxúria me varrem por completo. Estou em chamas e pronta para me acabar a tarde toda.

De repente me dou conta, que estamos no quintal, em plena luz do dia. E se alguém nos ver?

— Luca!! Não podemos ficar desse jeito na piscina. E se os vizinhos no verem?

— O muro é alto. E os empregados não veem hoje. Relaxa e curte, vou te fazer gozar à tarde toda — sibila em meu ouvido e estremeço ao imaginar tantas cenas picantes em minha mente.

Pega-me no colo e me deita numa espreguiçadeira enorme, junto a piscina. Primeiro fica em pé, tira a saída de praia e me come com os olhos, esquadrinhando da cabeça aos pés. Seu olhar é penetrante e aquece a pele, sinto-me pegando fogo no meio das pernas, todos os músculos se apertando, na espera de entrarem em ação.

Luca passa a língua nos lábios, como que na expectativa de saborear algo gostoso, uma iguaria rara.

— Tira a parte de baixo do biquíni e abre bem as pernas para eu te olhar — Sua ordem me causa borboletas no estômago e quase gozo, só de ouvi-lo. Arfo e arqueio as costas com o coração acelerado.

Obedeço na mesma hora, apesar da timidez, algo me impulsiona a lhe satisfazer. Sou naturalmente submissa e sinto-me completamente dominada por Luca. A aura de homem forte, rude e viril, me acorrenta e só sinto vontade de o agradecer.

Arranco o minúsculo tecido e jogo ao lado, sem me importar com nada, abro as pernas e deixo-me ser inspecionada. Luca se ajoelha, encarando meu sexo descaradamente, não há vergonha ou qualquer traço de timidez naquele rosto. Ele parece adorar e se embriagar com a visão, é um homem sexual, sem amarras. Vive a plenitude do momento.

Aproxima o nariz, dos poucos pelos pubianos que cobrem a região e cheira com vontade.

— Adoro cheiro de boceta excitada. É delicioso, agridoce — arqueio as costas com o têsão nas alturas, sinto-me febril e pulsante.

E quando menos espero, seus lábios abocanham meu sexo com fúria e vontade. Os dedos separam as dobras e a língua ataca meu clitóris impiedosamente. Suga, lambe e manuseia com maestria. As lambidas são impiedosas, deito-me na espreguiçadeira e aproveito o espetáculo de camarote. Sou levada ao limite, por aquela boca hábil e maligna, que tira-me do prumo e leva para outra dimensão. Os barulhos de gemidos ecoam pelo quintal, nem me importo se alguém lá fora pode escutar.

— Que bocetinha linda, rosada e pequena. Hum...vou meter tudo, foder até ficar assada. Com dor para sentar, sabendo que sou teu homem, teu macho.

Ao ouvir essas palavras sujas, me despedaço num orgasmo fenomenal, com direito a quase ver fogos de artifício. O urro que rompe a garganta é gutural e profundo, quase desfaleço de tanto prazer. Fico procurando forças para me refazer.

Luca paira sobre mim e me beija esfomeado, seus lábios quase me engolem, tamanho é sua fome. Está excitado, pegando fogo, as mãos tocam meu corpo em todos os lugares. Belisca os mamilos com o dedão e o indicador, os manipulando e deixando pontudos. Gemi na minha boca

e pressinto que esta enlouquecido de vontade.

— Espera aqui que vou pegar camisinha na minha carteira — levanta com agilidade e some no interior da casa.

Escuto um barulho de mensagem e procuro pelo aparelho. Vejo que é o celular de Luca e a curiosidade me instiga. O símbolo do WhatsApp, está no canto esquerdo da tela, penso se olho ou não. E resolvo abrir.

Uma mensagem da tal Antonella.

Antonella: Fiquei sabendo aqui na empresa, que foi para sua casa de praia. Vou estar aí no fim de semana. Vou dar uma passada por aí.

Fico puta com o grau de oferecimento da garota, não foi convidada, nem sabe se ele está acompanhado e fica querendo aparecer do nada. Sendo inconveniente, entrona.

Devolvo o aparelho a seu lugar e fico pensando. Falo ou não falo que vi a mensagem. E uma ideia surge em minha mente. Vou ficar bem quietinha, me fazer de desentendida e esperar a intrometida chegar. Quero ver como o Luca vai agir diante de nós duas. Só espero não ser eu, a sair perdendo.

Capítulo 12

Seu retorno é quente e explosivo. Permaneço na mesma posição, mostrando tudo descaradamente, sem um pinga de vergonha. Seus olhos dizem o quanto me deseja, que está pulsando, faminto e cheio de vontade. Não recuo e nem me amedronto diante dessa potência masculina. Sua altura e forma física, fazem sombra sobre meu corpo, e por poucos segundos fico intimidada e com medo de não aguentar tanto fogo.

Mas mantenho o foco e deixo a mente voar, pelos braços do prazer carnal. Aproveito cada instante e entrego-me às mãos hábeis de Luca.

— Antes de te comer, quero que me chupe. Vem cá, fica de joelhos.

Obedeço e ponho-me em ação. Primeiro, encaro o membro grosso, rosado e cheio de veias protuberantes. É lindo e parece assustador, um pensamento engraçado passa em minha mente e sorrio sem conseguir controlar. Seu pênis parece um cetro, preso no corpo de um rei lindo e magnífico.

— Tem alguma coisa engraçada aí embaixo? — Sua voz retumba grossa e potente.

Caio em mim, que estou prestes a fazer meu primeiro boquete e estou divagando como uma tonta.

— Nada!! — Respondo com a voz um pouco alterada — só estou insegura, nunca fiz isso antes — E aponto para seu membro duro e com uma pequena gotícula na ponta.

Ele ri e parece se orgulhar de ser o primeiro.

— Gosto de saber que nunca chupou ninguém, que serei o primeiro a deixar meu gosto nessa boca linda e macia — Vibro de tesão e toda musculação abaixo da pélvis se contrai de ansiedade, querendo senti-lo e desfrutar de tamanha potência.

Arfo e me aproximo vagorosamente, quero deixá-lo desejoso e cheio de expectativas. Abro a boca e o recebo, no início é estranho, bato os dentes algumas vezes em sua carne. Luca se controla, respira fundo e me mostra como devo agradá-lo.

— Cubra os dentes, chupe suavemente, fazendo movimentos de vai e vem. Isso... assim — sibila num gemido prazeroso e cheio de volúpia — Mais rápido — diz ele, arfando pesado. Segura meus cabelos num rabo de cavalo, com força. Está lutando para se manter, quase por um fio — Isso, mama no teu macho, Nina — O quadril se move contra minha boca, quase engasgo pelo tamanho, mas mantenho-me firme, mesmo com lágrimas nos olhos. Luca é viril, másculo e cheio de energia. Ficamos nessa dança por alguns minutos, estou com dor no maxilar e quando menos espero, ele treme, urra e goza em minha garganta. Engulo tudo e o olho, o rosto lindo está contorcido de prazer, cheio de satisfação. Dá um pequeno sorriso de lado e se abaixa próximo ao meu rosto.

— Essa boquinha safada fez um bom trabalho, fiquei satisfeito. Mas ainda não acabou, vou te foder a tarde toda.

Um arrepio me percorre a espinha e cheia de expectativas, aguardo a próxima rodada em seus braços famintos.

Após várias sessões de sexo incansável, e gemidos de prazer. Caiu num sono pesado e sem sonhos, estou exaurida e completamente sem energia. Luca me comeu em diversas posições e confesso que algumas eu nem sabia que existia. Tem sido um professor exemplar, aplicado e comprometido. Sorte a minha ser sua aluna!!! Estou aproveitando cada aula, cada nova lição. Desperto com um barulho de vozes alteradas, parece uma discussão ou algo parecido. Levanto da cama e tento espiar pela janela. Vejo que Luca está em pé, com o portão da frente meio aberto, porém, de onde estou é impossível ver de quem se trata e de longe não escuto quase nada. Calço meu chinelo de borracha, coloco uma saia curta, com blusinha de alça e desço a escada devagar, sem fazer barulho. Será que é a morena oferecida?

Chego ao quintal e finalmente escuto a conversa e minhas dúvidas são respondidas.

— Por que não posso ficar? — Pergunta uma voz feminina e parece nervosa. Não conheço sua voz e daqui, não consigo ver quem está do outro lado do portão.

— Antonella!!! Não gosto que invadam minha privacidade e não lembro-me de a ter convidado — Bingo, acertei!! Nossa!! Se fosse comigo já estaria longe.

— Mas te mandei mensagem avisando que viria. E foi visualizado. Como pode dizer que não sabia?

Luca bufa sem paciência e responde:

— Tudo bem que mandou mensagem. Mas deveria ter esperado que eu respondesse, e não vir dessa forma.

— E qual o problema. Está acompanhado? — Luca não responde e por alguns segundos, temo que esteja tentando bolar alguma desculpa, porque deseja ficar com as duas ao mesmo tempo.

— Acertou!!! Estou com uma pessoa e infelizmente não posso te ajudar.

Ela bufa e retruca:

— Não tenho onde ficar, Luca. E agora? — Percebo pelo tom de voz, que está brava e tenta fazer chantagem.

— Não posso fazer nada, Antonella. Fique num hotel, tem vários ótimos pela redondeza — Fala naturalmente, sem raiva ou qualquer peso na consciência.

— Obrigada pela ajuda, Luca!! — Murmura num tom cínico e desdenhoso.

Luca fecha a porta e me vê no quintal.

Pega minha mão e me puxa para sala. E vira-me bruscamente, de modo que estamos cara a cara.

— Nunca mais mecha no meu celular — Me encara sério e sem qualquer resquício de brincadeira.

— Quem disse que mexi — retruco num fio de voz, tentando convencer até a mim mesma, mas acho que falhei veemente na missão.

— Alguém visualizou a mensagem e não fui eu — Ele diz constatando um fato, já que estamos sozinhos — Será que foi algum duende? — Ironiza.

Abaixo a cabeça envergonhada e tento responder alguma coisa, que justifique minha atitude. Mas nada me vem à cabeça.

— Ok!! Palavra de escoteiro, não mexo mais no seu aparelho — Respondo com um sorriso amarelo no rosto, tentando amenizar o clima ruim.

— Você não passa de uma diabinha, isso sim. E ainda faz essa cara de anjo. Sei porque fez isso, queria ver o circo pegar fogo.

Dou uma risada sem conseguir controlar e encolho os ombros.

— Foi engraçado, vê-la tomar um fora. Tudo bem que não consegui ver a cena, mas ouvi perfeitamente.

Luca dá uma gargalhada, vira-me e dá um tapa em minha bunda.

— Só tem cara de inocente, não passa de uma encrenqueira.

Caminhamos para sala e Luca liga a televisão.

— Está como fome? — Olho para o *time* da televisão e já são 19:00 horas.

— Sim, se quiser posso cozinhar.

— Não! Viemos aqui para aproveitar o fim de semana, não vou te colocar para trabalhar — Dou graças à Deus, porque já cozinho de segunda a segunda, uma folguinha de vez em quando seria ótimo.

— Vamos tomar banho e já saímos.

Ao entrar no box, sinto o jato de água morna cobrir meu corpo. Hum que gostoso!! Sou abraçada por trás e sinto aqueles braços fortes, e musculosos me aprisionarem como correntes de aço.

Luca vira-me, se curva e recebo vários beijos gostosos e cheios de carinho.

— Sou tão pequena perto de você, me sinto uma criança.

— Não se incomode!! Eu gosto do seu tamanho, parece uma bonequinha nos meus braços. Pequena, delicada e muito gostosa — Pressiona-me no box e lá vamos nós para uma nova rodada de sexo.

Saímos da casa mais tarde que o esperado. Estamos à vontade, com roupas frescas para aliviar o calor. Luca de bermuda e camiseta e eu de vestidinho e rasteirinha.

Resolvemos ir a pé, porque queremos beber no jantar.

O restaurante Genaro Cucina é tradicional da região e muito bem frequentado por turistas e moradores da cidade. Esperamos por cerca de 15 minutos e conseguimos um lugar de frente para o mar. O garçom nos entrega o cardápio e indica um belo vinho para Luca. Peço um Nhoque com molho de tomate e para acompanhar um grande bife de filé mignon. Luca opta por capeletti de carne com molhe rosê.

— Hum esse nhoque está divino, experimenta — Encho de maneira generosa o garfo e coloco na sua boca.

— Está gostoso mesmo. Come um pouco do meu — Luca faz um avião e coloca na minha boca. Sorrio com o gesto carinhoso. Mas não posso ficar me iludindo com coisas pequenas. Desde o começo, já deixou claro que não namora, tampouco se apaixona. Em nenhum momento estou sendo enganada ou iludida, sempre deixou claro, sua aversão por relacionamento.

— Que foi? Ficou com uma cara estranha de uma hora para outra.

— Nada, não!! Só estou preocupada com esse lance da herança. Com receio de enfrentar minha avó — Minto sem pestanejar, porque jamais o direi, que luto bravamente para não me apaixonar.

— Já disse que não vai sozinha!! Deixe a velha comigo, vou estar do seu lado — Toca minha mão em cima da mesa, de modo a me passar segurança. Sinto-me segura e protegida ao seu lado, com a sensação que nada irá me atingir. Mas não posso me dar ao luxo de acreditar nessa falsa sensação. Luca estará comigo, enquanto for conveniente, quando enjoar e quiser experimentar novos gramados, serei esquecida e deixada de lado. Lembre-se disso, Nina. Meu subconsciente grita a plenos pulmões.

Terminamos de jantar num clima ameno e companheiro. Brincamos um com outro, comentamos de alguns casais estranhos no restaurante. Tipo uma menina que devia ter no máximo 20 anos, com um homem de 60. Obvio que rolava um interesse por ali. Um outro bizarro, sentado no lado oposto a gente, a mulher devia ter a idade da sua avó e cada vez que passava uma moça jovem, o acompanhante esticava os olhos quase fora da órbita. Eu hein!!

— Bom!! Se eles convivem bem com essa diferença de idade. Quem somos nós para julgar — Diz Luca levantando e caminhando para saída.

— Concordo! Gostar não tem idade, raça ou religião. Se as pessoas são felizes juntas, não importa opinião de ninguém.

Saímos caminhando pela calçada, andando lado a lado. Em alguns momentos, nossas mãos se raspam sem querer, num movimento involuntário. E quando menos espero, Luca entrelaça nossos dedos e caminhamos assim, juntos, como namorados. Sinto uma emoção boba romper em meu peito, uma sensação boa de estar no lugar certo, com a pessoa certa. Como se tudo ali, fizesse sentindo.

Aproveito os pequenos momentos que posso desfrutar de sua companhia, de estar próxima ao seu corpo, sentindo seu cheiro e calor. Infelizmente, minha alegria tem prazo curto e a qualquer momento pode se findar.

— Vamos sentar ali — Ele aponta para um pequeno banco de madeira, de frente para a praia. A temperatura está gostosa, por volta de 25 graus. O mar calmo nos convida a admirá-lo, o vai e vem das pessoas na calçada, o tráfego dos carros na rua. Ele me puxa para seu colo, fico sentada, curtindo estar aninhada. Sua presença me deixa inebriada, extasiada, não sei onde ele começa e eu termino. Me acaricia, beija os lábios e aperta as coxas. Não sei o que sobrá de mim, quando não nos vermos mais.

Estou carregando uma pequena bolsinha e sinto um leve vibrar do interior. Deve ser meu celular.

— Meu celular está tocando, deve ser minha irmã — atendo no quarto toque, sem olhar o visor.

— Alô — Atendo de imediato, me preocupo de Clara passar mal, nunca irei deixar meu aparelho longe.

— Nina, oi amiga — A voz de Gina soa do outro lado. E na hora ponho a mão na cabeça. Putz!! Esqueci que tinha combinado de sair com ela — E aí animada para o fim de semana? Estou pensando em várias coisas para fazermos.... — Resolvo avisar logo que estou fora de Roma e não lhe deixar no escuro.

— Desculpe amiga!! Esqueci de avisar que resolvi vir para praia. Prometo que compenso durante a semana. A gente sai para jantar juntas.

A um silêncio desconfortável do outro lado da linha e resolvo falar.

— Gina, tá me escutando?

— Estou — Ela responde ríspida e de má vontade — Ele está com você, não é? — Não gosto de mentiras, mas não tenho que ficar dando satisfação para ela, poxa. Sou adulta e pago minhas contas. Sei que Gina está preocupada, porque não gosta de Luca. Mas mesmo assim, preciso que as pessoas respeitem meu ponto de vista e principalmente minhas decisões, mesmo que sejam ruins.

— Olha, depois a gente conversa, tá — Digo pacientemente, até porque, Luca está ao lado. Não vou bater boca na sua frente.

Do outro lado ninguém responde e acho que fiquei falando sozinha.

— Alô? Alôoo — Pois é, ela desligou na minha cara.

— Quem era? — Luca percebi minha inquietação e pergunta.

— Minha amiga de infância — Murmuro sem muitos detalhes.

— Aquela que nos pegou no quarto, na casa do Gio?

Aceno que sim e ele finaliza seu pensamento.

— Sua amiga é bem estranha, ficou me encarando de um jeito, pensei que ia me matar com os olhos.

Sorrio e balanço a cabeça.

— Ela não gosta de você, acha que não serve para mim.

Luca bufa e solta uma piada:

— Manda ela arrumar alguém que a coma e deixe de atrapalhar a vida dos outros.

Gargalho alto e deito a cabeça em seu ombro.

— Bem que eu gostaria que ela arrumasse alguém — digo mais para mim mesma, mas Luca escuta e parece curioso.

— Como assim. Ela nunca teve namorado?

Digo que não e ele parece surpreso.

— O que acontece. Vocês estavam treinando para serem freiras — Luca comenta e comprime os lábios em desagrado.

— Não é isso. Eu sempre fui muito tímida, reprimida por meus pais, só pensava em estudar. Mas tive algumas paixonites na adolescência. Porém, a Gina, nunca falou de nenhum garoto, nem demonstrou interesse por ninguém, sempre fomos nós duas para tudo. E de uns tempos pra cá, está possessiva, estranha, reclama se me interesse por alguém. Não sei, não quero ser injusta, nem ver coisas onde não tem.... — Luca corta o que digo e responde por mim:

— Gina é lésbica e não tem coragem de falar e vou mais longe — Fala com o dedo em riste — Está interessada em você, por isso tem agido desse jeito.

Ele fala simplesmente, o que tenho desconfiado todos esses dias e não tive coragem de dizer

em voz alta.

— Será? Você acha?

— Tenho certeza. Isso explica seu olhar cheio de animosidade.

Fico pensativa e Luca tem razão. Gina, não aceita nenhum interesse meu, por outra pessoa.

— Queria muito que ela que se abrisse, não vou julgá-la. Vou explicar que sempre seremos amigas, e que seus sentimentos, devem ser direcionados para alguém que tenha as mesmas preferências. Uma hora vai encontrar uma companheira legal e será feliz.

Luca franze a testa em descrença.

— Sei não — ele sibila — Nem todo mundo aceita bem ser rejeitado — Seu semblante fica pesado, e parece se lembrar de algo ruim, mas logo se recupera e brinca.

— É pequena, agora vou ter que concorrer com a Gina? — Diz num tom jocoso, dou-lhe um beliscão na barriga e rimos.

— Não seja bobo, nada que ela tem me interessa sexualmente.

Enquanto brincamos, num clima leve e descontraído. Meu aparelho que ainda permanece em minha mão, toca novamente. Olho o visor e bufo sem acreditar. O número de Paolo brilha sem parar. Droga!! Uma merda nunca vem sozinha. Algo me diz que foi Gina que armou isso.

— Quem é Paolo? — Luca pergunta sério.

— É irmão da Gina.

— E o que ele quer com você?

— Não sei Luca, ele é meu amigo também. Tinha me convidado para jantar a uns tempos atrás.

— É aquele engomadinho que estava ao seu lado na festa? — Sua pergunta exala desagrado — Atende — ordena com uma voz firme e potente.

— Pra quê? Não vou aceitar sair com ele — Tento o trazer a razão. Mas a criatura está irredutível e não arreda o pé.

— Vai atender e dizer que não irá sair com ele agora e nem nunca. Entendeu? — Tenho vontade de rir, pois percebo que está puto e com ciúmes.

Respiro fundo e me preparo para o telefonema. Mas no fundo, tenho certeza que foi armação de Gina. Mas ela vai escutar, ah se vai!!

Capítulo 13

Olho para o aparelho que continua a vibrar e brilhar, e a coragem de atendê-lo ainda não apareceu.

— Está esperando o que para atender? — Protesta Luca impaciente.

— Calma! — Tento ganhar tempo, mas pelo jeito não está funcionando, é melhor terminar com isso logo.

— Alô — Atendo numa mistura de nervosa e eufórica, a voz saindo mais alta que o esperado.

— Oi, Nina. Tudo bem? — Pergunta de maneira simpática e educada.

— Oi Paolo. Tudo certo e você?

— Melhor agora — responde tentando ser charmoso — Minha irmã disse que queria falar comigo — Ele questiona curioso.

Bingo!! Sabia que a Gina tinha armado essa pra me sacanear. Ah eu mato!! Deixa a gente se encontrar.

— Não, Paolo. Gina deve ter se confundido, nós conversamos agora há pouco e nem mencionei seu nome, não sei de onde que ela tirou isso — Falo num tom moderado, para que não perceba que estou fervendo de raiva.

— Estranho!! Ela me ligou agora mesmo. Mas enfim, já estamos no telefone e aí que sair para jantar amanhã? Podemos ir num restaurante tailandês que inaugurou esses dias.

Fico totalmente sem graça, mas não tem jeito. Tenho que ser direta e finalizar essa ligação o quanto antes.

— Estou na praia Paolo e longe de Roma — Tento me esquivar, sem dar muitos detalhes. Não pretendo sair com ele, porque estou ficando com Luca. Mas também não vou ficar contando nada da minha vida.

— Está na praia? Que gostoso. Bom, da próxima podemos ir juntos, num dos fins de semana.

— Com certeza!! — Respondo com meias palavras, para não cutucar a fera que está me vigiando como uma águia protegendo o ninho.

— Beleza, Nina. A gente se fala depois. Beijos e até qualquer dia — Desligo e respiro fundo, finalmente a tortura acabou e posso ficar em paz. Bom!! Pelo menos acredito nisso. Só falta alguma outra pessoa me ligar e acabar com meu sossego.

— Pronto — Viro-me para Luca, que está com uma cara nada satisfeita — Ligação finalizada e tudo dentro do normal — Tento ser engraçada, mas percebo que não estou agradando.

— Por que não fez o que falei? — Pergunta seco, sem nenhum humor na voz.

— Fazer o quê? — Dou uma de boba.

— Cortar qualquer tipo de avanço, Nina. Dizer que não está disponível.

— Eu não vou sair com ele, Luca e também não preciso dar explicações. É simples, não estou interessada e acabou.

Luca bufa e não se dar por vencido retrucando.

— Poderia ter sido mais específica. Dito que está saindo com outra pessoa. Assim, o engomadinho mumificado, não ficaria atrás, te assediando sem parar.

— Mumificado? — Gargalho. Essa foi hilária.

— Não mude de assunto, Nina.

— E o que diria pra ele? Olha Paolo, estou tendo aulas de sexo e enquanto minhas lições não terminarem, não podemos nem ser amigos. Acho que ia ser bem esquisito — Digo sarcástica.

— Tenho minha opinião e acho que deveria ter dito a verdade. Mas você é adulta e sabe onde está pisando — parece contrariado e tento amenizar o clima.

— Vamos parar de falar dos outros e ficar juntos, não viemos para cá pra brigar ou discutir — Eu lhe dou um beijo sensual e atrevido, tirando o foco dos acontecimentos anteriores e parece surgir efeito. Logo, Luca se esquece e estamos nos agarrando no banco da praia.

— Vamos voltar. Quero te comer de novo e de novo — Sussurra cheio de volúpia.

— Hum, boa ideia!! — Agarra minha mão e logo me arrasta pelas ruas do bairro. Caminhamos grudados e cheios de intimidade, é tão gostoso ter sua companhia, me faz tão bem. Aproveito intensamente estes pequenos momentos de carinho, porque sei que nos aproximam, criam laços. Mesmo quando uma das partes, tenta lutar contra.

Passamos em frente a um mercadinho e falo.

— Não precisa comprar nada para tomarmos café amanhã? — Ele fica pensativo.

— Nem olhei a despensa — coça a cabeça em reflexão — Acho que vou levar, melhor sobrar a faltar.

— Também acho — Entramos no pequeno estabelecimento, que mais parece um empório e vasculhamos as prateleiras — Você prefere produtos integrais? — Resolvo perguntar. Porque pelo físico de Luca, duvido que seja de comer muita besteira.

— Sim, por favor.

Então pego pão integral, requeijão light, blanquet de peru, café, frutas e suco de uva Integral. Luca aparece com um pacote de rosquinhas doces, vindo do setor de padaria e sorrio achando graça. Pelo jeito é como eu, apaixonado por doces.

— Também gosto — aponto para o pacote.

Ele sorri de lado e fala:

— Doce é minha perdição, o pouco de gordura que tenho no corpo, é culpa disso. Ainda não consegui me abster de açúcar. Quer pegar mais alguma coisa? — Ele pergunta olhando ao redor.

— Não, acho que está bom para dois dias — Sibilo.

— Ah!! Vou levar vinho e queijo — diz ele animado — Não posso esquecer — E volta pelo mesmo corredor que passou à poucos instantes.

Faço mais uma inspeção mental e decido levar somente aqueles produtos do carrinho. Logo, sigo atrás de Luca e o encontro distraído, a procura de um vinho específico. Ele não percebe, mas logo atrás, há uma mulher que o come com os olhos. É mais velha, deve ter uns 45 ou um pouco mais. Porém, é bonita, elegante, bem cuidada. O ciúme bate forte e fico vermelha, com o rosto

em chamadas de indignação. Tudo bem que ele não usa aliança e não há ninguém ao lado. Mas a mulher é descarada e parece estar esperando apenas uma chance, para puxar conversa. Mas corto o barato e surjo ao seu lado.

— Oi!! — Eu lhe dou um selinho e puxo conversa — E aí achou o que está procurando?

— Estou em dúvida. Você gosta de vinho branco?

— Não sou conhecedora de vinhos, fique à vontade para levar qualquer um — Sou sincera, nunca fui muito de beber nada alcoólico.

— Ok, vou levar Chardonnay. Agora vamos pegar o queijo — E voltamos para a sessão de frios. Ele dá a volta e analisa atentamente cada embalagem, parece estar em dúvida novamente.

— E queijo, tem preferência?

— Não gosto de queijos fortes e salgados — Luca franze a testa em discordância.

— Os fortes são os melhores.

Faço cara de nojo e retruco:

— Vamos combinar, que tem uns queijos que fedem a chulé — Damos risada e ele volta a inspecionar a prateleira.

— Infelizmente, você tem razão. Mas vou ser bonzinho e comprar algo leve. Vou levar uma peça do queijo Brie, é satisfação garantida. Conhece?

Aceno negativamente e volto a olhar.

— É um dos tipos de queijo mais vendidos na França. Geralmente é combinado com espumantes, mas podemos tomar com vinho branco também.

— Fiquei na expectativa, deve ser uma delícia — digo de maneira sexy, para o provocar.

Luca se aproxima e cochicha.

— Delícia é essa bocetinha rosada.

Estremeço em expectativa, porque sei o que me espera ao entrar naquela casa. E aguardo o momento ansiosamente, ardendo de desejo em ser pega e apalpada.

Ele retorna à posição inicial e sorri, sabendo que estou pegando fogo. Canalha!! Adora deixar-me em alerta.

Seguimos para o caixa e enquanto esperamos, ficamos abraçados na fila. A moça que o media, está a três pessoas a frente, e ao olhar para trás, vê que a encaro e logo disfarça e se põe em seu lugar. Não vem não, querida! Encarar homem acompanhado, é falta de respeito com a classe feminina.

Pagamos e seguimos para casa. Mal coloco as compras na geladeira, sou levantada e sentada na bancada de granito. Luca ataca minha boca de maneira voraz e faminta. Deliro e suspiro com pequenos gemidos de prazer. Que beijo, que pegada, arfo de tesão e sou massa de sentimentos, querendo extravasar tanto desejo.

Abre minhas pernas e nossa dança erótica, sensual e safada começa. Só escuto o barulho da embalagem da camisinha e logo sinto o material no meio das minhas pernas. Estocadas começam devagar, de modo a me acostumar ao tamanho. Os gemidos guturais são tímidos e baixos no começo. A intensidade aumenta, à medida que a excitação sobe nas alturas. Vamos perdendo o

controle. Luca me penetra sem parar, rudemente e adoro tanta paixão. Sou sacudida, levada ao limite. As sensações estão na borda para explodir, todos os sentidos em alerta. E arfo e gemo do fundo da garganta, estremeço e parto-me em mil pedaços. Num orgasmo fenomenal que irá entrar nos top 10.

— Que delícia — Sussurro num fio de voz.

— Você é muito gostosa e apertadinha. Ainda estou duro e com vontade de mais — E lá vamos nós... rodada number two.

Acordo com frio, descoberta e sozinha na cama. O ar-condicionado está a mil. Credo que gelo!! Deve estar uns 18 graus no quarto. Luca é calorento, liga o aparelho para congelar o cômodo, daqui a pouco esbarro numa geleira. Falando nele. Onde se meteu?

Sigo para o banheiro da suíte, aproveitando por estar sozinha e faço minha higiene matinal. Fresquinha do banho, verifico o que vou vestir. Opto por um biquíni azul claro, que também é minúsculo. Ah Clara você me paga! E por cima uma saída de praia florida. Prendo o cabelo, coloco argolas brancas na orelha e óculos de sol. Visual perfeito para usar a piscina.

Ao descer a escada, sinto cheiro de café flutuando pela casa. Hum... bom demais! Penso comigo mesma. Nada como uma boa dose diária de cafeína, para iniciar o dia.

— Bom dia! — Diz Luca bem-humorado e beija-me nos lábios.

— Bom dia! Caiu da cama? — Pergunto e pisco.

— Com um dia lindo desse, não dá pra dormir até tarde. Olha o sol — Estende o braço e aponta para o céu azul, sem nenhuma nuvem à vista.

— Concordo!! Mas vamos saí, vamos aproveitar piscina? — Questiono, já imaginando que sim.

— Não, prefiro ir à praia, ficar na areia.

Empalideço. Imaginando ter que ficar na frente de várias pessoas, com esse biquíni bem pequeno da Clara. Ah não!! Luca parece perceber meu desconforto.

— Que foi, não quer ir?

Estou envergonhada, mas decido ser sincera.

— Esse biquíni é da Clara e sinto-me quase pelada. Está mais para uma tarja ou um biquíni de criança — Respondo acanhada.

— Deixa eu ver — Ele fala fazendo cara de safado.

Tiro a saída de praia e fico de costas para seu escrutínio. Escuto que respira fundo e sinto que se aproxima.

Cola seu quadril na minha bunda e diz:

— Esse biquíni não esconde nada mesmo. Mas você tá bem gostosa, e tem corpo para usá-lo, não se envergonhe e nem ligue para os outros. Geralmente, quem olha feio é mulher e por inveja, pode acreditar.

Dou risada, já me sentindo um pouco mais confiante e resolvo desencanar e aproveitar o dia.

Descemos de mãos dadas e vamos para a areia na direção da casa. O movimento ainda é tranquilo e há poucos banhistas transitando pelo lugar. Solicitamos o serviço de aluguel de cadeira e guarda-sol, e logo, estamos acomodados. Passo protetor no corpo e ofereço passá-lo em Luca, que aceita de imediato. Ao estarmos protegidos dos raios ultravioletas, descanso sem culpa na espreguiçadeira.

— Está gostando? — Ele pergunta de maneira distraída.

— Fim de semana na praia é tudo de bom, estava precisando disso. Apesar de ter uma casa aqui perto, depois que meus pais morreram, não tive mais clima de vir.

— Entendo, Nina. Ainda está se adaptando — Ele fala gentilmente.

— Isso mesmo, mas obrigada, foi uma ótima ideia.

Um quiosque nos oferece serviço de bar e peço um suco de abacaxi, para começar bem o dia ensolarado. A tarde foi maravilhosa!! Conversamos e nos conhecemos um pouco mais. Luca não é tão sério, carrancudo como se mostrou no começo. Em diversos momentos, vi seu outro lado, tão desconhecido para mim. Fez piadas, brincou e pareceu descontraído, arrisco até dizer feliz. Pena que tudo que bom, acaba logo. A tarde passou como um relâmpago e nem vi as horas passarem. Um às 17 horas o sol sumiu, dando lugar a uma nuvem densa e pesada, anunciando chuva de verão a qualquer instante.

— Vamos — Ele diz preocupado — Não quero estar aqui, quando a chuva cair.

Aceno positivamente e juntamos nossas coisas.

A caminhada é rápida até a casa, menos de dois minutos, estamos entrando no portão da garagem e para nossa surpresa, há outro carro estacionado.

— Droga!! — Luca sibila entre dentes — Não acredito que eles estão aqui.

Mexo-me desconfiado, ao ver sua reação.

— De quem é esse carro? — Pergunto com medo da resposta.

— Meus pais — Responde irritado — Eles dificilmente vêm pra cá no pico do verão, não gostam de agitação.

Oh... oh... agora a merda está completa. Se antes a Domenica desconfiava, agora terá certeza.

Capítulo 14

Empalideço com a novidade. Não acredito que Domenica está na casa, tenho vontade de me esconder. Mas para onde eu vou? Minha casa, que fica ali próximo, foi alugada para um mês inteiro.

— E agora Luca? Domenica irá saber que estou aqui — Questiono nervosa. Sei que somos adultos e não devemos satisfação para ninguém. Mas ela é minha paciente e não tenho nada sério com Luca, para ficar passando fim de semana na praia com a família.

Ele respira fundo, passa a mão no cabelo, o tirando do lugar, parece tão apreensivo quanto eu.

— Não tem o que fazer — Diz ele me encarando — Eles já viram meu carro e nossas roupas estão no quarto, agora é enfrentar a situação e não lhes dar muita satisfação. Se mamãe perguntar algo sobre nós, o que tenho certeza que irá acontecer. Diga que estamos nos curtindo, só isso, sem mais explicações.

Seu semblante diz que está decidido, tranquilo e completamente despreocupado. E eu aqui, tremendo dos pés à cabeça, com medo de invadir sua privacidade. Ah como você é tola, Nina!! Relaxe e aproveite a estadia. Coloco no rosto uma expressão normal, de quem não deve nada a ninguém e sigo Luca para entrada da casa. Logo na sala, já escutamos o barulho na cozinha, uma voz masculina e potente como a de Luca, ressoa pelo cômodo.

Eu o sigo calada, tentando controlar os nervos. Por fora, aparento confiança e convicção. Por dentro, pareço uma adolescente indo conhecer a família do primeiro namorado. Aliás, o que não deixa de ser verdade, afinal, não tive nenhum tipo de relacionamento antes disso.

Luca entra primeiro e chego em seguida. Domenica está de costas, cozinhando algo que não consigo identificar. Um senhor alto, bem-apessoado está ao lado, parecem íntimos e pela idade, deve ser o pai de Luca. Ele sorri ao nos ver, abraça o filho carinhosamente.

— Filho, que surpresa!! Por que não avisou que vinha?

Luca lhe devolve o abraço e uma leve batidinha no ombro.

— Resolvi vir no impulso pai, nada foi planejado.

O Senhor grisalho, se vira em minha direção, e olha-me curiosamente.

— E quem é essa moça linda? — Seu sorriso é encantador e demonstra que é um homem simpático e acolhedor.

— Essa é a Nina, minha amiga — Tenho vontade de tossir, com a palavra “amiga”. Mas ninguém precisa saber os detalhes sórdidos, da nossa amizade colorida.

— Prazer, Nina. Me chamo Benito — E estende a mão direita gentilmente.

— O prazer é meu, Benito — Devolvo o cumprimento, mantendo a mão firme.

Domenica, que agora está completamente virada para nós, sorri abertamente, como se tivesse recebido a notícia de ter ganhado na mega-sena. Seus dentes brancos e alinhados, estão a mostra e parecem reluzir, com os brilhos dos olhos. Percebo que sua mente trabalha a todo vapor e parece maquinar, mil teorias a nosso respeito.

— Nina, que ótimo que está aqui!! — Ela segue em minha direção e me abraça apertado.

Fico um pouco envergonhada, mas tento entrar no clima amigável.

— Obrigada, Domenica. Luca me convidou e não consegui resistir a um fim de semana na praia — Responde de maneira descontraída.

— Claro querida, fez bem!! Essa casa é tão grande e quase não temos visita. Será um prazer recebê-la. Acabei de assar uma torta salgada de alho poro. Sente-se, vou te servir um pedaço — Ela passa a se movimentar pela cozinha, com toda naturalidade de uma cozinheira nata. E fico ali, observando, como encontra cada utensílio nos grandes armários, percebe-se que gosta de cozinhar e conhece o funcionamento daquele lugar como ninguém. Sorrio, porque aprendi a cozinhar quando pequena, via mamãe aprimorando seu dom e ficava ao lado, pedindo para que me ensinasse. Domenica estende um pequeno prato, com uma fatia generosa da torta, o cheiro de alho temperado, me sobe as narinas e a boca se enche de água.

A primeira garfada é devastadora e tenho vontade de revirar os olhos de tão gostoso. Que sabor, que tempero.

— Que delícia!! Quero a receita — Digo cheia de sinceridade e volto a dar outra garfada.

— Gostou? Amanhã farei uma de morango é de lamber os dedos — Diz ela gesticulando com as mãos — Você cozinha, Nina? — Pergunta curiosa.

— Desde de pequena. Aos 9 anos encostava ao lado de mamãe na cozinha e não parava de amolar, até que me ensinasse — Falo sorrindo, diante daquelas lembranças tão vividas da minha infância.

— Hum, então hoje quem fará o jantar será você — Arregalo os olhos, diante do convite inesperado.

— O quê? E se não gostarem da minha comida? — Questiono insegura.

— Imagina menina!! Esses dois — Ela aponta os dedos para o Luca e seu pai — Comem qualquer coisa, não precisa quebrar a cabeça com nada elaborado — Resolvo aceitar o desafio e assinto positivamente.

Olho para Luca e vejo que nos observa atentamente, nada diz, parece um expectador no cinema, contemplando seu ator favorito. Monitorando cada movimento e ação.

Enrubesço e volto para minha conversa.

— Ok, só não diga que não avisei, se a comida for simples e sem sofisticação.

— A cozinha é sua, faça o que quiser.

— Onde fica a dispensa? — Pergunto — Vou ver se tem os ingredientes que preciso.

Domenica me mostra uma salinha ao lado da cozinha e rapidamente dou uma espiada, quanto aos produtos. As prateleiras estão cheias e variedade é grande. Desde caviar, ovos de codorna, até cogumelos.

Dou uma sapeada pela internet, em busca de um prato prático, gostoso e que não demande nenhum ingrediente excepcional. Opto por escondidinho de mandioca com shimeji e filé mignon. Pego o que preciso, levo até a mesa.

— Você tem filé mignon, Domenica?

— Deixe-me ver — Ela segue até o freezer e inspeciona o interior.

— Tenho sim, vou deixar descongelando. Não quer tomar banho primeiro, Nina?

Olho para meu corpo e vejo que estou cheia de areia ainda. Acredito que me limpar direito é a melhor opção.

— Você tem razão, já volto — Sibilo e rumo para o andar de cima.

Separo a roupa que irei colocar e entro no box, doida para me livrar daquela areia grossa colada ao corpo. A água quente me abraça com leveza e relaxo automaticamente, sentindo aquecer toda a pele. Começo a cantarolar uma música **da Avril Lavigne “I’m with you”**, que escutei na rádio no dia anterior. Adoro cantar, sei que minha voz é bonita, bem afinada e quando estou sozinha canto sem medo.

“ I’m standing on the bridge
I’m waiting in the dark
I thought that you’d be here by now

There’s nothing but the rain
No footsteps on the ground
I’m listening but there’s no sound

Isn’t anyone trying to find me?
Won’t somebody come take me home?

It’s a damn cold night
Trying to figure out this life
Won’t you take me by the hand
Take me somewhere new?
I don’t know who you are
But I, I’m with you
I’m with you “

Estou completamente distraída, e sinto seus fortes e grandes braços abraçando-me por trás. Arrepio-me e viro para fitá-lo. Sua beleza ainda me choca e arrebatava. Luca é másculo e viril ao extremo, um espécime que você sente vontade de se beliscar para saber se não está sonhando.

— Que voz linda, pequena. Nunca imaginei que cantasse tão bem assim.

Dou de ombros envergonha, porque não faço para chamar atenção, mas sim porque gosto muito.

— É só um hobby, nunca vai me ver cantando em público, só no chuveiro.

Ele franze a testa em descrença.

— Por quê? Sua voz é muito bonita, não devia ter vergonha.

— Mas eu tenho, acredite!! Só minha família já me viu cantar.

Luca balança a cabeça, não concordando com o que disse e retruca:

— Não devia se envergonhar, Nina. Pare com isso! Seja você, não se importe com a opinião

dos outros. Se está cantando bem ou mal, não ligue. Só aproveite e curta a vida, o momento.

Sua reprimenda me deixa sem graça, sei que tem razão, que me preocupo demais com o que as pessoas pensam, mas a vida inteira fui assim. Submissa, obediente e acatei tudo calada, hábitos recorrentes são difíceis de mudar.

— Eu sei que tem razão, Luca. Mas sempre fui desse jeito, a filha que nunca queria decepcionar, que se desdobrava para agradar. Só enxerguei minhas correntes com a morte dos meus pais, ainda estou em processo de mudança.

— O fato de admitir, já um passo na direção certa — Ele diz com os olhos vidrados em meus lábios, sinto sua ereção em minha barriga e excitação começa a dar as caras — Agora você vai ter que dar atenção ao meu amigo aqui embaixo, ou não vou conseguir descer para jantar — sinaliza com a maior cara de safado e me ajoelho para o aliviar.

Após nossas sacanagens no box, descemos limpos e arrumados.

— Olha quem apareceu!! — Domenica brinca e pisca de maneira sapeca — Achei que o jantar ia virar almoço ou que a Nina já ia sair com meu neto na barriga — Ela e Benito se olham e sorriem, Luca faz uma careta e repreende.

— Menos né mãe!!

Enrubesco como um tomate e tomo meu lugar na cozinha. Começo a separar os ingredientes e fazer o passo a passo.

— Hum... está um cheiro ótimo, querida — Ela diz animada e carinhosa.

Luca foi para sala com o pai e ficamos só nós duas. E como o esperado, puxou papo sobre minha relação com seu filho.

— Vou confessar que estou muito feliz em vê-los juntos. Meu filho andou bem distante e insensível nos últimos anos — Minha curiosidade fica aguçada e quero saber mais, o porquê Luca é desse jeito, tão repulsivo a relacionamentos — Cheguei a achar que nunca se relacionaria de novo.

— Por que ele é assim, Domenica? — Ela franze a sobrancelha em dúvida e parece lutar internamente.

— A história não é minha e nem deveria te contar. Mas sei que Luca não irá abrir a boca, é fechado demais para se abrir.

— Pode confiar em mim, não falarei nada. Prometo!!

Ela volta a pensar e narra calmamente o que aconteceu.

— Luca namorou quase cinco anos, uma colega de classe da faculdade. Era apaixonado por Natalie, dizia para todo mundo que iriam casar. Mas um belo dia, ela terminou do nada, disse que estava cansada da rotina e mesmice. Luca ficou arrasado, já tinha planos e sonhos em construir uma família, parecia enfeitiçado por aquela garota. Enfim, para finalizar a porcaria toda. Ele pegou um amigo transando com a Natalie, no banheiro de uma balada, dias após o termino do namoro — Os olhos de Domenica se enchem de lágrimas — Luca mudou completamente depois disso, ficou duro, descrente do amor. E infelizmente, acredita que todas as mulheres são iguais, ou seja, não são dignas de confiança.

Respiro fundo, e começo a encaixar o quebra-cabeça. Agora sim, as coisas fazem sentido.

Entendo toda a resistência em se relacionar, sua ojeriza a se relacionar. Coitado!! Deu o coração para uma safada e se deu mal. Mas Luca precisa saber diferenciar as pessoas, ninguém é igual ou merece ser julgado antecipadamente.

— Sinto muito — Sussurro de coração, pois sei que deve sofrer, vendo o filho se afastando da possibilidade de qualquer relacionamento.

— Não sinta — Ela sibila animada — Estou vendo uma luz no fundo do túnel, com você, ele está diferente, parece mais zeloso, cuidadoso. Nunca tinha visto ficar desse jeito com ninguém, após a Natalie. E Benito pensa a mesma coisa.

Comenta em tom de segredo, falando baixo.

— Olha Domenica!! Não estamos num relacionamento como você acha. Luca já deixou claro, que o que temos é temporário — Falo sendo sincera, para não deixar dúvida ou expectativas.

— Conheço meu filho, Nina. E vejo que está diferente. Primeiro, nunca trouxe nenhuma garota aqui nessa casa, você foi a primeira. E sabe por quê?

Aceno que não.

— Porque aqui é a casa da sua família, um lugar sagrado, intocável e ele não pensou duas vezes em trazê-la.

Sua convicção estava quase me convencendo, mas não podia entrar nessa paranoia. Luca não me deu esperança alguma e isso é um fato. Não temos nada sério;

— Não sei Domenica, não quero me magoar e sei que mesmo pensando assim, ainda vou sair machucada quando ele não me quiser mais.

— Não posso te dar certeza de nada — murmura — Mas que meu filho está diferente, isso está.

Uma fagulha de esperança acende meu coração e por mais que tente ser fria e imparcial, uma alegria absurda inunda meu peito, só de ter a mínima possibilidade que Luca sinta algo por mim.

Capítulo 15

Faço o jantar matutando em tudo que Domenica disse. Assim que os dois voltaram a cozinha, encerramos o assunto e ficamos jogando conversa fora. Luca tem muita sorte, seus pais são adoráveis e ótimas pessoas, deixaram-me à vontade, como se fosse parte da família. Confesso que por um certo momento, o invejei. Só quem perdeu os pais, sabe o quão dolorido e triste é, não tê-los por perto. Daria tudo para que pudéssemos conviver por mais uns anos. Fico ali, espiando a interação daquelas pessoas. Como uma expectadora, sedenta e faminta, por um pouco daquele carinho. Mas infelizmente, com o meu histórico, nem tão cedo terei isso, nada posso esperar dos meus parentes paternos. Espero um dia me casar e ter isso junto com um marido, filhos e minha irmã caçula. É o mais perto que chegarei da perfeição.

Termino o escondidinho de mandioca e o coloco no forno, daqui a 30 minutos estará pronto. Sigo para sala e todos estão sentados numa conversa animada.

Escuto Domenica falando ao telefone.

— Sim querido!! Te espero aqui — Desliga e seus olhos brilham em satisfação.

— Quem era? — Luca pergunta despreziosamente.

— Ângelo está vindo para cá com o Marcelo — Responde e sorri. Não faço ideia sobre quem é Ângelo e Marcelo, então fico só observando.

— Achei que estivesse viajando ainda — Diz Luca pensativo.

— Chegou agora no aeroporto, irá passar em casa para pegar Marcelo e vem para cá.

Ao ver que estou calada, sem participar da conversa, Domenica me atualiza sobre os novos convidados.

— Ângelo é meu filho mais velho e Marcelo é seu marido — Explica num tom calmo e sereno, e fico surpresa, ao saber que o irmão de Luca é gay e ainda por cima casado. E passo a admirar ainda mais aquelas pessoas, por passaram por cima de qualquer preconceito e aceitarem o filho como é.

Colocamos um filme e decidimos esperar Ângelo, para jantarmos todos juntos. O filme de terror começa, e me aproximo de Luca. As cenas são fortes e tensas. “ Invocação do mal”, se desenrola a minha frente. Não quero demonstrar que estou apavorada como uma idiota, mas infelizmente não consigo, Luca sorri e me abraça.

— Tá com medo, pequena? — Arregalo os olhos e aceno que sim.

Ele gargalha e sibila:

— Não seja boba!! Isso é tudo mentira.

— Você não viu que é baseado em fatos reais?

— Pode ser que algumas coisas sejam verdadeiras, mas a maioria é colocada para dar veracidade ao filme, meter medo no público. Pode acreditar que não aconteceu nem um terço do que é mostrado aí.

Pensando friamente, acho que Luca tem razão. Mas não consigo controlar meu cérebro e continuo me contorcendo a cada cena macabra e maligna.

A pior de todas, foi quando a dona da casa, está possuída por demônio e os personagens tentam expulsá-lo, numa luta ferrenha. Estou absorvida pela ação e apavorada até o último fio de cabelo. Luca, havia levantado para ir à cozinha e nem percebi sua traquinagem. Enquanto estou com os olhos grudados da tela, tensa e encolhida, sinto mãos puxarem meu pé, vindo de trás do sofá, dou um grito e salto para o meu meio da sala. Domenica e Benito me olham sem entender nada, e Luca aparece na parte de trás do sofá. Rindo alto e sem parar.

— Seu ridículo!! — Murmuro alto, não achando graça e logo todos estamos rindo também. Caí como uma boba em sua armadilha.

— Ah Nina, achei que iria correr para o quintal de tanto medo.

— Esse filme é sinistro e você ainda vem puxar meu pé no escuro. Nem sei o que pensei!! Quase tive um troço, isso sim.

Todos continuam rindo e logo escuto um barulho de moto na parte da frente. Benito dá uma pausa no filme e vamos receber o irmão e cunhado de Luca.

Os dois são lindos e sinto uma pena enorme, por minhas amigas solteiras. Aqueles dois gatos, estão fora do mercado.

O da frente provavelmente deve ser o Ângelo, pois é loiro e tem lindos olhos azuis, como o da mãe. O cunhado é branco, de cabelo preto e olhos escuros, são altos e fortes, do tipo que frequentam academia.

— Oi filho!! — Domenica o abraça carinhosamente — Fez boa viagem? — Pergunta ainda lhe segurando.

— Fiz sim, mãe. Deu tudo certo — Responde e segue para abraçar o pai.

Todos se cumprimentam e fico por último.

Ângelo e Marcelo param a minha frente com o cenho franzindo. E a pergunta está estampada em suas faces “ Quem é essa garota?”, e Domenica se adianta e responde:

— Essa é Nina, amiga do Luca — Diz essa frase e movimenta as mãos, num gesto de aspas. E todos dão risada.

— Mãe!! — Luca a repreende novamente, porém ela nem parece ligar.

— Prazer em conhecê-la Nina — Ângelo se aproxima, me dá um beijo no rosto e sussurra — Sabemos que é quase uma namorada — Volta a se endireitar e pisca discretamente. Tenho vontade de rir, porque seu irmão é uma figura e já gostei dele. Marcelo cumprimenta-me calorosamente com um abraço apertado e parece ser tão legal, quanto o marido.

Entramos na casa, e seguimos para mesa de jantar, que já estava posta e à espera de nos sentarmos. Tiro a travessa do fogão, coloco no meio da mesa, aos poucos todos vão se servindo. Mesmo com bastante dinheiro, percebe-se que são simples e sem frescuras. Não perdem tempo com formalidades e firulas. Cada um se serve, comendo e ainda repetindo.

— Hum mãe, que comida gostosa!! — Fala Ângelo se deliciando.

— Foi a Nina que fez — Domenica comenta e olha-me em cumplicidade.

— Só pra constar, você já me ganhou, cunhada — Sibila Marcelo, fazendo cara de quem estava gostando de ver o circo pegar fogo — Está pronta para casar.

Olho para Luca, e seu semblante diz, que não está curtindo a brincadeira. Envergonho-me na hora e devo estar da cor de uma pimenta malagueta.

— Para Marcelo!! — Fala Ângelo, tentando consertar o clima que se instalou no ambiente — É que a gente gosta de pegar no pé do Luca, só isso — Dou um sorriso e volto a comer.

Logo deixo de ser o centro das atenções e a conversa na mesa se envereda por outros assuntos.

— Vou vender minha moto — Sinaliza Ângelo — tô vendo um modelo mais novo.

Fico ali escutando e pensando que se tivesse dinheiro, a compraria com certeza. Mas também nem sei o valor, por já estou descartando.

— Você vai colocar para vender agora? — Pergunto curiosa e doida pra saber mais detalhes. Quem sabe posso pedir um empréstimo no banco e pagar a perder de vista. Tirei minha carteira de habilitação, aos dezoito anos. No início, tive intenção de comprar uma lambreta, afinal na Itália, é o veículo mais popular das ruas. Mas mamãe foi contra, e como a vida inteira segui as regras, deixei meu sonho de lado, para ser a filha obediente.

— Não vou demorar muito para anunciar, já andei pesquisando outra moto. Está interessada? — Pergunta sorrindo amistosamente.

— Estou — Respondo com sinceridade — Bem!! Na verdade, primeiro preciso ir no banco saber da minha linha de crédito, mas acho que consigo comprar.

Ângelo parece animado diante da perspectiva de vendê-la rapidamente.

— Eu espero você verificar com o banco, marque meu telefone e me avisa quando estiver... — Luca corta nossa conversa.

— Você não vai comprar aquela moto, Nina. Pode esquecer!!

Todos as cabeças viram em sua direção e fico atônita com seu autoritarismo.

— Por que não? — Pergunto furiosa, não gostando do modo como falou.

— Porque aquele motor é potente demais e fora que não é moto para mulher. Compre uma lambreta, é mais feminino.

Não posso acreditar em tanto machismo. Que pensamento cafona em pleno século 21. Hoje em dia, não tem mais nada que mulher não possa fazer, até pilotar uma moto grande já é possível.

— Mas eu quero uma moto grande, Luca. Mesmo que fique na ponta do pé — respondo pra o afrontar. Posso até não comprar, mas não aceito mais ser podada das minhas vontades, dos meus desejos. Se ele quer ter minha companhia, precisa respeitar minha opinião.

— Luca — Seu irmão lhe chama a atenção — No moto clube que frequento, tem garotas do tamanho da Nina, andando de Harley-Davidson, não vejo problema algum.

— Tá vendo — Respondo e aponto para Ângelo — Tenho certeza que consigo — Falo de coração, sabendo que posso demorar um pouco para me adaptar, mas sei que dou conta.

— Não estimula essa sandice, mano!! — Diz Luca irritado — Aquelas garotas querem é ficar desfilando de shortinho curto pelo trânsito, chamando a atenção porque estão numa moto grande.

Um silêncio sepulcral se instalou na mesa e quando Luca se dá conta do que disse, todos o

olhavam com um sorriso de deboche. Ele nem se deu conta, que acabou de ter uma crise de ciúmes na frente da família. Tenho vontade de rir, mas mantenho-me quieta, apenas o encaro.

Luca bufa e percebe o quanto se expôs.

— Bom, estou com sono, vou subir. Você vem Nina?

Levanto devagar e me despeço de todos. Ainda vejo pequenos sorrisos estampados e Domenica pisca, como se dissesse. “Tá vendo, não disse que meu filhos esta diferente”.

Ao entrarmos no quarto, abaixo-me e mecho na mala, pego uma pequena camisola branca e vou retirando o vestido. Sinto sua presença, sem nem me virar. Luca cheira meu pescoço e arrepio-me inteira.

— Então, vai comprar a moto mesmo que eu não queira?

Questiona de forma sedutora, tocando-me nos braços e depois subindo para os seios. Os dedos beliscam meus mamilos suavemente, estimulando a libido, mexendo com meu imaginário.

— Vou — respondo num gemido sensual.

Ele continua a me apalpar e logo enfia a mão na minha calcinha. Estimula o clitóris suavemente, e o prazer começa a dar as caras. Gemo e me contorço em seus braços, está delicioso. Sua voz rouca e forte, soa próximo ao ouvido, intensificando ainda mais, o tesão que já me assola fortemente.

— Vai continuar teimando com essa ideia? — Pergunta quase ofegante, sei que está doido para me comer.

Quase não consigo responder, porque o prazer está me tomando completamente. Falta pouco para que eu goze.

— Sim — Gemo me remexendo sobe seus dedos.

Quando estou quase gozando. Luca recolhe sua mão. Viro-me e o encaro, estou surpresa por ter parado. E logo percebo seu jogo sujo. Cachorro!! Me deixou na vontade de pirraça.

— Enquanto não desistir dessa maluquice, não tem sexo.

Faço cara de indignação e retruco:

— Vai me deixar na vontade, toda molhada? — Pergunto zangada.

— Eu posso voltar atrás. Mas você sabe o que tem que fazer.

Bufo, se ele pensa que irá me dobrar, está enganado.

Sigo para o banheiro da suíte e fico me contorcendo de frustração por não ter gozado. Olho para a banheira e decido enchê-la. Entro, a água está gostosa, morna. O tesão continua incubado em meu corpo, não consigo relaxar e uma ideia surge em minha mente. Já li em várias revistas, que a mulher tem que saber se dar prazer, para vivenciar um ótimo sexo com o companheiro. Nunca me masturbei, mas diante da negativa de Luca, preciso me aliviar de alguma forma. E nada mais justo, que fazer isso ao seu lado na cama, duvido que irá ficar só olhando. Saio da banheira, seco-me e volto para o quarto sem roupa mesmo. Ele está deitado, sem blusa, e olha a tela do celular, parece relaxado e distraído. Assim que deito, vejo que me espia passando, finge não ligar. Deito ao seu lado, completamente pelada, puxo o lençol até cobrir minha cabeça. Respiro fundo e começo a me tocar, nem sei direito o que fazer, enfio o dedo entre as dobras e

localizo meu clitóris, que ainda está sensível, o tóco e sinto uma certa secura, enfio dedo em minha vagina em busca de lubrificação. Aos poucos, sinto que começo a sentir prazer e continuo a manipular com certa timidez. O tesão aparece do nada e gemo baixo, porém, acredito ter sido ouvida. Luca levanta o lençol e vê minha traquinagem, sei que estou sendo observada, mas não ousou encará-lo.

— Porra, Nina. Aí é sacanagem!! Se masturbar ao meu lado — Ele respira fundo, e parece lutar para se manter longe. Nem lhe dou confiança, estou conseguindo o que quero, tirar o seu sossego. Continuo a me tocar, está gostoso e saber que tenho um expectador, deixam-me a ponto de bala. Gemo cada vez mais alto e logo sinto seus lábios me chupando o mamilo.

— Isso pequena, se toca e me deixa olhar. Faz isso para o teu homem — Luca fala com aquela voz rouca e cheia de tesão, tirando-me do prumo. Arrebatando-me para outro lugar. Um grito de prazer surge do fundo da minha garganta e gozo forte e intensamente. Luca me beija de maneira esfomeada, como se sua vida dependesse daquilo. Escuto um barulho de plástico rasgando e logo o sinto se posicionando sobre meu corpo, enlouquecido de luxúria e tomo uma decisão maldosa, que irá lhe deixar puto.

— Não!! — O empurro o peito, deixando bem claro, que não iremos transar.

— O quê? — Pergunta indignado e surpreso.

— Vai mudar de ideia sobre a moto? — Questiono com a mesma cara que ele fez. Se ele pode fazer. Por que eu não posso?

Luca percebe que não iremos chegar a lugar algum e resolve negociar.

— Mas não será uma moto como aquela, compraremos um meio termo, nada muito grande. Ok?

Ele aguarda minha resposta e resolvo ceder um pouco também.

— Ok. Eu aceito — E lhe dou um sorriso safado, rapidamente sou deitada na cama e fodida com força a noite toda.

Prometi algo a mim mesma. Nunca mais deixarei ninguém tomar as decisões por mim. Quero sempre ser consultada e ter o poder de decidir o rumo da minha vida. Independentemente de Lucas gostar, ou não. Meu destino, minha decisão!!

Capítulo 16

Acordo com o barulho do chuveiro, o som vem do banheiro da suíte. Olho para o lado e a cama está vazia, imagino que Luca deva ter se cansado de dormir. O visor do celular, sinaliza que são 08:00 ainda, espreguiço-me sem coragem alguma para me levantar, continuo deitada e com olhos semicerrados. Mexo-me, e os músculos reclamam de tanto serem usados, sorrio de maneira sapeca, pelas lembranças da noite anterior. O sexo foi rude, vigoroso e viril, sei que Luca estava aborrecido, porque não cedi a sua vontade e capricho, mas acho que pretendo desafiá-lo outras vezes, só para receber esse prêmio tão maravilhoso, “Sexo cru”. Que homem e que disposição.

A água ainda continua correndo, então pego o controle e ligo a televisão. Adoro ficar passando os canais, sem prestar atenção em nada específico. Obvio que só faço isso na televisão do meu quarto! Minha irmã odeia essa mania e me mataria. Chego nos canais internacionais e fico passando os jornais do mundo inteiro. Paro no noticiário do Japão e presto atenção em tudo que é falado, uma saudade atroz bombeia meu peito e quase curvo-me de tristeza. Aquela língua que tanto falei dentro de casa, remete-me a tempo bons e alegres, ao qual mamãe era viva e fazia questão que falássemos sua língua materna, dizia ser uma forma de nunca esquecer de casa, de preservar seu lado oriental e costumes. Mas como criança aprende tudo com extrema rapidez e facilidade, falávamos japonês e italiano numa boa. Papai sorria e incentivava, dizia que devíamos aproveitar a oportunidade de aprender ainda jovens.

Tomo um susto com a aquela voz grave.

— Hey, bom dia! — Abaixa-se e me dá um leve selinho — Tá com preguiça?

Apenas mexo a cabeça, sinalizando que sim e continuo olhando para a tela.

— Noticiário em japonês? — Pergunta com o cenho franzido, despretensiosamente — Parece até que está entendendo o que eles dizem — Luca sibila, tirando uma com a minha cara.

— Deve ser porque eu realmente entendo — Digo com o rosto ainda afundado no travesseiro e reviro os olhos.

Ele para de colocar a bermuda e volta a me encarar.

— Putz, sua mãe era japonesa!! Às vezes esqueço que você é mestiça italiano com Pokémon.

Olho para ele e faço uma carranca, para que pense que fiquei brava.

— Tava brincando, pequena!! — Ele levanta os braços em sinal de paz.

— Eu também — digo rindo e logo estou com seu corpo pesado me fazendo cócegas.

— Se algum dia, eu tiver negócios com os japoneses, te chamo para ser minha tradutora — Diz ele de forma sexy, me fazendo suspirar por ser tão sortuda — Vamos descer, estou com fome e sentindo cheirinho de café fresco.

— Vou tomar banho, vai indo na minha frente — resmungo sem sair do lugar.

— Se dormir, eu venho te pegar, hein — Murmura ele com o dedo em riste e logo sai do quarto. Estou cansada e com uma vontade imensa de cair na cama e dormir novamente. Mas não posso, além do mais, hoje é nosso último dia aqui, quero aproveitar cada instante ao seu lado.

Tomo uma ducha e coloco um short vermelho, com uma blusinha branca. Com o bronzeado de ontem, já dá uma bela realçada na pele. Sinto-me bonita e com aparência saudável, bem diferente da garota desbotada, que chegou na sexta-feira.

Ao chegar à sala de estar, todos já estão se acomodando na mesa de jantar.

— Bom dia!! — Declaram em uníssono.

Respondo educadamente e ofereço ajuda a Domenica.

— Tome seu café tranquila, Nina. Quando venho para cá, gosto de cozinhar e dispenso a caseira. É meu momento em paz com a família — Fala simpaticamente e percebo que mesmo com dinheiro, é uma mulher humilde e de hábitos simples.

Ângelo e Luca trazem pequenos cestos da cozinha, junto com um bule de inox e uma jarra de vidro com suco.

Na mesa temos pão doce, croissant salgado e com recheio de nata. Algumas frutas como mamão e melão. Café e suco de laranja. Meu estômago ronca em expectativa e olho ao redor, para ver se ninguém escutou.

A conversa flui com facilidade e vejo o quanto Luca se dá bem com o irmão e cunhado, nada parece abalar aquele entrosamento familiar, percebe-se o quanto se amam e são felizes.

Suspiro e penso que adoraria tê-los em minha vida. Que amaria ser namorada de Luca, nora de Benito e Domenica e cunhada de Ângelo e Marcelo. Que adoraria passar natais, feriados e datas comemorativas no seio daquela família. Mas infelizmente, minha realidade é outra e por mais que seja doloroso, só posso contar com minha enxuta família. Que se resume a Clara e Snop. Coloco esses pensamentos de lado e foco em aproveitar o domingo.

— Vamos fazer o que hoje? — Luca pergunta para o pai, que na hora faz uma careta e responde.

— Tô cansado filho, eu e sua mãe estamos querendo ficar aqui na piscina mesmo. Mas fiquem à vontade para passear, vão curtir que vocês são jovens — Sibila Benito de maneira relaxada.

Ângelo que parece ser muito grudado com os pais, já sinaliza.

— Vim passar o fim de semana com vocês, se querem ficar, eu proponho curtimos a piscina então.

Acho justo a posição de Ângelo e defendo.

— Também não me incomodo, ficar na piscina está ótimo — Falo sorridente, porque ali o que mais importa é a companhia. Luca me olha agradecido e pisca o olho direito.

Logo estamos todos ao redor da água e o sol está a pino, em plena 10 da manhã.

— Benito!! Vai passar protetor solar homem, aliás vocês três — Aponta Domenica para eles — Tenho certeza que a Nina já passou.

— Já sim, num sol desse, não saio de casa sem — Revelo minha preocupação com a pele.

— Faz bem, querida. Sua pele é muito bonita para ficar queimada. Olha o Luca como está rosa, depois parece uma cobra descascando — Gargalho imaginando a cena e ofereço-me para o serviço.

— Vem cá, eu passo protetor — Sussurro perto do ouvido e vejo que se arrepia com a proposta. Menino safado!! Mas aqui não é lugar para animo, estamos na beira da piscina com os familiares ao redor.

Ele se deita de bruços na espreguiçadeira e parece estar escondendo a parte da frente. Imagino o que seja!! Sua ereção deve ter dado as caras. Tenho vontade de perguntar, mas descido deixar o assunto de lado, para que o corpo relaxe e volte ao normal.

A manhã se estende e após almoçarmos, decidimos jogar uma partida de vôlei na piscina.

Marcelo, Ângelo e Luca se revezam e montam a rede no meio da piscina.

Fazemos duplas e iniciamos o jogo.

Já prevejo que irei me dar mal, afinal sou a menor de todos.

— Estou ferrado!! — Diz Luca tirando uma onda — Nina é muito pequena, dificilmente irá pegar as cortadas de vocês.

Pensando friamente, é injusto jogar com aqueles dois grandões, mas não custa tentar. Não me dou por vencida e invisto pesado, dando tudo de mim. O fato de boiar, ajuda-me a ter impulso e milagrosamente, consigo conter algumas cortadas.

O jogo está equilibrado, Luca não desiste e se desdobra na piscina. Mas Ângelo e Marcelo são extremamente competitivos e sua altura, é um fator chave para a vitória.

Placar final 20 x 13 e temos que amargar a derrota para meus cunhados.

A tarde começa a chegar, e decidimos ir embora, porque é inevitável o trânsito que pegaremos na estrada. Fim de semana, sempre tem movimento ao voltar para Roma.

Junto minhas coisas, prestando atenção para que nada seja esquecido. Faço uma dupla checagem em baixo de cama e dentro do banheiro, sou rainha, em esquecer as coisas.

— Pegou tudo? — Luca questiona.

— Sim, acabei de olhar novamente. Sabe como é, né?

— Não tem problema!! — Sibila me abraçando — Se esquecer algo, quando viermos aqui de novo, você pega.

Surpreendo-me com essa afirmação. Pois tenho agido, como se cada encontro pudesse ser o último.

Dou um sorriso sem graça e trato de colocar as rodinhas da mala, para deslizarem em cima do piso.

Me despeço de todos, com o convite de voltar quando quiser, senti-me querida e bem recebida e se fosse por mim, viria sempre que pudesse.

Pegamos um pouco de lentidão, na via Cristoforo Colombo, até a Lungomare Lutazio Catulo, dali seguimos pela SP601 e seguimos para Viale Paolo Orlando, e nesse trecho o trânsito foi ficando ameno.

Com o balanço do carro, meus olhos começaram a ficar pesados e aos poucos um sono gostoso e relaxante vai me dominando. Luto ferozmente, para me manter desperta e acordada, mas adoro um sacolejar do veículo, fico quase em transe, sem perceber o momento exato em que fui tragada. Acordo com a boca seca e sentindo calafrios. Que estranho!! Abraço-me para conter

o gelo que me devora. O ar-condicionado deve estar ligado no máximo.

— Que frio!! — Sibilo batendo os dentes — Diminui o ar um pouquinho — Peço e encolho-me no banco do carona.

— O ar não está ligado, pequena. Inclusive as janelas estão trancadas, não tem vento circulando — Mesmo dirigindo, Luca se aproxima e coloca a mão em meu pescoço — Você está quente, Nina. Parece febril.

Engulo a saliva e sinto a garganta arranhando. Que ótimo!! Fiquei a tarde toda na piscina, agora a garganta cismou em inflamar.

Faço uma careta para engolir a saliva e murmuro:

— É a minha garganta, parece estar inflamada. Nossa, está doendo para caramba!! — Digo mais para mim mesma.

Luca me olha com o cenho franzido e parece preocupado.

— Você tem alguma roupa quentinha na mala? — Respondo que não, e encolho-me mais ainda — Então vamos passar na sua casa, troca de roupa e vamos direto para o hospital;

Já inicio meu discurso, que não é necessário esse alarde todo.

— Não precisa!! Se continuar, amanhã passo num pronto-atendimento — Murmuro de maneira simples e prática.

— Pode esquecer, Nina. Não irei te deixar em casa, queimando de febre. Aliás, junte suas coisas e você dorme na minha casa, amanhã te deixo no trabalho.

— Mas eu preciso ver minha irmã, Luca. Passei o fim de semana fora.

Falo preocupada, não quero que Clara se sinta deixada de lado.

— Vamos subir!! Você conversa com ela e depois vamos ver essa infecção.

Como a criatura é teimosa e dura na queda. Decido aceitar, porque infelizmente não estou bem para rejeitar ajuda.

Ao descer do carro, Luca me instrui para ir andando ao hall do prédio, que irá retirar minha bagagem do porta-malas. Estou congelada, tremendo dos pés à cabeça, e decido aceitar a sugestão. Enquanto sigo pela calçada, com os braços enrolados no corpo, pelo canto do olho, vejo uma movimentação estranha do outro lado da rua. Viro a cabeça rapidamente e consigo ver um cara, se agachando atrás de um carro, com um celular na mão e parece se esticar para tirar fotos minhas. Congelo no lugar, e olho na direção que está escondido, o idiota pensa que não o vi. Ele continua entocado, tentando se fazer de invisível. Luca se aproxima e pergunta:

— Por que está olhando para o outro lado da calçada?

— Tem um cara ali escondido, e tenho a nítida impressão que estava tirando fotos minhas — Continuo encarando o espaço que antes era do estranho.

Luca parece pensar um pouco e quando vejo, está atravessando a rua. Tento interceptá-lo, mas quando vejo já se foi.

— Luca. não!! — Grito alto e isso desperta a atenção do homem escondido, que ao ver que será confrontado, corre feito um louco pela calçada e desaparece pela avenida transversal. Saio numa disparada, que parecia um queniano correndo em uma maratona.

— Porra, Nina!! Você tinha que gritar? Agora esse pilantra fugiu.

— Foi melhor assim e se ele estivesse armado, hein? Enlouqueceu?

Ele põe a mão na cintura e parece aborrecido. Frustrado até.

— Se vir esse escroto de novo, fique num lugar movimentando e me avise. Estamos combinados?

Digo que sim e sinto um certo temor. O que aquele homem quer comigo? Porque estava tirando fotos minhas?

— Bom, vamos subir e conversar com a sua irmã.

Em poucos segundos entramos no apartamento, Snop corre e vem nos receber. Meu cachorro está bem melhor e logo irá retirar a tala da perna. Faz uma verdadeira festa ao nos ver.

— E aí amigão, dando muito trabalho para sua dona, cara? — Luca, faz um leve carinho em sua cabecinha peluda e em troca, leva umas lambidas na mão.

Snop late alto e logo a porta do quarto de Clara se abre. Minha irmã está só de camisola e ao nos ver, tranca a porta novamente. Algo me diz que está acompanhada, espero que seja Enzo, não outro cara;

Menos de cinco minutos, ela aparece vestida na sala e em seu encalço se encontra Enzo.

— Oi — cumprimento os dois com um sorriso.

Enzo se aproxima e me dá um beijo no rosto.

Apresento o Luca imediatamente. Os dois se olham, e Enzo estende a mão para ele educadamente.

— Que cara é essa? — Clara pergunta, vendo meu estado.

— Estou com febre, minha garganta tá quase fechando.

— Eu te levo ao hospital, mana. Você nos leva, Enzo? — Ela pergunta para seu namoradinho.

— Claro! Estou de carro, não tem problema.

De imediato, Luca entra na conversa.

— Não precisa!! Nina vai trocar de roupa e estamos indo agora mesmo, no Pronto-atendimento. Obrigada, Enzo!

Clara arregala os olhos e parece surpresa com os cuidados que estou recebendo e fico tranquila também, afinal, minha irmã não ficará sozinha pelo resto da noite.

Sigo para meu quarto, coloco uma calça jeans, um suéter e uma sapatilha. Faço uma pequena muda de roupa, enfio numa mochila e logo estamos deixando meu apartamento.

— Clara, se precisar de alguma coisa, me liga, tá?

— Não vai dormir aqui?

— Não!! Ao sair do hospital, vou dormir na casa do Luca — Minha irmã pisca um olho discretamente e dá um sorriso de lado, como quem diz” Aos poucos ele está sucumbindo”. Mas ignoro sua performance e sigo para a saída.

Nos despedimos e rumamos direto para o PS do Holy Spirit hospital. Faço a ficha e aguardo passar pela triagem. Ao dar mais detalhes a enfermeira, logo sou encaminhada para outra recepção, afim de aguardar a consulta médica. Um clínico me atende em 20 minutos, sou examinada de imediato.

— Vou te receitar um antibiótico, porque a infecção já está se alastrando. Prefere tomar uma injeção intramuscular ou tomar medicação via oral?

Penso um pouco e prefiro a injeção, assim irei melhorar mais rápido. Me encaminham para a sala de medicação e lá tomo uma dolorosa injeção de Penicilina. Saio mancado pelo corredor e quando já estou chegando onde Luca me aguarda, sinto uma mão tocar meu ombro.

— Paolo!! — Digo surpresa, pois até onde sei, ele está tralhando em outro lugar.

— Oi, Nina. O que está fazendo aqui? — Seu semblante parece preocupado.

— Ah, não é nada sério!! Só uma garganta inflamada — Murmuro despretensiosamente.

— Quer ajuda? Posso falar com o médico que te atendeu.

Atrás de mim, surge uma voz forte e rouca como um trovão.

— A Nina já foi atendida e medicada, não precisa se incomodar — Luca está as minhas costas e com uma cara nada feliz.

Capítulo 17

Paolo fita meus olhos em busca de uma explicação, mas minha língua parece estar travada no céu da boca e minha mente em branco, não sei o que dizer. Tenho ciência que não temos nada, nem sequer tivemos qualquer contato físico, mas no fundo, percebi o interesse de Paolo e não fiz nada para dissuadi-lo. Um sentimento ruim se instala na boca do estômago, mas infelizmente nada posso fazer. A não ser tentar ser gentil e educada.

Após alguns segundos percebo que preciso controlar a situação e desperto do transe.

— Obrigada pela gentileza, Paolo. Acabei de sair da sala de medicação e tomei uma injeção de Penicilina. Acho que pela manhã já estarei bem melhor — Sorrio sem graça e ao olhar para trás, o rosto de Luca esta impassível, sem demonstrar emoção alguma, os dois se encaram e ali, sinto que há uma conversa não falada, mensagens não ditas. Volto a encarar Paolo e seus olhos estão brilhando em desafio, não arreda o pé e continua parado no mesmo lugar. Pigarro e resolvo acabar com a festa de “ *Eu posso mais que você*”. Homens!! Deixam a testosterona falar mais alto e se tornam verdadeiros animais territoriais;

— Bom, vou indo. Estou com febre e preciso descansar — Digo seguindo para a saída. Ainda vejo Luca passar ao lado de Paolo e o encarar com um olhar de aviso.

Sinto sua presença e nem preciso virar, para saber que está me seguindo até o estacionamento. Fico calada, pois não estou a fim de discutir, mas ele não precisava ter sido tão grosseiro com meu amigo. Afinal, ele não fez nada de mais, a não ser oferecer ajuda.

O silêncio se torna sufocante no interior do veículo, mas me recuso a ser a primeira a falar, pois não fiz, estou em paz com minha consciência. Ele pode trabalhar com a Antonella e eu tenho que ignorar todos ao redor, inclusive os amigos. Pois sim, vai sonhando!!!

Fico em meu canto, esperando a onça amansar, olho a paisagem do caminho, pensando na minha agenda de pacientes do dia seguinte e totalmente distraída, até escutar sua voz:

— Estou falando com você, Nina. Está sonhando com seu príncipe encantado de jaleco? — Pergunta sarcasticamente. Tenho vontade de responder da mesma forma, mas resolvo não me igualar, nunca gostei de briga, tampouco ceninhas, sou da paz e espero continuar sendo.

— Falou o quê? Não escutei nada, mas pode dizer, sou toda ouvidos.

Ele bufa e parece querer arrumar briga, confesso que estou respirando fundo, para não lhe dar o que procura. Respiro novamente, buscando me manter centrada e equilibrada.

— Perguntei se quer parar para comer ou prefere que eu peça em casa. Mas você parece estar lá no hospital ainda, devia ter falado que preferia ser cuidada pelo Mauricinho empalhado — Luca continua reclamando e decido dar um basta.

— Qual seu problema? — Questiono séria — Você pode trabalhar e sair para jantar com a Antonella, a mulher com o qual vem tendo um caso há não sei quanto tempo. E eu não posso nem conversar com o Paolo? Entenda que conheço sua família desde pequena, fomos vizinhos por muitos anos, e fora que nunca tive nada com ele, diferente do seu caso.

— Mas é diferente — Ele retruca.

— Diferente? Só se for para pior, isso sim!! Nunca transei com Paolo, já você, não deve ter

deixado passar nenhum orifício daquela mulher.

Ele gargalha, mas o encaro feio, não achando nenhuma graça. Luca suspende o braço em sinal de rendição.

— Desculpe!! Só achei divertido a parte do orifício.

Bufo e decido o ignorar até seu apartamento. Continuo com febre e parece que após nossa pequena discussão, o sintoma piora. Estou com o corpo inteiro doendo, olho queimando, sem energia alguma, só tenho vontade de deitar e dormir. Luca percebe meu abatimento e fala:

— Já estamos chegando, pequena. Vou fazer um chazinho e te ponho na cama.

Ué, cada o homem turrão e possessivo? Agora vem com esse papo de chazinho. Ah me poupe!! No fundo sabe que está errado, mas é incapaz de admitir ou pedir desculpa.

Fico amuada no assento e 20 minutos depois, estamos encostando num estacionamento de rua.

— Aqui no bairro Trasteve, você não encontra prédios com garagem, então a solução é usar os estacionamentos próximos — Murmura se justificando.

Luca pega minha mochila no banco de trás, a coloca nas costas e retira a sua. Caminhamos por 200 metros e logo estou de frente a um lindo e charmoso predinho de 03 andares. Apesar de demonstrar ser uma construção antiga, talvez até do século 18. Por dentro o apartamento é bem diferente da fachada. Decorado de maneira moderna, clean e extremamente bem iluminado, fico de boca aberta de como é estiloso. Olho tudo ao redor, cheia de curiosidade, para conhecer um pouco mais aquele homem arredio e intenso. Apesar do jeito mandão, Luca não me engana, fingi um papel de cara distante e fora do alcance, mas no fundo só tem medo de amar, não consegue superar ter sido rejeitado. Se ele pudesse enxergar que nem toda mulher é igual, que existem pessoas boas e de confiança aos montes pela estrada da vida. A maioria das pessoas, tem a tendência de ao passar por decepções amorosas, desconfiar de todos que se aproximam, acredito que seja normal e até sadio ser precavido. Mas no caso de Luca, virou quase uma aversão, repulsa à relacionamentos. Às vezes, tenho minhas dúvidas se irá se curar um dia, se a ferida foi tão funda, que não pode mais ser fechada. Mas deixo minhas impressões de lado e avanço por cada cômodo. O apartamento tem um tamanho ótimo, mas não é nada imenso, mas com certeza é maior que o meu.

— Vem, vamos até o quarto — E sinaliza para o que o siga.

O suíte máster é linda e acompanha o bom gosto do resto da casa. Pintada de branco com cinza, passa um ar confortável e claro. Ele coloca minha mochila num pequeno sofá encostado no canto e volta a me fitar.

— Quer comer o quê? — Pergunta carinhosamente enquanto se aproxima, estremeço por conta da febre. E logo, suas mãos estão me tocando de maneira protetora. Sinto-me querida e bem cuidada. É uma pena que esse teimoso, não perceba que estou caída por ele e não por Paolo.

— Será que tem sopa? Estou enjoada e com a garganta quase fechada — Faço um pouquinho de drama, porque afinal é bom demais ser mimada.

Ele sorri ternamente e diz:

— Você é bem malandrinha!! — Aperta meu nariz levemente — Se aproveitando porque está doente, mas tudo bem. Hoje você pode tudo, eu deixo — Se aproxima e me dá selinho — Nossa pequena!! Você tá muito quente, deita.

Direciona-me para a cama e me cobre com um cobertor pesado e felpudo. Agradeço o calor bem-vindo da roupa de cama e fico ali em silêncio, vendo ele se movimentando pelo cômodo.

— Vou lá na sala pedir nossa comida e já volto.

Assinto positivamente e fico ali espiando tudo ao redor. Escuto um barulho de mensagem chegando e lembro que meu aparelho ficou na mochila. Levanto-me e o pego no bolsinho da frente.

Vejo que tem 30 ligações perdidas de Gina e 02 da minha irmã. Decido ligar para Clara primeiro. Que estranho, será que aconteceu algo?

A voz de Clara ressoa do outro lado. E vou direto ao ponto.

— Tá tudo bem aí, mana? Tem um monte de ligações da Gina e vi suas também.

— Aqui tá tudo certo. Mas te liguei pra saber como foi a consulta e para te avisar que a Gina ligou aqui. Olha, não sei o que tá rolando, mas ela estava bem esquisita e não estou exagerando.

Franzo a testa sem saber o que pensar. O que ela disse para Clara para assustá-la assim?

— A consulta foi bem, tomei uma injeção de antibiótico e espero estar melhor pela manhã. Já com a Gina eu não sei... O que ela te disse?

Clara respira fundo e relata:

— Olha!!! Sei que a Gina nunca bateu bem das cacholas, mas hoje, estava estranha, parecia drogada ou bêbada sei lá. Chorava, não dizia coisa com coisa.

Fecho os olhos e me sinto triste, não quero que minha amiga de infância sofra. Mas essa situação está ficando fora do controle e infelizmente, não posso fingir não enxergar, vou confrontá-la essa semana e esclarecer os fatos. Está mais do que na cara, que tem algum sentimento estranho no ar.

— Tá!! Mas o que ela disse?

— Foram tantas coisas.... ah lembrei!! Primeiro perguntou se você estava em casa e quando disse que tinha ido dormir com o Luca, ela surtou, começou a chorar e dizer coisas desconexas, do tipo “ *Não esperei tanto tempo para ser passada pra trás*” ou “ *Porque aquele desgraçado não nos deixa em paz*”. Olha, tentei acalmá-la mas foi em vão, viu. Ela parecia estar possuída por uma entidade maligna, não se calava e choramingava sem parar, que cansei e desliguei em sua cara.

Não recrimino Clara, até porque as duas nunca se deram bem e isso não é novidade. Mas temo pela sanidade de Gina, as coisas estão fugindo do normal e não irei alimentar seus devaneios de qualquer tipo. Somos amigas e sempre seremos somente isso.

— Ela não anda muito bem, Clara. Não ligue para o que falou, fez bem em desligar.

— Gina me assustou, isso sim! E se fosse você, parava de andar com ela. Garota com os pinos frouxos.

Dou risada e logo finalizo a ligação.

Luca chega em seguida e senta na beirada da cama.

— Está tudo bem? — Pergunta preocupado, ao perceber minha inquietação.

— Era Clara, queria saber da consulta — Seu rosto volta ao normal e agora volta a postura

relaxada de antes.

— Sua irmã é uma menina legal, deu pra ver que se preocupa de coração com você.

Sorrio feliz, que nosso amor seja tão visível.

— Sou muito abençoada mesmo, não posso reclamar. Você também, seus pais são tão amorosos e seu irmão e cunhado nem se fala. Cuide bem deles, Luca. Família é tudo!! Sabe, às vezes eu reclamava dos meus pais, de serem protetores demais, zelosos ao extremo. Mas depois de os perder, vi o quanto é duro não ter familiares, o quão difícil é tomar as decisões sozinha. Não achar um pilar seguro, sabendo que alguém sempre irá te estender a mão.

Uma lágrima escapa pelo canto do meu olho esquerdo, tento segurá-la, mas não consigo. E faço um esforço grande, monstruoso, para conter todas as outras que cismam em querer aparecer.

— Desculpe!! — Digo envergonhada e a enxugando. Não vou ficar fazendo o papel de menininha frágil e sozinha. Tenho que ser forte, aguentar o rojão da vida. Pois essa é minha nova realidade, não tenho o que fazer, a não ser aceitar as mazelas do destino. E enfrentar de cabeça erguida.

Luca se deita ao meu lado e faz um pequeno afago em meu rosto.

— Não gosto de te ver chorando, pequena. Fico arrasado, porque sei que não merece passar por nenhuma dessas merdas que o destino nos prega. Me aborrece saber que sua avó lhe virou as costas. Mas vou te dizer uma coisa, vou te ajudar no que precisar. Você confia em mim?

Digo que sim, porque é a mais sincera verdade. Mesmo sabendo que nosso caso pode terminar a qualquer momento, sei que Luca tem caráter, que mesmo não estando juntos, sempre irá me oferecer auxílio no que precisar.

E ali ficamos abraçados, curto seu calor e braços amorosos. Orando a Deus para ter forças e não me apaixonar ardentemente por esse homem. No fundo, sei que é uma batalha perdida. Por que a quem eu quero enganar? Luca já está entranhado na camada mais profunda da minha pele, seu jeito másculo, viril e forte, me encantam e dominam. Sinto-me seduzida e aprisionada num nível gigantesco.

— Quer cochilar um pouquinho? Quando a comida chegar te aviso — Faço que sim, ele se movimenta indicando que irá levantar e o impeço.

— Fica comigo!! A cama fica mais quentinha com você.

Ele me olha com tanta intensidade, que me perco em seus lindos olhos azuis, que parecem duas joias raras.

— Pequena!! Você sempre amolece meu coração.

Se ajeita, puxa-me e ficamos deitados de lado, na posição de conchinha. E ali, adormeço sentindo seu perfume cítrico amadeirado, em meio a segurança do seu corpo

Capítulo 18

Luca estaciona o carro, 10 minutos antes do meu horário de entrada. Ufa!! Penso comigo mesma. Depois do sexo matinal, achei que ia chegar atrasada.

— Tá vendo!! Chegamos cedo — Diz ele, se virando em minha direção.

— Ponto para você, tenho que admitir que estava certo — Sibilo sorrindo.

— Eu estou sempre certo, pequena.

— Que humilde!! — Gargalho — Ficamos nos encarando por alguns segundos, até resolvo interromper o contato visual.

— Bom, está na minha hora — Sinalizo — Até mais — Digo na expectativa que ele marque um próximo encontro, mas infelizmente não acontece. E vejo-me descendo do carro frustrada e cabisbaixa.

— Tchau, Nina — Diz Luca com um tom de voz normal e logo o motor do veículo se põe em movimento e ganha espaço pelas ruas da cidade.

Sigo pela calçada sentindo-me triste, porque não sei quando irei vê-lo novamente, tento ser positiva e pensar que logo irá me procurar, mas não sei de nada, tudo é novo e desconhecido em relação ao que temos. E a última coisa que posso sonhar em fazer, é ficar atrás dele. Perseguição é restritamente proibido, em nosso pequeno arranjo.

Chego à clínica e verifico a agenda, a maioria dos horários estão lotados e agradeço à Deus pelo movimento das últimas semanas. A manhã passa rapidamente e logo estou no último horário de atendimento e com a minha paciente preferida. Dona Gemma está com vontade de conversar e logo colocamos a conversa em dia.

— Como foi seu fim de semana, Nina? — Gemma pergunta curiosa.

— Foi ótimo, dona Gemma, fiquei na praia e aproveitei bastante. Só ontem à noite que a garganta inflamou e tive que tomar uma injeção de antibiótico. Mas graças à Deus, amanheci boa hoje.

— Estou vendo que pegou uma corzinha, o semblante está descansado e feliz. Hum!! Arrisco a dizer que esse olhar brilhante tem nome.

Dona Gemma diz e me dá uma leve cotovelada, em sinal de brincadeira.

Sorrio abertamente e resolvo me abrir um pouco, com aquela senhora tão gentil e de bem com a vida.

— É pode ser... estou saindo com um pessoa, mas não é nada sério, sabe. Nem sei classificar o que temos, mas tento não me iludir, afinal, ele não me prometeu nada.

Sibilo sendo honesta e verdadeira. Dona Gemma fica pensativa e responde.

— Aproveite o tempo que estão juntos, relacionamento não é receita de bolo, que deve ser seguido um modelo padrão. Às vezes, você pode achar que não irá dar em nada e pode se surpreender. Como em certos casos tem tudo para dar certo e o negócio não vinga. Tive um namorado em minha juventude, que tínhamos tudo para dar certo. Nossas famílias eram amigas, gostávamos das mesmas coisas e com o passar do tempo fizemos amigos em comum. Mas não

sei dizer o porquê, o principal que era a química, não durou muito, na verdade, acho que nunca existiu. Nós éramos melhor como amigos, que namorando. Foi um erro o início daquele relacionamento e um alívio o término. São coisas da vida, querida!! Nem sempre o certo é aquilo que se espera — Pontua Dona Gemma, no auge de toda sua sabedoria. E confesso que entendi seu ponto de vista, mas mesmo com seus conselhos, não posso me dar ao luxo de sentir-me segura, com o rumo que as coisas estão tomando.

— O neto vem lhe buscar hoje? — Pergunto.

— Hoje não! — Sinaliza docemente.

— Precisa de ajuda até lá na frente?

— Não precisa, meu filho irá entrar para me ajudar, mas tenho que te confessar algo — Diz num tom, como se contasse um segredo — Naquele dia, pedi que me levasse até a calçada, para que meu neto pudesse te ver.

Fico surpresa com a revelação e sorrio, achando engraçado a maneira como dona Gemma tramou tudo.

— A senhora falou de mim? — Pergunto sem conseguir esconder meu divertimento.

— Falei — Ela responde e pisca de forma traquina — Disse que você era muito bonita e uma doçura de moça, fiz tantos elogios, que Lorenzo ficou curioso. Então armei para que pudessem se conhecer e foi tão natural, que nenhum dos dois percebeu.

Gargalho com a senhorinha cúpido que está a minha frente. É uma tremenda estrategista, isso sim.

— Donna Gemma!! A senhora está saindo melhor que a encomenda.

Nós duas caímos na risada.

— Lorenzo te achou linda — A senhorinha confessa — Mas como você está envolvida com outra pessoa, não vou incentivar nada, fique tranquila.

— Donna Gemma, seu neto também é lindo, e se eu estivesse sozinha, não tenha dúvida que ia aceitar sua ajuda. Mas... agora estou realmente envolvida por outra pessoa.

Ela faz um carinho em minha mão, mostrando apoio e gentileza.

— Eu também adoraria que fosse minha neta, mas o destino, tem seus próprios caminhos.

Continuamos conversando, até finalizar a fisioterapia.

Me troco e quando estou indo embora, congelo ao ver quem me aguarda na calçada.

Gina está em pé, de braços cruzados e parece abatida. Franzo a testa e vejo que a conversa que eu tanto temia, finalmente vai acontecer. Sigo em sua direção, sua expressão diz tantas coisas, mas a principal é que esta desconfortável e triste. Sinto um baque tremendo, pois a última coisa que quero, é fazê-la sofrer.

— Oi Gina — Falo num tom calmo e baixo.

— Oi Nina, desculpe vir sem avisar — Diz ela envergonhada e com os ombros caídos — Mas a gente precisa conversar.

Aceno que sim e dou a ideia de irmos para minha casa.

— Podemos ir lá para casa, vou fazer almoço, aí você me acompanha — Ela dá um sorriso fraco e sem emoção.

— Claro! Pode ser.

Seguimos para seu carro, que está estacionado do outro lado da rua. E logo estamos em movimento. O caminho é feito em silêncio e isso me incomoda grandemente. Mas não sei o que dizer, e nem como iniciar uma conversa tão difícil. Às vezes ficar muda é melhor, que falar qualquer coisa só para preencher o espaço.

— Você está melhor? — Ela pergunta gentilmente e me pergunto, se Paolo deu com a língua nos dentes.

— Estou sim, foi só a garganta que inflamou — Digo despretensiosamente.

Ela faz um aceno quase imperceptível com a cabeça e continua dirigindo calada. Estacionamos quase em frente a portaria do meu prédio e seguimos lado a lado até o elevador. No pequeno cubículo, viro-me de lado para encará-la e a pego me fitando intensamente, seus olhos esquadrinhando-me cheia de significado. Engulo seco e por um momento, me arrependo de ter esta conversa aqui em casa. Acredito que um lugar mais cheio, a frearia de fazer uma cena desagradável.

Procuro o chaveiro da torre Eiffel, que sempre se perde no fundo da bolsa. Bolsa feminina tem de tudo, desde de remédio até biscoito e a minha então, é capaz de sair um escorpião. Remexo sem parar, tateando à procura do pequeno objeto. Assim que o identifico, fisgo rapidamente.

Abro a porta e logo escuto o barulho das patinhas de Snop, que surge animadamente na sala.

— Entra Gina, fique à vontade. Só vou arrumar a bagunça desse rapaz e já volto — Sigo para área de serviço e faço uma rápida limpeza no local.

Quando volto, ela está no celular enviando mensagens, e ao me ver, guarda o aparelho na bolsa.

Sento-me ao seu lado e início a conversa.

— Gina, antes de começarmos essa conversa, quero que saiba que é, e sempre será minha amiga e nada vai mudar isso. Crescemos juntas, sempre fomos próximas. Te apoiarei no que for preciso.

Ela respira fundo e fecha os olhos em sinal de dor. E prevejo, que o que falaremos não será fácil.

— Esse é o grande problema, Nina. Sermos tão próximas, estarmos tão juntas. Não vejo as coisas como você, amiga. Estar ao seu lado, desperta outros sentimentos em mim, e posso te assegurar que nenhum deles é de amizade — Sussurra como que para si mesma. E engulo seco, temendo pelo que vem pela frente.

Fico muda, sem reação. O que eu tanto temia, está se concretizando e nada posso fazer para impedir. E ela continua sua narrativa. E me vejo como uma estátua, sem movimento algum.

— No começo, foi difícil perceber que eu era diferente, mas aos poucos fui me descobrindo, me encontrando, desbravando sensações desconhecidas. Até que percebi, o quanto te admirava, o quanto adorava estar ao seu lado, sua presença me fez desabrochar, amadurecer. Tentei lutar, abafar o que sentia. Mas era impossível vê-la e não sentir o coração bater, as mãos suarem, a

nuca se arrepiar. Sou apaixonada por você há anos, Nina. Na esperança que fosse como eu, que se descobrisse a qualquer momento, que me enxergasse como sua companheira de vida e de alma. Sempre acreditei que sua falta de interesse pelos garotos, era um sinal da sua sexualidade, fiquei ali, esperando meu momento. Aguardando ansiosamente que pudéssemos viver nosso amor plenamente. E agora do nada, você se descobre e me troca por aquele babaca? Você não percebe que é igual a mim, Nina. Nós somos diferentes dos outros, o que nós temos é puro, sincero e verdadeiro. Eu posso te fazer feliz, só preciso que nos dê uma chance — Diz num tom desesperado, quase hipnotizada. Arrepio-me da cabeça aos pés. Gina interpretou tudo de maneira errada, criou ilusões onde não existiam, e confundiu amizade sincera, com amor. Mas ainda tenho esperança, de trazê-la a razão e a fazer enxergar a realidade.

Toco em suas mãos, para que perceba a sinceridade das minhas palavras. Mas me arrependo no mesmo momento, pois ela sorri e parece aproveitar o toque. Recolho o braço e sento-me um pouco afastada.

— Gina!! Não é questão de se descobrir, eu sou hétero amiga. Não compartilhamos da mesma predileção. Sinto muito se dei a entender ao contrário. Pode acreditar que nunca foi minha intenção. Meu caso foi só uma demora para despertar sexualmente, mas não tenho dúvidas em relação a isso, nunca tive. Eu até fui apaixonada pelo seu irmão na adolescência, só não tive coragem para me declarar — Falo tentando amenizar o clima, mas pela expressão do seu rosto, ela parece chocada e sem acreditar.

— Você gostava do Paolo? — Pergunta revoltada.

— Gostava, fui apaixonada por ele por anos, adorava ir na sua casa só para vê-lo.

Ela respira pesado e retruca:

— Como pode dizer que não gosta, se nunca tentou? Deixe-me te mostrar como pode ser bom, sou experiente, Nina. Sei onde tocar e como te fazer sentir prazer. Prometo que será inesquecível!! — Ela se aproxima, toca em minha perna tentando criar intimidade. Mas levanto-me no mesmo momento, como se tivesse levado um choque. Sinto repulsa, porque não compartilho dos seus mesmos gostos. Não tenho nada contra pessoas que gostam do mesmo sexo, mas não posso ser forçada a fazer algo que não é da minha natureza. Meu estômago até embrulha, diante da ideia.

— Gina, não insista!!! Por favor me respeite. Acabei de falar que sou hétero e você tenta forçar a barra? Amiga, você só está confusa. Com o tempo vai se acostumar com ideia que somos só amigas e tudo isso vai passar. Tenho certeza — Sibilo de maneira otimista, tentando reverter a situação.

Ela também se levanta e parece desestabilizada e fora do prumo.

— Por que não pode nos dar uma chance, Nina? Tenho certeza que vai gostar. Acredite em mim — Murmura descontroladamente e tenta se aproximar novamente, mas desta vez não sou contida e branda. Grito em alto e bom som para que não aja mal-entendido.

— Não se aproxime!! — Berro com o dedo em riste — Basta!! — Falo exaltada e sem paciência — Tentei ser educada, mas não fui entendida, é melhor você ir embora, porque está fora de si e irá fazer algo que se arrependerá depois — Meu modo de falar é para que fique claro meu desagrado.

Olha-me espantada e parece sem chão. Lágrimas grossas escorrem pelas bochechas, tenho

pena, mas não posso recuar. Infelizmente, minha amiga está descontrolada e não parece não compreender minhas escolhas. É melhor nos afastarmos por um tempo, só espero que um dia ela entenda minha posição.

Ela parece sair do transe e diz:

— Te amo e sempre vou te amar. Espero que um dia compreenda o significado de amor de verdade.

Pega a bolsa e se dirige para porta, quando a mesma bate, fico ali, parada, totalmente desnorteadada. Nunca pensei que Gina tivesse tais sentimentos por mim, lamento muito por nossa amizade. Mas não posso retribuir o que sente e tive que ser dura. Só espero, que um dia essa loucura passe e possamos voltar a amizade de antes.

Capítulo 19

Fico sentada no sofá, por quase uma hora, as palavras de Gina martelando a todo instante em minha mente. Revejo a cena repetidamente, ainda não consigo assimilar tanta loucura. Tudo bem que desconfiei de seus sentimentos, mas nada preparou-me para aquele show de horror. Ver minha amiga sofrer, não é algo que me deixe feliz ou exultante, muito pelo contrário, sinto-me cabisbaixa e descontente. Mas o que posso fazer? Não há como satisfazer seus anseios, e nem posso lhe poupar dessa desilusão. Infelizmente, Gina criou um mundo de fantasias e nunca houve qualquer chance de nos relacionarmos, porém, em sua cabeça sonhadora, estava tudo certo para um futuro relacionamento. Ufa!! Só de pensar nessa hipótese sinto-me enojada, realmente sei que não dou para a coisa, pois o fato de gostar de homens está mais claro que água.

Enquanto divago, nem percebo o barulho de chave na porta e só me dou conta, ao escutar a voz de Clara.

— O que está fazendo aqui na sala sozinha e com a televisão desligada? — Desperto da minha discussão interior e encaro minha irmã que parece muito curiosa.

— Ah, oi! — Respondo com a voz baixa, olho para meu relógio de pulso e já marca quase 14 horas. Droga!! Esqueci de preparar o almoço.

— Não tive tempo de fazer a nossa comida. Vamos no Manolo comprar um marmitex — Falo me levantando em busca da minha bolsa.

— Tá ótimo — Ela responde.

Busco o cartão de crédito e sigo com Clara ao lado para comprar nosso almoço.

Minha irmã percebe que estou calada, introspectiva e quebra o gelo.

— Por que está estranha desse jeito. Algum problema com o Thor?

Dou risada com a alusão ao super-herói da Marvel e respondo.

— Dessa vem não tem nada a ver com ele, por enquanto estamos bem.

— Então é problema no trabalho? — Pergunta curiosa.

— Não!! — Respiro fundo e conto tudo para Clara. Ela não me interrompe e espera que finalize a narrativa, para abrir a boca. Mas quando o faz, não para.

— Jesus! Sério isso? Sempre percebi que aquela garota não era muito normal, mas isso, foi realmente inesperado.

Diz ela em sinal de espanto e surpresa, minha irmã parece não acreditar ainda.

— Pois é, Clara! Estou tão assombrada quanto você. Mas ainda tenho esperança, que ela recobre o juízo quanto a esse amor obsessivo e entenda que podemos ser amigas, independentemente da sua opção sexual. Sempre vou apoiá-la, não sou racista ou preconceituosa.

Falo cheia de sinceridade.

— Deixa o tempo passar, a poeira assentar e tenho certeza que tudo voltará ao normal. Você vai ver.

Assinto e logo paramos em frente ao restaurante do Manolo. Compro um marmitex com filé

de frango empanado e outro de contrafilé. Almoçamos calmamente, jogando conversa fora e levando algo já preparado para o jantar. Quero deixar tudo preparado cedo. À noite meu celular toca e olho no visor um número desconhecido, atendo afoita, pois estou pendurando a roupa no varal.

— Alô — Respondo a chamada.

— Nina Yoshida Cantieri — A voz pergunta do outro lado.

— Sim. Quem fala?

— Meu nome é Alberto, sou advogado do seu falecido avô e gostaria de notificá-la sobre a abertura do testamento — Sibila o homem de maneira profissional e indo direto ao ponto.

— Olá Alberto, minha avó já tinha comentado por alto — Respondo sem dar muitos detalhes.

— Ótimo!! — Diz ele sucinto — Assim me poupa tempo. Bom, a leitura será feita na quinta-feira às 11 horas. Você pode estar presente ou mandar algum representante legal em seu lugar?

Putz!! Quinta-feira eu trabalho, mas vou dar um jeito, vou pedir para alguém me cobrir nesse horário.

— Eu posso sim. Sem problema.

— Combinado, vou te enviar o endereço pelo whatsapp, Nina. Pode ser?

— Claro! Fico no aguardo.

Desligo com o coração acelerado, ao pensar em enfrentar vó Corinna. Mas não tem jeito, preciso ir de cabeça erguida, demonstrando não ter medo ou receio de suas ameaças. Se ela quer briga, então vai ter. Lembro-me do Luca dizer que gostaria de me ajudar com essa questão e decido lhe enviar uma mensagem.

Nina: Oi. Como você ofereceu ajuda, vou abusar um pouquinho...rsrrs

Na mesma hora meu celular toca e vejo o nome dele na tela. Sorrio alegre e atendo rapidamente.

— Oi — falo com a voz baixa.

— Oi, pequena. Tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — Luca parece preocupado e tenho vontade de sorrir.

— Não é nada grave, Luca. É que o advogado do meu avô ligou, para avisar sobre a leitura do testamento. E confesso que estou apavorada de ter que enfrentar a vó Corinna sozinha — Resolvo ser sincera de uma vez.

— E quando será?

— Quinta-feira. Você pode me acompanhar? — Aguardo ansiosa por sua resposta e ele demora alguns segundos a falar, estou quase dizendo que se não puder, eu irei sozinha.

— Posso sim! Tenho um compromisso, mas pedirei para Ângelo me cobrir.

— Obrigada Luca! Não sei como agradecer — Me emociono com sua iniciativa. Ele não tem obrigação alguma comigo e mesmo assim, mostra boa vontade e gentileza.

— Eu sei de uma maneira bem gostosa de me agradecer — Ele sussurra com aquela voz grossa e safada.

Rio da sua ousadia.

— Prometo pensar em algo bem sacana para te recompensar — Digo no mesmo tom, o provocando.

Ele ri também e fala:

— Já que está tão disposta a pagar sua dívida, na quarta-feira, passo na sua casa para gente jantar. Aí você dorme na minha casa e vamos juntos para a leitura do testamento. O que acha?

Tenho vontade de pular de alegria, mas contenho-me e apenas respondo calmamente, sem fazer muito alarde, pois não quero que perceba.

— Ótima ideia. Combinado! — Nos despedimos e fico agitada por mais alguns minutos. Ando de um lado a outro, parecendo estar com formigas no corpo.

A terça e quarta passam num piscar de olhos. E me vejo em frente ao guarda-roupa, procurando por uma roupa bonita e descolada para o jantar. Nada me agrada como sempre. Às vezes acho que o problema está comigo, não sei me vestir tão bem. Corro para sala em busca de ajuda.

— Clara! Me ajuda aqui, não sei me arrumar.

Ela vem correndo e entra no quarto. Olha para a roupa que separei e me olha novamente.

— Quer ir com isso? — Pergunta descrente.

— Sim, por que, tá feio?

Ela balança a cabeça como se eu fosse um caso perdido.

— Feio é pouco, está ridículo — Joga na minha cara — Nem sei como este vestido escapou, daquela limpeza que fiz. Pode me dar, que irá para pilha de doação. Ficaré lindo, numa senhorinha de 90 anos. Sorrio com sua sinceridade extrema, Clara não disfarça e solta as verdades a queima roupa.

— Ok, estilista, agora vamos achar algo que me favoreça.

Ele procura incessantemente por algo descolado e de bom caimento.

— Você precisa fazer umas comprinhas, Nina. Tem que estar à altura do bonitão loiro. Imagina se a concorrência te vê vestida como uma vovozinha.

Sei que Clara tem razão, nunca soube me vestir bem e com roupas da minha idade. Sempre andei tampada demais e com roupas largas.

— Achei!! — Ela diz animada — Esse vestido vinho, ficará lindo. Vesti, quero ver.

Coloco o vestido que estava esquecido no fundo de uma pilha de roupas. E surpreendo-me, ao ver o quanto ficou perfeito. Abraça minhas curvas e me deixa com ar sensual e sexy. Uau!!

— Perfeito!! Seu loirinho ficará doido — Ela fala animada e gesticulando.

— Também gostei e assim que receber vou as compras. Você tem razão, saindo com um homem como Luca, tenho que estar bem arrumada.

Ela volta a me encarar.

— Vamos dar uma cor no rosto. Senta que vou te maquiar.

Clara faz uma mágica e fico irreconhecível.

Às 20 horas, sou avisada que Luca me espera na portaria.

Desço e sigo em sua direção. Ela me esquadrinha inteira e vejo luxúria em seus olhos azuis. Estremeço mediante o que irá acontecer.

Ao me aproximar, recebo um beijo de dar inveja a qualquer pessoa. Sua língua quente e sedosa invade minha boca. E o calor do tesão me varre por inteira. Esse homem acaba comigo só com um toque.

— Você está linda, pequena — Diz me abraçando. E dá uma piscada — Vamos?

Assinto positivamente e caminho para o carro.

— Onde vamos? — Questiono curiosa.

— Vamos num Pub Irlandês chamado, The Nag's head. Conhece?

— Não!

— Você vai gostar. Tem um pessoal mais selecionado e uma banda de rock ótima.

Conversamos bastante pelo caminho, sorrio com seu jeito. Luca é simpático e bem-humorado quando quer.

O Pub não está cheio e não temos dificuldade em sentar. Em pouco tempo o lugar está lotado e várias pessoas se espremem nos balcões.

— Aqui é sempre assim? — Pergunto a Luca.

— É que hoje tem jogo do Juventus, por isso está cheio desse jeito. Eles vão colocar um telão daqui a pouco — Ele diz animado e não consegue esconder sua paixão por futebol.

— Você torce para quem?

— Para o Juventus — Fala e sorri.

Dou risada com seu entusiasmo e sinto-me feliz, por me convidar para assistir uma partida do seu time de coração.

— Gosta de futebol? — Luca pergunta.

— Não é meu esporte favorito, prefiro basquete. Torço para o Chicago Bulls, assisto sempre que posso. Quem sabe um dia vou até Chicago para assisti-los pessoalmente.

Luca parece surpreso e não perde a oportunidade.

— Você não tem cara de gostar de basquete, está mais para patinação no gelo.

— Que preconceito!! — Faça uma carranca e ele gargalha.

— Tô brincado, pequena.

O jogo começa e povo se agita no bar.

Dois amigos de Luca aparecem. São simpáticos e divertidos. Luca os convida a sentar conosco. E a risada foi garantida durante a partida, os caras são engraçados demais. E senti a barriga doer de tanto que ri.

Ao final da partida, o Juventus ganhou do de 2x0 do Napoli. E pude ver meu lindo gato sorrindo feito criança.

Agora vamos para casa, temos uma dívida a ser paga. Pressinto que a noite será bem longa.

No dia seguinte, acordo bem cedo. A ansiedade e inquietação, não me permitem dormir por mais tempo. Tenho receio do que virá pela frente. Sei que vó Corinna não nos quer por lá, e medo que arme algum escândalo é presente.

— Que foi? — Luca pergunta enquanto passa um café na máquina.

— Estou com medo — Falo sem enrolação, acho que está escrito na minha cara.

— Não precisa, Nina. A velha pode rosnar e esbravejar. Mas seus direitos serão mantidos, por lei, ela não pode fazer nada.

Luca tenta me tranquilizar, mas mesmo assim, sinto o estômago embrulhando.

— Quer um cafezinho? — Ele pergunta, já buscando uma xícara.

— Não vou conseguir comer nada.

— Vai ficar sem comer nada, Nina? Não sabemos até que horas se estenderá essa leitura.

— Não consigo engolir nada — Digo choramingando, ele bufa e aceita minha justificativa.

Chegamos com 15 minutos de antecedência ao escritório do Advogado. Ao chegar na recepção, me deparo com minha avó Corinna e tio Charles. Vovó me fulmina com olhos furiosos e estremeço internamente. Luca aperta meu ombro em sinal de apoio, como se dissesse que está lá, para o que der e vier. E inexplicavelmente sinto um conforto e uma paz, que não estava sentindo até aquele momento. E algo me diz, que não devo temer, que no final tudo dará certo.

Capítulo 20

Dou bom dia somente por educação e apenas tio Charles responde. Vó Corinna continua a olhar-me acusadoramente, como se fosse uma afronta ter aparecido na leitura do testamento. Mas faço-me de boba e ignoro a carranca que me fita sem disfarçar. Luca dá risada ao meu lado e cochicha:

— Que vovó simpática!! Parece um espantalho de plantação nos encarando.

Gargalho alto e logo coloco a mão na boca, para abafar o barulho. Só ele para me deixar descontraída num momento desse. Evito olhá-la novamente e finjo não estarmos no mesmo ambiente.

Logo a secretária nos encaminha para uma ampla sala de reunião. E Alberto nos aguarda na entrada.

— Nina, prazer em conhecê-la — Estende-me a mão profissionalmente e apresento Luca logo em seguida. E nos acomodamos em uma ponta da mesa. Minha avó e tio Charles se sentam na outra extremidade. Porém sou bombardeada sem nem ter acomodado direito.

— Alberto, eu pensei ter sido clara, sobre só ter a família na leitura do testamento — Diz ela sem nem pestanejar. O advogado enrubesce, porém logo se recupera.

— Corinna, nós já conversamos. As instruções de Antero devem ser seguidas — Diz o homem idoso, que parece estar sem paciência para interrupções, mexe a boca em desagrado e volta a se calar.

Lucas bufa e parece estar perdendo a paciência. Seguro sua mão em sinal de confiança, um modo de dizer que não ligo para seus ataques.

— Nina. Você tem a guarda legal da sua irmã? — Aceno que sim e os tramites da leitura são seguidos.

— Este testamento é do tipo Cerrado, tem auto aprovação de um tabelião com duas testemunhas, conforme solicitado pela lei — E Alberto começa a ler a última vontade de meu avô.

Meu avô era dono de um hospital muito conhecido em Roma e 100% da direção foi mantida com meu tio Charles e algumas propriedades foram deixadas com vó Corinna. Até chegar na minha vez.

— É da minha total vontade, que após o falecimento do meu filho Nicolas e sua esposa Kiyomi. Suas filhas Nina Yoshida Cantieri e Clara Yoshida Cantieri, fiquem com o prédio comercial da via Del Corso.

Vó Corinna se levanta ultrajada.

— Que? Não acredito que Antero fez isso!! Deixou um prédio comercial super lucrativo para essas oportunistas. Não posso aceitar, Alberto. Meu marido não devia estar bem das faculdades mentais. Depois do divórcio da primeira esposa de Nicolas, nós o afastamos dos negócios da família, tínhamos medo que se deixasse levar pela oportunista da Kiyomi — Diz ela cheia de rancor e amargor. Meu sangue sobe quando menciona minha mãe e não consigo me conter. Levanto da cadeira e esbravejo com o dedo em riste:

— Não fale da minha mãe, ela não está aqui para se defender — Respondo enfurecida e sentindo vontade de lhe dar uma bofetada. Só me contenho por ser idosa.

— É verdade!! — Corinna retruca — Aquela asiática fingida, deve ter achado que se daria bem com o italiano bem de vida, mas lhe cortei a asa. Dei duas opções a seu pai!! Largar a sua mãe e continuar na direção do hospital ou ficar com ela e sem nada. O tolo preferiu viver aquele amor ridículo e se afastar dos negócios da família. Na época disse que não seria manipulado por ninguém.

Tenho orgulho de papai, por não ter abaixado a cabeça para uma mãe arrogante, malvada e mandona.

— Corinna — Alberto lhe chama a atenção — O testamento foi lavrado em cartório, tem validade legal, não adianta esperar. Sinto muito, mas não há o que contestar.

Ela contrai o rosto num desagrado tão grande, que parece estar sentindo uma dor profunda. E vejo fagulhas de uma mágoa muito antiga e enraizada. Não consigo entender, de onde procede tanto ressentimento. Será que mamãe fez algo horrível e estou pagando por suas ações?

Luca acena para que me sente novamente.

Alberto faz mais algumas considerações e me avisa que entrará em contato em breve, para que possa assinar a transferência da propriedade. Também sinaliza que o prédio é gerenciado por uma administradora predial, que é responsável por toda parte administrativa e financeira do empreendimento. Respiro aliviada, pela reunião estar sendo finalizada. Não aguento mais olhar para aquela mulher!!

Alberto agradece, sigo para o corredor e quando estamos nos dirigindo para o elevador. Escuto sua voz baixa, porém amarga.

— Pensa que ficar por isso mesmo? Vou recorrer, você não ficará com o prédio da minha família.

Enfureço-me e falo alto, não me importando se estou dando um show.

— Qual é seu problema? Por que nunca gostou da minha mãe? — Sei que nada mais importa, mas preciso entender o motivo de tanta cólera.

Ela ri sem achar nenhuma graça. E fala:

— Seu avô era um homem lindo e tipão como esse aí — Ela aponta para Luca, o encarando com desdém — Quando casei, não passava de uma menina boba e apaixonada. Só via e respirava Antero. Por anos vivi para agradá-lo. Até descobrir que tinha outra família, uma vida em paralelo, com esposa e filho. E entendi que só casou comigo, porque queria salvar o hospital da família e viu em mim, a galinha dos ovos de ouro. Afinal, meu pai tinha muito dinheiro e o salvou da falência.

E ali, começo a entender o motivo de tanta desavença. Vó Corinna nos via e encarava, como a família clandestina do meu avô. Transferiu sua frustração para nós, como se fôssemos culpadas por não ser feliz, por ter sido enganada. Como se minha mãe, fosse uma extensão da amante de vô Antero. E nós apenas o lembrete de sua traição.

— E por que não o largou e foi viver a vida como queria? — Pergunto interessada em saber o motivo de ter aguentado tudo isso.

— Na minha juventude, Nina. Mulheres sérias, não podiam se separar do marido, mesmo que

fosse infiel e desleal. Então fui obrigada a aguentá-lo e ficar casada. A tolerar todas as suas escapas e safadezas — por um momento, senti pena da senhora a minha frente. Não deve ter sido fácil, ver o homem que amava, a traindo tão descaradamente. Mas esse sentimento durou pouco. E logo voltei a detestá-la — Então garota — Ela profere de maneira suja e desrespeitosa — Para mim, você e sua irmã não passam apenas de fruto de uma traição. Porque só considero como minha nora, a primeira esposa de Nicolas e não a concubina da Kiyomi.

Tenho vontade socá-la, até que escuto a voz de Luca, que havia se mantido calado até aquele momento.

— Minha mãe sempre diz, que o tempo serve para amadurecer as pessoas, que amolece os corações e dá entendimento. Mas não vejo isso na senhora! Uma mulher da sua idade, deveria ter entendido melhor as lições da vida, enxergado os obstáculos como uma forma de crescimento e melhor, saber distinguir quem é culpado e inocente. Até entendendo que não gostasse da sua nora!! — Luca murmura suavemente e sem raiva na voz — Mas transferir esse sentimento para duas crianças inocentes, que nada tinham a ver com a história. Aí é demais!!

Ela se empertiga e levanta o queixo.

— E quem é você para me dar lição de moral? Por acaso é namorado dela?

Luca perde a paciência e lhe dá um aviso.

— Não interessa a natureza do meu relacionamento com sua neta, só vou lhe dar um aviso. Nina não está sozinha, e não deixarei que ninguém a prejudique. Fique atenta!! Porque se quer briga, a encontrará. E ainda estou a respeitando, por conta das rugas na cara, mas sou uma pessoa de pouca paciência e pavio curto.

Ela pressente que o tempo irá fechar e recua em seu ataque. Meu tio Charles, que não passa de uma banana de pijama em sua mão, continua calado e não se manifesta. Nem para defender a mãe ele serve!! Luca a encara mortalmente em silêncio, toca em meu ombro e juntos nos dirigimos para o elevador, os deixando para trás.

Descemos em silêncio e logo chegamos no hall do elevador.

Luca percebi minha apatia e pergunta:

— Está bem, pequena?

Apenas digo que sim e peço que me deixe no trabalho. Sinto uma gratidão imensa por ele, Luca me acompanhou numa boa e ainda me defendeu veemente. O fito enquanto dirige e tenho vontade de dizer que não quero que saia da minha vida, que saber que cuida e zela pelo meu bem-estar é gratificante e recompensador demais. Que sua presença me completa, me preenche e me deixa mais feliz. Mas infelizmente não posso me abrir, pois relacionamento não faz parte do pacote, só o sexo.

Não quero perdê-lo e não sei o que fazer para que isso não aconteça. Enquanto o encaro com o olhar distante e perdido. Ele me olha e sorri preocupado.

— Não fique triste, pequena. Sua vó ficou amarga. Nem leve em consideração suas palavras. Vocês não são fruto de nenhuma traição. Seu pai se apaixonou por outra pessoa e pronto!! Isso pode acontecer com qualquer um.

Fico calada e deixo que pense que estou triste pela situação que passamos. Mas na verdade, estou sofrendo em antecipação. Temendo pelo dia de nos separarmos.

— Não quero ver essa carinha emburrada. Promete que vai esquecer isso?

Dou um sorriso iluminado e recebo outro em troca.

— Amanhã à noite vamos sair para comemorar — Fala animado.

— Comemorar o quê? — Questiono sem entender.

— Como assim? Acabou de receber um prédio comercial de herança na via Del Corso e ainda pergunta? Agora vai poder ter uma vida mais tranquila, sem precisar se preocupar com dinheiro. Não ficará rica, mas terá bastante conforto daqui por diante.

Dou risada e caio na real, que nem tinha pensando nisso no trajeto, ficaremos estabilizadas financeiramente daqui para frente. E uma euforia sem igual me varre da cabeça aos pés.

— Pois é!! Acho que no calor do momento, nem me dei conta da minha nova realidade. Bebidas por minha conta amanhã — Levanto os braços em sinal de comemoração e damos risada juntos.

— Vou beber até cair então — Ele comenta.

Nos despedimos e entro para trabalhar mais animada. Exultante, sabendo que irei vê-lo no dia seguinte. Ligo para Clara e conto a novidade. Combinamos de nos encontrar num shopping ali perto, irei comprar uma roupa nova para amanhã.

Ao final do meu horário. Sigo para o shopping, e encontro Clara na praça de alimentação. Ela me abraça pulando e animada.

— Não acredito que temos um prédio!! — Me sacudo junto, retribuindo sua alegria.

— Pois é, mana. Agora teremos uma grande estabilidade financeira. Ahhh nem acredito!! — Sibilo tão aliviada, papai ficará feliz, deve estar nos vendo agora e fecho os olhos sentindo saudades.

— Vamos fazer uma comprinha em comemoração, Nina — Comenta Clara cheia de euforia.

— Podemos comprar, mas nada de exagerar. Ainda não sei qual será o valor de todos os alugueis.

— Tá bom!! Prometo me controlar — Clara ri de maneira traquina.

Seguimos para uma loja chamada Femme. Se trata de uma loja de departamento e lá poderemos encontrar roupa para todos os gostos. Como não sou uma pessoa super fashion, deixo, Clara tomar a frente e escolher minhas peças. A primeira peça é para amanhã, ainda não sei onde iremos, mas pretendo ir bem produzida. O vestido é de paetê dourado, bem curto, quase no meio da coxa, e as costas são cavadas, as deixando bem em evidência. Ao me olhar no espelho fico surpresa e até com certo receio.

— Que foi? — Clara pergunta franzindo a testa.

— Não tá muito cavado nas costas. Tem muita pele aparecendo.

Clara bufa e retruca:

— Deixa eu ir buscar um vestido na sessão de senhora então.

Sorrio com o sarcasmo dela.

— Tá... tá bom... vou levar esse então.

Ela parece animada e voltamos a comprar outras coisas. Aproveito e pego mais alguns shorts e vestidos de verão. Uma bolsinha no estilo clutch e um sapato de salto nude para combinar com o vestido de paetê. E por último e nada menos importante, quero um perfume novo. Algo diferente e impactante.

Sigo até o balcão da área de cosmético e peço ajuda a vendedora. Mostra-me alguns lançamentos e outras fragrâncias já famosas no mercado. Sinto o cheiro do perfume j'adore da marca Dior e me apaixono no mesmo instante. É doce e marcante, do tipo inesquecível e decido levá-lo. Minha irmã aprova e compra um Dolce Gabbana Light Blue, ela prefere o frescor do aroma cítrico e amadeirado.

Saímos com várias sacolas, felizes e sorrindo, como pinto no lixo. Antes de ir embora, tomamos um lanche na praça de alimentação e seguimos para casa de Uber.

Lá experimentei todas as minhas novas aquisições novamente e Clara aprovou uma por uma. Finalmente vou parecer sofisticada ao lado de Luca.

A manhã de sexta-feira passou rápida e atendi meus pacientes numa animação sem igual. Iria ver meu Thor à noite, só tinha motivos para comemorar. Ao chegar em casa, enquanto estou fazendo o almoço, Clara chega da escola.

— Quer que eu faça algo no seu cabelo?

Toco neles e fico pensando.

— Mas fazer o quê?

— Ah dá para fazer uns cachos bem encorpados e pesados. Tenho aquele modelador babyliiss. O que acha?

Topo na hora e ela corre para buscá-lo.

Após almoçarmos começamos o momento beleza.

Clara é paciente!! Separa mecha por mecha meticulosamente e modela lindos cachos grossos. No final o visual fica espetacular. Cabelos volumosos e cheios de brilho. Adorei!!

— Obrigada, Mana!! Valeu pela ajuda — Sibilo emocionada, minha irmã tem sido uma parceira e tanto — Na próxima nós iremos comemorar juntas — Prometo.

— Não esquentar, oportunidade não irá faltar — Diz ela acenando com as mãos — Agora deixe-me te maquiar, que só está faltando isso para completar o look. Faz uma maquiagem bem carregada nos olhos com grafite e prata. Um pouco de gloss nude, mascarará de cílios e um leve blush. E pronto!! Estou pronta para à noite.

Visto minha roupa e desfilo pela sala.

— E aí, que tal? — Faço caras e bocas de modelo.

Rimos e recebo o veredito.

— Está um arraso. O Thor vai comer na sua mão hoje.

— Tomará!! — Penso comigo mesma.

Checo o celular e vejo que tem uma ligação perdida dele. Ligo de volta.

— Estou te esperando aqui na frente — Encerro a ligação e me despeço.

— Estou com pena de te deixar sozinha — Murmuro para Clara.

— E quem disse que vou ficar sozinha? — Faz cara de sapeca e pisca.

— Enzo vem pra cá?

Responde que sim. E sinto-me em paz, sabendo que não a deixarei largada.

— Vai logo, teu loirão está te esperando.

Desço rapidamente e Luca está encostado no carro me aguardando. Solta um assovio enquanto me esquadrinha. E sua cara de tarado me faz estremecer.

— Vem cá gostosa. Deixa eu dar uma apalpada.

Recebo um beijo delicioso, de derreter qualquer calcinha.

— Por que mulher gosta de passar essas coisas grudentas na boca? — Reclama, enquanto limpa os lábios, retirando parte do gloss nude.

— Ué!! Pra ficarmos bonitas.

— Você é linda sem essa cola na boca, não precisa de nada — Dou risada e nem ligo para o que disse.

— Então. Para onde vamos? — Pergunto porque sou uma curiosa nata, não gosto de ficar às cegas.

— Surpresa!!

Aff!! Odeio surpresa, prefiro saber logo. Mas não digo nada, para não ser estraga prazer.

Entramos em tantas ruas, que já não sei mais onde estou. Estamos seguindo para uma área mais afastada, sentido da cidadezinha de Castel Gandolfo e franzo a testa.

— Por que está indo para a região de Castelli Romani?

Recebo um olhar de repreensão do tipo “ Curiosa não é”. Mas mesmo assim responde:

— O lugar que iremos fica nesse caminho — Só diz isso e não dá mais nenhum detalhe.

Sinto-me corroer de curiosidade, mas decido me conter e aguardar. Paramos em frente a casarão antigo em estilo colonial. Suas paredes são brancas e as janelas de um cinza claro, quase pálido. Os portões de ferro são altos e com detalhes desenhados, como se fosse pequenos braços moldados. Há várias seguranças na porta, se aproximam da janela de Luca, que logo mostra um cartão e sua entrada é liberada.

Observo tudo atentamente, o vallet abre meu lado e sou escoltada para entrada social da casa. Aguardo que Luca se aproximar. E de longe escuto uma pequena batida de música eletrônica.

Ao nos aproximarmos a recepcionista nos recebe. Luca volta a mostrar o cartão e a moça gentilmente pergunta se deseja reservar alguma suíte. Franzo a testa não entendo nada. Com o som, achei que fosse alguma balada, mas agora com esse papo de suíte me confundi completamente. Aqui é motel ou balada?

Luca ao ver minha cara de confusão, decide abrir o jogo.

— Sei que não está entendendo nada, mas peço que confie em mim. Nunca farei nada contra sua vontade. Vim trazê-la só para conhecer e olhar. Não tem obrigação nenhuma.

Começo a suar e tremer com essa conversa. Por que está cheio de dedos para me dizer onde

estamos?

— Tá bom, Luca!! Só me fala onde estamos.

Ele dá um pigarro e solta:

— É clube de sexo!!

Fico o encarando e sinto todos meus músculos se contraírem. Com medo do desconhecido.

Capítulo 21

Miro a porta do hall que nos separa do interior da casa e sinto todo os meus músculos se contraírem, uma sensação de medo daquilo que não conheço, terror pelo que está do outro lado. Sou totalmente crua em coisas desse tipo, tudo que sei e conheço foi de ouvir falar e, com certeza, os rumores não são nada positivos em relação a esse assunto. Luca vê meu estado e trata de esclarecer.

— O primeiro ambiente é um clube normal, com bar e música eletrônica. Se as pessoas quiserem ação, aí eles seguem para o outro lado, mais ao fundo da casa, onde tem salas específicas para todos os gostos. Desde dominação e submissão até swing. Aqui é para agradar todos os clientes — Diz ele tentando ser engraçado, mas, infelizmente, não despertando nenhum humor em mim. Minha cara de espanto, deve estar igual àquelas protagonistas de filme terror, que só sabem gritar e correr. — Nina, diz alguma coisa. Estou assustado!! — Ele respira fundo, se remexe e parece arrependido. Sua linguagem corporal demonstra que está perdido e vacilante. Passa a mão no cabelo e me olha carinhosamente. Os olhos indicam sinceridade e transparência.

— Me desculpe! Não devia trazê-la sem te consultar antes. Foi mal. Como sempre, eu ajo impulsivamente e faço besteira. Seu jeitinho meigo e inocente destoa disso tudo.

Uma ponta de felicidade desperta em meu interior, porque, pela primeira vez, ele admite seu erro e vejo que está sendo franco e genuíno. Sorrio, demonstrando aceitar suas desculpas.

— Não vou mentir! Na verdade, fiquei aterrorizada — Sibilo, acenando para o lugar. — Não estou acostumada, como sabe, e primeira coisa que passou em minha mente foi que seria entregue para dois homens enquanto você assistia.

Luca ri e balança a cabeça.

— Jamais faria isso, pequena. Não vou ser hipócrita e dizer que nunca participei de ménage. Mas nunca teria coragem de entregar você para outra pessoa e permitir que te toquem. Aliás, nem ando me reconhecendo ultimamente. Estou parecendo um cão de guarda ciumento e possessivo — Luca fala baixo, parecendo envergonhado de admitir. E, novamente, a alegria desponta em meu interior. É maravilhoso vê-lo desse modo, protetor e zeloso. Mas uma pergunta ainda martela em minha mente e resolvo descobrir a resposta.

— Se não quer ter sexo com outras pessoas, por que me trouxe aqui?

Encaro bem seus olhos, porque quero a verdade. Ele pensa um pouco e parece relutante, mas depois relaxa e conta a sua história.

— Tive um relacionamento sério há alguns e o término não foi muito bom — Sibila timidamente, sem dar muitos detalhes e lembro-me das palavras de Domenica. — Depois disso só queria farra e sexo sem compromisso, então passei a frequentar esse lugar. Transei com tantas mulheres diferentes, que perdi a conta — Um ciúme devastador se esmiúça dentro de mim e eu tento parecer relaxada e imparcial, mas está difícil. Tenho vontade de gritar que não me interesso por suas sacanagens, mas seria infantilidade da minha parte, já que está tentando me contar seu lado. — Como não venho aqui há muito tempo, resolvi te trazer para transarmos aqui dentro. Mas não como você acha, com terceiros participando ou gente assistindo. Não!! Isso não!! Pensei em alugar uma suíte e ficarmos transando aqui, porque o clima desse lugar é bem sexual, afrodisiaco, cheio de luxúria. Tem vários apetrechos no quarto que gostaria de usar para te fazer

vibrar e sentir prazer.

Ele soa sincero, com o corpo relaxado, mãos no bolso e olhos brilhantes. Gosto como foi sincero e transparente, sem meias verdades ou panos quentes. E vejo que talvez possa agradá-lo e entrar no lugar só para conhecer. Não posso prometer nada!!! Talvez me sinta mal, odeie o ambiente, como uma estranha no ninho. Mas vou enfrentar o desconhecido, já que seus planos não eram nada do pensei. Então tomo a iniciativa.

— Então vamos!! — Eu lhe dou a mão e aceno com cabeça para entrarmos.

Luca parece surpreso e embaçado. Vejo que por um segundo ele hesita, depois se recompõe e pergunta:

— Tem certeza? Não quero que se sinta pressionada — Franze o cenho em dúvida.

— Está tudo bem! Não estou entrando contra a minha vontade — Eu o encaro com sinceridade.

— Ok. Vamos tomar alguma coisa no bar para relaxar.

Ele segura a minha mão e seguimos lado a lado. Atravessamos a grande porta de madeira preta e logo estamos no interior de um barzinho bem elegante. O espaço é grande, várias placas luminosas na parede e luzes azuis e rosas no teto. Tem aquela aparência de um bar & lounge. O DJ e pista ficam ao fundo do ambiente. Entro olhando tudo ao redor, sou uma curiosa nata e nada me escapa. Seguimos para uma mesa alta de canto, Luca permanece em pé para buscar as bebidas.

— Vai beber o quê? — Ele me pergunta.

— Quero alguma coisa doce. Pode ser um Sex on the Beach ou Cosmopolitan. Aliás, nunca experimentei nenhuma delas — Falo, sorrindo de maneira sapeca.

Luca faz cara de safado e fala bem próximo da minha boca.

— Hoje vai experimentar várias coisas diferentes então. Prometo que irá adorar — Ele me dá um selinho bem gostoso e segui para o balcão.

A antecipação me varre de cima a baixo, a excitação me deixa úmida e cheia de expectativa. Olho para ele, que está distraído falando com o *bartender*. Luca é lindo, sensual e atlético. Do tipo que passa na rua e é impossível não pegar várias cabeças o acompanhando. Sinto-me uma maldita sortuda, muitas fariam qualquer coisa para estar no meu lugar e aqui estou eu. Com esse gato que demonstra se importar comigo.

Não quero ficar pensando e nem analisando onde estamos. Vim aqui curtir e é isso que vou fazer. Pretendo me esbaldar, ir embora e seguir com a vida. Luca se aproxima com nossas bebidas.

— Seu Sex on the Beach — Fala com segundas intenções.

Ele segura seu copo com uísque e me olha cheio de insinuações. Lambe os lábios com sensualidade e vejo que está tão desejoso quanto eu. Aquela suíte será pouco para tanta vontade.

Olho ao redor e vejo vários casais conversando nas mesas. Alguns homens sozinhos estão em pé, bebendo no balcão e parecem estar à procura de uma vítima para passar a noite. Um cara negro e alto me encara, então sorri descaradamente. Abaixo o olhar e volto a encarar Luca, que me pega espionando.

— Só não encare, porque entenderão que nós queremos companhia — Sou avisada tardiamente. E quando eu menos espero, o rapaz negro está à minha frente.

— Olá, boa noite!! — O homem que deve ter uns 40 anos nos cumprimenta educadamente. — Gostaria de saber se querem companhia? — Ele sorri, solícito, e me olha de maneira esfomeada, esquadrinhando cada pedaço do meu corpo. Suas sobrancelhas estão arqueadas, como se estivesse em plena expectativa, acreditando veemente que se dará bem essa noite.

Vejo a postura de Luca, que muda de relaxado para alerta, mas não faz cara feia ou se comporta de maneira grosseira.

— Estamos bem sozinhos, não queremos companhia. Obrigado!! — Luca responde. O rapaz parece decepcionado, frustrado. E tenta uma última tacada.

— Bem!! Se mudarem de ideia, meu nome é James e estarei por aqui — Antes de sair, ele me dá um sorriso charmoso e volta ao seu lugar.

Olho para Luca, sem graça, mas não posso fazer nada, afinal, fui levada até ali às cegas. Não posso ser culpada de nada.

— Que foi? — Pergunto desconfiada.

— Nada!! — Luca diz, mas não está bravo, só atento.

Uma música lenta começa a tocar e vários casais seguem para a pega pista do lounge. Olho descontraída e sinto vontade de balançar o corpo também.

— Vamos dançar? — Eu o convido.

Ele me olha, coça a cabeça e diz:

— Não sou muito de dançar, pequena. Sou capaz de pisar no seu pé — Fala de maneira divertida.

— Também sou péssima dançarina. Vai achar que está dançando com um poste, mas não tem problema, pelo menos a risada vai ser garantida — Sibilo, dando de ombros.

Ele entra no clima e me arrasta para a pista. Como é grande e alto, eu me sinto uma formiga em seus braços, passo só um pouquinho do ombro, e isso porque estou de salto. A música é linda, antiga, daquelas que te causa arrepio e te faz suspirar. Se chama *Take Me Breath Away* da *Berlin*, e foi tema de um filme chama *Top Gun*. E a letra é maravilhosa e diz exatamente como se me sinto.

“ Através da ampulheta eu vi você

A tempo você escorregou para fora do meu alcance

Quando o vidro quebrou eu te chamei

E virei para ouvir você dizer

Se só por hoje

Estou sem medo

Tire meu fôlego

Tire meu fôlego

Observando cada movimento

Neste tolo jogo de amantes

Assombrada por uma noção

De que, em algum lugar, há um amor em chamas

Virando e retornando

A algum lugar secreto por dentro

Observando em câmera lenta

Enquanto você se vira e diz “

Junto ao seu corpo esqueço de tudo, sua presença me faz sentir viva, feliz e esperançosa de que talvez, de alguma maneira que não sei como, quem sabe podemos ser felizes juntos. Quem sabe Luca possa conseguir superar seu medo e aversão a relacionamentos. Sou uma romântica incorrigível e acho que não mudarei nunca. Sempre amei os contos da Disney, princesas e príncipes com finais felizes. Aliás, quem não quer isso? Ficar com quem se gosta. E no fundo só admito o que já percebo há algum tempo. Que Luca me fisgou faz tempo, só estava com medo de admitir e sofrer as consequências, por isso fiquei me enganando esse tempo todo. A música termina e escuto um leve sussurro junto ao ouvido:

— Vamos para o quarto? Estou louco para ficarmos sozinhos.

Estremeço e o tesão me varre por inteira. Sou uma massa de sensações sem controle. Luca me arrebatava de uma forma que é humanamente impossível de explicar. Sou sua e não sei se algum dia conseguirei sentir algo parecido por outra pessoa. É uma coisa de pele, alma e espírito, como se estivesse destinada a conhecê-lo. E foi assim desde que coloquei os meus olhos nele, como se já tivesse escrito aquilo tudo.

Passamos por outra porta grande e pesada e logo o cenário e a decoração mudam drasticamente. Parece uma mistura de hotel e motel de luxo com uma decoração puxada para o marrom, vinho e com bastante madeira nos acabamentos. O teto é alto, com gesso, e uma iluminação intimista. Observo tudo atentamente, inspecionando cada detalhe. Paramos em frente a uma porta, com o número 20 talhado em dourado. O mesmo cartão que usou para entrar no clube é colocado na porta, que abre imediatamente. O cômodo é grande e há uma grande cama king size junto à parede. Eu me aproximo e meus olhos vasculham o lugar, então percebo que há pequenos ganchos na cabeceira da cama. Franco a testa e pergunto para Luca:

— O que são estes ganchos aqui na cabeceira?

Seus olhos escurecem como se estivesse com vários pensamentos sexuais, então responde:

— Logo você vai saber — Sussurra com a voz rouca e forte. — Essa noite vai ser pouca para fazer tudo que quero com você.

Sinto um baque, uma sensação que jamais serei a mesma. Que irei me faltar e resfolegar

naquele lugar. Que pouco irá sobrar de mim no dia seguinte, mas de uma coisa tenho certeza. Irei aproveitar até o ultimo fôlego nos braços daquele homem, sem medo ou reservas. Sem medo de ser feliz.

Capítulo 22

Sento-me na grande cama king-size para firmar as pernas e tomar fôlego. Sinto-me trêmula, estremecida, como se a perna fosse ceder a qualquer instante. A ansiedade tirando-me o sossego, a paz. Luca se move lentamente pelo ambiente, dono de si, seguro de suas atitudes. Se ele soubesse como estou por dentro, sei que não passo de uma ex-virgem que não sabe de nada. Mas prefiro esconder esse detalhe e fingir que estou nadando no mar de confiança. Espio cada movimento atentamente, e cada vez que retira um novo acessório da gaveta, suco em bicas de expectativa. O já conhecido formigamento no baixo ventre volta a dar as caras e me fazer sentir coisas novas. Estou úmida no meio das pernas e com o coração acelerado só de imaginar as coisas que faremos.

Luca me desperta um apetite sexual que jamais imaginei sentir um dia. Sua aparência, voz e cheiro, são como um chamariz para a minha libido. Uma isca succulenta e tentadora, me hipnotizando.

Com um olhar sensual e safado, segue em minha direção e joga diversas coisas sobre a cama. Tento identificar cada uma, mas logo sou distraída. Ele passa a desabotoar a blusa social de manga, usando movimentos lentos, prolongados. Como se não passasse de uma dança erótica, na qual estou sendo seduzida descaradamente. Não consigo desviar os olhos do seu peito nu, definido, musculoso. Isso é um verdadeiro atentado ao pudor, um desrespeito a meros seres mortais. Luca foi talhado a mão e a forma jogada fora. Tento me desvencilhar de seu olhar, virar o rosto para quebrar o clima, mas é impossível. Sua sensualidade é como um encanto, uma maldição e não sei se consigo resistir à tanta tentação. No rosto, uma barba alourada e bem aparada, destacando sua beleza máscula, dando um ar de cara malvado, que gosta de sexo forte e suado. Arrepio-me, fazendo todos os pelos do braço se levantarem de uma vez. Tento a sensação de que serei abatida a qualquer instante. Ele sorri, sabendo o efeito que me causa.

— Por que está com essa cara? — Questiona, sorrindo de maneira sem vergonha.

— Você está me provocando — Aponto para o seu corpo, ele morde os lábios e o lambe logo em seguida. Encaro sua boca, cheia de vontade de beijá-lo, mas me mantenho firme e no lugar. Luca curva-se e retira a calça, ficando só de cueca boxer preta. Uau!! O tempo parece que parou. É lindo, perfeito!! Tenho vontade lambê-lo inteiro.

Ele se aproxima e sussurra com aquela voz grossa e rouca:

— Tire a roupa!! — Fala de maneira direta, sem enrolação, em tom de ordem. Quase tenho uma síncope. Fico um pouco sem graça, meio sem ação, porque não me acho maravilhosa, com o corpo espetacular. Mas empurro a timidez e insegurança para o fundo e parto para a ação.

Não tiro os olhos do dele e bem devagarzinho, vou descendo o vestido. Remexo um pouco o quadril para fazer um charme. Ficando somente de calcinha, pois o vestido não comporta sutiã. Seus olhos famintos me esquadrinham, inspecionam e vejo puro deleite na íris dilatada.

Continuo parada e aguardando o próximo passo. Meus mamilos estão duros e pontudos, a espera de um toque e atenção.

— Que delícia — Sibila cheio de tesão. — Vou te foder de todo jeito.

Ele se aproxima e toma minha boca num desejo quase animal. Seus lábios me devoram, de

um jeito intenso e dominador. Fico sem fôlego e mesmo assim busco por mais contato. Estou tão acesa e faminta quanto ele.

Gemo descaradamente e me remexo, buscando mais contato com o seu corpo. Quero senti-lo em todas as partes.

— Calma!! Já vai ganhar vara — Arrepio-me com as palavras chulas. Adoro as coisas sujas que diz.

Luca se ajoelha à minha frente e abaixa a calcinha vagarosamente. Coloca o nariz na minha vagina e a cheira. Fico constrangida e tento me afastar, mas Luca não permite e me segura.

— Não precisa ter vergonha. Seu cheiro é gostoso, de mulher no cio com vontade de transar. Olha como está molhadinha — E passa os dedos nos meus lábios vaginais. Contorço-me de tesão e tenho vontade de implorar que me coma de uma vez. — Já vou dar o que quer, pequena. Te encher com meu pau.

Toco em seus ombros, sentindo a firmeza e suavidade da sua pele e músculo. Tudo na medida certa, nada exagerado.

— Ahhh, Luca!! — Arfo e respiro fundo, não consigo me conter e estou a ponto de bala.

— Vem, sobe na cama. Vai até a cabeceira.

Arrasto-me de joelho e viro-me de frente, aguardando suas instruções. Ele se aproxima, toma meus pulsos, coloca uma algema e as prende nos ganchos da parede.

— Agora já sabe pra que serve os ganchos na cabeceira — Responde a pergunta que fiz logo que chegamos ao quarto.

Olho assustada e percebendo meu olhar apreensivo, trata de me tranquilizar.

— Se machucar avise, ok? — Aceno positivamente.

Luca lambe, chupa meu pescoço, numa dança lânguida, erótica e envolvente. Me remexo tentando me concentrar, mas falhando veemente. Sou arrebatada, diante da destreza da sua língua que trabalha arduamente. E me transformo numa massa de sensações, com a pele ardente e sensível a cada toque. Ele desce e despende um grande tempo sugando meus mamilos, que estão avermelhados e gostando da atenção.

— Nossa, Luca!! Que gostoso, quero mais — Sussurro, extasiada e fora de mim. Meus gemidos se tornam altos e impossíveis de serem controlados. Percebo que se descontrola mais e mais. Luca está por um fio, assim como eu.

Ele se abaixa e parte mordiscando minha barriga, até chegar na vagina e pairar sobre ela.

— Cheguei ao meu lugar favorito — Sibila, fitando meu rosto.

Sinto seu hálito quente em meu sexo e arrepio-me inteira, pressentindo o quão bom será quando me tocar naquele ponto.

A língua macia lambe, suga e atormenta meu clítoris inchado. Invadindo e desbravando cada dobra úmida. Remexo e urro de prazer. Logo os dedos estão dando auxílio e trabalhando em parceria com a língua. A sensação é avassaladora. Sinto-me em queda livre, como se fosse me partir em mil pedaços a qualquer momento. Empurro minha pélvis em seu rosto, mostrando que ainda preciso de mais, que seus movimentos devem continuar. Fecho os olhos, sorvendo as sensações arrebatadoras, intensas. E quando menos espero, uma vibração profunda, íntima, chega

à borda e vem à tona. Um grito abafado rompe da minha garganta, me levando para um estado único de êxtase e satisfação.

Abaixo a cabeça para contemplá-lo e seus olhos estão vidrados em meu rosto, parece encantado e fascinado. E por poucos segundo, seus sentimentos estão ali, expostos, sem máscaras ou subterfúgios. Mexo com Luca tanto quanto ele mexe comigo, e isso é revelador e deslumbrante. Ele percebe que estou fitando-o e disfarça, depois muda de atitude.

— Me solte para que possa tocá-lo — Peço, falando num miado. Ele ri, safado, me solta e massageia os pulsos que estão vermelhos.

— Fique quietinha que agora é a minha vez.

Ele desce da cama, se agacha e pega a carteira que estava no bolso da calça. Tira um preservativo, reveste o pênis e volta para a posição anterior.

— Fique de quatro — Ordena.

Viro-me, ansiosa por mais um pouco, e sinto suas mãos em minha cintura. Um toque forte e possessivo. Distribui beijos nas minhas costas e arrepio-me por completo. Fala junto ao meu ouvido, deixando-me louca e fora de mim.

— Empina a bundinha para o teu macho, Nina. Vou te comer bem gostoso e com bastante força — Gemo desavergonhadamente, sem um pinga de controle no corpo.

— Ahh!!

— Isso geme para mim, pequena!! Adoro quando se entrega sem medo. Me deixa extasiado em saber que só o meu pau entrou aqui, que seu cuzinho é virgem e nunca te tocaram antes. É tudo meu, você é só minha.

Nossos corpos se batem e o barulho de carne se chocando é enlouquecedor. Sinto as estocadas aumentarem, seu pênis vibrando em meu interior, pulsando e esse conjunto deixa-me à beirada novamente. Com a pele sensível, ardente, não conseguindo me conter, me jogando no desfiladeiro da luxúria.

Luca rosna do fundo da garganta num prazer perverso e profundo, que parece sair das entranhas. Gozo logo em seguida, me perdendo numa miríade de sensações. Arfando, tremendo, me acabando.

Ele me puxa e ficamos deitados um de frente para o outro. Mesmo em silêncio, muitas palavras são ditas. Luca pega o seu celular e coloca uma música calma, gostosa. E ficamos ali, curtindo a companhia um do outro.

“Patience do Guns N’ Roses” ecoa pela pequena caixa do som do celular.

— Toda vez que escuto essa música lembro de você — Diz Luca num sussurro, falando junto ao meu rosto. Sorrio, porque aos poucos ele tem se mostrado mais aberto e sincero. Se mostrando de verdade.

— É mesmo. E por quê? — Resolvo cavar um pouco mais, quem sabe, hoje não é o dia das revelações e num golpe de sorte, ele resolver dizer o que sente.

— No dia que voltamos do litoral, estava tocando essa música no carro, acho que ficou marcado — Diz e faz um carinho no meu rosto.

Fecho os olhos, aproveitando o afago. Quando abro os olhos, Luca está sério e olhando para

baixo. Parece pensativo, uma ruga aparecendo em sua testa. Acho estranho, estávamos num clima tão gostoso agora a pouco. O que será que aconteceu?

— Que foi? Por que está com essa cara?

— Droga!! A camisinha estourou — Fala e logo se levanta da cama.

— Não acredito! — Falo nervosa e preocupada.

— Estourou na ponta — Sinaliza para o próprio pênis. — Devia estar com algum defeito, porque sempre uso essa marca, e nunca aconteceu nada assim — Olha-me apreensivo e pergunta. — Você toma anticoncepcional? — Empalideço, pois não me preocupei de tomar, sempre usamos camisinha.

— Não! Nós sempre usamos camisinha, então não pensei em tomar nada — Ele bufa e parece nervoso. Começa a andar de um lado a outro.

Fico inquieta também, afinal, não quero ter uma gravidez indesejada. Aliás, Deus me livre!! Luca me mataria!

— Calma!! Não vamos nos desesperar. Tem a pílula do dia seguinte. Você conhece?

Respondo que não. E Luca me explica.

— É um anticoncepcional para um caso de deslize, como foi o nosso. Impede a fecundação do espermatozoide no óvulo. Mas tem que ser tomada o quando antes, após a relação sexual. Segundo a bula pode ser até 72 horas. Mas não confio!! Quanto mais demorar, mais risco se tem de engravidar.

— Passe numa farmácia que eu compro — Enfatizo para que não se preocupe.

— Tá, ótimo!! Estamos preocupados à toa. Com o remédio não tem erro — Fala, otimista.

Nos olhamos novamente e o desejo forte volta com força total, nos levando à borda.

— Quero você de novo — Fala Luca apressadamente e quando vejo está sobre mim novamente e aí a brincadeira dura toda a madrugada.

Saímos do Clube por volta de 03:00 da manhã. Com a musculatura doída e cansada, encosto a cabeça no apoio do banco e dou leves cochiladas. Luca toca em minha mão para me acordar.

— Vou parar numa farmácia para comprarmos o remédio — Abro os olhos e aceno que sim.

No caminho, eu escuto meu celular vibrando na bolsa e estranho pelo horário. Meu coração acelera, afinal, telefone tocando de madrugada nunca é sinal de boa notícia.

Olho para o visor e um número desconhecido aparece, penso em ignorar, mas algo em meu interior me alerta para atender.

— Alô — Atendo receosa.

— Nina!! — Conheço aquela voz. — É o Enzo. Pode falar?

Fico preocupada e logo respondo.

— Sim, pode falar.

— Olha, não fique nervosa, tá — Quando diz isso, já dou um pulo no assento do carro e fico desperta, o sono foi embora.

— Fala logo, Enzo. É a Clara?

Ele respira fundo e solta a bomba.

— Eu bati o carro e a Clara se machucou no acidente. Bateu a cabeça e está desacordada. Mas acabaram de levá-la para o hospital Holly Spirit e foi socorrida logo. Então, acho que ficará tudo bem — Fala mais para si mesmo, parece tentar se convencer disso.

Uma dor lancinante me transpassa e fico chocada.

— Que foi, pequena? Por que está com o celular fora do ouvido — Estou paralisada, não consigo me mover e pressinto um ataque de pânico surgindo. — Ao perceber o meu estado, estaciona na primeira vaga que encontra e toma o aparelho da minha mão.

Escuto a conversa de longe, como se estivesse do outro lado da rua, e continuo estática e muda.

Luca finaliza e puxa-me para seu braço.

— Está me assustando, pequena!! Reage, por favor!! — Um choro irrompe do fundo da alma e estremeço dos pés à cabeça. O medo de passar por tudo aquilo me consome. Clara é tudo que me restou, não posso perdê-la.

— Não vou aguentar, Luca!! Eu não mereço passar por isso, perder todos ao meu redor.

Eu me agarro nele como se fosse um salva-vidas. Por que Clara fez isso? Por que saíram de carro depois de beber? E me vejo orando a Deus, pedindo que não me tire a única pessoa que sobrou da minha família.

Capítulo 23

Luca, em vão, tenta me acalmar. Enquanto não colocar os olhos sobre a minha irmã, não terei sossego ou paz. Sinto-me frágil e a ponto de quebrar. O simples pensamento de perdê-la me lança num abismo sem fundo e fumegante, no qual não vejo saída. Tremo e arfo em expectativa.

— Calma, pequena! A Clara vai estar bem, você vai ver. Pense positivo!

Respiro fundo e fecho os olhos, sei que ele tem razão, mas o pânico parece levar a melhor. Luca me abraça e diz:

— Enquanto não se acalmar não vamos sair do lugar. Fique aqui quietinha — Sussurra e continuo ali, encostada em seu peito, sentindo o pulsar do coração. Por incrível que pareça, esse som me acalma, me remete à segurança e familiaridade, e o pavor começar a se desfazer. Aos poucos o coração volta ao compasso normal, as mãos param de suar e tremer, o equilíbrio toma lugar. E vou me sentindo eu mesma, sem a histeria e o descontrole.

— Obrigada! — Falo, sincera, olhando seu rosto próximo ao meu. — Depois que meus pais morreram, às vezes tenho esse ataque de pânico — Sibilo, envergonhada.

— Não se desculpe, Nina. Depois da sua perda, a responsabilidade foi muito grande. É compreensível ter ficado com sequela — Assinto, pesarosa. — Só me diga como está agora?

— Estou mais calma. Podemos ir? — Pergunto, tentando esconder a ansiedade.

— Sim, vamos!! — Responde preocupado e seguimos direto para o hospital.

No caminho não consigo pensar em nada. A cabeça está um quadro branco e vazio, sem nada povoando. Só escuto os sons ao redor. Os carros passando na avenida, o barulho do motor, o raspar das mãos de Luca no volante, tudo como uma leve sinfonia me distraíndo do que me espera no hospital. O medo ainda está ali, escondido e aguardando o momento de se revelar. Tento empurrá-lo para o fundo da mente, mas está difícil, volta e meia aparece sem ser chamado.

O percurso parece interminável e moroso, remexo-me sem parar. Luca olha-me a todo instante, sabe que não estou nada bem. Sinto o aperto da sua mão quente, demonstrando afeto e segurança, só este gesto já me diz tanta coisa que meus olhos ficam marejados, ele não faz ideia do quanto me faz bem.

Estacionamos na parte traseira do hospital e desço rapidamente, me dirigindo à recepção.

— Minha irmã, Clara Yoshida Cantieri sofreu um acidente e foi trazida para cá. Você pode localizá-la, por favor? — Solicito ao atendente.

Ele busca seu nome no sistema e responde:

— A paciente está sendo atendida na traumatologia, no 1º andar bloco A. Pode seguir esse corredor e pegar o elevador — Sinaliza de forma solícita.

Agradeço e logo vejo que Luca está em meu encalço. Chego ao lugar indicado e peço ajuda a uma enfermeira que está no balcão.

— A Clara está sendo atendida e alguns exames serão feitos, peço que aguarde que o médico virá conversar com vocês — Escuto a voz trêmula de Enzo atrás de mim.

— Nina! — Viro-me e encaro um rapaz pálido e abatido. Eu lhe dou um abraço apertado,

sentindo alívio por ele estar bem.

— Desculpe, Nina. De certa forma foi minha culpa ela ter batido a cabeça — Ele fala num lamento de dar dó.

— O que aconteceu, Enzo? — Pergunto.

Ele respira fundo e narra.

— Nós saímos da festa e Clara quis vir deitada no meu colo, eu devia ter dito não, mas gostei que ficasse no meu peito enquanto dirigia. Foi muito rápido, um doido passou no sinal vermelho e bateu no lado oposto ao meu. Tentei segurá-la como pude, mas a pancada foi tão grande que Clara bateu a cabeça no teto. Eu só não me machuquei por conta do cinto.

E uma dor excruciante me varre de cima a baixo. O medo e pavor se esmiúçam em meu interior. Oh, Deus!! Não permita que minha irmã se machuque, oro com força e determinação, tenho muita fé que Deus não irá me abandonar.

— Você não teve culpa, Enzo. Foi um acidente causado por um irresponsável, fique tranquilo. Vamos pensar que tudo vai dar certo — Sibilo num fio de voz, tentando acreditar veemente naquilo.

Ficamos os três sentados lado a lado, cada pessoa que sai da ala de traumatologia, nós ficamos na expectativa. Até que me lembro que Paolo trabalha naquele hospital. No celular e busco seu nome.

— Está ligando para quem? — Luca questiona.

— Paolo trabalha aqui, vou pedir ajuda — Ele parece silencioso e recluso, mas não se opõe e nem diz nada.

— Alô — Diz uma voz sonolenta.

— Paolo, é a Nina. Desculpe o horário, mas você pode me ajudar? — Ele parece despertar da sonolência e responde de imediato.

— Claro, Nina. O que aconteceu?

— Minha irmã sofreu um acidente de carro e a trouxeram para o Holly Spirit. Mas até agora não tivemos nenhuma notícia e eu me lembrei que você trabalha aqui. Será que pode tentar falar com alguém? É que estou desesperada — Choramingo, nervosa.

— Calma... calma. Vou falar com um amigo que está de plantão e pedir que a procure. Só não se desespere, Nina. Perder a cabeça não irá ajudar em nada — Diz Paolo calmamente.

Tento me manter centrada, pois ele tem razão.

— Vou aguardar seu amigo então. Obrigada, Paolo. Não sei como agradecer — Digo cheia de sinceridade.

— Imagina!! Daqui a pouco te ligo para ter notícias — Responde num tom amável e carinhoso.

Atualizo os dois e fico esperando por novidades. Os minutos parecem horas que se arrastam sem parar. Levanto e fico zanzando de um lado ao outro, não consigo ficar parada, preciso me mover para dissipar a adrenalina.

Luca levanta e pergunta se quero um café, ou comer algo, afinal, não comemos nada.

— Não, obrigada! Não consigo comer nada — Ele parece preocupado, um pequeno vinco aparece no meio da testa. — Pequena, coma alguma coisa. Eu vejo se tem uma salada de fruta ou algo mais saudável — Nego e continuo em pé, esfregando as palmas das mãos.

Ele parece derrotado e segue atrás de alguma lanchonete. Enzo está calado, amuado e sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos, cabeça baixa e ombros arqueados. Sua posição não esconde o desânimo que o acomete.

Um rapaz se aproxima e vejo que procura alguém.

— Nina? — Pergunta de maneira profissional.

— Sim.

— Sou Jonas e trabalho com o Paolo. Vim te atualizar sobre a Clara.

Enzo levanta e se coloca ao meu lado.

— Sua irmã teve uma leve concussão cerebral e acordou faz uns 15 minutos. Estamos fazendo alguns exames pertinentes para saber se está tudo normal. Ela aparenta estar bem, os sintomas estão moderados e durante as próximas horas estaremos monitorando seu quadro. Mas já adianto que terá que ficar por pelo menos 24 horas em monitoramento.

Um suspiro de alívio rompe do meu peito e tenho vontade de pular de alegria. Obrigada, senhor!! Agradeço mentalmente.

— E quando poderemos vê-la? — Questiono ansiosa.

— Talvez daqui a uma hora a visita esteja liberada — Responde o médico.

— Obrigada, Jonas!! Agradeço a atenção — Ele sorri e sai, nos deixando na recepção. Abraço Enzo em comemoração por não ter sido nada mais sério.

— Graças a Deus — Solta Enzo. — Acho que envelheci uns 20 anos — Menciona em tom de brincadeira.

— Nem me fala — Murmuro. — Acho que não aguento mais nenhum susto.

Enzo senta ao meu lado e avisa.

— Depois dessa boa notícia, vou atrás do Luca e comer algo no restaurante. Aceita?

Resolvo saciar a minha necessidade fisiológica e vamos juntos, afinal, só dali a uma hora teremos novidades.

Avisto Luca sentado, jantando, e na mesa ao lado uma moça de branco que sorri simpaticamente e parece dizer algo. Estranho a cena, pois Luca não disse que conhecia algum funcionário daqui.

Nos aproximamos e sentamos no mesmo lugar.

— Minha irmã acordou e aparenta estar bem. Os médicos estão fazendo alguns exames e dentro de uma hora podemos entrar para vê-la — Pontuo, animada.

— Que notícia ótima, pequena. Tá vendo, deu tudo certo!! — Sorri abertamente e parece ter ficado satisfeito.

Abaixo a voz e pergunto:

— Você conhece essa moça aqui do lado?

Ele olha para onde aponto e assente negativamente.

— Não!! Eu sentei aqui para comer e ela puxou papo — Pontua relaxadamente, como se não tivesse nada a esconder.

Fervo de raiva. Por que tem mulher que não pode ver um homem dando sopa? Aff!! Sei que Luca é lindo, aliás, lindo é pouco, está mais para maravilhoso!! Mas nunca fiquei caçando assim nos lugares. Às vezes me custa entender por que certas criaturas parecem desesperadas atrás de um pênis. Olho para a fulana, mas felizmente, parece que ela entendeu que Luca está acompanhado e finge desinteresse. Acho bom mesmo!!

Luca percebe a minha carranca e não deixa passar:

— Ciúmes?

Olho para ele e levanto o queixo.

— Tenho motivo? Se não me engano, temos um acordo de exclusividade — Eu jogo na cara sem rodeios. Ele ri com o semblante safado e retruca:

— Não fiz nada, só estava comendo — Bufo e resolvo não estender o assunto.

Fico calada, mas lhe dou uma olhada, que serve como um aviso. A *periquete* levanta e sai rebolando, acho que querendo chamar a atenção. Olho na direção de Luca, mas ele nem parece se dar conta e continua comendo, descontraído, e brincando com Enzo.

Ficamos por volta de 40 minutos no restaurante e subimos num clima leve e ameno.

Ao chegar na recepção do trauma, surpreendo-me com quem me aguarda.

Gina, que me olha receosa e apreensiva. Parece com medo de ser enxotada. De primeiro instante fico chocada por vê-la, mas depois meu peito se enche de carinho, pois sei que foi avisada por Paolo e deve estar ali por se preocupar conosco.

Eu me aproximo e lhe dou um abraço apertado, tentando esquecer a conversa que tivemos.

— Como ela está? — Gina pergunta, preocupada. Eu a atualizo e minha amiga parece feliz e aliviada. — Que bom!! Foi um belo susto — Diz, dando de ombros.

— Foi mesmo, mas graças a Deus a Clara está bem. Ah, você pode avisar o Paolo? — Eu pergunto.

— Claro!! — Ela tira o celular da bolsa e envia uma mensagem. Faço questão de apresentar o Enzo.

— Esse é o Enzo, namorado da Clara — Gina é gentil e lhe estende a mão amigavelmente. — E o Luca você já conhece — Falo baixo, num tom conciliatório.

Gina o encara com desdém e apenas acena com a cabeça. Luca também a olha sério e não parece fazer nenhuma questão de ser simpático. E fico ali no meio dos dois, que transpiram animosidade.

Ficamos conversando sobre coisas bobas, até que me lembro do Snop. Putz deve estar sem comida em casa!!!

— Lembrei do Snop, deve estar sem comida em casa. Coitado!! — Ponho a mão na cabeça pensando na melhor solução. Gina se intromete e solta um desaforo:

— Mande seu amigo que está aí só de enfeite ir lá dar comida para ele. Eu pretendo ficar com

você — Murmura rispidamente.

Luca não se aguenta e responde a altura:

— Pelo menos eu enfeito algo, já você, não posso dizer o mesmo.

Gina bufa e se empertiga na cadeira.

— Faça alguma coisa útil, seu loiro anabolizado.

Pressinto que o tempo irá fechar, então dou um basta.

— Chega, gente!! Eu vou lá ver o Snop, não se preocupem com isso. E não quero ninguém brigando, ok?

Luca respira fundo e parece fazer ume esforço gigantesco.

— Não!! Eu vou, pequena!! Snop não vai me estranhar — Ele se agacha próximo ao meu rosto. — Posso trazer alguma roupa, já que vai ficar por aqui — Pergunta, tentando ser prestativo.

— Eu quero sim. Pegue qualquer vestido, uma calcinha e sutiã. E produtos de higiene pessoal no banheiro.

Ele assente e me dá um selinho carinhoso ao sair. Por alguns segundos, demoro para olhar para Gina, pois temo o que irei encontrar. Seus olhos estão marejados e cheios de dor. Contorço-me de tristeza, pois não quero magoá-la, mas nada posso fazer para ajudar. Ela precisa entender e aceitar. Mudo o foco para amenizar o clima.

— Você quer entrar conosco no quarto?

— Quero sim, também fiquei preocupada com a Clara — Ela fala ainda tentando se recuperar e passamos a conversar sobre seu novo trabalho.

A enfermeira avisa que podemos entrar e seguimos para o quarto. Eu dou um abraço apertado nela e aviso que ficaremos com ela. Minha irmã diz que não se lembra de nada. E, segundo o médico, isso é normal, algumas pessoas apagam a lembrança de um trauma para preservar o organismo. Ficamos ali conversando e brincando para distraí-la, até que Gina avisa que precisa ir embora, então eu a levo até o corredor.

Ela me encara e parece ter muitas coisas a dizer, mas engole em seco.

— Sei que a nossa última conversa foi difícil e ficamos brigadas, mas não me odeie, Nina. Porque, apesar de tudo, somos amiga, independentemente dos meus sentimentos — Fala num choramingo e sinto um conflito muito grande, pois a amo como irmã, mas odeio que goste de mim de outra maneira.

— Não quero ficar brigada, Gina. Só preciso que entenda meu lado. Que aceite que sou diferente de você.

Ela respira fundo, aperta os dedos um no outro e volta a me encarar.

— Eu estou aprendendo a aceitar, mesmo que meu coração sangre sem parar — Murmura chateada e cabisbaixa. — Mas vai ficar tudo bem, a gente sempre superou tudo, agora não será diferente — Se aproxima e me abraça forte, como se precisasse disso para viver. Os segundos passam e nada de me soltar, dou um leve pigarro e me desvencilho. Ela me olha triste, sorri e dá adeus.

Fico ali, olhando para a minha amiga de infância e implorando para que tudo se ajeite e Gina encontre alguém que a ame de verdade.

Capítulo 24

Volto ao quarto e logo Enzo se despede também, o pobrezinho está cansando e sem dormir. Aliás, todos estamos do mesmo jeito. Os dois ficam grudadinhos, namorando e se despedindo. Percebo que estou sobrando e os deixo a sós. Perambulo pelo corredor fazendo hora e ao avistá-lo, dou-lhe um abraço e volto a ficar com Clara.

— Que susto, mana. Não tenho mais idade pra isso!! — Falo e pisco, fazendo uma careta.

— O outro motorista vai ser autuado. Puxaram a ficha do cara e já tem várias ocorrências de acidentes com vítimas. Ou seja, é um pilantra que sempre apronta e nada lhe acontece — Diz Clara, brava e indignada.

— Infelizmente, aqui em Roma temos impunidades como em qualquer lugar do mundo.

— Nem fala!! Eu podia estar morta por causa desse infeliz, imprudente.

A enfermeira entra no quarto para colocar uma medicação no soro da minha irmã.

— Como está se sentindo? — Pergunta a enfermeira.

— Estou sentindo um pouco de dor de cabeça e náusea — Diz ela calmamente.

— Como o plantão mudou, vou avisar ao doutor Cláudio, que é o neurologista responsável, e pedir que venha vê-la.

Assinto e agradeço.

Logo recebemos a visita do médico. Doutor Cláudio avisa que devido aos sintomas de náusea e dor de cabeça, será necessário ficar mais de 24 horas no hospital. Para casos de concussão, todo cuidado é pouco, e será preciso monitorar com maior cautela. Enfim, estou me preparando para ficar até domingo de manhã. Mas não tem problema! O melhor de tudo é que Clara está bem e inteira.

Por conta das medições, minha irmã cai num sono profundo e fico no celular, sapeando no Facebook. A porta abre lentamente e vejo Luca colocar a cabeça pela fresta. Ao me ver, sorri e entra no cômodo com a pequena mochila na mão.

— Suas coisas — Sinaliza e depois diz: — Snop já estava quase sem comida — Avisa-me.

— Coitadinho!! Vou dar um jeito de ir para casa mais tarde.

— Não precisa — Fala Luca. — Levei-o para casa da minha mãe. Dona Domenica adora cachorro e ficou toda contente em cuidar de Snop. Os dois se deram bem logo de cara, aquele malandrinho sabe conquistar as pessoas.

Fico com os olhos marejados por Luca ter se preocupado com cada detalhe, de como está cuidando de mim.

— Obrigada, Luca!! Agradeça a Domenica pela gentileza e espero que Snop não faça um estrago na casa, ele adora brincar com sapatos — Sibilo e dou de ombros.

Luca ri e retruca:

— Imagina se ele pega os sapatos de mil dólares Jimmy Choo — Estremeço de medo e o alerta.

— Avise-a, pelo amor de Deus!! Snop é um picareta e se aproveita de qualquer vacilo. Já perdi uns cinco pares de sandálias por conta das suas farras — Luca gargalha com vontade e diz:

— Relaxa, pequena!! Deixe-o aprontar. Eu e meu irmão não queremos filhos, então nada melhor do que um animalzinho para agitar a rotina dos velhos.

Sorrio, imaginando a cena e resolvo abordar o assunto, já que ele mencionou primeiro.

— Não pretende ter filhos no futuro? — Questiono, curiosa, sei que não tenho nada a ver com isso, mas algo no que disse me incomoda.

— Não pretendo casar. Como terei filhos? Crianças precisam de mãe, e não quero relacionamentos no pacote. Lembra?

Diz de forma relaxada e despretensiosa. Por mais que saiba de toda a sua aversão e desconfiança na instituição matrimonial, ouvi-lo falar em voz alta me deixa triste e sem esperança.

— Não esqueci!! — Falo quase num sussurro.

Luca muda de assunto e pede mais informações sobre a saúde de Clara.

Faço um pequeno resumo de tudo e aviso que ficarei ali até domingo de manhã.

— Eu venho buscar vocês — Ele avisa.

— Não precisa, a gente vai de táxi.

— Imagina, Nina!! Faço questão, espero você me ligar — Antes de se levantar, ele me dá um beijo na testa e sai pela porta.

Fico o encarando, apaixonada e decepcionada, tudo na mesma intensidade. Enquanto Luca caminha pelo corredor, vejo algumas auxiliares de enfermagem o fitando, cochichando e dando risadas. Como posso culpá-las? Ele é lindo e másculo. Chama a atenção de qualquer criatura que tenha libido.

Fecho a porta do quarto e volto a ficar nos meus pensamentos. O sábado e a manhã de domingo passam rapidamente, e agora estamos esperando Luca chegar.

— E você e o Thor como estão? — Clara pergunta.

— Na mesma — digo um pouco desanimada após a nossa conversa de ontem.

— Calma, mana. Acho que sem perceber o loirão está ficando na sua, ele é todo cuidadoso e cheio de dedos. Parece mais um namorado, que só um ficante. Ele é duro na queda, vai lutar para não cair, tentará resistir. Mas já estou até vendo o final disso — Diz ela sorrindo e fazendo um coração com a mão.

— Sei não, Clara. Luca nem sonha em se amarrar, acho que apenas tem pena porque somos sozinhas.

— Sei lá, deixe as coisas correrem então.

Assinto e em poucos minutos a porta se abre. Luca nos deixa em casa.

— Quer subir? — Pergunto, torcendo para que diga sim. — Enzo chegará daqui a pouco, farei almoço. Está convidado.

Ele sorri e responde:

— Mamãe fez um rango bom e está me esperando. Mais tarde venho para cá e trago o Snop.
Dou um sorriso feliz e aceno positivamente.

Por volta das 17 horas, o interfone toca:

— Alô.

— Dona Nina, o Luca está na portaria.

— Pode pedir para subir, Bartolomeo.

Vou até o quarto e olho-me no espelho para conferir o visual. Estou com um vestido de alça azul claro e uma rasteirinha nude. Passo as mãos no cabelo e ajeito os fios fora do lugar. Rapidamente, passo um batom clarinho só para realçar os lábios.

A campainha toca e sigo para sala, abro a porta, e Luca está com Snop numa coleira. Sua aparência é esplendorosa, linda e revigorante. Quase que uma aparição de um Deus do Olimpo. Barba aparada, cheia e bem-feita. Cabelos penteados com gel, espetados, dando um ar *bad boy*. Blusa de malha cinza modelando o corpo, deixando à mostra seus bíceps torneados e desenvolvidos. Fico com água na boca e o esquadrinho por inteira, nem percebo que ele sorri e parece satisfeito com meu escrutínio.

— Devo ter perdido uns quilos agora? — Diz ele bem humorado e me entregando Snop, que late e faz festa para ser recepcionado.

— Quem manda ser gostoso — Falo sem esconder a minha satisfação.

Ele se aproxima como um predador e recebo um tapa na bunda.

— Digo o mesmo, pequena. Você está bem gostosinha nesse vestido — Se abaixa e me dá um beijo esfomeado e cheio de segundas intenções. Nos soltamos e larga a coleira de Snop, que começa a correr pela casa, sentindo falta de suas coisas e em busca de confusão.

— Cadê a sua irmã? — Ele pergunta.

— Fazendo nheco nheco no quarto — Digo, bufando. Luca franze a testa, esperando que eu continue. — A cama dela deve estar quebrada, porque toda vez que passo no corredor, escuto esse som de nheco ecoando.

Ele arqueia a sobrancelha e solta uma piadinha.

— Então já está boa para uma próxima.

— Vira essa boca pra lá!! Acho que devo estar com uns cabelos brancos já.

Ficamos conversando um pouco e vendo televisão, até que escuto Snop arranhando a porta do quarto de Clara. Bicho curioso, não gosta de ver nada fechado.

Escuto Clara lhe dando uma bronca e dou risada.

— Como você é teimoso, Snop. Eu estava ocupada e tive que me vestir para abrir a porta.

Luca aproveita a deixa e pergunta:

— Quer dormir lá em casa? — Fico exultante com o convite e aceito de primeira.

— Quero sim. Mas você me deixa às 7:00 no trabalho?

— Deixo. Mas vamos logo, no caminho peço o nosso jantar.

— Vou pegar uma roupa e já venho — Levanto e separo uma muda, meu jaleco e alguns produtos de higiene. Coloco um casaquinho fino, porque sinto que o ar lá fora está mais fresco. Do corredor, grito para Clara que irei dormir fora.

Ela abre uma fresta da porta e me olha divertida.

— Hum quer dizer que vai dormir no Luca — Ela afirma e faz uma careta safada.

— Sim e amanhã depois do meio-dia estou aqui. Juízo vocês dois — Falo me fazendo de séria, mas falhando veemente e acabamos rindo. — Tem dinheiro na bancada da cozinha — Aviso. — Peça algo para comer.

— Tá bom, Mana. Vai com Deus — Ela fecha a porta, porque, provavelmente, Enzo deve estar sem roupa. Se aproxima e me dá um abraço apertado. — Obrigada por cuidar de mim — Sussurra com um olhar sincero e cheio de ternura. Me emociono, porque graças a Deus, ela está bem e com saúde. E só posso agradecer ao altíssimo por essa benção.

— Você é minha irmã, sempre estaremos juntas — Eu lhe devolvo o carinho. Ela retorna para o quarto e sigo para sala.

— Vamos!! — Sinalizo para sairmos.

No caminho, vamos conversando sobre amenidades e coisas sem importância. Até que Luca me pergunta por algo que me deixa branca e estarrecida.

— Nina, no meio da confusão esquecemos de comprar o remédio. Você tomou, não é? — Está com um olhar desconfiado e parece preocupado, fazendo seu lindo semblante ficar mais pesado e duro. Como se a simples notícia de eu não ter tomado, fosse derrubá-lo e estragar a nossa noite. Estremeço e não sei o que dizer, não quero falar que dei essa derrapada por conta do acidente, porque dirá que no próprio hospital tinha uma farmácia. Me questionará por que não comprei no sábado. Mas a verdade é que esqueci completamente do fato e o apaguei da memória. Puta merda e agora? Vai achar que estou com sacanagem, que fiz de propósito. Resolvo ocultar o fato e minto descaradamente. Sei que não é certo, mas vou dar um jeito de comprar esse remédio agora e tudo ficará bem.

— Tomei no sábado, depois que as coisas se acalmaram — Falo séria, olhando em seus olhos e tentando transmitir uma verdade inexistente.

— Eu imaginei!! Quando vi a farmácia ali perto do restaurante, imaginei que tivesse comprado a pílula ali.

— Sim... foi ali mesmo — Gaguejo e tento recompor-me. Meu Deus!! Preciso tomar essa porcaria agora. — Por falar em remédio, amanhã eu fico menstruada e preciso comprar absorvente. Será que podemos parar em alguma farmácia? — Ele me olha tranquilo e responde:

— Tá bom, paro em alguma no caminho de casa — Sibila calmamente.

Fico silenciosa e apreensiva, tomará que ele não queira descer comigo, pois não sei como irei comprar a pílula com ele ao lado.

Ao estacionarmos em um estabelecimento desses de rede, eu falo:

— Nem precisa descer. Só vou comprar absorvente e já volto.

Luca acena e aguarda no carro. Saio rapidamente, com medo que mude de ideia.

Compro o bendito medicamento, tomo na farmácia mesmo e faço o caminho inverso.

— Já? — Pergunta, surpreso

— Já sim e mostro a sacolinha de plástico — Claro que comprei absorvente para dar maior veracidade à minha história.

Seguimos para sua casa e minha mente vaga na mentira que acabei de lançar. Que Deus me ajude e nada se volte contra mim, pois com certeza que seria o meu fim. Estremeço com a ideia e afasto esse pensamento negativo e ruim da minha mente. Nem ficarei pensando nisso para não atrair coisas indesejadas.

Capítulo 25

Narrado por Luca

Após deixarmos a farmácia, Nina fica esquisita, pensativa e calada. Não quis insistir, devido tudo que passou no fim de semana, então a deixo em sua própria bolha, pensando na vida. Ao embicar o carro na entrada do estacionamento, aviso para que desça. Ela está aérea e parece alheia ao que acontece em volta. Toco-lhe a mão para chamar a atenção.

— Nina!! Chegamos — Alerto calmamente.

Ela desperta dos seus pensamentos e sorri fracamente. — Ah tá!

Desce do carro e logo caminha ao meu lado, enquanto carrego sua mochila.

— Está tudo bem? — Questiono, preocupado. — Ficou estranha do nada.

— É só preocupação com a Clara, não é nada de mais.

— Relaxe!! Ela está bem, já até transou com o namorado, quer maior prova de saúde? — Digo em tom de brincadeira. Nina sorri, mas a alegria parece não alcançar seus olhos. Me preocupo com sua apatia de uma hora para outra, mas se não se sente confortável em desabafar, devo respeitar o silêncio. — Putz!! Esquecemos de passar no restaurante e pegar nosso jantar — Sibilo bravo e bato em minha testa.

— Não tem problema!! A gente pedi, só vai demorar mais um pouquinho — Retruca calma e relaxada.

Aquele jeitinho de bem com a vida que me encanta. Para ela tudo está ótimo e tranquilo. Nada lhe tira do sério. Gostaria de ser assim, tão de bem com a vida e com universo. No geral, eu costumo ser mais mal-humorado e estressado. Tenho o pavio curto e sou mais explosivo. O que gosto em Nina é justamente isso!! Sua docilidade e inocência pueril. Que contrasta comigo em diversos aspectos. Ela é ternura, mansidão. Eu sou austeridade, dureza. Geralmente, quem mais presencia meu melhor lado é minha família. E só a eles que costumo me mostrar sem ressalvas e máscaras. Não gosto de expor meus sentimentos, me mostrar de verdade. Após o rompimento traumático com Natalie, mudei drasticamente, fui de um oposto a outro em pouco tempo. De um homem apaixonado e romântico, para alguém com aversão a relacionamentos e extremamente desconfiado. Não consegui namorar novamente, na verdade, nem sei se conseguirei tentar. Natalie me destruiu completamente. A dor de ser passado para trás foi grande demais e deixou profundas cicatrizes. Tornei-me cético, duro e descrente. Para eu confiar em alguém de novo, está além das forças e fora do alcance.

— Vou pedir agora — Saco meu aparelho celular e busco o número que já se encontra nos preferenciais. Cumprimento o atendente da noite e pergunto sobre o prato do dia. Após ouvir as três opções, pergunto a Nina:

— Os pratos de hoje são: Nhoque ao sugo, risoto de camarão e lasanha. O que prefere? — Ela parece pensativa, comprime os lábios numa linha fina. E parece não ter gostado de nada. — Que foi pequena? Se não gostou, pode pedir outra coisa.

— Mas o quê? — Diz ela. Respiro fundo e busco paciência.

Sinalizo para o atendente, que passarei o telefone para a minha acompanhante verificar as demais opções e já faço o meu pedido.

Nina, fica quase 25 minutos conversando com o rapaz. Meu Deus, haja paciência!! Pergunta sobre todos os pratos, queria fazer combinações que não estavam no menu. Por fim, se cansou e pediu um risoto de frango. Nossa!! Tanta energia gasta, para pedir um prato simples. Mas, enfim, não falo nada.

Ao chegar em meu prédio, subimos em silêncio, uma tranquilidade nos envolve e não sentimos necessidade de ficar falando somente para preencher lacunas. Nesse ponto, Nina se parece comigo.

Ao adentrar ao meu apartamento, conecto a *playlist* do meu celular a uma caixa de som *bluetooth*, e uma música calma e lenta ecoa pela sala. Sorrio, porque a letra é linda e penso na minha linda acompanhante no mesmo momento.

“ Iris — The Goo Goo Dolls “

**E eu desistiria da eternidade para tocá-la
Pois sei que você me sente de alguma forma
Você é o mais próximo do paraíso que chegarei
E eu não quero ir para casa agora**

**E tudo que eu posso sentir é este momento
E tudo que eu posso respirar é sua vida
Porque mais cedo ou mais tarde isso acabará
E eu não quero sentir sua falta esta noite**

**E eu não quero que o mundo me veja
Porque não creio que eles entenderiam
Quando tudo estiver destruído
Eu só quero que você saiba quem eu sou**

— Adoro essa música — Nina fala, sorrindo, com olhos brilhantes e expressivos.

Olhos que tentam esconder o que sentem e não conseguem. Ela pensa que me engana, que pode ocultar suas emoções, mas seus sentimentos estão ali, escancarados. Vejo descrito no semblante que está apaixonada, que se apegou sem nem perceber. E um misto de sensações me acomete, entre ficar exultante e aterrorizado. Nina, com seu jeito meigo e terno, tem se esmiuçado em lugares proibidos, derrubado barreiras que antes eram intransponíveis. O medo me

ronda, não sei se quero ou tenho disposição para tentar algo agora. As coisas estão boas desse jeito, com o amor do lado de fora. Gostar complica tudo, e torna tudo mais perigoso.

— Também gosto — Falo me aproximando e lhe dando um beijo quente e caloroso nos lábios. O clima entre nós se altera, passa a ficar sexual, erótico. — Assim que a comida chegar, vou te comer bem gosto. Já estou a ponto de bala e cheio de vontade. Tô ficando acostumado a entrar nessa bocetinha apertada. O que você tá fazendo comigo, pequena? — Sibilo com a voz rouca e cheia de lasciva. Nina estremece e arqueia as costas em sinal de entrega, seu rosto se contorce de prazer, e percebo que adora que eu fale coisas sujas ao pé do ouvido.

— Vai esperar a comida chegar? — Pergunta de maneira sapeca, abrindo os lábios sensualmente.

E desperta a besta que mora em mim. Tenho vontade fodê-la duramente para aprender a não me provocar. Ela lambe os lábios provocativa e começa a arrancar as roupas no meio da sala. Se aproveita que a música muda e se move conforme a batida. Tirando peça por peça, lentamente. Essa menina me paga!! Vou deixá-la assada e sem sentar por alguns dias. A última peça é jogada sobre meu rosto e pego sua calcinha e cheiro de forma carnal. Ao notar que avanço, ela se desespera e corre pela sala, mas consigo lhe alcançar e jogá-la em meu ombro. Nina grita e se debate, mas eu a seguro com firmeza e levo para o meu quarto. Preciso de espaço para fazer tudo que desejo. Eu a coloco no meio da cama e ordeno.

— Não saia daí!!

Ela ri descaradamente e pergunta:

— Se eu sair, fará o quê?

Olho-a em sinal de aviso, ela para e fica no lugar como mandei. Vou até a cômoda e pego alguns brinquedinhos e uma caixa de preservativo. Nina se estica e tenta enxergar o que carrego, jogo na cama ao seu lado, e vejo seus olhos se arregalarem em sinal de alerta. Óbvio que não usarei tudo, mas fiz isso para deixá-la assustada e lhe dar um susto.

— Por que trouxe a caixinha? — Pergunta receosa, ressabiada.

— Porque vou usar todos — Vejo que se mexe, assustada, passa as mãos no cabelo e parece desconfortável.

— Mas tem 12 preservativos!! — Sinaliza, preocupada.

— E daí? Te garanto que tenho energia para trepar 12 vezes.

— Não tenho dúvida — Ela fala me olhando desconfiada. — Mas não sei se dou conta do recado. Você sabe que é bem avantajado e é provável que eu saia daqui numa cadeira de rodas — Fala séria e mirando meu pênis já ereto. Dou risada com a sua cara assustada e resolvo lhe dar um alívio.

— Sou potente, pequena. Mas 12 numa noite, só garotos de programa e mesmo assim, a maioria toma “viagra” — Ela parece mais relaxada após revelar minha traquinagem.

— Isso é um vibrador? — Se ajoelha próxima das coisas que joguei sobre a cama.

— Sim, um vibrador de 18 centímetros — Ela parece ficar nervosa e trêmula. — Você vai gostar, pequena. E fica tranquila, ainda é menor que o meu pau.

Nina me olha e dá um sorrisinho ansioso, parece não ver a hora de se esbaldar com todas

aquelas coisas, mal se contém de ansiedade. Morde e lambe os lábios em expectativa.

— Encoste-se na cabeceira. Vou te vendar e prender os braços — Digo autoritário e espero ser obedecido.

Ela parece indecisa. Me aproximo e lhe faço um carinho no rosto, lhe transmitindo calma e tranquilidade. Nina, apesar de curiosa e fogosa, ainda é nova em tudo isso. Preciso agir com sensatez, serenidade. Não posso me apressar e colocar tudo a perder. Posso assustá-la e ter um efeito contrário ao desejado.

— Se sentir qualquer dor ou medo, avise que paro na hora, ok? — Me inclino e lhe dou um selinho carinhoso. Nina parece se sentir mais confiante e acena que sim. Prossigo com meus planos. Prendo os braços em duas presilhas junto à parede e lhe coloco uma venda preta com elástico e pergunto: — Está doendo?

Imediatamente balança a cabeça que não e continuo.

— Quando você é privado de ver, os outros sentidos ficam mais aguçados. Perceberá que o tato e o cheiro ficarão extremamente aflorados e aproveitará tudo numa escala mais alta, exacerbada.

Vejo que engole em seco e nada diz, apenas escuta e aceita. Tenho vontade de lhe devorar ao ver que é tão submissa e inocente. Sinto um leão rugir em meu peito ao pensar que fui seu primeiro, que nunca teve um pênis no meio das pernas. Que sou o único que lhe toma tudo, que degusta do seu corpo e ingenuidade. Tais sensações deixa-me possessivo e ciumento. Mesmo não querendo um relacionamento sério, não consigo pensar em outro a tocando. Fico doente só com a ideia e quase fora do corpo. Nina é um perigo, pois tem se esgueirando pelo meu sistema e tomado coisas que jurei nunca mais dar a ninguém. Preciso ser precavido e atento, e olhar tudo com atenção. Se me descuidar, essa garota irá se apossar do meu controle e vontade própria. Já ando abrindo exceções demais para ela, dando-lhe aberturas que há muito tempo estavam esquecidas. Se não abrir meus olhos, estarei prostrado aos seus pés e lhe servindo como um cachorrinho, assim como fui com Natalie, no passado. E isso jamais pode acontecer. Jamais!!! Jurei que nunca mais serei passado para trás e não pretendo esquecer minha promessa.

E começo minhas brincadeiras.

Para lhe deixar excitada e fora de si, dou-lhe um beijo esfomeado e cheio de malícia. Enrosco nossas línguas, tomando cada espaço da boca. Ela geme e curva as costas em sinal de entrega, sorrio, satisfeito e falo próximo ao ouvido, sei que gosta da minha voz, que a excita.

— Não vejo a hora de te chupar, de provar essa entradinha gostosa e apertada — Digo com a voz rascante, rouca.

Ela se mexe, tenta soltar os braços, mas está privada de se movimentar. E isso me excita pra caralho!!! Fico com a boca cheia de água, mas contenho-me e aguardo o momento certo para lhe atacar.

Pairo sobre seu corpo esguio e cheio de curvas. É linda!!! Seios pequenos, porém duros e pontudos, que me deixam louco de tesão. Bunda redondinha e empinada, daquela que só de ver, sinto vontade de dar uns tapas. Me agacho um pouco mais e lhe cheiro o pescoço. Constatando um cheiro delicioso e inebriante. Como flores e algo doce.

Nina arfa e estremece com meu contato, sente que estou sobre si. Dominando-a e controlando. Começo a morder e lamber o pescoço, descendo até os pequenos montes rosados, que mais

parecem duas peras macias e suculentas. Abro os lábios e me aposso do mamilo esquerdo, dando total atenção. Chupo, mordo e sugo. Tudo na mesma proporção, de maneira rude e forte. Escuto choramingar e excito-me profundamente ao ver que se descontrola. Passo um dedo sobre seus lábios vaginais e noto que já está encharcada e pronta para o ato.

— Ah, pequena!! Que delícia, está toda molhadinha para mim — Me próximo da sua vagina e lhe cheiro, adoro o odor de mulher no cio. Fico de pau duro e tenho vontade de lhe abrir as pernas e meter com força. Mas não posso descontrolar-me como um adolescente. Tenho que esperar a minha vez, primeiro o prazer de Nina.

— Ah, Luca... tá tão gostoso — Ela fala com a voz pesada e cheia de tesão.

— Não viu nada ainda!! Te farei gozar várias vezes, vai chorar e dizer que não aguenta mais.

Ela estremece e levanta o quadril. Decido lhe dar um alívio, acabar com a espera. Ligo o vibrador e insiro em sua bocetinha pequena e apertada. No começo ela pula, assustada, hesitante.

— Calma, pequena!! No começo é estranho, mas vai se acostumar.

Nina respira fundo e diz:

— É um pouco estranho, mas não é ruim. Acho que é gostoso — Sibila excitada.

— Então se solta e aproveita. Vou aumentar a potência, não se assuste.

Nina se contorce na cama e percebo que está a caminho de um gozo forte e potente. E decido lhe presentear e apressar sua libertação. Abaixo o rosto e me aproximo da sua bocetinha, enquanto o vibrador faz seu trabalho. Abro os lábios vaginais e lhe toco o clítoris com a língua. Ela geme alto, fora de si, então eu a ataco de maneira esfomeada, chupando com vontade e deixo que o vibrador a provoque incessantemente. O gozo surge violento, impetuoso e o urro lhe explode pela garganta. Treme e arfa, quase desfalece embaixo do meu corpo. Um sentimento de fome e devassidão me acomete. Levanto-me cato um preservativo e a penetro sem muita conversa. As estocadas são fortes e ritimadas. Nina, mia e se remexi com meus movimentos de vai e vem.

— Essa bocetinha apertada me mata, estou viciado, não quero ficar sem — Sibilo fora de mim, a ponto de perder o controle, estou na borda, sensível.

— Vai mais forte!! — Nina choraminga, enlouquecida, querendo mais estocadas.

— Quer mais pau do seu macho. Então toma!! — E aumento a velocidade, fazendo a cama sair do lugar e nos sacudir com força. Não paro, sinto o suor escorrer pelas costas, como um animal sentindo o cheiro da fêmea, trepo com vontade e determinação. Adoro sexo, e tenho energia para comê-la à vontade. Mas logo sinto o famoso arrepio que começa no músculo da pélvis e pressinto que o gozo está se formando e tomando proporções no meu organismo, quando menos espero, sou assolado por um prazer aterrador e esplendoroso, fazendo-me quase levitar pelo cômodo. Um rosnado de prazer reverbera por minha garganta e desabo em cima de Nina, completamente exaurido.

Deito-me de lado para não esmagá-la e encaro seus lindos olhos verdes, que me encantam e hipnotizam. Ficamos nos encarando em silêncio, não precisamos de palavras para dizer o quanto nos sentimos bem um com o outro. E por mais que não queira me apegar a ninguém, é impossível não gostar de estar ao seu lado. Nina é inocente, ingênua e desperta um lado em mim que achei estar esquecido e extinto há muito tempo. Não consigo deixar de querer cuidar, de me

preocupar, de estar ao lado. É mais forte que minhas convicções e receios. E por isso ela é tão perigosa!! Nina está se tornando um vício, uma necessidade e não posso permitir isso.

Narrado por Nina

No dia seguinte fui deixada logo cedo na clínica. Estou um caco, transamos mais três vezes aquela noite, sinto todos os músculos do corpo doendo. Parece que corri uma meia maratona nessa última noite. Que disposição e pique!! Luca é puro êxtase e não deve ser considerado humano, pois para ter aquele apetite, deve ser extraterrestre.

A manhã foi corrida e nem a vi passar. Minha última paciente foi dona Gemma, que pediu que a levasse até a recepção. Ao chegar lá, seu neto Lorenzo estava esperando. Se aproximou e me cumprimentou com um beijo no rosto. Até estranhei, porque não tenho intimidade e nos vimos apenas uma vez. Vi que me olhou com interesse, com curiosidade. Fui gentil e educada, mas sem muita proximidade, pois não estou interessada e prefiro não lhe dar nenhuma entrada.

— E aí, vó, como foi a fisioterapia hoje? — Ele pergunta carinhosamente para Gemma.

— Ih, meu filho!! Aqui, só nascendo de novo. Não sei quem disse que envelhecer é bom, aff... é um tal de dói aqui... dói ali. Saudades da minha juventude, isso sim!!! Meus 20 anos não tinha nada, não pegava nem gripe — Gargalhamos com a sinceridade de Gemma. — Nina, obrigada por me trazer aqui, querida, e até quarta-feira — Diz a senhorinha gentilmente.

— Até, dona Gemma.

Lorenzo me olha diferente, parece querer falar alguma coisa, mas nem lhe dou oportunidade. Aceno com a mão e volto para minha sala.

Chego em casa cansada e doida para dormir um pouco. Luca me deixou exaurida e exausta. Até pensei em ir correr um pouco, mas do jeito que estou, sem chance. Faço o almoço e resolvo cochilar após finalizá-lo.

Meu celular toca, olho o visor e vejo um número desconhecido. No começo, nem quero atender, mas depois penso que pode ser do escritório de advocacia.

— Alô — Atendo calmamente.

— Nina? — Uma voz de gente idosa ecoa do outro lado.

— Sim. Quem é? — Pergunto curiosa, porque a voz feminina parece ter um sotaque estranho, diferente.

— Você não me conhece, querida, pelo menos até onde sei, Kyomi não falou de mim — A mulher fala num japonês correto. Estremeço e fico muda. Quem é essa mulher? Por que mencionou minha mãe?

— Como conhece minha mãe? — Pergunto, curiosa, não entendendo nada.

— Sou sua avó, Nina. Sei que deve estar estranhando. Mas será que podemos nos encontrar?

Fico pasma e chocada. Mamãe nunca falava da sua família. Sabia que tinham lhe virado as costas por conta do casamento com meu pai e a última coisa que imaginei é que um dia apareceriam.

— Nina? — Ela volta a falar e percebo que fiquei alguns segundos em silêncio.

— Desculpe!! Acho que estou chocada com a notícia. É que minha mãe nunca falou de vocês, enfim. Claro, podemos nos encontrar sim. Prefere algum restaurante ou quer vir em minha casa?

Ele pensa um pouco e diz:

— Se não for incômodo, posso ir na sua casa?

— Incômodo nenhum. Quando você quer vir?

— Posso ir hoje à noite? Se não tiver nenhum compromisso, claro!!

— Pode ser às 20 horas.

— Está ótimo, Nina!! E obrigada por me receber — Ela fala com uma voz calma e pacífica.

— Imagina!! — Respondo sem graça e confusa. E fico matutando sem parar. Sei que rejeitaram minha mãe há muitos anos. Por que está procurando agora? Será que já sabe que a filha morreu? Bom, só vou ter as respostas ao recebê-la.

Capítulo 26

A ansiedade foi uma constante no decorrer daquela tarde. Vi-me cheia de expectativa e perguntas a serem respondidas. Andei de um lado a outro, vi televisão, lavei roupa, arrumei o guarda-roupa. Não sabia mais o que fazer para que o tempo andasse depressa. Até havia esquecido que Clara já estava para chegar da escola, não deu 20 minutos, minha irmã aparece na sala e sorri simpaticamente.

Pergunto sobre sua saúde, afinal, chegou do hospital ontem e pode ter sentido algum desconforto.

— Estou bem, mana — Responde, bocejando.

— Está com sono? — Pergunto rindo.

— Pois é!! O Enzo pegou pesado ontem — Sibila dando de ombros.

Faço uma careta de nojo e retruco:

— Ecaa... me poupe dos detalhes sórdidos, já basta passar no corredor e escutar sua cama fazendo barulho.

Ela se curva num riso gostoso e fala:

— Você escutou? Putz!! Temos que trocar essa cama né.

— Final de semana a gente compra outra — Falo, balançando a cabeça e me divertindo.

Almoçamos juntas e resolvo lhe contar sobre a visita da nossa avó. Clara olha-me com espanto e dá sua opinião.

— Não devia recebê-la aqui. E se for uma golpista?

Analiso o que diz e acho que ela até tem razão, mas, enfim, já pedi que viesse, agora não posso voltar atrás.

— Já fiz o convite, Clara. Não tem jeito, agora teremos que recebê-la.

Minha irmã me olha com sinal de reprovação.

— Ficarei de olhos abertos, se está japa quiser dar uma de espertinha, lhe dou uma surra — Murmura Clara.

Olho-a de maneira divertida.

— Com estes braços musculosos? — Pergunto.

Minha irmã se olha e dá risada.

— Acho que estão mais para gravetos que musculosos.

Lavamos a louça e arrumamos a cozinha, deixando o ambiente habitável novamente.

— Você vai fazer o jantar? — Clara questiona, preocupada. — Porque não sabemos do que gosta.

— Não tinha pensando nisso, acho que a esperarei chegar, aí pedimos algo que agrade.

— Também acho melhor, assim que não erramos na escolha. Imagina se pedimos carne e ela

é vegetariana.

Vou até meu quarto e separo um vestido simples e fresco, pois o dia está abafado e sufocante. Ou não sei se eu, que estou a mil, perante a oportunidade de conhecer algum familiar de dona Kiyome.

— Também estou me remoendo — Minha irmã desabafa. — São tantas perguntas, tantas dúvidas. Mas, enfim, temos que aguardar.

Resolvo fazer minha unha. Sento na cama e pego uma valise com um kit de espátula, lixa e outros acessórios importantes. Escolho o esmalte numa tonalidade *rosé* e procuro um cintilante para combinar. Depois de uma hora, estou com as unhas lindas e reluzentes. Ponho as mãos para cima e admiro meu trabalho final. Nunca fiz curso, nem nada, mas adoro essa parte de beleza. Acho que amaria ter uma clínica de estética. Quem sabe no futuro!! Agora com a renda do prédio comercial, posso pensar em alugar um espaço grande e trabalhar em dois segmentos. Fisioterapia, pois é uma aérea com muita procura, e estética.

Hum boa ideia, Nina. Penso comigo mesma.

Meu celular apita e vejo que tem uma mensagem de Luca no WhatsApp.

Luca: Quer sair comigo de novo?

Sorrio feliz, mas ao mesmo tempo decepcionada, pois não posso ir.

Nina: Adoraria!! Mas já tenho compromisso. Fica para outro dia.

Nem um minuto após enviar a mensagem, ele liga.

— Oi — Atendo feliz.

— Compromisso com quem? — Questiona de maneira direta, sem enrolação. Fico um pouco brava por ser mal-educado e nem ter me cumprimentado, mas relevo, pois Luca é sempre Luca.

— Minha avó virá aqui — Falo, ansiosa.

— Por que dá atenção aquela mulher odiosa, Nina? Desmarque!! A criatura nem merece o esforço.

— Não é a mãe do meu pai. Dessa vez quem apareceu foi a minha avó materna do Japão.

Sussurro um pouco animada. Do outro lado, só silêncio, e ficamos assim por alguns segundos.

— Você tem certeza que é sua avó legítima? Não é estranho aparecer alguém justamente agora, que recebeu a herança.

Entendo o que diz, mas não sou tola. Não darei nada a ninguém. Esse dinheiro é para vivermos com certo conforto durante a vida. Não o desperdiçarei com outras pessoas. Mas ficarei alerta, prestando atenção a qualquer sinal. Apesar de ser meiga e gentil, nunca fui boba com dinheiro e tão pouco serei agora, nesta altura da vida.

— Fique tranquilo, Luca. Pensei a mesma coisa e estou desconfiada também. Mas preciso tirar está história a limpo e entender o motivo da sua vinda, por mais estranho que seja. E se for verdade? Se for realmente minha parente?

Ele respira fundo.

— Quer que eu vá para aí?

— Clara estará aqui!! E preciso fazer isso sozinha. Mas obrigada pelo apoio. Te ligo mais tarde.

Digo para tranquilizá-lo.

— Se cuida, pequena.

Nos despedimos e divago sobre tudo que foi falado.

Às 20 horas em ponto o interfone toca. Joaquim é o porteiro que cobre a folga de Bartolomeu.

— Dona Nina, tem uma senhora dizendo que é sua avó. Posso deixá-la subir?

— Pode, Joaquim — O nervoso me consome e não sei o que fazer. Será que é minha vó de verdade? Ou uma vigarista? Ando pelo cômodo e Clara vem da sala e percebe minha inquietação.

— Ela está chegando? — Questiona. Respondo que sim. — Calma, Nina! Fica se mexendo sem parar, parece que vai pôr um ovo. Sente aqui que eu abro a porta — E fico no sofá agoniada, transpirando em bicas, aflita.

Escuto os passos de Clara se dirigindo à porta. A mesma é aberta e ninguém diz nada, silêncio absoluto. Acho estranho e viro-me com rapidez. E recebo um baque bem grande-, ao olhar para porta. A imagem da doce senhora que está em pé, com a bolsa no ombro e as mãos juntas me é muito familiar. É como ver a minha mãe mais velha, como ela se pareceria daqui há alguns anos. Sinto os olhos arderem e a garganta travar, a semelhança é inquestionável, os mesmos olhos, tonalidade de pele, formato de nariz, e principalmente a doçura no rosto. Não preciso de provas e a verdade está ali, estampa em cada traço. Minha irmã parece chocada, atônita e sem chão, percebo estar mais abalada que eu. Então tomo a frente e a conduzo a situação.

— Desculpe, senhora!! Acho que minha irmã ficou emocionada. Entre, por favor — Clara dá um passo para o lado e deixa o vão livre.

Ela sorri educadamente e adentra ao ambiente com passos lentos e cadenciados. Percebe-se que é elegante, com bons modos e refinada. Nos fita com alegria e certa emoção. Parece se controlar para não sucumbir aos sentimentos.

— Sente-se por gentileza. Aceita uma água, café ou suco? — Pergunto educadamente.

Ela me olha com tanta intensidade e carinho, que sinto-me exposta por tanta familiaridade e semelhança. Mas tenho que ser forte e não sucumbir. Por enquanto nada é garantido.

— Obrigada, Nina. Mas estou um pouco nervosa e nesses momentos meu estômago não aceita nada — Revela envergonhada.

— Também sou assim. Aliás, nós somos desse jeito. Clara, chega a vomitar se estiver agitada demais — Digo sorrindo e mexendo os braços.

A senhora abaixa a cabeça e pontua.

— Acho que é uma característica familiar. Kiyomi teve gastrite em uma época por ser extremamente ansiosa — Aceno a cabeça por ser verdade. Mamãe tinha muito cuidado, porque volte e meia descobria que a doença tinha voltado.

Clara parece despertar e senta-se ao meu lado, com olhos curiosos e questionadores.

— Qual seu nome? — Minha irmã pergunta.

— Oh, desculpe a indelicadeza!! Entrei e nem me apresentei. Me chamo Keiko. E moro em Tóquio.

Clara não parece satisfeita com as poucas respostas e contra-ataca.

— E como nos achou, visto que não tinha contato com a minha mãe?

A senhora se remexe, desolada.

— Contratei uma empresa de investigação muito conceituada na cidade e me colocaram a par de tudo, inclusive da morte de Kiyome — Isso parece afetá-la profundamente, e aparenta estar se sentindo mal.

— Está tudo bem? — Questiono preocupada, afinal é uma senhora.

Keiko respira fundo e acena positivamente.

— Foi só uma queda de pressão, já estou voltando ao normal.

— Olha, Keiko. Desculpe o bombardeio de perguntas, mas mamãe não falava da família e sabíamos muito pouco. E do nada a senhora aparece, é realmente perturbador e estranho. E precisamos ter certeza que se trata de uma parente de verdade. Não estou querendo ter nenhuma surpresa desagradável...

Minha avó me corta:

— Não tem problema, Nina. No seu lugar, eu faria a mesma coisa. Entretanto, por mais estranho que pareça, sempre acompanhei a vida de vocês de longe — A senhora tira um envelope da bolsa e me estende. Olho com desconfiança no início, depois pego e abro. Clara, que está ao lado, se estica e confere o conteúdo junto comigo.

São fotos da nossa família em diversas ocasiões. Pelo jeito, Keiko, acompanhou todas as fases. Quando eramos crianças, adolescentes e adultas. Diversas fotos de mamãe caminhando na rua. Outras dela com meu pai. Levanto os olhos e meu rosto estampa as diversas perguntas não ditas, verdades que precisam ser reveladas.

Uma lágrima escorre em seu rosto, e vejo o quanto está abalada, derrotada, doída. Retira um lenço da bolsa e seca rapidamente. Seus gestos são contidos e tímidos. Pareço estar vendo mamãe à minha frente. Os mesmos trejeitos comedidos. E a saudade bate forte e avassaladora, respiro fundo e empurro o sentimentalismo para o lado, não é hora de fraquejar.

— Sua mãe nunca lhe contou o motivo de nosso afastamento?

Digo as poucas coisas que sabemos. Que mamãe foi noiva e largou tudo para ficar com meu pai.

Keiko fecha os olhos, respira fundo e torce os dedos um no outro.

— Apesar do Japão ser um país desenvolvido, ainda somos atrasados no quesito de igualdade de sexo. A mulher ainda é vista como inferior ao homem em vários aspectos. Mesmo nos dias de hoje, muitas japonesas são forçadas a escolher entre a carreira ou casamento, pois se vierem a contrair matrimônio, são obrigadas a cuidar da casa, dos filhos, marido e dos pais. Não podendo deixar ninguém se matando para dar conta de tudo. Não tendo a opção de receber apoio do cônjuge. Pois para os homens, isto é uma função feminina, que não deve nunca ser designada. Somos ensinadas a sermos submissas na infância, primeiro obedecendo ao pai e irmãos. E depois ao marido, que nunca deve ser contestado.

Fico horrorizada com tanto machismo em pleno século 21 e olho para Clara, que nem pisca.

— Kiyomi conheceu seu pai quando ele fazia uma especialização em Tóquio. Se apaixonaram logo de cara, foi aquele tipo de amor, que só se vê em filme, ou que poucas pessoas encontram na vida. No início, tentei dissuadi-la, pois sabia que meu marido nunca aceitaria, afinal, Kiyomi era comprometida desde adolescente. E para nós é uma desonra, não cumprir a palavra. Mesmo vendo que os dois se amavam, não a incentivei, muito pelo contrário. Coloquei empecilhos e pressão para que acabasse. Até Kiyomi aparecer grávida e todo um drama se iniciou em nossa família.

Abro a bocada, passada, pois nunca soube que fui gerada antes de se casarem. Fico triste por mamãe não ter dividido esses segredos conosco. Será que sentia vergonha porque decepcionou seus familiares?

— Meu marido não aceitava tamanha afronta. E expulsou e rejeitou nossa filha. Disse que estava morta e assim o fez até o leito de morte, não voltando atrás e nem se arrependendo de suas ações. Eu e minha filha mais nova fomos obrigadas a virar as costas para Kiyomi e rejeitá-la. Não foi fácil passar esses anos longe, só recebendo fotos e notícias sem profundidade. Não podendo abraçar minha filha e conviver com minhas netas. Tive que me contentar com migalhas e conviver com a saudade, que me consumia. Meu marido faleceu há nove meses, então me vi livre e desimpedida para poder me aproximar novamente. Revivi, fiquei iluminada e cheia de esperança. Até descobrir que minha Kiyomi não estava mais viva. Tinha ido embora e nem pude me despedir, dar um abraço e dizer o quanto a amava e sentia muito.

A doce senhorinha se desmanchava à minha frente, sua dor e arrependimento tão pungente que me atingiram em cheio. Senti os olhos arderem, a garganta travar e as mãos tremerem. Um clima se instalou no ambiente. Olhei para Clara, que parecia tão abatida e desolada quanto ela. Era impossível não se emocionar com a cena.

Ela falava um japonês tão rápido, que algumas palavras estavam difíceis de serem traduzidas. Mas uma coisa nós três tínhamos em comum, a dor de perder alguém que amamos.

— De que me adiantou ser tão obediente e seguir a tradição? Se perdi o maior tesouro que recebi nessa vida. Agora sou obrigada a conviver com minhas escolhas e amargar o desespero de nunca poder pedir perdão.

Me entristeço com seu destino, e não posso mensurar o tamanho do arrependimento.

— Vó — Digo calmamente, tentando consolá-la. — Tenho certeza que minha mãe sabe que se arrependeu e de onde estiver, já te perdoou.

Falo quase num sussurro, porque estou com a voz embargada e rascante.

— Será que minha filha me perdoa?

— Tenho certeza, vó — Clara resolve se pronunciar, e quando a olho, está vermelha e com os olhos molhados. — Mamãe esbravejava na hora, se aborrecia e daqui a pouco já tinha esquecido. Sempre foi assim.

Keiko sorri e assente, aliviada.

— E vocês podem me perdoar pela minha ausência? Sei que são muitos anos e que sou uma estranha. Mas prometo ser uma boa avó — Ela fala baixo, e parece estar com medo de ser rejeitada, as mãos tremem, vacila. — Não quero impor nada, só quero conhecê-las melhor.

Sinto pena e sorrio, porque vejo que é sincera, seus olhos são transparentes demais. É o tipo de gente que não consegue esconder o que sente.

Olho para minha irmã, pois não quero tomar nenhuma decisão sozinha, afinal, somos uma família de três. Contado com Snop.

Ela assente e vejo um sim silencioso ser transmitido. Um alívio gigantesco me varre e uma sensação de alegria me recompensa. Como se a dor de nossas perdas, fossem começar a ser substituídas por novos ganhos. Como se a nuvem preta tivesse dado lugar a um dia de sol e estiagem. E uma luz no fim do túnel passasse a brilhar.

— Nós já te perdoamos, vó. Puxamos a mamãe, aqui ninguém guarda mágoa por muito tempo.

Sou a primeira levantar e lhe dar um abraço. Clara me seguiu e ficamos as três no meio da sala. Até Snop chegou perto e deu uma latidinha. Sorrimos e continuamos assim, curtindo o novo membro do nosso lar.

Capítulo 27

Curtimos um pouco mais a companhia uma da outra, a conversa não tem fim, flui naturalmente, nos fazendo rir e nos alegrar, afinal, eram anos de ausência para serem atualizados em algumas horas. Falamos de tudo um pouco. Carreira, estudo, desejos. Vovó Kieko tem sede de informação, de saber cada detalhe e nuance de nossas vidas. Tenta a todo custo compensar o tempo perdido. Sorrio e passo bons momentos em sua companhia. Encanta-me com tanta docilidade e ternura, mostrando um lado, que infelizmente não tivemos desde a infância. Uma avó zelosa e atenciosa. Que faz questão de estar por perto ou ser agradável. Como era bom dar e receber carinho, ter a sensação de ser amada, querida. Recebê-la foi uma surpresa gratificante e abençoada. Foi um presente divino no qual nem sonhamos e agora podemos desfrutar de bom grado.

Olho no relógio e vejo que já se passam das três desde o nosso encontro. Meu estômago ronca e dá as caras e finalmente lembro-me que ficamos de papo e não comemos nada.

— Vó, você deve estar faminta, desculpe!! Vou preparar algo. Tem alguma restrição de alimentação?

Ela sorri comedida e responde:

— Podemos sair para jantar, Nina. Não se preocupe em preparar nada.

Abano a mão em negativa.

— Não é nenhum trabalho, vó. Tem alguma restrição alimentar? — Pergunto para não fazer feio.

— Só não como carne vermelha, de resto estou liberada.

Busco na memória se tenho alguma carne branca no freezer e lembro-me de uns filés de frango.

— Farei um yakissoba de frango. Pode ser? — Olho para as duas, que acenam animadamente. Seguimos para cozinha e acomodo vovó numa cadeira com Clara ao lado.

Movimento-me relaxadamente, aproveitando cada comentário e pergunta. Totalmente distraída, desligada. Até que escuto a campainha tocando. Olho para Clara com uma pergunta explícita. “Você espera por alguém?” Ela me olha com a testa franzida e dá de ombros.

Caminho para a sala e abro a porta e lá está o homem que me tira o sono e povoa meus pensamentos. Lindo, grande e másculo. Ocupa todo o batente e sua presença é imponente, suprema e arrasadora. Tomo fôlego e o encaro de maneira questionadora.

— O que está fazendo aqui? — Questiono de cara.

— Você não atende essa merda de telefone!! Há uma hora e meia estou ligando sem parar, mandei mensagem e nada. Comecei a pensar besteiras e resolvi te procurar. Afinal, ia receber a tal avó desconhecida — Para de falar e olha ao redor. — Cadê ela? — Sibila confuso.

— Está na cozinha e deu tudo certo, Luca. É que ficamos distraídas e esqueci de olhar meu aparelho — Murmuro.

— Deu tudo certo como?

— Ela não é nenhuma golpista, fique tranquilo e estamos pondo os assuntos em dias — Sorrio e peço que me siga.

Entro na cozinha com Luca em meu encalço. Vovó o encara com olhos curiosos, com diversas perguntas, mas como é uma senhora educada, simplesmente disfarça.

Falo em japonês para apresentá-los. Keiko pergunta se Luca fala inglês.

— Minha avó perguntou se fala inglês — Ele responde que sim e se adianta.

— Prazer em conhecê-la, Keiko. Me chamo Luca e sou amigo da Nina — Fala de maneira educada. Vovó o fita com carinho e retribui o cumprimento estendendo a mão.

— O prazer é meu, Luca!! Desculpe não falar sua língua, mas aos 75 anos, não tenho mais a memória da juventude — Fala, brincando com a idade.

— Não diria que tem essa idade — Responde, todo galante. — E agora sei de onde vem a beleza das suas netas — Vó Keiko sorri tímida e parece ficar de peito inflado com o elogio.

Intervenho na conversa.

— Estou fazendo yakissoba. Quer? — Pergunto a ele.

— Nunca nego um jantar — Diz, sorrindo, encosta-se no batente.

Ficamos conversando ora em inglês e ora em japonês.

— Vó, e nossa tia, veio com você?

— Sim. Só que pedi para conversar com vocês primeiro, não queria assustá-las com muita gente.

— Eu quero conhecê-la também — Clara diz, animada. — Ela é muito mais nova que a nossa mãe?

— Sete anos apenas — Responde. — Vamos combinar de nos encontrar essa semana.

— Claro, vó!! Vamos adorar — Falo de imediato. Luca nos observa, calado, mas ao fitar seus lindos olhos azuis, vejo um lampejo de alívio e felicidade. Parece estar satisfeito, exultante com a descoberta. Com as feições em paz, relaxadas. — Nossa tia é casada? Tem filhos?

Keiko nega e respira fundo.

— Depois do que aconteceu, Kira pegou verdadeira aversão a casamento e nunca quis dar esse passo. Preferiu ajudar o pai nos negócios e inclusive ficou à frente da empresa com a sua morte.

Franzo a sobancelha querendo saber cada vez mais da minha nova família.

— Sério? E a empresa é pequena ou de médio porte? Qual é o ramo?

Vovó sorri, encabula, e solta a bomba.

— É a Shinzo Company Limited. Não sei se conhece, atuamos no ramo de cosméticos e maquiagem — Paro o que estou fazendo e minha boca abre ligeiramente. Clara começa a tossir e até engasga sem acreditar. Luca encara vovó como se a senhora tivesse antenas.

— Shinzo cosmético é sua? — Pergunto quase sem acreditar.

— Sim, querida a empresa é nossa. Não esqueçam que vocês fazem parte da família agora — Tal revelação é como levar um soco no estômago. Keiko acaba de revelar que minha mãe é filha

do dono da quarta maior empresa de maquiagem e cosmético do mundo. Estou chocada e sem reação. Por essa nunca esperei!! Jamais e nem nos sonhos mais loucos, pude acreditar que mamãe abriu mão de tanto conforto e luxo para viver seu amor.

— Uau!! — Solto a única coisa que vem à cabeça.

— Sei que está surpresa, Nina. Mas quero ajudá-las, quero que tenham conforto e que participem dos negócios da família. Kira precisa de ajuda e amará recebê-las.

Fico um pouco incomodada e preocupada com tanta informação. Afinal, sou apenas uma fisioterapeuta, não faço a menor ideia de como gerir um império desse tamanho, que tem um nome forte e de peso no mercado mundial.

— Vó, sou fisioterapeuta, como já deve saber, não fiz administração. Não faço a menor ideia de como ajudar tia Kira — Respondo sincera. Ela parece entender meu ponto de vista.

— São ideias, querida!! Mais para frente resolveremos tudo, não há pressa. O melhor que fazemos agora é nos conhecermos.

Assinto que concordo e volto a terminar nosso jantar. Olho para Luca, que parece pensativo e com a cabeça longe. Acho que está digerindo tudo como eu. Ainda não acredito que minha família é dona da Shinzo.

O jantar é divertido, há sempre um assunto em pauta. Vovó é uma mulher culta, inteligente, viajada. Sinto-me até um pouco sem cultura perto de tanta sabedoria. Luca não fica atrás, é esperto, sagaz e sempre tem algo surpreendente a completar. Vejo que se dão bem logo de cara, e Keiko pergunta bastante sobre os negócios da família de Luca. Parece satisfeita com o que escuta, e com os olhos iluminados em aprovação.

Quase meia-noite, minha avó se despede e Luca desce junto. Me dá um leve beijo escondido na cozinha. E sorrio, porque parecemos dois adolescentes levando o relacionamento em oculto.

— Amanhã você não me escapa — Ele fala me beijando com vontade na cozinha, enquanto vovó está na sala com Clara.

— Prometo te recompensar!! — Sussurro, perdendo o fôlego. Sorrimos como dois bobos e saímos com a cara séria, tentando disfarçar o que fizemos. Keiko nos olha, divertida, e pergunta:

— Vamos, Luca? — Ele assente e saem ao mesmo tempo. Fecho a porta e os olhos e digo a mim. Por essa eu não esperava!! O que será que o futuro nos reserva?

Capítulo 28

Narrado por Luca

Seguimos em silêncio pelo elevador. A pequena senhora que caminha ao meu lado, passa uma sensação reconfortante de tranquilidade e confiança. Como se tivesse ciência e sabedoria para dar o próximo passo, como se nada lhe escapasse do alcance. Percebe-se que é uma mulher educada, com requinte e polida. Exala boas maneiras por todos os poros, nada disso me passa despercebido. Então, por que estou inquieto, exasperado? Por que tenho a nítida sensação de que as coisas irão mudar, que nada será como antes? Como se o jogo já tivesse sido lançado e apenas estamos no aguardo do resultado. Um pressentimento estranho que o destino vai me surpreender e que nada será como antes. Uma gota de suor escorre por minha testa, levanto a mão e a intercepto no meio do caminho. Não gosto de mudanças, aliás, boa parte das pessoas não gosta. Prefiro as coisas pré-determinadas, traçadas. Ações que já conheço de cor e salteado, que tenho total domínio. Nunca fui fã do inesperado, do desconhecido. E saber que não terei controle pelo que irá acontecer com a Nina daqui para frente, deixa-me desconfortável e temeroso.

Sei que não somos comprometidos, que nem temos um relacionamento formal, mas não posso deixar de perceber que essa pequena mexe comigo, que já faz parte da minha rotina. E sem que eu tenha percebido, se entranhou em alguns níveis dentro da minha cabeça. Ainda não estou pronto para deixá-la ou tão pouco seguir em frente. Ainda sinto necessidade de estar perto, de sentir seu cheiro, gosto e pele. E pensar que a avó pode levá-la para longe, deixa-me perturbado e desestabilizado. Não gosto da sensação de perda e separação, ainda não me sinto preparado para isso. Mas o pensamento me espreita e sou pressionado a sondar o assunto.

— Obrigada por me acompanhar, Luca. Chamarei um táxi — Diz ela, sacando o celular e buscando o número.

— Eu posso levá-la ao hotel — Falo, solícito, assim terei tempo de fazer algumas perguntas no caminho.

— Não irá te atrapalhar? — Pergunta, preocupada.

— Imagina! Será um prazer. Onde está hospedada?

— No J.K. Place Roma.

— É caminho para casa — Respondo complacente. A pequena senhora sorri e senta-se no lado do carona. E logo preparo o terreno para lhe bombardear de perguntas.

— É a primeira vez em Roma? — Ela nega e responde.

— Conheci uns 30 anos atrás, mas está bem diferente e desenvolvida. Espero poder fazer um pouco de turismo com minhas netas — Keiko dá de ombros e sorri feliz. Parece exultante mediante tal possibilidade.

— A sede da sua empresa é no Japão? — E aos poucos, começo a sabatiná-la, tentando arrancar as informações que preciso.

— Sim, em Tóquio. Nossa empresa foi fundada em 1871 e até hoje, tem sido passada de geração em geração. A família Yoshida a comanda por 146 anos — Keiko diz orgulhosa e

nostálgica, como se o simples pensamento a remetesse para lugares distantes.

Bingo!! Como eu já imaginava. Keiko quer levar as meninas para Tóquio. E o simples pensamento de perdê-la, deixa-me com um gosto amargo na boca.

— Tóquio é bem longe daqui — Falo alto sem nem perceber, e no mesmo instante me repreendo por ter pensando em voz alta.

Keiko olha-me surpresa e sorri, parece ter entendido meu comentário.

— Você está preocupado com a Nina, não é? Com receio que vá embora — A pequena senhora de olhos perspicazes pergunta-me sem rodeios, direta.

Pigarreio por não saber o que responder. Se devo ser sincero ou inventar uma desculpa esfarrapada.

— Me preocupo com ela, quero sua felicidade acima de tudo — Respondo dessa forma, assim não me exponho tanto.

Keiko volta a me fitar e diz:

— Não vou mentir que a minha intenção é levá-las comigo. Mas nunca as forçarei a nada, Nina e Clara têm a opção de aceitar ou não. Também quero ver minhas netas felizes e se a felicidade estiver aqui, então assim será.

Respiro aliviado, sentindo o ar voltando aos pulmões. Nem tinha percebido que prendi a respiração. Saber que Nina tem a opção de escolher é consolador, porque, no fundo, sei que a minha pequena não tem coragem de ir embora, de abandonar sua vida, país, amigos e principalmente a mim. Mesmo que nosso arranjo seja um pouco estranho e sem formalidades. Seus olhos sempre me dizem que tem sentimentos rolando, que gosta, mesmo que não expresse em palavras e isso de certa forma me conforta e alenta. Saber que está ligada a mim me traz segurança, confiança.

— Entendo!! — Finalizo com poucas palavras.

— Você e Nina. Não são só amigos. Percebi uma tensão rolando — Ela sibila, relaxada, sem nenhum julgamento na voz.

— É complicado — Respondo, me esquivando, sem querer dar muitos detalhes.

— Eu deixei a complicação me separar da minha filha e a perdi, sem nem ao menos me despedir. Quem complica a vida somos nós!! Viva o hoje como se não tivesse amanhã, porque não sabemos o que o dia seguinte nos reserva, Luca. Isso é um conselho de uma velha com mais que o dobro da sua idade. Liberte-se!

Keiko fala me olhando nos olhos, como se pudesse ler meus pensamentos, minha alma. Sinto um arrepio na nuca, parecendo um leve presságio. Mas resolvo empurrar tais sensações para longe e estaciono o carro na porta do hotel.

— Obrigada, querido e tenha uma boa semana — Pontua, simpaticamente.

— Eu desejo o mesmo, Keiko — Espero que entre no hotel e arranque com o carro com aquela sensação esquisita de ter sido escrutinado.

Vou embora matutando sobre as palavras de Keiko, que não me abandonam por todo o percurso.

Narrado por Nina

A alegria de encontrar minha vó era descomunal, como se a partir desse marco as coisas fossem se transformar em nossa vida. A sensação de não estarmos mais tão sozinhas foi gratificante. Lembro-me de ir até a igreja acender uma vela e agradecer a Deus pela benção de poder refazer a minha família. Pela oportunidade de conviver com meus familiares de agora em diante, de amenizar a sensação de vazio e solidão. Agora seremos em cinco no natal ou ano novo. O medo de não ter ninguém é apaziguado pela certeza de não estarmos mais sozinhas.

E isso, dinheiro nenhum pode comprar. Amor e família.

— E aí, gostou da vovó? — Clara puxa conversa.

— Gostei muito! Tem o mesmo temperamento da nossa mãe, não acha? Serena, calma.

— A vovó é mais boazinha. Isso sim!! Mamãe era enérgica e brava — Clara pontua, rindo. — Mas não podemos culpá-la, não fomos crianças muito quietinhas.

— De quietas, nós não tínhamos nada. Lembra daquela vez que coloquei chiclete no seu cabelo? Mamãe teve um chilique e teve que cortar pela metade — Falo, rindo, e lembrando da nossa infância de meninas levadas.

Respiro fundo e decido me recolher. Sigo para o quarto pensando que finalmente a vida decidiu sorrir para nós.

O dia seguinte fui trabalhar com o astral lá no alto, fazia muito tempo que não me sentia tão de bem com a vida e com o universo. Nada me incomodava. Mesmo pegando metrô cheio e levando pisada no pé. Naquele dia, podia chover canivete, que ninguém me tiraria do sério.

Ao findar das minhas sessões, vou direto para casa e resolvo correr um pouco pelo parque, faz tempo que não faço uma atividade física.

Visto um short curto branco, um top rosa, meu tênis e prendo o cabelo numa trança firme. Ponho o fone de ouvido e sigo pela calçada ao som de “Come Undone” do Duran Duran. Rumo direto para o parque Orto Botânico Dell Università di Roma. Dou quatro voltas, totalizando seis quilômetros. Quando estou fazendo o último circuito, escuto alguém chamando o meu nome, a voz não é conhecida, então tiro o fone, paro e olho para trás, na direção do som. E para a minha surpresa, encontro Lorenzo de bermuda, regata e tênis. Pelo seu estado parece ter corrido uma maratona. Ele sorri, animado, e me cumprimenta.

— Que surpresa te encontrar, Nina. Vem sempre aqui? — Pergunta, curioso.

Putz esse cara é um gato!! Olhando ele assim, à luz do dia, posso ver o quanto é bonito e sarado. Músculos definidos, mas nada exagerado. Branquinho, pele sem nenhum defeito. E os olhos de um azul quase translúcidos. Cabelos pretos e levemente compridos. Uma verdadeira tentação. Mas para quem tem um Luca, os outros podem ser bonitos, mas nem se comparam.

Sou simpática e gentil, afinal, Lorenzo é um cara legal e é neto de dona Gemma, que é minha paciente preferida.

— Venho de vez em quando. É que moro aqui perto, então é bem mais seguro correr dentro do parque. E você, o que faz perdido por aqui?

— Vim parar aqui por acaso. Estava estressado e cheio de problemas na empresa. Então resolvi dar uma volta de carro para desanuviar a mente. E quando passei aqui na frente, senti vontade de correr, e como costumo ter roupa de exercício no carro, me troquei no banheiro e aqui estou.

— Realmente foi uma coincidência — Falo, rindo da sua história.

— Ainda vai correr? — Lorenzo pergunta.

— Não, terminei meu circuito agora e estou indo para casa.

— Nem almocei hoje, estou faminto e doido por um café. Me faz companhia? — Ele pergunta, me fitando intensamente. Tenho vontade de declinar, pois pelo modo como me olha percebo que está interessado. Mas não sei que desculpa dar. E termino aceitando, mesmo a contragosto.

— Eu aceito, mas não posso demorar muito. Tenho quer dar aula de pilates agora à tarde.

— Tudo bem, será rápido — Ele avisa.

Seguimos para um café bem ao lado do Jardim Botânico. A atendente pega os nossos pedidos, eu peço somente um suco de abacaxi.

— Não vai comer nada? — Lorenzo pergunta.

— Almocei faz pouco tempo — Pontuo.

— Então mora aqui perto? — Lorenzo pergunta.

— Sim, umas cinco quadras daqui.

— Posso te deixar em casa ao sairmos daqui — Oferece carona gentilmente, mas desconfio que quer saber onde moro e já corto o barato.

— Prefiro ir correndo, assim me exercito mais um pouco — Digo de modo descontraído, não quero ser grosseira.

— Você gosta de correr mesmo, né?

— Adoro!! Já faz parte da minha rotina. Meu corpo pede, sinto falta, é como um vício, sabe?

Ele sorri, prestando atenção.

— E a sua empresa aqui é perto? — Pergunto, tentando encontrar assunto para não ficarmos em silêncio.

— Não muito, acho que uns 20 quilômetros. Mas aqui é caminho para a minha casa, por isso conheço o parque — Lorenzo se explica.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e começo a ficar desconfortável e sem graça. Acho que vou me despedir antes que o assunto comece a ficar íntimo. Mas antes de abrir a boca, Lorenzo é mais rápido.

— O que costuma fazer fim de semana?

Putz!! A conversa enveredou para onde eu não queria.

Mas decido ser transparente e verdadeira. Não gosto de mentiras, tão pouco meias verdades.

Estou saindo com outra pessoa e enquanto Luca estiver em minha vida, não quero e nem tenho interesse em outro homem.

— Estou saindo com uma pessoa, Lorenzo. E nos fins de semana a gente costuma se encontrar.

Seu semblante demonstra decepção e frustração. Mas ele logo se recupera e responde com bom humor.

— Seu namorado é um cara de sorte.

— Obrigada — Respondo sem graça, mas não desminto a classificação “namorado”. Afinal, ele não precisa saber tão a fundo.

Lorenzo pede a conta e saímos quietos até a porta do pequeno café.

— Foi um prazer te encontrar, Nina — Ele me encara com olhos penetrantes e cheios de algo que não compreendo. Como se lamentasse não poder se aproximar.

— O prazer foi meu — Não sei por que, sinto uma vontade de lhe dar um beijo no rosto, como se uma força me compelissem a isso. Algo inexplicável e estranho. Me inclino e toco meus lábios em seu rosto. Seu cheiro gostoso invade minhas narinas e a sensação esquisita aparece repentinamente e do mesmo jeito que chegou, foi embora. Que coisa!! Não sei o que foi isso, mas também não ficarei analisando. Me despeço e sigo meu caminho para casa.

Capítulo 29

Chego em casa um pouco incomodada com a sensação que senti. Uma coisa esquisita, como se tudo fosse mudar de uma hora para outra. Mas procurei varrer o pensamento para longe, afinal, quem sou eu para querer adivinhar o futuro?

Deixei o almoço pronto para Clara e fui me arrumar para aula na casa da Domenica. Coloquei algo confortável, que me desse liberdade para os movimentos e segui a pé até o metrô. Tenho a felicidade de morar a duas quadras de uma estação, algo que facilita muito a minha rotina. Tive oportunidade de comprar um apartamento maior, mais amplo e com mais quartos. Mas o que moro atende todas as expectativas e fica próximo de ônibus e metrô. Assim não temos necessidade de ter um carro.

Ponho o fone de ouvido e caminho, feliz da vida, para dar a minha aula. Ao som de “Bring me to life” do Evanescence. Penso na vida, em tudo que tem acontecido de bom e só tenho a agradecer por tantas mudanças positivas e bem-vindas.

Chego na casa de Domenica um pouco antes das 18 horas e sou recebida pela empregada. Uma senhora gordinha e de bem com a vida, está sempre sorrindo, passando um ar de pura felicidade, dá até gosto de ver. Gosto de gente assim, com a felicidade estampada no rosto e exalando pelos poros. Nos mostrando como a vida pode ser boa, basta acreditar e não levar as coisas tão a ferro e fogo.

— Boa noite, Nina! Como vai? — Mirna pergunta com a simpatia usual.

— Vou bem e você?

— Estou ótima, graças a Deus. Dona Domenica está na sala de ginástica — A senhora sinaliza. — Quer alguma coisa? Água, café ou suco? — Pergunta educadamente.

— Obrigada, Mirna. Tomei um lanche não faz muito tempo — Agradeço com um sorriso.

— Ok, então! Se precisar de algo, estou na cozinha.

Sigo pelo corredor e encontro Domenica e Benito conversando. Os dois sorriem em cumplicidade e é impossível não notar o quanto são felizes juntos. Percebe-se que apesar de tantos anos de convivência, são amigos e companheiros, que fazem bem um a o outro.

— Boa noite!! — Falo um pouco mais alto para ser notada.

— Oh, querida, boa noite!! — Domenica logo se levanta e me abraça, cheia de carinho. Benito segue seus passos.

— Como vocês estão? — Pergunto de maneira carinhosa.

— Estamos bem — Benito responde. — Só a correria do trabalho que às vezes nos tira dos eixos, mas fora isso as coisas tem caminhado dentro da normalidade.

— Isso ótimo — Sibilo.

E Domenica começa a falar.

— Benito precisa se exercitar também. Foi ao médico semana passada e está com um pouco

de lombalgia, e a ortopedista indicou o pilates. Mas é um teimoso, diz que é coisa de mulher. Olha como é machista, Nina!!

Gargalho com a cara de culpado de Benito e vejo que ficou desconcertado por ter isso entregue.

— Nos tempos atuais, não tem mais coisa de homem, coisa de mulher, Benito. Hoje você vê homem bailarino e mulher lutando UFC. Relaxa!! Pilates não é tão ruim assim. Vamos fazer o seguinte. Faremos uma aula experimental, aí terá uma percepção melhor da modalidade e pode julgar se gosta ou não. O que acha?

Ele fica pensativo, coloca dois dedos nos lábios, como se medisse os riscos e benefícios. Depois me encara e responde:

— É, você me convenceu. Vamos fazer um teste, mas não garanto nada — Murmura sério.

Sorrio e assinto positivamente. Vejo Domenica com o celular e parece falar com alguém, mas como está distante, só vejo os lábios se movendo.

— Nem na hora da aula você larga esse celular. Estava falando com quem? — Benito questiona com o cenho franzido. E vejo que ciúmes é um traço da família Ferrarezi. Luca tem o jeito territorial do pai. Como não notei isso antes?

Domenica parece se divertir, mas nem lhe dá confiança.

— Estava falando com nossos filhos, querido. Não seja ranzinza!

Tenho vontade de rir. Eles são extremamente engraçados e fofos ao mesmo tempo.

— Ela passa mais tempo no WhatsApp, do que falando comigo. Fui negligenciado por um aplicativo — Resmungo num choramingo.

— Que feio!! Um homem nessa idade se lamuriando por besteira, não seja exagerado, Benito. Eu lhe dou atenção até demais — Ela se defende.

Dou risada e sigo para o fundo da sala em busca dos materiais para começar a aula. Os dois trocam mais algumas farpas e logo o assunto é resolvido.

Começo a aula com exercícios mais calmos e leves, apesar de Domenica estar num nível mais forte. Passo exercícios de iniciantes para deixar Benito, confortável e estimulado. Não adianta dar algo que ele não consiga acompanhar. São 45 minutos de aula ininterruptas e faltando apenas 15 minutos para chegar, escuto um burburinho da porta, então olho para trás e vejo Ângelo e Luca. Os dois estão se acabando de rir das posições de exercício do pai.

Volto-me para Domenica, que também sorri.

Quando Benito percebe que é o alvo da gozação dos filhos, para e se levanta. O homem coloca as mãos na cintura e parece aborrecido, bravo. Ai meu Deus, será que vai rolar uma discussão??

E sem que eu menos espere, ele começa a gargalhar também.

— Seus malandrinhos!! Me pegaram desprevenido — Ele parece se divertir bastante com a situação embaraçosa. — Aproveitem o momento, nunca mais darei oportunidade — Fala e ri com vontade.

Domenica aproxima-se e diz:

— Não estranhe, Nina! Benito não deixa passar nada, e é o primeiro a pegar no pé de todos. Então sempre que temos oportunidade damos o troco. Ficamos aguardando qualquer deslize ansiosamente — Domenica comenta animada as coisas que Benito e os filhos já aprontaram juntos. É realmente hilário como não deixam passar nada, tudo é motivo de gozação. Parecem três crianças juntas, caçoando entre si. E mais uma vez fico encantada como aquela família se ama e cuidam com zelo e devoção um dos outros.

Os três caminham para onde estamos e Luca e seu irmão vem abraçar a mãe. Fico um pouco sem graça, pois não sei como me comportar, afinal, ali estou como fisioterapeuta e nada mais. Ângelo me cumprimenta com um beijo no rosto e pergunta como estou. Fico na minha, não darei o primeiro passo em sua direção. Ele quebra o gelo e me dá um selinho. Mesmo envergonhada retribuo.

— Então quer dizer que agora o senhor faz pilates? — Ângelo é o primeiro a tirar uma onda.

— Foi só uma aula experimental, mas já vi que não nasci para isso.

— Você foi tão bem, Benito. Por que não continua? — Indago, inconformada.

— Você está sendo gentil, Nina. Vamos encarar a realidade, não nasci para isso. Vou procurar uma natação, alguma outra coisa menos constrangedora — Fala, tentando ficar sério, mas no final perde a compostura e volta a rir.

Domenica toma a frente e avisa que o jantar estará pronto em meia hora.

— Nina, quer jantar conosco? — Benito me questiona gentilmente.

— Imagina, não quero atrapalhar!! Já estou indo para casa e obrigada pelo convite.

Resolvo declinar, pois não sei se Luca vai gostar dessa intimidade toda. Não quero dar uma de espaçosa. Deus me livre!!

— Fica, Nina — Ouço sua voz rouca que tanto me desestabiliza. Fico em dúvida, mesmo sendo convidada. — Deixe de bobagem! Não vai atrapalhar em nada — Volta a afirmar e com bastante ênfase nas palavras.

E aceito com muita alegria, pois adoro a companhia daquela família. Em especial de um loiro, alto e sexy.

A conversa corre solta na mesa. O menu é risoto de shimeji e está com um cheiro maravilhoso. Abriu meu apetite na hora.

Luca aponta para o prato e brinca:

— Essa semana a comida asiática está em alta.

Sorrio com o comentário e tenho que admitir que é verdade.

— Por quê? — Domenica pergunta, curiosa.

Luca me olha com receio, como se perguntando silenciosamente se pode contar sobre minhas recentes descobertas. Assinto que sim, e ele conta toda a novidade. Domenica se levanta para me abraçar e parece realmente emocionada e feliz.

— Oh, querida, fico tão feliz por ter encontrado sua avó!! Ninguém vai substituir o lugar dos seus pais, entretanto, ter mais alguém no seio familiar é muito bom, ajuda a amenizar a saudade.

— Pois é!! Foi uma surpresa e tanto, ainda estou tentando me acostumar — Sibilo sincera.

— E a família da sua mãe é dona da marca Shinzo? — Benito pergunta quase de boca aberta, parece abismado.

— Parece que sim — Respondo um pouco encabulada, pois no fundo ainda estou tentando assimilar essa nova realidade.

Benito parece ter sido pego de surpresa tanto quanto eu.

— Agora você pode comprar a moto que quiser — Ângelo pisca e provoca o irmão. — É só falar, que ajudo a encontrar uma máquina bem potente — Luca parece não gostar da brincadeira e olha feio para Ângelo.

— Não atíça, Ângelo! Ela já tem umas ideias malucas, não incentive.

— Não preciso de apoio de ninguém — Falo me impondo. — Não comprarei uma moto potente, porque sei que não dou conta.

Ele parece respirar aliviado diante da minha declaração, mas não diz nada, acho que sabe que ficarei atíçada se me desafiar.

O jantar corre bem, conversamos sobre tudo e a risada é uma constante entre nós. Que família feliz e de alto astral. Sinto-me bem, tão acolhida e bem-vinda, que não tenho nem vontade de ir embora. Mas olho no meu relógio de pulso e vejo que são quase 22:00, tenho que ir embora.

Me despeço de todos e agradeço com carinho pelo convite do jantar. Luca avisa que irá me levar e saímos juntos.

— Vocês três são umas figuras, parecem crianças brincando — Pontuo com ternura na voz.

— Desde criança papai é brincalhão, muito próximo dos filhos. Ele é como um herói, sabe, meu exemplo — Seus olhos marejam e parece falar com uma sinceridade latente.

— É muito bonito ver o relacionamento que vocês têm, como sempre disse. Você tem muita sorte.

Luca fica pensativo e caímos em silêncio.

Meu celular toca e vejo no visor um número desconhecido. Atendo de imediato sabendo que pode ser do hotel da vovó.

— Alô — Atendo. Uma voz feminina e falando japonês ecoa do outro lado.

— Nina, é a sua tia Kira. Como vai? — Fico surpresa com a novidade e respondo de pronto.

— Olá, tia — Respondo em japonês também. — Que surpresa. Estou bem e você?

— Tudo certo, Nina. Desculpe te ligar nesse horário e mais ainda por ser em cima da hora, mas gostaria de vir tomar uma bebida comigo aqui no meu hotel? Te levo para casa depois. É que estou curiosa para te conhecer e não queria ter que esperar até amanhã — Ela confessa, rindo, e meio encabulada. Fico exultante com seu interesse e sinto-me especial e lisonjeada.

— Claro, tia! Qual seu hotel?

— No J.K. Place Roma.

— Não é longe daqui, acho que uns 20 minutos estou aí — Nos despedimos e encerro a ligação.

— É sua avó? — Luca pergunta, pois estava falando japonês.

— Foi minha tia Kira que ligou. Você pode me deixar no hotel J.K. Place Roma? — Pergunto, pois não quero abusar e será necessário fazer um pequeno ajuste de rota.

— Aconteceu alguma coisa? — Questiona, preocupado.

— Não é nada demais. Ela só quer tomar uma bebida comigo no bar do hotel. Diz que está curiosa e não quer esperar até amanhã — Falo, sorrindo, achando graça da sua pressa.

As feições de Luca mudam na hora, parece aborrecido, descontente.

— Isso não é hora de ir para hotel tomar bebida, Nina. Liga para sua tia e diga que amanhã vocês se encontram.

Não entendo seu desagrado, não estou fazendo nada de mais.

— Luca, eu quero conhecer minha tia. Não vejo nenhum problema de ir no bar do hotel agora. E não pretendo passar a madrugada lá. Umas duas horas já é o suficiente.

Digo firme, sem lhe dar margem para intromissão. Seu olhar diz que está puto e indignado. Mas não arredo o pé e continuo segura da minha decisão. Ao parar na porta do lugar, olha-me com irritação e pergunta mais uma vez:

— Tem certeza? Vai deixar de ficar comigo para sair com sua tia?

Eu o encaro, brava, porque em nenhum momento ele pediu para ficar comigo, só estava me dando uma carona.

— E você pediu para ficar comigo? Não lembro de ter escutado nada a esse respeito.

— Estou pedindo agora. Você pode dormir na minha casa, amanhã te deixo na clínica — Eu o encaro indignada, pois sei que está fazendo isso por puro ciúme.

— Luca, estou aproveitando os poucos momentos que terei com a minha tia e avó. Logo as duas irão embora. Seja mais compreensivo, por favor, nós podemos ficar juntos outro dia.

Ele parece ficar enfurecido, mas nada diz. Apenas destrava a porta do carro e sibila de maneira seca e sem emoção um “Tchau”. Eu o encaro, não acreditando na infantilidade e desço do carro. O veículo arranca cantando pneu e sinto-me realmente triste com suas atitudes, pois se fosse ao contrário, eu o apoiaria completamente.

Capítulo 30

Caminho arrasada, desanimada, para encontrar a minha tia. A última coisa que pensei foi me despedir de Luca dessa forma. Sei que é ciumento, autoritário e às vezes um pouco rude. Mas tratar-me dessa forma porque estou indo me encontrar com minha tia em um bar de hotel é o fim da picada. Tremenda infantilidade. Não irei procurá-lo, isso é fato!! Não quero ser esnobe, tão pouco metida. Mas não fiz nada de mais para merecer ser tratada assim. Só estou indo ver minha tia, caramba!! Será que é tão difícil de entender? A vida inteira fui privada de conviver com meus familiares maternos, agora que tenho a chance, devo obedecer as ordens de uma cara que só fica comigo e nem é meu namorado? Nunca! Nem pensar!!

Estou realmente apaixonada por ele, mas não posso permitir que tire minhas opiniões e vontade própria.

E fora que tenho certeza que não seria valorizada se acatasse todas as suas ordens. Mulheres sem vontade própria não são levadas a sério, tão pouco prezadas. Se o obedecesse cegamente, certamente já teria sido chutada e esquecida. Pois bem, Luca, faça como quiser!! Se quiser me procurar estarei de braços abertos, mas não irei me humilhar se não fiz nada errado. Continuarei em meu canto, seguindo a vida, mesmo que isso me machuque e despedace.

Chego na recepção do hotel e sou orientada sobre a entrada do bar lounge.

O lugar é bonito, elegante e descontraído. A *hostess* indica a mesa que minha tia está aguardando. Assim que me aproximo, nos olhamos com emoção, palavras não ditas são transferidas. Kira é muito parecida com a minha mãe, é como vê-la mais jovem. Os mesmos traços calmos, serenos e pacatos. A vontade de abraçá-la vem inesperada e veloz, nem percebo o momento em que me jogo em seus braços e choro. Mãos carinhosas e gentis me acalmam, dizendo palavras ternas em japonês. Ao nos separarmos, vejo que seus olhos também se encontram vermelhos e inchados, a emoção é grande para ambas.

— Você é tão mais bonita pessoalmente, as fotos não fazem jus a tanta doçura — Minha tia fala com a voz embargada. — Perdoe-me não conseguir esperar até amanhã, mas estava desesperada querendo conhecê-la e ainda falta Clara — Kira diz de uma vez só.

— Não tem problema, tia. Também estava doida para conhecê-la — Revelo de uma vez.

— Sente-se, querida. Quer tomara uma bebida? — Kira acena para o garçom.

Resolvo não tomar nada alcoólico, afinal, no outro dia será um dia normal e de trabalho.

— Vou tomar um suco de manga, amanhã trabalho e prefiro não beber nada com álcool.

— Eu também vou trabalhar amanhã, mas não resisto a tomar uma bebidinha bem doce — Ela pisca e sorri abertamente. — Então, querida, me conte a sua vida, quero saber tudo.

Penso rapidamente, por onde começar e resolvo falar da minha escolha de carreira e aos poucos narro cada fase de nossa vida.

Conto um pouco sobre a Clara, falo sobre meus pais e a vida maravilhosa que tivemos por todos esses anos.

Em alguns relatos, percebo que tia Kira se emociona bastante, lágrimas são derramadas e é impossível não ver tanta dor e arrependimento estampado.

— Só perdoei meu pai por ter me separado da minha irmã em seu leito de morte — Revela, triste. — Eu e a sua mãe éramos muito unidas, e ser proibida de vê-la, de procurá-la quase me arrasou — Kira abre seu coração, parece aliviada de poder se mostrar. — Não falo meus sentimentos para a minha mãe para não fazê-la sofrer mais ainda. Então estou contando para você. Foram anos difíceis sem Kiyomi por perto — Os olhos ficam umedecidos novamente. E para mudar o clima triste e fúnebre, mudo de assunto.

— Vovó disse que você está resolvendo alguns negócios por aqui?

— Sim, estamos tendo problemas com uma rede de lojas de departamento. Os diretores prometeram destaque dos nossos produtos, ofereceram um bom espaço para quiosques de divulgação. E agora, depois de 03 meses de parceria, não vi nada. Tudo conversa fiada. Vou pressioná-los por uma decisão, e se não cumprirem o prometido, iremos migrar para um concorrente de peso.

Ela fala com determinação de quem não está para brincadeira, com pulso de quem já sabe o que fazer.

Ficamos até umas 02:00 da madrugada, colocando a conversa em dia e a atualizando sobre todas as notícias.

Pego um táxi na porta do hotel e me despeço de Kira com um grande abraço. Combinamos de nos encontrar novamente na quinta-feira, e dessa vez Clara irá nos acompanhar.

Ao chegar em casa, com o silêncio do apartamento, lembro-me de Luca e um aperto no coração me faz recorda da sua grosseria. Tenho saudade, vontade ligar e lhe chamar a atenção. Dizer que é um idiota, que não mereço sua desconfiança. Mas não posso fazer isso!! Infelizmente, não fiz nada de mais, e só me resta ficar em meu canto e torcer para que enxergue os erros.

Ao tirar meu aparelho da bolsa, vejo que está descarregado e imediatamente eu o coloco na tomada. Ao apertar o botão para iniciá-lo, vejo duas ligações perdidas. São de Luca, e logo entra o alerta do WhatsApp, também dele. Fico curiosa e espio o que foi mandado.

Luca: Me atende, pequena, sei que estou errado. Desculpe!!! - 12:30

Luca: Por que seu celular está desligado? Não quer falar comigo? - 12:45

Luca: Não quero dormir sem falar com você. Ligue para mim quando vir a mensagem - 12:55

Um alívio me varre por inteira. Sinto vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Por que Luca tem que ser tão genioso e impulsivo? Amo seu jeito mandão, dominador, mas esse lado pedante, não me agrada, tão pouco me deixa atraída. Resolvo somente lhe mandar uma mensagem.

Nina: Cheguei agora. Meu celular descarregou. Beijos e boa noite!!

Deixo o aparelho no silencioso, mudo de roupa e deito-me imediatamente, afinal, terei que sair de casa às 06: 30 da manhã. Quase não descansarei.

Quando o despertador do meu aparelho toca, parece um pesadelo. Nossa, nem fechei os olhos e já são 05:50? Aff, que sono!! Estou até com o corpo pesado.

Sigo para o banheiro como uma bala, pois só tenho 30 minutos para tomar banho e comer um pãozinho. Certamente vou me atrasar se não acelerar.

Pego a primeira roupa que encontro. Uma calça jeans e blusinha de manga curta. Passo um batom rosa claro, efeito fosco, e espiro meu novo perfume “Good Girl” da Carolina Herrera. Pronto!! Apresentável e arrumada. Na cozinha, eu pego um croissant e sigo para comer na rua enquanto caminho para a estação.

Ao chegar no vagão do metrô, pego o celular e vejo que Luca ligou faz 10 minutos. Nossa, logo cedo!! Sorrio, porque está se esforçando para falar comigo. Enquanto caminho para clínica, ligo para seu número. Chama, chama e cai na caixa-postal. Que pena!! Estamos nos desencontrando.

A manhã passa rapidamente, as horas voam. Hoje a agenda está lotada, mal tenho tempo de ir ao banheiro, mas não posso reclamar, o salário será bom esse mês.

Ao atender o último paciente, finalizo as atividades, e tiro meu jaleco, guardando-o no armário. Me despeço de todo mundo e ao pisar na calçada, estaco no lugar. Luca está encostado no carro, me aguardando com um olhar de arrependido, sabendo que fez coisa errada. Parece o Snop quando apronta e depois me encara com olhar de piedade. Tenho vontade de rir, mas me contendo e faço uma cara de quem não está para brincadeira. Demonstrando seriedade, falta de humor.

— Oi — Me aproximo e o cumprimento séria, cruzo meus braços para dar um ar de inalcançável.

— Oi — Ele responde com a voz fraca, parecendo uma criança em busca de aprovação. — Vim te buscar — Sinaliza de maneira incerta. Provavelmente está tentando prever minha reação.

— Não precisava — Murmuro para torturá-lo um pouquinho.

— Sei que fui um babaca egoísta ontem. Depois que fui embora, caí na real. E percebi que não fui justo. Acho que estou inseguro que não precise mais de mim, que agora que tem sua família por perto.

Confessa de maneira atropelada e percebo que tem mais sentimentos ali que não quer expor. Mas tem sentimentos não ditos naquela atitude. E apesar de termos nos desentendido, sinto-me feliz e exultante por ter me procurado. Ter dado o braço a torcer.

— Sempre vou precisar de você, Luca. Sua presença me faz bem, ponha isso na sua cabeça — Me aproximo e lhe dou um beijo na boca. Mãos possessivas e braços fortes me tomam num aperto gostoso, terno. Enchendo-me de amor e carinho. Quero ficar aqui para sempre, sentindo seu calor e cheiro, sabendo que posso enfrentar qualquer coisa com ele ao lado. Sua mão grande faz um carinho em meu cabelo, penteando-o com os dedos, deixando-me mole de tesão, entregue. Suspiro e devagar abro os olhos, que estão languidos e pesados.

— Tem algum compromisso agora? — Ele pergunta cheio de ansiedade.

— Não!! Estou indo para casa.

— Então passa essa tarde comigo. Vamos fazer alguma coisa diferente. Podemos ir ao cinema, passear no shopping.

Estranho o seu convite, mas topo na hora. Passar a tarde ao seu lado será maravilhoso.

Seguimos para o maior shopping da cidade, o “Porta di Roma”, que fica numa região mais afastada do centro. Como não pegamos trânsito, chegamos em 25 minutos. Nos dirigimos direto para a área de cinema para checar os filmes em cartaz. No mural mostra dois filmes de ação. Um

com Tom Cruise e outro da Marvel com o Thor. Dou risada, porque Luca se parece com esse ator.

— Qual você quer ver? — Ele pergunta carinhosamente, enquanto segura minha mão. Suspiro!! Pois estamos andando de mãos dadas por todo shopping.

— Hum... não sei. Gosto dos filmes do Tom Cruise, mas também gosto do Thor, que é seu sócio — Falo, sorrindo.

— Acho que somos parecidos? — Ele pergunta e franze a testa em incredulidade.

— Claro que são!! Praticamente gêmeos.

Luca bufa e dá de ombros.

— Sou mais bonito — Fala, sorrindo.

— Ah que humilde, hein!! — Dou risada e continuo na dúvida sobre o filme. Luca diz que prefere o filme Tom Cruise e aceito a sugestão.

O filme é muito legal e cheio de ação do começo ao fim. Uma surpresa após a outra. Adoramos!! Ao sair da sessão, Luca fala para comermos na praça de alimentação, onde escolho um belo hambúrguer duplo com batata. Não costumo me alimentar com *fast food*, mas de vez em quando não faz mal a ninguém.

Passeamos de mãos dadas, rimos, relaxamos. Parecemos namorados e tê-lo ao meu lado desse jeito me enche de esperança e anseios. Estou apaixonada e tal sentimento é irreversível. Não conseguirei arrancá-lo do meu peito à força e temo pelo futuro, pela hora do adeus. Mas jogo tais medos para o fundo e aproveito o agora.

Passamos em frente a uma joalheria. Luca se aproxima da vitrine e diz:

— Minha mãe fará aniversário na próxima semana. Me ajuda a escolher algo para ela?

Assinto que sim e entramos na loja.

Luca olha vários pares de brinco e escolhemos um de pérolas com águas marinhas. É espetacular e delicado. Com certeza Domenica irá amar.

Fico de olho, e um brinco com pedras verdes de turmalina me chama a atenção, pergunto a vendedora o valor, mas ainda é caro para mim. Não estou recebendo o valor do prédio comercial, então não pretendo gastar por conta. Prefiro aguardar.

Enquanto espio outras peças da loja, vejo Luca falar baixo com a vendedora, não sei do que se trata, mas fico na minha, não me intrometo. A mulher retorna com duas sacolas e Luca faz o pagamento no caixa enquanto aguardo perto da porta de saída. A curiosidade me consome. Por que está com duas sacolas?

Nosso passeio chega ao fim, então seguimos para o estacionamento. Até que não aguento e pergunto:

— Por que está com duas sacolas? Ganhou um brinde?

Ele sorri de maneira descarada e pergunta:

— Não desconfia de nada?

Digo que não e ele responde:

— É para você — E me estende a sacolinha com a pequena caixinha vinho de veludo.

— Pra mim? — Me surpreendo, pois não esperava. Na hora penso nos brincos e fico empolgada. Abro a embalagem com cuidado e meus olhos brilham ao vê-los tão luminosos e reluzentes. Os brincos verdes parecem dois olhos, cintilando na escuridão do veículo. — Não acredito que os comprou — Murmuro sem acreditar.

— Eles são um pedido de desculpa por minha grosseria — Sinaliza com a voz mansa.

— Não precisava, Luca. Você me pediu desculpas e isso basta — Respondo, sincera.

— Quis te fazer um agrado, pequena. E você ficará linda com eles. Tem a mesma tonalidade dos seus olhos.

Me aproximo do seu rosto e lhe dou um beijo gostoso, cheio de carinho. Feliz que esteja tentando me agradar, exultante por seu gesto terno e amável.

— Vamos para a minha casa, quero te recompensar de outro jeito agora — E me dá um olhar safado e cheio de promessas, então suspiro, ansiando por essa outra maneira de compensação.

Capítulo 31

No dia seguinte, sou deixada logo cedo na clínica. Graças a Deus, Luca é pontual e não tem problemas para acordar. Sempre faz questão de me levar um pouco antes para evitar qualquer atraso.

A manhã novamente é agitada e como toda terça e quinta-feira, dona Gemma é a minha última paciente.

— Lorenzo contou-me que se encontraram no parque. Que mundo pequeno, não é? — Comenta com as sobrancelhas arqueadas.

— Pois é, dona Gemma, veja que coincidência!! Estava correndo e trombei com ele — Falo de maneira despretensiosa, prestando mais atenção na série de exercícios que está executando.

— São coisas do destino — Diz ela e percebo uma mensagem subliminar naquela frase. Mas não comento nada para não a incentivar a se tornar um cupido. Lorenzo é lindo e muito legal, mas no momento não estou interessada. Infelizmente, meu coração já está ocupado por um cara que não quer nada sério com ninguém. Que ironia, não?

— Ele comentou que estava estressado do trabalho, que foi correr para espairer. Coitado!! Espero de verdade que as coisas deem certo — Digo, cheia de sinceridade.

Gemma respira fundo e parece abalada com algo. Volta a me encarar e vejo tristeza e preocupação estampada no rosto.

— A empresa está passando por uma dificuldade muito grande. O pai de Lorenzo sempre a geriu muito bem, mas não se modernizou e nem evoluiu, com isso ficamos para trás e obsoletos. Agora, estamos amargando uma concorrência muito mais atenta e sincronizada com as novas tendências. E, infelizmente, só nos restou colher os frutos de perder tantos clientes. Lorenzo sempre bateu nesta tecla e nunca foi ouvido, apresentou ideias, fez de tudo para lhes abrir os olhos. Agora que as coisas estão de mal a pior, resolveram acatar suas sugestões. Mas talvez não haja mais tempo para mudar as coisas, sabe lá Deus o futuro dos nossos negócios.

Dona Gemma me conta tudo com muito pesar e diz que a empresa que foi fundada por seu marido pode estar com os dias contados. Lamento muito por essa família. Imagino como deve ser difícil ver algo que foi construído com tanto sacrifício evaporar da noite para o dia.

— Sinto muito, dona Gemma!! Espero que consigam sair dessa, vou na igreja acender uma vela por vocês.

Ela sorri agradecida e me faz um carinho na mão.

— Obrigada, querida!! Você é um doce de pessoa.

— Dona Gemma. Qual é o nome da sua empresa?

— É a loja de departamento **La Rinascita**. Conhece? — Na hora me espanto com a notícia, não imaginei que uma loja tão grande pudesse estar com tantas dificuldades. E ao mesmo tempo me lembro de achar que eles realmente estavam ultrapassados. Sempre que ia até lá, tinha a impressão de não estar vendo os melhores produtos na prateleira. E acabava comprando em outro lugar.

— Conheço sim, dona Gemma. Já comprei perfume na loja do centro.

Ela ri, fazendo as rugas do rosto mais proeminentes.

— Então já é cliente da casa.

Aceno que sim e continuamos nossa conversa. Gostaria muito de poder ajudá-los e decido conversar com a tia Kira sobre isso.

Vou embora para casa, pois estou exausta. Luca acabou comigo essa noite. Ainda bem que me exercito ou não daria conta de tanta disposição.

Vou no metrô lembrando de ontem à noite. Já virou um costume a gente transar escutando música. Confesso que adoro, porque o momento se torna tão mais intenso e profundo. Quase sublime! A melodia rolando enquanto a gente se toca, se abraça, e se enrosca. Copiei a *playlist* que escutamos e ponho para tocar enquanto caminho para casa. “Same Mistake” de James Blunt, ecoa no fone de ouvido. E viajo pensando em nós. O quanto cada vez que estou em seus braços tudo é tão gostoso e perfeito, como se não houvesse lugar melhor para estar.

Ao chegar em casa, encontro Clara deitada no sofá.

— Ué, não foi para escola? — Pergunto, espremendo os olhos.

— Boa tarde, sumida! — Responde em tom de deboche.

Dou risada e a encaro.

— Quem é vivo sempre aparece — Retruco, rindo.

— Eu não tive a última aula, então fui dispensada mais cedo — Ela esclarece a minha dúvida.

— Que bom que está em casa, assim tenho companhia — Falo, puxando-a para cozinha. — Vou fazer nosso almoço, fica aqui comigo.

E ficamos batendo papo, então conto sobre o encontro com a tia Kira. Minha irmã está empolgada para conhecê-la, não vê a hora.

— Nós combinamos de sair para jantar na quinta-feira. O que acha? — Pergunto.

— Pra mim está ótimo, o que vocês combinarem, estou dentro.

— Beleza!! Vou enviar uma mensagem para vovó e a Kira, confirmando. Só ficamos de definir o local, vou pesquisar uns restaurantes legais.

— Não escolha nada muito formal, pelo amor de Deus!! Não quero ter que ficar adivinhando com qual garfo devo comer.

— Deixa comigo!! Vou pensar num ambiente agradável e descontraído. Pelo jeito, a tia Kira é sem frescura como nós.

Gargalhamos e continuamos a fofocar sem parar. A conversa nunca tem fim. Parecemos duas radialistas narrando um jogo, uma quer falar mais que a outra. Moramos na mesma casa e assunto nunca tem fim. Como pode?

Vou correr à tarde e à noite ficamos em casa vendo um filme. No dia seguinte, vó Keiko me liga para confirmar nosso jantar. Combinamos num restaurante de comida tradicional, que fica localizado no centro. Segundo elas, querem degustar da culinária local.

Eu as levo ao Famiglia Lombardi, que é considerado um dos melhores restaurantes de massa tradicional de Roma. Clara e tia Kira já se dão bem logo de cara, sinto que a nossa família começa a criar pequenos laços de afinidade. O sorriso fácil, alegria e bom humor parece ser

marca registrada em nosso DNA. Nós quatro partilhamos do mesmo jeito de ser. Nada é difícil ou pesado, somos despojadas, de bem com a vida. E agradeço a Deus por ter puxado o temperamento do meu lado materno. Não gostaria de ser como a vó Corinna nem em sonho. Rio comigo mesma!

Enquanto falamos sobre coisas sem importância, eu me lembro da conversa com dona Gemma e resolvo abordar o tema.

— Tia, você conhece a loja de departamento “*La Rinascita*”?

Ela assente positivamente com a cabeça.

— É a empresa que me prometeu os quiosques de demonstração e não cumpriu.

Hum, depois dessa nem sei o que dizer!! Eles já pisaram na bola. Como posso indicá-los para alguma coisa?

— Por quê? — Kira parece curiosa e aguarda a minha resposta.

Envergonho-me por estar querendo me intrometer em algo que não domino.

— Nada!! Deixa pra lá — Encerro o assunto.

— Pode falar, Nina. Vejo no seu rosto que quer dizer alguma coisa.

Então respiro fundo, tomo coragem e comento sobre o ocorrido do dia anterior. Kira presta atenção em cada detalhe, é observadora, esperta e silenciosa. Fica calada por alguns segundos e depois comenta.

— Não sabia que estavam com dificuldades financeiras. A empresa deles tem nome, é antiga no mercado italiano e com certeza tem potencial. Conversarei com Giacomo, que é o dono da rede, quem sabe não posso oferecer uma sociedade. Mas primeiro preciso analisar a saúde financeira do empreendimento, para aí tomar uma decisão.

Só com esta notícia ganho a noite. Pelo menos agora há uma esperança para salvar os negócios da família de Gemma e espero de todo coração que dê certo.

Vou ao banheiro e envio uma mensagem de boa-noite para Luca. Em menos de um minuto recebo resposta.

Luca: Estão jantando?

Nina: Estamos indo embora. A noite em família foi ótima!!

Luca: Fico feliz, vocês merecem.

Nina: Obrigada. Bjs e boa noite!

Luca: Estou a fim de fazer uma loucura esse final de semana. Topa?

Nina: Que tipo de loucura... rrsrrs. Comprar uma Ferrari?

Luca: Não!! Do tipo viajar para outra cidade. Vou alugar um jatinho até Gênova e de lá seguimos de carro para o vilarejo de Cinque Terre. Conhece?

Nina: Uau!!! Já fiquei animada... rrsrrs. Quando vamos? Estou de mala pronta.

Luca: Gosto dessa animação, pequena. Com você não tem tempo ruim, topa tudo.

Nina: Adoro viajar. Pode me convidar sempre!

Luca: Combinado!! Te pego amanhã no trabalho. Bjs e boa noite!!

Não acredito que vamos viajar juntos. Tudo bem que é só um final de semana. Mas já tá valendo. Acho que nem vou dormir essa noite.

Volto para mesa, feliz da vida, não conseguindo nem disfarçar de tanto que sorrio.

— Por que está com essa cara de abobada sonhadora? — Clara olha-me estranha.

— Nada, ué!! Não posso ser sorridente? — Me defendo.

— Te conheço — Ela torce a boca. — Deve ter alguma coisa a ver com o Thor.

— Fica quieta, Clara — Eu a repreendo, porque tenho vergonha de contar para minha vó e tia que não temos nada sério.

— Quem é Thor? — Kira que não é boba, logo pesca a conversa.

— É o carinha que a Nina, está saindo. Na verdade, o nome dele é Luca, mas parece com o personagem do Thor da Marvel.

— Clara!! — Chamo a atenção por ser uma boca aberta, dedo duro.

— Querida, não precisa ficar sem graça — Vó Keiko comenta. — Eu já tinha percebido. Vocês são jovens e solteiros, não devem explicação a ninguém. E posso te falar uma coisa?

Assinto que sim.

— Que homem lindo, gente!! Se eu tivesse a sua idade, estaria encantada por ele também — Dou risada, porque vó Keiko é o máximo.

O jantar termina num clima gostoso e descontraído e ficamos de nos encontrar em poucos dias.

Vou dormir pensando que no dia seguinte terei Luca só para mim, por três dias. Ah isso só pode ser um sonho!!

Capítulo 32

Ansiedade me consume a manhã inteira, acho que terei gastrite em pouco tempo se continuar nesse ritmo. Pego um Uber bem cedo, pois pegar metrô cheio logo cedo com mala, não é pra mim. Tudo bem que são apenas 3 dias, mas não consigo andar com pouca bagagem, fico sempre em dúvida, então resolvo carregar tudo. Como diz Clara: “Oh mulher indecisa”.

Olho no relógio umas dez vezes e ponteiro parece estar congelado. Bufo ansiosa e sem paciência. Faltam 30 minutos para meio-dia, minha hora da partida e aguardo a resposta de Luca. Preciso saber se já está a caminho.

O aparelho apita e aperto o visor para visualizar. É mensagem da Kira:

Kira: Marquei reunião com o dono da “La Rinascita”, vou mostrar interesse em ser sócia. Depois te aviso como foi. Bjs e boa viagem.

Nina: Obrigada, tia! Espero que seja um bom negócio.

Desligo o celular, sorrindo, feliz demais por ter uma pequena possibilidade de ajudar a empresa de dona Gemma. E resolvo aguardar na recepção, não estou a fim de ficar dentro das salas de atendimento.

Meu telefone toca e respiro fundo sabendo de quem se trata. Atendo sem olhar.

— Alô! — Falo tranquilamente, disfarçando meu nervosismo. Sinto borboletas voando em minha barriga ao ouvir sua voz rouca e grossa.

— Oi, Nina. Estou te esperando aqui na frente — Me avisa sem rodeios. Luca não é tipo que gosta de lenga-lenga, ele vai direto ao ponto.

— Ok, tô saindo!! — Pego minha mala de rodinha com estampa de Mickey Mouse e sigo para a saída. Luca está do lado de fora do carro e me observa enquanto me aproximo. Fico na ponta dos pés e lhe dou um selinho gostoso nos lábios. Ele sorri, charmoso e me puxa para junto de si e aprofunda o beijo, que se torna intenso e safado.

— Estava com saudade — Ele anuncia assim que nos largamos e até estranho tal gesto carinhoso. Geralmente é mais comedido e mostra pouco os sentimentos. Então resolvo retribuir.

— Também senti — Respondo e volto a lhe dar um selinho. Sinto-me contente e exultante, porque está nítido que Luca está empolgado para viajarmos juntos e quer dividir cada momento comigo.

— Me dê sua bagagem que vou colocar no porta-malas — Ele para e encara a mala como se fosse algo incomum e diferente. Não sei por quê. — Mala do Mickey? — Questiona incrédulo e com o cenho franzido.

— Sim. Qual o problema? — Eu o encaro sem entender, porque está fazendo essa cara.

— Mala do Mickey é para criança, não uma mulher feita como você — Pontua com um olhar divertido. Sem recriminação, apenas dando sua opinião.

— Negativo!! Conheço várias garotas, até mais velhas que eu, que gostam de personagens de desenho animado. Hoje em dia ninguém liga mais para isso, cada um usa e coleciona o que gosta. Amarei o Mickey até ficar velhinha — Concluo firmemente.

Luca sorri e parece surpreso com a minha opinião formada sobre o assunto.

— Em qualquer outra garota, acharia infantil. Mas em você, não!! Muito pelo contrário, é até sexy e atraente. Esse jeitinho inocente e casto me deixa duro e com vontade de te foder.

Luca se aproxima novamente e pressiona-me no carro. Mas eu corto o seu barato, pois estamos na rua e pior, na porta do meu emprego.

— Não se anime!! — Digo para ele. — Vamos ser presos por atentado ao pudor.

Ele ri e aponta com o dedo a frente da calça.

— É melhor irmos, porque estou com a tenda armada — Damos risada e entramos no carro.

No caminho, conversamos descontraidamente, assunto não falta. Diz que teve a ideia de ir viajar durante o banho. Fala que sempre quis conhecer Cinque Terre, mas por ser um destino perto, sempre deixou para depois, dando prioridade para viajar para outros países.

— Nunca viajamos muito, meu pai trabalhava demais e poucas vezes saímos de férias em família. O único país que conheço é Portugal, fizemos um tour de 15 dias quando eu tinha 12 anos. Foi inesquecível, sabe!! — Sibilo, nostálgica, com a saudade batendo no peito. Mas resolvo mudar de assunto, pois o momento não é para tristeza e sim descontração. — E você conhece muitos lugares?

Luca sorri abertamente e parece pensar em algo.

— Já viajei para tantos lugares que preciso pensar com calma para lembrar de todos — Comenta relaxadamente e vejo que o assunto lhe traz boas recordações.

— Nossa, fiquei curiosa!! — Digo.

— Conheço quase todas as cidades grandes e turísticas dos Estados Unidos, Dubai, China, Singapura, Tailândia, Camboja, Argentina, Chile, Brasil — Luca conclui numa tacada só e fico pasma de quantos lugares ele teve chance de conhecer. Ter dinheiro é outro papo, né!!

— Uau!! Não costumo ser invejosa, mas agora eu fiquei — Falo, rindo. — Um dia também irei viajar bastante — Assinto, sonhadora.

— Vai sim, pequena. Ainda tenho muitos lugares para ir, quem sabe possamos ir juntos? — Esse convite me pega de surpresa. Será que aos poucos o coração de Luca está derretendo? Nossa, seria um sonho podermos ficar juntos, começar uma relação normal e sem peso.

— E para onde me levaria primeiro? — Pergunto, curiosa.

Ele franze o cenho pensativo e responde sem dúvida alguma.

— França. Eu te levaria a Paris, principalmente. Não conheço a França, mas seria um bom lugar para irmos juntos.

— Por que a França? Dizem que os franceses não são nada simpáticos.

— Isso é verdade! Eles não fazem muita questão de agradar, mas acho que é um destino romântico.

Luca no modo romântico é algo novo para mim. Me belisquem que estou sonhando!!! E mesmo que eu não deixe ou permita, a esperança se espreita dentro do peito, tentando emergir do interior. Fico com um olhar sonhador e logo sou despertada do meu transe.

— Nina!! — Ele passa a mão na frente do meu rosto. — Está tudo bem? — E vejo que viajei

na maionese geral.

— Ah, desculpe!! Fiquei distraída — Uso um tom de desculpa e tento disfarçar.

— Estamos chegando — Luca pontua e logo entramos na área de estacionamento do aeroporto internacional de Roma, também chamado de Fiumicino.

Caminhamos para área de embarque particular, que fica bem separado do lugar dos voos comerciais.

Um jatinho modelo West Wind 1124, com capacidade para 8 passageiros, nos aguarda no hangar. O piloto e copiloto estão no interior da aeronave e nos cumprimentam gentilmente. Dão algumas instruções de segurança de voo e começam os procedimentos de decolagem.

— Esse tipo de aeronave sacode mais, não se assuste!! — Alerta-me, segurando em minha mão.

Olho tudo com curiosidade, esquadrinhando cada detalhe. Oito assentos de couro estão dispostos de maneira apertada, tentando criar algum tipo de conforto e espaço num lugar minúsculo. O chão revestido de um carpete feio e antiquado, que mais parece uma colcha de cama. O alerta de decolagem é acionado e seguro na poltrona com medo do desconhecido. Logo estamos no ar e o que Luca disse é verdade, essa aeronave chacoalha muito mais que o normal.

Após 01 hora de voo, aterrissamos no aeroporto Cristóvão Colombo, localizado em Genova.

Ao descer do jatinho, Luca me avisa que nossa bagagem será entregue por uma empresa privada em Cinque Terre. E que nós iremos ao vilarejo de moto. Arfo e remexo-me em expectativa, as coisas estão melhores e mais emocionantes que eu esperava.

Pegamos um táxi até a empresa de aluguel, fazemos toda documentação pertinente e recebemos a moto Ducati Monster 821. É uma máquina de corrida e pelo jeito iremos testar seus limites em breve.

Saímos da locadora por volta de 15 horas e a previsão de viagem é de 01 hora e meia com trânsito. Por incrível que pareça, Luca não corre e tampouco faz loucuras, parece tranquilo e zeloso na direção. Percebo que curte o trajeto, vamos num ritmo de passeio, nada afobado ou perigoso. E confesso que prefiro assim, afinal, estamos passeando e sem pressa para chegar. Paramos em alguns pontos específicos para tirar foto e curtir o visual magnífico e deslumbrante. Seguimos margeando a costa, a estrada é apertada e todo cuidado é pouco na trajetória. Chegamos uma hora e vinte minutos depois. Deixamos a moto num pequeno estacionamento, próximo à entrada do vilarejo Monterosso Al Mare, e seguimos a pé pelas ruelas da cidadela.

Tudo é diferente e assim como Roma, transpira coisas antigas e conservadas, com uma grande diferença, estamos margeando o mar. As cinco vilas, compõe o parque Nacional de Cinque Terre e foi tombado historicamente pela Unesco em 1997.

— Ficaremos em um hotel? — Pergunto, pois até o momento Luca não mencionou nada.

— Não! Aluguei um apartamento com vista para o mar.

Eu me animo na mesma hora e imagino que deve ser um lugar bem legal. Luca é enjoado e duvido que aceite algo sem graça.

Fomos instruídos a seguir por uma rua sem saída e logo avistamos o prédio de 02 andares. Entramos silenciosamente, inspecionando cada cômodo. O lugar é comum, nada espetacular!! Típico apartamento de praia e decorado como tal. Mas a vista da sacada, essa é de tirar o fôlego e

fazer valer a pena. De lá se vê toda a faixa de areia e aquele mar azul, que parece ter sido pintado. Ah como adoro praia e sol!! São meus passeios favoritos, desde sempre. Sinto as mãos fortes e másculas de Luca me laçando pela cintura e sua voz forte e grossa sussurrando ao ouvido:

— Gostou da vista, pequena?

— Gostar é pouco. Amar é a palavra exata! — Exprimo todo meu contentamento por podermos partilhar esse momento juntos.

— Dizem que o pôr do sol dessa vista é fora do comum, logo mais vamos saber se é verdade.

— Mas ainda falta bastante tempo para o sol se pôr. O que podemos fazer até lá? Quer dar um passeio?

Pergunto inocente, sem nem imaginar as más intenções do meu ficante.

— Acho que tenho coisas mais interessantes para fazer agora do que andar pela vila — Percebo a atmosfera se transformando, o clima ficando tenso, sexual.

— O que pode ser mais importante que fazer turismo?

Luca ri e sussurra enquanto me beija, chupando meu lábio inferior. Engolindo-me com fome e devassidão.

— Te foder, pequena. E acalmar meu pau, que está desesperado para te encontrar desde a porta do seu trabalho. E nada e ninguém irá me impedir — Subo em seu colo e abraço sua cintura com minhas duas pernas. Luca se levanta e carrega-me até o sofá e lá começamos de verdade o nosso fim de semana.

Capítulo 33

Nos pegamos desavergonhada no sofá, sem tempo para preliminares. A fome e vontade de sexo é maior, estou febril e fora do controle, nem consigo raciocinar direito. Cada toque e beijo leva-me para outro estágio de sensibilidade. Sou uma massa de sensações à ponto de sucumbir aos desejos mais obscuros e devassos. Farei tudo que ele mandar, cada ordem e pedido para lhe satisfazer. Luca é meu dono e lhe pertença irremediavelmente. Às vezes, penso que talvez isso nunca mude, talvez não consiga esquecê-lo nunca mais. Sendo marcada para sempre.

Suspiro e ardo mediante seus lábios quentes e indecentes. Sou chupada e saboreada como uma bala deliciosa.

— Vire-se e fique de costas para mim — Ordena com a voz rouca, deixando claro que não aceita ser contrariado.

Faço o que manda e aguardo em expectativa. Luca se aproxima e cheira meu pescoço, causando arrepios por todo o corpo. As sensações são inigualáveis. Uma mistura de tesão, com luxúria, uma vontade de se entregar completamente e sem reservas. Obedecê-lo cegamente é o que move meu corpo. Sou uma submissa nata e não me envergonho disso, minha vontade é agradá-lo inteiramente. Entrego-me ao momento, curtindo cada gesto. Luca é um homem intenso e pode te consumir só com um olhar. A minha costas toda é acariciada e lambida. Arfo, estremeço e arrepio-me por inteira. A combinação de beijos e carinhos, podem ser devastadoras para alguém que está à beira do precipício do orgasmo. E basta apenas leves toques do seu dedão em meu clitóris e sou lançada ao universo do prazer extremo. Urro e gemo descaradamente, nem me importando que algum vizinho possa ter escutado. Quero se dane!!

— Adoro te escutar gozando — Sussurra em meu ouvido. — Agora é a minha vez.

Luca senta-se no sofá, puxa toda cueca para baixo, deixando seu pênis grosso e robusto livre para ser degustado.

— Vem aqui e mama no teu macho — Ordena com rouquidão novamente, essa voz ainda irá me enlouquecer. Tem timbre de homem bravo, bruto. De quem sabe comer bem e com destreza.

Engatinho de maneira sexy, tentando ser sedutora e atraente. E acho que meu jogo dá certo, porque seu olhar me come viva, engole cada pedaço do meu corpo. Sinto-me como um doce gostoso que está para ser devorado.

Cheiro seu pênis, passo a glândula em meu rosto para atirá-lo, provocá-lo.

— Isso pequena, pega e faz o que quiser com ele. Esse pau é todo teu — Sibila, arfando e gemendo, está delirando de prazer, adorando ser manuseado. — Vem com essa boquinha de putinha e ordenha teu homem.

Estremeço por completa e caio de boca. Primeiro dou leves chupadas e lambidas na glândula, que é rosada, larga, robusta. Que membro lindo!! Aliás, Luca inteiro é perfeito. Um espécime de primeira classe, numa escala de 01 a 10, ele é 11 de tão maravilhoso. Mas ele que não me escute ou ficaria exibido para o resto da vida. Volto a lhe engolir e degustar, seus gemidos passam a ser mais altos e profundos, prevejo que está a ponto de perder o controle e se entregar ao prazer sem igual.

— Vai, Nina, continua nesse ritmo, tô quase lá. Vai, engole tudo.... — E um urro do fundo da

garganta ecoa pelo ambiente. Luca se sacode e arqueia as costas num prazer sem igual, as mãos apertam as almofadas do sofá, dando a impressão que serão rasgadas a qualquer instante.

Sinto-me satisfeita ao vê-lo tão entregue e imerso no prazer. Parece arrebatado e voltando à tona aos poucos. Olha-me com pálpebras semicerradas, ainda inebriado pelo orgasmo. Sorri de maneira safada e fala:

— Você está me saindo uma verdadeira safadinha, tô criando um monstro — Sibila, rindo e me puxando para seu colo. Ajeito-me, me aninhando em seus braços fortes e musculosos.

— Quando estou perto de você não consigo me controlar, fico com tanta vontade, que parece que pegarei fogo — Falo, sorrindo, e por incrível que pareça, não sinto vergonha, fico à vontade.

— Gosto de saber que gosta de transar, como eu. Isso me deixa mais estimulado — Fala e me aperta de maneira maliciosa.

— Ainda estou me descobrindo, aprendendo do que gosto ou não. Mas de uma coisa eu sei, sou muito curiosa em relação a sexo e sei que tenho muito que aprender.

Luca me olha desconfiado e não sei o que eu disse para que me encarre desse jeito.

— Que foi? — Pergunto, confusa.

— Essa curiosidade é sobre transar com outros caras? — Me questiona com o semblante fechado, parece descontente.

— Claro que não, Luca!! Minha curiosidade é sobre posições, sensações. Lugares como aquele que fomos. Não tem nada a ver com outros homens.

Respondo, séria, para que veja que sou sincera e nunca irei lhe trair. Luca tem tanto medo de ser traído ou enganado, que parece um lunático. Eu hein!! Culpa daquela ex-namorada cretina.

Ele ainda me olha desconfiado, mas depois seu rosto suaviza e voltamos ao clima anterior. Sem peso e diferenças.

—Vamos sair para dar uma volta? — Ele pergunta.

— Pode ser!! Antes de sairmos, vamos fazer uma lista de compras. A geladeira e dispensa devem estar vazias.

Luca assente e pego meu celular para marcar os produtos.

— Precisamos comprar pão, ovos, café... ah, veja se tem açúcar? — Pergunto no meio da anotação. Ele vai até a cozinha e responde que tem. — Então vamos prosseguir... er... queijo, peito de peru, iogurte. Frutas e algum docinho — Digo de maneira marota a parte do doce.

— Docinho é!!! Eu tenho um pirulito gigante aqui para você. Pra que docinho? — Fala rindo e fico vermelha de vergonha. Luca é tão descarado, senhor!!

Dou risada e me levanto para trocar de roupa. Apesar da minha bagagem ainda não ter chegado, trouxe comigo uma mochila com uma muda de roupa e uma nécessaire com alguns produtos de higiene. Quero aproveitar ainda o sol do fim do dia para passear.

Coloco um short soltinho e uma blusa regata. O calor está feroz lá fora, deve estar beirando os 35 graus. Descemos de mãos dadas e caminhamos calmamente pelas ruelas de Monterosso Al Mare. O mar está claro e o sol brilhante. Que delícia, adoro o verão!! É a melhor estação do ano e mesmo que o calor incomode, acordo com mais disposição e vontade de levantar. O inverno é

horrível, você só sente vontade de ficar em casa, no quentinho.

Definitivamente, verão é a minha estação e não irei deixar de gostar nunca.

Observo as casas antigas e os diversos predinhos de dois e três andares, as ruas estreitas, os moradores locais passando de um lado a outro, cada um com seu afazer, turistas passeando, uma verdadeira torre de babel, gente de diversas localidades do globo. Todo mundo querendo sentir e conhecer um pouco do pequeno vilarejo de Monterosso.

— Vamos descer até a areia. Essa praia se chama Fegina, é considerada a melhor localidade desse vilarejo.

Luca explica um pouco sobre onde estamos e caminhamos desviando dos banhistas, a praia ainda tem bastante gente, apesar de ser quase 17 horas. Também, o sol está a pino!! Quem quer ir embora?

Que dia gostoso!! Levanto o rosto e sinto a brisa marítima me acariciando e balançando meu cabelo. Definitivamente, eu posso viver assim, penso comigo mesma e sorrio.

— Já percebi que você adora praia e gosta de curtir o dia. Assim como eu!

Luca conclui animadamente, percebendo meu contentamento, que está impossível de ser disfarçado.

— Isso mesmo!! Sou totalmente diurna, não quer dizer que sou contra sair à noite. Mas o dia me atrai, me hipnotiza.

Falo, transparecendo uma felicidade sem igual, passar estes momentos tão preciosos e agradáveis com Luca não tem preço.

— Penso assim também! Curtir o dia é muito melhor — Luca arranca sua camiseta regata, abaixa a bermuda, expondo uma sunga preta e volta-se em minha direção. — Vamos tomar um banho de mar?

Olho para o mar à minha frente, que mais parece uma piscina de tão calmo e azul. E não tenho dúvida, aceito de pronto.

Deixamos nossas coisas na areia e caminhamos calmamente para a água.

A água está morna e gostosa, um convite para passar à tarde se refrescando.

— Não sei nadar — Alerto para não irmos para o fundo.

— Eu te seguro, pequena. Não precisa ter medo.

Ainda fico uns segundos pensando, com receio, mas resolvo lhe dar um voto de confiança.

— Segure nas minhas costas que vou te puxando — Faço o que manda e me agarro em seus bíceps como se fosse um bote salva-vidas. Mas em determinada profundidade peço para pararmos, já estamos distantes dos outros banhistas. — Relaxe, Nina!! Está dura, tensa. Não irei te largar, ok?

Aceito sua reprimenda e tento curtir o momento, sem pensar que posso me afogar. Luca vira-se e ficamos com os rostos colados, me agarro em sua cintura e pareço uma mochila pendurada. Essa intimidade é tão gostosa e tranquila, que passaria minha vida inteira assim, desfrutando de tanta afinidade. Quero tanto ficar com Luca, que a paixão que sinto por ele chega a ser insana. Acho que nem consigo mais disfarçar meus sentimentos, está cada vez mais difícil esconder o

que sinto. Eu o amo e pronto!! Admito a mim mesma!! Acho que devo estar com uma cara sonhadora, do tipo abobada apaixonada. Pois Luca me olha estranho e fala:

— Que cara é essa? Parece que está em outro lugar ou viajando — Pontua, rindo.

E sem que eu coloque um freio, minha boca fala mais rápido.

— É a cara de quem está sentindo coisas que não devia sentir.

Sua expressão muda e fica sério. Então percebo que falei demais. Luca ainda não está preparado para ouvir sobre meus sentimentos. Percebo rápido e tento consertar.

— Vamos voltar, estou com medo de ficar no fundo — Ele me olha desconfiado, mas nada diz. Apenas assente e volta a me carregar para o raso. O clima fica um pouco estranho, mas tento amenizar brincando e as poucas volta tudo ao normal.

Ufa!! Nina e sua boca grande.

Passamos no mercadinho e compramos as coisas da lista e mais umas besteiras.

— Que doce você quer? — Luca pergunta, enquanto esquadrinha a prateleira. — Até que para um mercadinho pequeno, eles têm uma variedade bem grande de porcarias açucaradas — Ele comenta.

— Você não gosta de doce? — Pergunto, pois pelo jeito que disse parece não se interessar.

— Eu como de vez em quando, mas já cheguei a ficar um mês sem doce.

Dou risada, porque não consigo ficar um dia, quiçá 30 dias.

— Eu hei!! Você não é normal — Falo, dando risada.

— Prefiro salgado, só isso. Aliás, sou mais uma lasanha que um bolo.

— Eu prefiro os dois. Isso sim!!

Num clima gostoso, escolho um sorvete de morango, seguimos para o caixa e voltamos para o apartamento.

O sol está começando a abaixar e corremos, para tentar vê-lo indo embora sobre o mar. A vista da sacada deve ser linda.

E realmente vale a pena. É de tirar o fôlego e ficará marcado em minha memória por muitos anos. É um show a parte, além do mar azul.

Tiramos fotos e filmamos. Essa lembrança tinha que ser eternizada, sem dúvida.

Ainda ficamos mais alguns minutos olhando o horizonte, perdidos em pensamentos, até que Luca quebra o silêncio.

— O que quis dizer na água?

Fico chocada, sem saber o que responder, não sei se minto ou abro o jogo. E depois de alguns segundos decido ser transparente, honesta. Foda-se que ele ache ruim, tô cansada de me esconder e ser quem não sou.

— Eu gosto de você, foi isso que quis dizer.

Luca me olha sem expressão, não demonstra nada. Se gostou ou não!! Os segundos vão passando e começo a me irritar.

— Olha, Luca! Não estou te cobrando nada, nem entrei nesse arranjo enganada, sei que não quer relacionamento, que não me prometeu coisa alguma — Falo de maneira atropelada, de uma vez. — Se gosto de você é por conta e risco — Explano, envergonhada, mediante seu silêncio.

Luca respira fundo e parece ponderar as palavras.

— Não sei o que sinto, pequena. Adoro ficar com você, sinto muita saudade, tenho um ciúme gigante. Mas não posso prometer nada!! Ainda não tenho certeza se quero algo concreto como um namoro. Você pode lidar com isso? Não quero te machucar, tampouco usá-la.

Sua voz está baixa, comedida e parece realmente preocupado em me ferir.

Diz sentir todas estas coisas, com tanta sinceridade. E isso não é estar gostando de alguém? Mas não!! Luca é complicado e parece fugir de si e do que sente. Que saco, pai amado!! Me dê paciência, porque affff...

— Se eu não pudesse lidar com isso, não estaria mais com você — Minto, porque se eu disser a verdade, nosso caso tem grande risco de acabar e não quero perdê-lo ainda. Tenho certeza que estou no caminho certo, que posso derrubar essa muralha e me infiltrar nessa couraça. Não irei desistir, pelo menos não sem lutar.

— Então estamos conversados, mocinha — Luca responde. — Estou cansado e com sono, quer tirar um cochilo para sairmos mais tarde? — Pergunta de forma descontraída, como se nada tivesse acontecido.

— Você vai deitar comigo? — Questiono de maneira insinuante.

Ele arqueia a sobrancelha e diz:

— Vou. Mas nós vamos dormir de verdade, nada de gracinhas, sua pestinha.

Dou risada de forma inocente.

— Ué nem fiz nada!!

— Ah tá!! Te conheço, Nina. Está uma verdadeira esfomeada por sexo, não pode me ver que fica toda animada.

Ponho a mão na cintura em sinal de indignação.

— Mas você se acha, né!! Pois tem muitos homens até mais bonitos que você, por aí. Eu conheci um dias atrás.

Na mesma hora, eu me lembro de Lorenzo, mas só estou falando para tirá-lo do sério. E pelo jeito deu certo, pois a sua antena já ficou ligada.

— Quem é esse cara?

Pergunta sério e pressinto que a brincadeira acabou. Tento despistar, pois não quero seguir por esse caminho. Joguinho de fazer ciúmes não é comigo.

— Você não conhece — Falo despreziosamente e logo mudo de assunto. — Então vamos deitar né, já me bateu um soninho — E sigo para o quarto tirando o chinelo e me livrando do short e regata. Mas Luca não parece se dar por vencido, deita-se ao meu lado e questiona de novo.

— Quem é esse cara? — Sustenta o olhar e não desvia para nenhum lado, percebo que mexi no ponto fraco.

— Do que você está falando? — Faço de boba.

— Não me enrole, Nina. Vamos, desembucha — Bufo, vencida, e lhe dou apenas uma pequena informação.

— Eu falei para pegar no seu pé, ele nem é tão bonito assim — Imagina se ele conhece o Lorenzo pessoalmente, ia subir nas paredes de raiva. Porque vamos combinar, Lorenzo parece um modelo de tão gato que é.

— Não respondeu a minha pergunta, pequena. Estou esperando.

Sento-me na cama de calcinha e sutiã. Nos encaramos por um tempo e respondo com má vontade.

— Ele é neto de uma paciente e nos conhecemos porque Lorenzo sempre vai buscar a dona Gemma na clínica.

— Ah que lindo!! Então os dois agora estão amiguinhos. E no mínimo a velhinha deve estar servindo de cúvido — Seu tom de voz transborda deboche.

— Não seja malicioso, Luca! Não tem nada a ver o que está falando. Lorenzo é um cara respeitador e sabe que tenho uma pessoa — Explano, tentando consertar as coisas, mas o que acabei de dizer, piora a situação.

— Então a intimidade de vocês chegou a esse nível? Já estão trocando confidências. Olha, que tocante!! No mínimo o tal Lorenzo é um “bom moço” — Ele faz aspas com os dedos. — Deve estar sondando o terreno para ver se você cai na lábia dele.

— Eu gosto de você, Luca!! — Falo alto para que entenda e não tenha dúvida. — Será que não entendeu? Pode vir o Lorenzo, o Chris Evans ou mais gato de Hollywood, que vou continuar querendo só você. Quando se gosta de verdade, ninguém substitui. A gente só tem olhos para aquela pessoa.

Ele parece perceber que está falando asneiras e me puxa para os seus braços. Respira fundo e diz:

— Desculpe! Quando fico com ciúmes falo besteira, não ligue para a minha rabugice — Murmura carinhoso com a voz cheia de rouquidão.

Eu o abraço forte e inspiro seu cheiro bom, de homem limpo.

— Vamos tirar um cochilo para sair mais tarde — Deitamos de conchinha e penso comigo mesma sorrindo.

Você gosta de mim, Luca. Só não percebeu ainda.

Capítulo 34

Nosso cochilo da tarde foi longo, prolongado e relaxante. Faz muito tempo que não faço nada parecido, mesmo trabalhando meio período, ao chegar em casa sempre tenho alguma coisa para fazer. Ou seja, a vida é corrida e o tempo curto e escasso.

— Apagamos, literalmente!! — Falo enquanto passo a mão nos olhos.

— Você está me deixando mal-acostumado, pequena — Eu o encaro, surpresa, e pergunto:

— Por quê?

— Nem lembro quando foi a última vez que dormi à tarde. Acho que na adolescência.

— Então deve fazer muito tempo, porque já tá meio velhinho — Sibilo e lhe dou uma piscadinha.

— Mas o velho aqui tá sempre de pinto duro te esperando — Responde, puto da vida, e dou uma gargalhada, achando engraçado a sua raiva.

— Seu besta!! De velho você não tem nada. Na verdade, nem sei a sua idade — Reclamo, mas no fundo estou extremamente curiosa. Ainda tem tantas lacunas e coisas que quero conhecer nesse homem, mas tenho certeza que teremos tempo para nos conhecer.

— Tenho 32 anos, pequena. Dez a mais que você — Responde de um jeito como se a nossa diferença fosse algo exorbitante.

— Daqui há um mês faço 23. Então são 9 anos de diferença.

Luca revira os olhos, nem ligando para o meu comentário.

— E quando é o seu aniversário? — Pergunta.

— Dia 15 de setembro. Espero que minha avó e tia estejam aqui para comemorar comigo — Digo empolgada e sonhando alto.

— Se a sua vó não puder ficar, com certeza eu e a Clara estaremos — Seu rosto transparece sinceridade e franqueza, e sinto-me emocionada novamente. Me aproximo e lhe dou um selinho casto.

— Obrigada!! Tenho certeza que irei me divertir muito — E decido mudar de assunto. — O que vamos fazer agora?

Luca pensa um pouco, olha no relógio e diz:

— Hum pelo horário, acho melhor jantarmos e depois podemos passar em alguma agência e fechar um passeio de barco. O que acha?

Acho a ideia excelente!!

— Pode ser, eu topo — Digo, animada.

— Ótimo, então! Vou tomar um banho e saímos — E assim que Luca se levanta, a campainha toca. — Deixa que eu atendo, deve ser as nossas malas — Luca se dirige à porta e o funcionário da empresa lhe entrega nossa bagagem. — Já podemos trocar de roupa — Ele diz e segue para o banheiro.

Escolho um vestido curto florido e de alças finas. Uma rasteirinha de pedrinhas amarelas compõe o visual. Eu me visto, enquanto Luca sai do banho. Passo um leve blush, só para acentuar um tom corado, uma sombra pérola e um batom rosé cintilante. Pronto!!

Luca me encara com ar de safado.

— Tá uma delícia hein, pequena! Na volta vou te pegar de quatro com esse vestidinho — Sibila, me esquadrinhando de cima a baixo.

Dou risada e sigo para sala para pegar a minha bolsinha.

Saímos de mãos dadas, caminhando pelas ruelas apertadas e com pouca iluminação. Mas o movimento na rua é intenso, a quantidade de gente passando de um lado para o outro é considerável.

Caminhamos por duas quadras e chegamos a um restaurante bonito de estilo praiano. Com telhado de palha e bambus, o lugar é um charme e tem cara de caro. Nos acomodamos no primeiro andar e de lá podemos ter uma bela vista do mar. O clima é descontraído, aconchegante.

— Vamos comer um peixe? — Luca pergunta.

— Depende, não gosto de peixe com muita espinha — Respondo, sincera. — É que tive uma experiência não muito boa no passado — Relembro que parei no hospital com uma espinha espetada na garganta.

— Vou consultar o garçom sobre o que tiver menos espinha. Ok?

Assinto positivamente e Luca questiona sobre o cardápio de peixes. O garçom nos avisa que o linguado e a tilápia são a melhor pedida. Escolhemos linguado grelhado com molho de manteiga e batata assada. Hum que prato delicioso!! Não consigo parar de comer de tão bom, de sobremesa escolho sorvete de creme com brownie e Luca opta por uma panacota. O jantar é maravilhoso, a conversa flui com facilidade nunca faltando assunto, ou o simples fato de às vezes ficarmos calados, também não nos causa estranheza.

Saímos de mãos dadas num clima gostoso, íntimo e cheio de expectativas. Estamos nos provocando desde que saímos de casa, com certeza, a volta será quente e recheada de muita sacanagem. Entramos numa rua de casas mais simples, percebe-se que não são moradias de luxo, provavelmente é o lado mais humilde do vilarejo. Vemos um movimento de gente na calçada, falando alto. Presto atenção na conversa e paro abruptamente, fazendo Luca me encarar com o cenho franzido. Uma senhora baixinha, de rosto redondo e rosado implora para um rapaz, que deve ter uns 20 anos, para que pule o muro da casa e veja o está acontecendo.

— Pule o muro, Pietro!! Os vizinhos se mudaram tem quatro dias, e pelo jeito largaram o cachorro aí. Oh, gente sem coração! Como podem se mudar e deixar o pobre do bicho sozinho para morrer? — Meu coração acelera com o comentário e não consigo ficar longe do que acontece, me intrometo sem a menor vergonha, largo a mão de Luca e me dirijo a ela.

— Desculpe, senhora!! Eu escutei a conversa. Os vizinhos foram embora e deixaram o cachorro aí trancado? — Pergunto sem poder acreditar em tanta crueldade.

— Pois é, minha filha!! Eu sou caseira e fico na casa da minha patroa direto, por sorte, hoje é minha folga e vim para casa e fiquei sabendo dessa maldade. E acredita que ninguém fez nada? — Ela desabafa, revoltada. — Mandeí buscar meu enteado no trabalho e tô aqui, tentando convencê-lo a pular o muro para ver o cachorro — Murmura e põe a mão na cintura, ainda

demonstrando indignação pela falta de ação das pessoas da rua.

O rapaz. diante da expressão brava da mulher, se defende.

— E se os donos da casa descobrirem que pulei o muro, podem me denunciar para a polícia.

— Eles é que tem que se preocupar com a polícia, pois maltratar animal é crime!! — Diz num ímpeto de fúria. Olho para Luca, com expressão de desespero, e num impulso me ofereço.

— Pietro, se você me ajudar, eu pulo muro no seu lugar — Falo sem nem pensar, nunca pulei um muro na vida, mas não me importo se irei me machucar.

— Nem pensar, Nina — Luca se opõe no mesmo instante. — Deixa que eu faço isso, só chame a polícia, eles precisam ser avisados — Pietro parece se envergonhar com a sua covardia e resolve ajudar.

— Eu vou com você — Ele se decide finalmente. O número de gente na calçada começa a aumentar, e um dos vizinhos se oferece para chamar uma viatura. Luca pula e logo em seguida é a vez de Pietro. Depois de uns 15 minutos eles aparecem e a cara de Luca é de tristeza e revolta.

— Então? — Questiono, ansiosa.

— Eles foram abandonados mesmo, a casa está vazia — Pietro responde e Luca nada diz, mas o conheço suficiente para ver que não estão contando tudo.

— Eles? — A senhora de rosto redondo pergunta primeiro que eu.

— A cadelinha estava com um filhote de uns 15 dias, mas como não está comendo, a bichinha não tinha leite e o bebezinho não resistiu.

Meus olhos enchem de lágrima e sinto uma vontade de esbofetear os donos da casa. Como tiveram coragem? Por que não deram o cachorro para outra pessoa? Mas não quiseram ter trabalho e largaram o bichinho por conta própria. A viatura encosta e logo os meninos se aproximam para conversar com os policiais. A polícia consegue um mandato e arrombam a porta da frente da casa. Luca, Pietro e os policiais entram na propriedade e decido ficar na calçada para não ver o filhotinho morto. Descubro que o nome da senhora guerreira, é Rosita e fazemos amizade logo de cara. Enquanto eles não saem da casa, ela se aproxima e me fala algo, que deixa-me em alerta.

— Nina, não sei se acredita em coisas que às vezes não tem explicação — Rosita diz com um olhar calmo e brando.

Estranho o assunto, mas respondo:

— Acredito sim!! Mas nunca tive nenhuma experiência de nada disso — Revelo de maneira direta, sem rodeios.

— Venho de uma família de mulheres que tem o dom da clarividência, desde a minha bisavó. Não ganhamos dinheiro com isso, sempre achamos que era um dom para ajudar e não para ter fins lucrativos. Mas não critico quem segue por esse caminho — Rosita explica tudo, me fitando com serenidade. — Nós conseguimos ver algumas coisas do futuro das pessoas que nos rodeiam, faz um certo tempo que não tenho mais visões, mas quando chegou perto, vi algumas coisas claramente. Você me permite dizer? — Rosita pergunta, receosa. — Se não quiser, Nina, eu não falo — Apesar de estar com medo e receio, a curiosidade leva a melhor e vejo-me pedindo:

— Pode contar, Rosita, eu quero saber.

— Ok, vamos lá — A pequena senhora respira fundo, fecha os olhos e começa a narrar. — Seus pais estão felizes e não sofreram — Sua primeira revelação é como um soco em meu estômago e quase me dobro de tão impressionada. Sempre me martirizei, com medo que eles tivessem sofrido muito durante a morte, essa parte sempre me assombrou profundamente. E saber que não, me dá paz e alívio. Rosita abre os olhos e me encara. — Elas vieram para somar e trazer felicidade. Nunca mais você e Clara estarão sozinhas. Mesmo elas não estando perto sempre — Meus olhos se arregalam tanto, que parecem que irão pular da órbita. Como ela pode saber tanto, se nunca a vi na vida? Oh Deus!! Sinto-me assustada e confortada, tudo ao mesmo tempo. E uma pequena lágrima escorre pelo canto do meu olho, pois sei que agora a nossa família é maior e sólida. Nada irá nos separar!!

— Você está bem? — Rosita parece preocupada.

— Estou sim, só impressionada — Dou um sorriso sincero e peço que continue.

— Tem certeza? — Ela volta a questionar.

Assinto que sim e aguardo.

— Vejo uma tempestade chegando, Nina. Você irá passar um desgosto muito grande. Mas nada é como parece ser. Lembre-se disso — Suas palavras são como um mau agouro e me arpejo da cabeça aos pés, como uma sensação ruim.

— O que vai acontecer? — Questiono com medo de saber a resposta, ou talvez, no fundo eu já saiba.

— Eu não vejo o que irá acontecer, não me foi permitido. Ah e tem outra coisa — Rosita se aproxima e toca a minha barriga, fazendo um carinho em meu ventre. — Não fique com medo, querida. Vocês duas vão ficar bem — Sua mão gordinha e quente se agita de um lado e engulo em seco com aquela insinuação. O que ela está querendo dizer? Oh não... não... não pode ser... Deus, por favor, não deixe ser isso. E com pavor nos olhos, tiro a dúvida que me consome.

— Eu e minha irmã vamos ficar bem? Foi isso que quis dizer?

Ela ri de maneira marota e me olha com um sorriso aberto.

— Você sabe do que estou falando, Nina. Só está com medo. Mas vai ficar tudo bem. Claro que não no começo, mas depois tudo vai se ajustar — Rosita me fita com um olhar sonhador e transparente, sei que está falando a verdade. — Eu a vejo e será uma menininha linda, cheia de vida e bem falante — A senhora conclui com brilho no olhar. Estou chocada e sem respirar, a notícia pega-me de surpresa, nunca imaginei descobrir uma gravidez por meio de uma clarividente. Mas estou fora do ar e com dúvidas ainda.

— Não pode ser — Digo mais para mim, quase num sussurro.

— Você ainda vai ter tempo para aceitar — Ela responde carinhosa e me adverte. — Não fale nada para o moço bonito da nossa conversa. Homens tem dificuldade de entender o que não compreendem.

Aceno que sim e penso. Se eu contar que estou grávida ele me mata. Isso sim!!

Luca sai da propriedade carregando a pequena cadelinha no colo, seu olhar está triste e preocupado.

— Preciso levá-la num veterinário, Nina. Está desidratada e faminta. Mesmo se dermos comida agora, é capaz de passar mal por estar sem comer há muito tempo.

A senhora indica uma pequena clínica 24 horas ali próximo e recebemos carona da própria viatura. A cachorrinha está imóvel e cabisbaixa, nem se move. Sinto pena e remorso pela sua situação. Entramos no veterinário e logo somos atendidos. A cadelinha recebe todo o atendimento necessário e fica internada para tomar soro e fazer mais exames no dia seguinte. Voltamos para o apartamento com a obrigação de voltar no dia seguinte. E aproveitamos e pedimos ao responsável pelo lugar, para ver se conhece alguém que queira um animalzinho, pois daqui a dois dias iremos embora e precisamos deixá-la num lar seguro e amoroso.

— Que noite né, pequena. Estou exausto!! — Luca comenta e me abraça em seguida. — Você está com uma carinha triste. Ficou arrasada pelo que aconteceu? Ela vai ficar bem, não precisa se preocupar — Me forço a dar um sorriso amarelo.

— Eu sei, é que estou chocada ainda — Se ele soubesse que estou apavorada é com uma possível gravidez e não com isso que aconteceu.

— Não sou de me abater com facilidade, mas ainda estou mexido com o que aquelas pessoas fizeram. A polícia vai indiciar os donos da casa, espero que paguem por tanta crueldade.

— Eu também! — Sibilo distante e com a cabeça longe.

— Hey!! — Luca me desperta do devaneio. — Nina, planeta Terra — Ele fala, passando as mãos em frente ao meu rosto.

— Só estou um pouco dispersa — Respondo apática.

— Vem, vamos ver um pouco de televisão e esquecer essa noite.

Será que estou realmente grávida? Rosita não errou em nada que disse. Ah meu Deus e agora? Luca vai me odiar. E o que eu faço? E tomo uma pequena decisão. Vou aproveitar nossa viagem e só pensar nisso na volta. De qualquer forma, não posso fazer nada agora. Vamos deixar qualquer decisão para depois. Fecho os olhos e cochilo em seus braços, e ali ficamos, estirados no sofá.

Capítulo 35

No dia seguinte, acordamos cedo e seguimos direto para a clínica veterinária. A pequenina parece melhor e mais animada, até balança o rabinho ao nos ver. Luca lhe faz um afago carinhoso e lhe dá beijo na cabecinha, os dois parecem estar se entendendo muito bem. Sorrio com a interação dos dois e algo me surge na mente.

— Você gostou dele, não é? — Ele me olha sério e depois dá um sorriso genuíno.

— Essa mocinha é uma guerreira e merece ter um lar confortável e seguro — Na mesma hora, a cachorrinha sabendo estar sendo alvo da sua atenção, dá uma latida e abana o rabo. Rimos com a esperteza dessa mocinha.

— Acho que ela quer ir para casa com você — Sugiro como quem não quer nada.

Luca arregala os olhos e olha-me espantado.

— Não tenho tempo, Nina. Minha vida é corrida e fora que iremos embora de avião. Não faço a menor ideia sobre as restrições em aeroportos.

— Ligue para a companhia aérea que fretou o voo e peça ajuda. E sobre falta de tempo, você pode arrumar algum cuidador. Hoje em dia eles passeiam e levam os cães para fazer as necessidades na rua. Tá vendo, problema resolvido!!

Luca olha para a cadelinha, se inclina e diz:

— Estão querendo que eu fique com você de qualquer jeito. E agora o que faço?

A pequena malandrinha se equilibra com dificuldade, balança o rabinho e lhe dá uma lambida no rosto. Me emociono com a cena, porque algo me passa na mente. Luca será um ótimo pai, mesmo que tenha medo da paternidade.

Luca lhe dá um abraço e volta a me encarar.

— Acho que tem razão, Nina. Vou mexer meus pauzinhos e ver o que consigo.

Logo ele sai com o celular na mão e parece contatar todo mundo. Fico com os olhos brilhando, pois a cadelinha parece ser mansinha e amigável, tenho certeza que irá ajudar a amansar seu coração.

Volta 30 minutos depois com um sorriso de lado a lado.

— Consegui! — Se mostra vitorioso e exultante.

— Vai ficar com ela? — Pergunto na expectativa.

— Sim — Seus olhos estão mais vivos, brilhantes e percebe-se que está feliz com a decisão.

Bato palmas em sinal de alegria e dou um pulo no lugar de felicidade.

— Parabéns!! Agora você tem uma filha peludinha — Luca ri do meu comentário e retruca:

— Acho que ficarei só nessa filha mesmo — Seu comentário me tira o sorriso do rosto e tento disfarçar o desconforto de tal afirmação.

— Então, qual será o nome dela? — Desvio o rumo da conversa, afinal, ainda não tenho certeza de nada. Só a afirmação de Rosita.

Ele arqueia a sobancelha em dúvida.

— Não faço a menor ideia — Responde sincero. — Você tem alguma indicação?

Fico pensando em vários nomes bonitinhos e começo a falar.

— Hum.. .sei lá, chame-a de Madona — Falo brincando, da boca para fora.

Luca me olha sério e sibila.

— Gostei!! Vou chamá-la de Madona.

Balanço a cabeça em descrença e dou risada. Esse homem é louco!

Deixamos Madona aos cuidados do veterinário e saímos para curtir nosso dia, afinal, no dia seguinte iremos embora.

Curtimos uma praia pela manhã, e à tarde fazemos um passeio de escuna pelas outras 4 vilas que formam Cinque Terre. Vernazza, Corniglia, Manarola e Riomaggiore. Cada vilarejo tem sua particularidade, lugar de destaque, ponto forte e fraco. Mas vale a pena o passeio, tiramos muitas fotos e adoramos a região. É um lugar que vale a pena conhecer e que merece que voltemos um dia. Gente bonita e clima descontraído!

Ao tomar banho no fim do dia, vejo que me queimei bastante. Minha pele está bronzeada e com marca de biquíni. Enquanto me admiro no espelho, Luca entra no quarto, aparece logo atrás e solta uma graça:

— Hum se você é gostosa crua, imagina fritinha do sol!! — Gargalho e não me aguento.

— Nossa, que comentário de pedreiro! — Rimos alto e me troco para irmos jantar.

Jantamos e passamos novamente na clínica. Madona se recupera bastante e parece mais disposta que pela manhã. Logo essa mocinha estará serelepe novamente.

Ao chegar no apartamento, deitamos na cama e ficamos vendo televisão no quarto. Um filme de romance passa na televisão, mas quase nem presto atenção. O corpo de Luca é mais interessante.

— Você é tão malhado. Faz muito exercício?

Pergunto de modo a conhecer um pouco mais do homem por quem estou apaixonada.

— Não sou neurótico! Mas vou à academia pelo menos 3 vezes por semana e faço 01 hora e meia de musculação.

— Por isso que está com essa barriga gostosa — Sibilo e passo a mão em seu abdômen sequinho. Que loucura de homem!

— Também gosto do seu corpo. Aliás, percebi que engordou um pouco. Está com o quadril mais largo, bumbum maior — Luca fala, descontraído, até achando graça. Eu também já tinha percebido que as roupas estavam mais apertadas. Se ele sonhar que o motivo é uma menininha crescendo em minha barriga, ele terá um acesso de fúria, com certeza.

— Você está me chamando de gorda? — Pergunto, tirando o foco da conversa séria.

— Gorda não!! Gostosa — Dá uma risada safada e começa a me apertar em todos os lugares. Parece um polvo cheio de tentáculos. Fazendo-me rir e tentar fugir do ataque.

O fim de semana passa rapidamente e a semana seguinte mais ainda. Ficar longe de Luca é difícil, mas necessário. Após a revelações bombásticas, estou inquieta e temerosa, ainda não sei o que fazer e se devo acreditar numa gravidez. Sinto-me numa espiral de emoções. Medo e alegria, temor e regozijo. Não tive coragem de contar a ninguém, mas tal segredo me atormenta completamente. Estou perdida e sem direção. E numa das visitas de vó Keiko, não consigo esconder meu estado de espírito.

— Você está estranha. Aconteceu algo, querida? — Vovó parece realmente preocupada.

Fico com vontade de falar, mas ao mesmo tempo sinto-me na defensiva e do nada lembro-me das palavras de Rosita:

“Elas vieram para somar e trazer felicidade. Nunca mais você e Clara estarão sozinhas. Mesmo elas não estando perto sempre.”

E uma paz gigantesca me invade o coração, tendo a certeza que posso confiar de coração aberto.

— A senhora acredita em clarividência? — Pergunto, desconfiada, não sei se ela é religiosa e irá achar que sou miolo mole.

— Sempre acreditei em coisas sobrenaturais, naquilo que não se explica com racionalidade. Pode me contar que não sou cética — E narro a previsão de Rosita, não omitindo nada. E ao tocar no assunto dos meus pais, vó Keiko chora! Porque assim como eu, sente alívio que não tenham sofrido.

Ela se levanta e me abraça apertado, com um carinho e ternura tão grande, que sinto o amor fluir e me tomar. Não tenho dúvida que sempre serei acolhida e recebida em seus braços amorosos. Sua mão pequena e enrugada, acaricia meu ventre liso. Como se já sentisse algo.

— Já estou apaixonada pela minha netinha. E imaginando a misturinha de vocês. Ah será tão linda!!! — Fala como se já visualizasse a criança.

— Ah vó, só a senhora para me deixar animada, viu!!

— E por que não ficaria?

Respiro fundo e resolvo ser sincera.

— Luca não é adepto a relacionamentos, pior ainda, a filhos — Respondo, sentindo o gosto amargo das palavras que ao serem verbalizadas parecem se tornar mais reais.

— Não sofra antes da hora, talvez no começo fique bravo, perdido. Mas tenho certeza que vocês vão achar um caminho em comum — Vó Keiko aconselha-me com a sabedoria dos anos vividos e experiência de vida.

— A senhora tem razão — E passamos a falar sobre coisas do dia a dia.

Tia Kira nos convida para almoçar e pede que eu inclua o Luca no convite. Eu mando uma mensagem no WhatsApp e recebo um ok. Confesso que estranho! Achei que Luca declinaria por ser um almoço em família.

Combinamos em frente ao restaurante, e ao chegar, logo o avisto. O homem está um arraso, até tia Kira comenta.

— Aquele loiro gato é o Luca?

Respondo que sim e ela ri:

— Você tem bom gosto, Nina. Ele é lindo demais!! Até eu ficaria de olho nele — Tia Kira parece não se importar muito com esse lance de idade. Quando jantamos sozinhas, eu a vi olhando para alguns rapazes mais novos. E numa conversa, deu a entender que o importante é ser feliz, não importa com quem.

Nos cumprimentamos calorosamente e entramos logo em seguida. Uma mesa grande acomoda nós cinco com conforto. E começamos uma conversa agradável e descontraída. Kira fica sentada à minha frente e de Luca, e percebe-se o quanto se deram bem de cara. Os dois começam a falar de negócios, e Luca conta um pouco sobre o ramo de abastecimento de navios cargueiros e de passageiros. Minha tia parece interessada, diz que não fazia ideia de como era trabalhoso todo o trâmite. Enfim, conversa não falta naquela mesa.

Estamos felizes e curtindo a companhia um do outro, até que tia Kira faz um comentário, que deixa Luca ligado e de orelha em pé.

— Ah, Nina!! Esqueci de comentar da empresa do filho da sua amiga Gemma — Na mesma hora, vejo que Luca se interessa pelo assunto e presta atenção. Putz!! Se ela falar o nome de Lorenzo, ele vai matar a charada. Enrijeço e tento não dar muita atenção ao assunto, mas tia Kira, parece não perceber minha falta de interesse e continua a contar. — Está quase certo para sermos sócios. Claro que ficarei com apenas 40%!! Eles continuarão sendo os majoritários. Mas a parceria será muito produtiva e o fora que o neto, o Lorenzo, é um rapaz fantástico, inteligente e extremamente competente nos negócios... — Kira não para de elogiá-lo e quando meus olhos se voltam para Luca, vejo raiva e indignação.

Ele percebeu de qual Lorenzo nós estamos falando e vejo um olhar de quem pede uma explicação urgente. Remexo-me na cadeira sem saber o que irei dizer. Quando dizem que mentira tem perna curta é a mais pura verdade!! Puta merda e agora? Luca me fuzila e tia Kira nem percebe a besteira que fez.

Dissimulado como ninguém, ele se faz de bobo e pede mais detalhes.

— Esse Lorenzo é aquele neto da sua paciente, Nina? — Luca me questiona como quem não quer nada. Engulo em seco. Mas não posso mentir, afinal, não fiz nada errado.

— É sim — Sussurro quase sem som.

— E por que você está fazendo negócio com ele? — Sua pergunta agora é direcionada para Kira. Mas vejo duas bolas de fogo se formando no lugar dos olhos. Está puto de ciúmes!!

— Nina comentou comigo que eles estavam passando por um momento delicado nos negócios e como eles já vendem nossos produtos e estou querendo diversificar os investimentos, resolvi entrar no circuito e fazer uma proposta.

Luca me encara sério e respira fundo.

— Nina, tem um coração enorme, não é? — Luca comenta com tia Kira. Mas sinto o tom de sarcasmo e reprovação.

— Ela puxou a minha irmã, sempre sai em auxílio das pessoas.

Clara que não é boba e percebe o clima estranho, cochicha em meu ouvido.

— O Luca está sendo irônico ou é impressão minha?

— Você está certa — Respondo baixo. — Depois eu te conto — Minha irmã assente, mas fica de olho.

Ao término do jantar nos despedidos, e Luca se oferece para levar a todos, mas vovó e Kira resolvem pegar um táxi.

No carro, ficamos nós três em silêncio. Clara, que costuma falar pelos cotovelos, percebe o clima e não se manifesta.

Ao chegar na frente do meu prédio, tento sair pela tangente e vazar do carro, mas sou interceptada na mesma hora.

— Quero falar com você, Nina. Tenho certeza que a Clara não deve se importar de subir sozinha.

Minha irmã desperta da sua apatia, dá um tchau fraco com os olhos arregalado e some na portaria.

— Então, Nina. Agora somos só nós dois e sem ninguém para interromper.

Sua expressão não é nada amigável e penso comigo mesma. Nem fiz nada e estou sendo metralhada no muro!!

Capítulo 36

Ficamos nos encarando em desafio, como quem fosse o culpado, entregaria os pontos primeiro. Não arredo o pé e me faço de forte. Luca se remexe e quebra o silêncio no interior do veículo.

— Vamos, Nina. Estou esperando uma explicação.

— Não tenho nada a dizer. O que fiz foi para ajudar uma amiga, uma pessoa querida que está com dificuldades financeiras.

— Oh, que gesto lindo! — Exclama sarcástico, transbordando ironia. — O netinho metido a modelo vai adorar saber que a fisioterapeuta que está de olho, nada mais é que a herdeira do grupo Shinzo. Será como juntar a fome com a vontade de comer.

— E quem disse que ele está interessado em mim?

Luca bufa e vira-se em minha direção, exaltado.

— Acha que sou idiota? Que não percebi que o cara está tentado se aproximar? Agora sabendo que é rica, virá como um abutre — Luca parece indignado e fora de si.

— Ninguém saberá de nada — Falo firme, pois não tenho intenção de revelar essa parte da minha vida à dona Gemma, tampouco a Lorenzo.

Ele olha-me, desconfiado, sobranceiras juntas, pensativo. — Não vai contar nada?

— Primeiramente, não fui pedir ajuda à tia Kira. Só comentei da situação financeira da empresa, nunca imaginei que o grupo Shinzo poderia ter interesse em investir em lojas de departamento. Foi meio que coincidência. Segundo, você precisa confiar em mim, até agora não te dei motivos para desconfiar, ou dei?

Ele parece desconcertado e remexe-se novamente. — Não desconfio de você e sim dos outros — Pontua, enfático.

— Mas está me tratando como se eu tivesse feito algo errado. Como se eu estivesse me insinuando a Lorenzo.

— Não é nada disso, pequena. Não misture as coisas — Retruca, impaciente.

— Eu já falei uma vez e vou repetir. Você foi meu primeiro em tudo, Luca. O que sinto quando estamos juntos jamais senti algo parecido. Gosto de estar ao seu lado, do toque. E não quero nada parecido com outro cara, só contigo. Acredita em mim?

Tenho certeza que meus olhos demonstram sinceridade e franqueza. Que acabei de despir meus sentimentos à sua frente. Luca olha-me assustado, como se agora entendesse a profundidade do que disse.

— Você realmente gosta de mim? — Pergunta com o cenho franzido, preocupado. Receio dizer que até temeroso.

— Sim, Luca. E não se preocupe, sei de todas as suas restrições e exigências — Respondo impaciente e magoada com a sua cara. — Agora preciso ir, tchau — Sibilo baixo, abro a porta do carro com rapidez. Pulo para calçada e caminho para a portaria do edifício.

— Espere! — Luca me abraça por trás, nos fazendo apenas um corpo. — Só tô com medo, pequena — Vejo que engole seco, como se tivesse se expondo demais.

Viro-me e o encaro. Ficamos face a face, quero sinceridade, não dá mais para fugir.

— Medo de quê, Luca? Não sei quem te magoo, mas você precisa esquecer o passado, seguir em frente. Não posso pagar pelos pecados dos outros.

Estas palavras o atingem em cheio, vejo seu semblante se transformar. Fica triste e perdido, parecendo uma criança indefesa. Passa a mão no rosto e cabelo, larga-me e anda de um lado a outro.

— Eu já amei demais uma garota, achei que fosse meu mundo, minha vida e fui passado para trás sem a menor dor na consciência — Luca respira fundo e volta a contar. — Não consigo mais confiar, pequena. Deixei de acreditar nas pessoas faz muito tempo — Conclui a frase com pesar e sinceridade.

— Eu nunca me relacionei, Luca. Você acha que está sendo justo comigo?

Ele me olha chateado, sem reação. Mas não consegue se manter afastando e me abraça novamente.

— Desculpe, pequena. Acho que emocionalmente você é mais madura que eu.

— Você acha? Eu tenho certeza! — Falo sorrindo e lhe dando um selinho. — Promete que vai confiar em mim? Que aconteça o que acontecer, sempre iremos conversar primeiro?

— Prometo — Ele responde, sincero. — Quer dormir comigo?

Penso um pouco.

— Por que você não dorme aqui?

Ele ri de lado e acena de maneira positiva.

Subimos juntos e nos abraçamos no elevador.

— O que faremos amanhã? — Luca questiona de forma relaxada, comprimindo seu corpo ao meu.

— Não sei. Você gosta de andar de bicicleta? — Pergunto, animada com as diversas possibilidades.

— Gosto! Aliás, faz anos que não monto em uma.

— Tá aí o nosso passeio! Amanhã, alugamos duas *bikes* e podemos ir até algum parque.

— Pode ser! — O elevador chega, saímos de mãos dadas e entramos em casa. Snop já chega fazendo bagunça.

— E aí, cara, vem aqui — Luca o chama e os dois começam a brincar e fazer uma verdadeira farra. Clara aparece na sala e sorri.

— Está tudo em paz agora? — Seu tom de voz está cheio de ânimo e humor.

— Agora está tudo bem — Falo brincando e lhe dou uma piscada.

— Vocês querem coca com gelo? Com esse calor, tenho mais sede que fome — Minha irmã nos oferece.

— Também, você comeu pra caramba, Clara! Se estivesse com fome, seria por olho grande — Sinalizo, rindo dela.

— Tô em fase de crescimento, preciso me alimentar bem — Retruca sem a menor vergonha.

— Ah tá!! — Dou risada. — Você só cresce para os lados agora — Clara mostra a língua e volta para a cozinha.

Eu e Luca ficamos na sala vendo televisão e depois vamos para o quarto. Ele fica de cueca e deita na minha cama.

— Você precisa comprar uma cama maior, essa sua de casal parece de solteiro — Reclama por conta dos seus pés ficarem quase para fora.

— Vou fazer isso semana que vem, prometo — Se aproxima e ficamos colados, tentando nos ajeitar no curto espaço. — Por outro lado tem um lado bom.

— E qual é? — Luca questiona com um vinco no meio da testa.

— Ficamos assim, grudadinhos, um sentindo o cheiro e calor do outro.

Luca não diz, mas fica com o rosto quase colado com o meu.

— Você precisa procurar um médico e tomar remédio, pequena.

— Por quê?

— Não gosto de usar camisinha, quero transar sem preservativo.

Quase solto que na altura do campeonato, não precisa mais se preocupar com isso. Mas só tem 12 dias que o incidente da camisinha aconteceu, ainda não tenho como saber se estou grávida.

Fico pensativa e resolvo não alongar o assunto.

— Vou procurar minha ginecologista e marcar uma consulta — Luca parece satisfeito e se aproxima bem animadinho.

— Vamos dormir? — Pergunto só para vê-lo fazer uma carranca.

— Não quero dormir — Responde mais que depressa. — Estou cheio de energia para trepar, tira a roupa e fica peladinha pra mim.

Sua voz rouca e forte me atormenta e me leva a lugares deliciosos e cheios de luxúria.

E ali nos pegamos sem trégua, com força e desejo sou fodida a noite toda.

No dia seguinte, pegamos as bikes numa estação perto do metrô e seguimos a rota que traçamos. Andamos na ciclovía respeitando os limites de ciclista, rimos e nos divertimos. O passeio é maravilhoso e descontraído.

O parque é o que costumo correr e fica perto de casa. Rodamos pela área demarcada para bicicletas e na volta o calor está intenso, então paramos para tomar alguma coisa. Enquanto fico num canto olhando as bikes, Luca vai até um quiosque comprar água de coco. Estou de costas e escuto uma voz forte e masculina chamar meu nome. Viro-me e me surpreendo completamente.

— Oi, Nina. A gente não para de se encontrar, não é? — Lorenzo está de bermuda, sem

camisa e com aparência de quem acabou de correr. Ele sorri simpaticamente e me dá aquele olhar penetrante de sempre. Olho em volta, torcendo para que Luca demore a voltar.

— Pois é!! Coincidência de novo — Respondo, simpática, mas meio rígida. Nem me movo em sua direção e, graças a Deus, ele permanece no lugar. E quando menos espero, sinto um toque em meu cotovelo, olho para o lado e vejo Luca encarando Lorenzo. Seu rosto não demonstra nada.

— Não vai me apresentar seu amigo, Nina? — Luca pergunta sério. Aí senhor já prevejo a terceira guerra mundial.

— Claro!! Lorenzo, esse é o Luca meu... — Não sei o que dizer a respeito dele, afinal, somos só ficantes e quando estou para dizer amigo, sou interrompida.

— Sou namorado na Nina. Prazer! — Luca toma à minha frente e responde dessa forma, a queima roupa.

Lorenzo me olha, desconcertado, mas logo se recupera e estende a mão gentilmente. Os dois se cumprimentam de maneira formal, mas graças a Deus, como cavalheiros. O clima fica tenso e Lorenzo se toca que precisa ir embora.

— Foi bom te conhecer, Luca, e um prazer rever você, Nina.

O coitado volta a correr e nem olha para trás. Deve ter percebido que não iria rolar nenhum tipo de simpatia e conversa descontraída. Mas agradeço mentalmente por não ter sido pior, em minha mente, visualizei várias cenas bizarras dos dois se nocauteando.

Bebemos nossa água de coco, e Luca nada mencionou, estou estranhando tanta passividade.

— Não vai dizer nada? — Pergunto, desconfiada. Quando a esmola é muita, o santo desconfia!

— Você não me pediu confiança? — Aceno que sim e me mantenho imparcial. — Então! Estou tentando cumprir a minha parte — Luca fala, se aproxima e me beija. Sorrio exultante, porque pela primeira estou vendo seu esforço para ser melhor, tentando domar o mau gênio e confiando em minha palavra.

Capítulo 37

Voltamos para casa num clima melhor, ameno e sem desconfiança. Pedalamos e rimos sem parar, apesar de Luca ser genioso, ciumento e turrão, não posso classificá-lo como uma pessoa desagradável, tampouco desinteressante. Muito pelo contrário, é interessantíssimo, inteligente e engraçado. Estou sempre rindo e animada ao seu lado, Luca me desperta sensações nunca sentidas, sentimentos que nunca achei serem importantes. Jamais imaginei que amar seria tão intenso, profundo e excessivo. Às vezes, penso que não saberei lidar com tantos sentimentos envolvidos, que não passo de uma menina boba, que nada conhece da vida. Mas, quem sabe? Por acaso se apaixonar é receita de bolo, vem com manual de instrução? Com certeza, boa parte das pessoas não sabe como lidar com relacionamento, vai aprendendo no dia a dia, na convivência.

Enquanto me distraio, divagando sobre nossa história, quase passo no sinal vermelho de uma avenida movimentada. Luca dá um grito e desperto, freando em cima de um carro. O motorista põe a mão para fora e mostra-me o dedo do meio em revolta e indignação. Engulo em seco e arfo com o susto. Meu Deus, onde estou com a cabeça!! Paro e tremo, estou de pernas bambas e nervosa, quase fui atropelada.

Luca pula da bicicleta e logo está ao meu lado.

— Onde você tá com a cabeça, Nina?

Eu o encaro, pálida e sem fala, nem consigo responder de tão assustada, com a adrenalina no alto.

— Eu estava distraída — Sussurro num fio de voz.

— Eu vi. Jesus!! Que susto, pequena. Pensei que fosse te perder agora — Se aproxima e me abraça. — Não faz isso, pelo amor de Deus, tô até gelado — Suas feições transmitem pavor e medo.

— Foi sem querer, não fiz de propósito. Desculpe!! — Falo num tom baixo, tentando amenizar um pouco o clima tenso.

— Promete que vai tomar cuidado?

Aceno positivamente.

— Prometo!! Foi só um descuido, nunca fiz nada parecido — Ele respira fundo, subimos nas bicicletas e voltamos calados, pelo semblante, ele ficou mexido, abalado. Pediu-me que o seguisse, acredito que estava temeroso que eu fizesse outra barbeiragem.

Chegamos perto da estação do metrô, devolvemos a bicicleta e seguimos andando até em casa. Eu o convido para subir, mas ele declina e diz que precisa fazer uma apresentação de trabalho para segunda-feira, então eu o beijo e subo. Ao entrar em casa, meu celular, que estava carregando no quarto, toca, olho o visor e vejo que é Gina. Penso em não atender, mas depois desisto e aceito a chamada.

— Alô!! — Atendo calmamente.

— Oi, sumida! Tudo bem? — Sua voz está normal, com a mesma descontração usual.

— Oi, Gina. Tudo ótimo e você? — Ela ri e me trata como antes, quando erámos inseparáveis.

— Tô bem, Nina. Trabalhando muito, aprendendo bastante. Nunca mais me ligou, mulher, esqueceu da amiga? — Me cobra, rindo, mas percebo que está falando sério. Tenho vontade de dizer que se ela esquecer está história de gostar de mim, aí sim, podemos voltar a amizade de antes.

— Também estou trabalhando bastante, Gina. E até esqueci de te contar uma novidade — Ela fica muda e depois pergunta:

— Que novidade? — Seu tom é receoso e parece preocupada.

— Eu conheci a família da minha mãe, minha avó e tia que moram no Japão.

Gina fica sem palavras e parece chocada.

— Sério, Nina? Me conta como foi isso.

Narro tudo nos mínimos detalhes e não sou interrompida em nenhum momento.

— Que máximo, amiga!! Parabéns viu, você merece encontrar seus familiares. Quero conhecê-las — Gina sinaliza, contente.

— Faço questão de te apresentar amiga. Vamos marcar sim!

Respondo ainda um pouco receosa, não tenho total confiança que Gina aceitou a situação, que está conformada em sermos apenas amigas.

— Você tem alguma coisa para fazer hoje à noite? — Novamente tenho o desejo de negar, mas sinto pena e resolvo lhe dar o benefício da dúvida.

— Eu tô livre, Gina. Posso ver se minha vó está tranquila, topa?

Ela parece animada e exultante.

— Vou adorar conhecê-la. Veja e me avise.

— Está ok. Já te ligo.

Tomará que Gina realmente tenha entendido como iremos funcionar daqui para frente. Amigas e nada mais.

Telefone para a vó Keiko e a convido para sair. Ela prefere que nos encontremos no restaurante do hotel. Aviso para Gina, que fica de me buscar em casa.

Às 19:00 horas desço para a portaria e seguimos juntas. Ao chegar ao restaurante, vovó e tia Kira nos aguardam, sentadas. Eu as apresento e logo estamos todos entrosados amigavelmente, mas percebo que a minha vó parece mais reclusa, calada e até silenciosa. Não digo nada, mantenho-me na minha. Depois pergunto o que está acontecendo.

Jantamos, batemos papo e brincamos umas com as outras. Gina fala bem inglês e não tem problema em se comunicar. Em certo momento, Kira e Gina vão ao banheiro e aproveito o espaço para tirar a história a limpo.

— Por que está tão calada, vó?

— Não sei explicar, Nina. Tive uma sensação ruim com está moça, ela não tem uma energia boa — Sinto um arrepio e estremeço. Acredito em suas palavras e penso que, infelizmente, minha amizade com Gina não está indo por um bom caminho, tenho que arrumar um jeito de me afastar sem efeitos colaterais.

— Eu entendo, vó, já vinha sentindo que a minha história com Gina não estava indo bem, agora, depois dessa premonição, vou me afastar por completo.

— Querida, não quero me meter em sua vida, mas me prometa que irá tomar cuidado?

Aceno que sim e interrompemos o assunto quando elas retornam para a mesa.

Finalizamos o jantar e Gina que me deixa na porta de casa.

— Não quer fazer nada durante a semana? — Pergunta, ansiosa. — Podemos pegar um cineminha, faz tempo que estou querendo fazer um programinha assim — Gesticula com a mão. Não sei o que responder, preciso encontrar uma desculpa razoável.

— Me liga durante a semana. Eu peguei algumas aulas para dar e estou com todas as noites ocupadas, mas se alguém desmarcar, posso ir com você.

Gina olha-me desconfiada, como se sentisse que estou mentindo, mas tento manter uma expressão normal, sem denunciar nada.

— Tá bom!! Te ligo no meio da semana — Agora responde um pouco mais desanimada que antes.

Eu lhe dou um abraço rápido, doida para escapar do carro, mas ela me segura entre os braços, prendendo-me e diz num sussurro:

— Não foge de mim, Nina. Somos amigas e sempre seremos. Não vou permitir que nos afastem — Pontua, enfática, e parece não aceitar outra realidade. Em seu olhar, vejo um lampejo de loucura, faísca de obsessão. Estremeço e engulo em seco, a sensação de coisa ruim me rodeia.

— Pare com isso, Gina!! Ninguém está nos afastando, amiga. Isso é coisa da sua cabeça.

— Aquele belzebu loiro está fazendo a sua cabeça! Pensa que não sei. Que já não saquei que ele te afasta de todos — Sua face, tão bonita, agora está distorcida, cheia de devaneio. Assusto-me com o que vejo e presencio que minha amiga está precisando de ajuda, necessitando de auxílio profissional. Gina não está normal.

— Gina, por que não procura ajuda de um psiquiatra? Você está cismando com coisas que não existem, formulando teorias que não condizem com a realidade. Um profissional da área, com certeza irá te ajudar, talvez desabafar te auxilie a enxergar as coisas de outra perspectiva — Imploro, chamando-lhe a razão.

Ela dá uma gargalha de gente desequilibrada e olha-me de forma penetrante, cheia de cobiça. Sinto um asco e repulsa sem igual, minha vontade é correr para longe sem olhar pra trás. Mas a pena ainda me prende ao lugar, sou uma boba de coração mole. Engulo o pavor!!

— Eu não preciso de médico, conselhos ou medicação, Nina. Só necessito de você, de atenção!! É só ficar perto de mim, que tudo vai ficar bem — Seu olhar agora está marejado, implorando piedade. Mas não posso lhe ajudar em nada. Gina está fora de si, desequilibrada. Preciso de algum modo ajudá-la, e rapidamente Paolo me vem à cabeça. É isso!! Vou lhe pedir ajuda, com certeza o seu irmão saberá o que fazer.

— Olha, vou subir que amanhã acordo cedo. Mas promete que vai pensar no assunto do psiquiatra?

Ela respira pesado e pergunta:

— Você vai comigo nas sessões? — Tenho vontade de revirar os olhos, mas não posso. Ela

está doente, tenho que ter paciência.

— Depois a gente vê isso — Finalmente ela aceita e larga meu braço. Desço do carro como uma bala e penso. Graças a Deus!! Estava desesperada para sair dali.

Chego em casa e a primeira coisa que faço é mandar uma mensagem para Paolo, preciso conversar urgente com ele. As coisas estão de mal a pior, e se não intercedermos agora. Gina pode se machucar ou pior, machucar alguém inocente.

Nina: Oi, Paolo. Tudo bem? Será que podemos marcar de nos encontrar essa semana?

Paolo: Uau! Quem é vivo sempre aparece. Pensei que ainda estivesse com aquele cara do hospital.

Putz! Deixa eu adiantar o assunto, para que Paolo não pense que estou querendo um encontro.

Nina: Ainda estou. Mas o assunto urgente é sobre a Gina. Ela precisa da nossa ajuda!!

Já envio está mensagem, para que tome ciência da gravidade.

Na mesma hora, o meu aparelho toca e já sei quem é.

— Oi, Paolo!!

— Oi, Nina. Você realmente me deixou preocupado! Tem toda a minha atenção.

— Você prefere falar pelo telefone mesmo?

— Essa semana estou enrolado com os meus plantões, acho que é mais fácil.

Então decido ser transparente e contar tudo, linha por linha. Paolo me escuta, mudo, sem me interromper. Só escuta e respira fundo, parece realmente preocupado.

— Olha, Nina, como você está sendo sincera e, principalmente, demonstrou preocupação com a Gina, vou ser transparente. A Gina é doente desde de pequena, e pelo que vejo, os problemas só aumentaram em minha ausência.

Pisco algumas vezes e entendo certos comportamentos bizarros.

— E o que ela tem?

— Transtorno obsessivo compulsivo. Uma doença que nós apelidamos de TOC, só que a Gina direciona isso para as pessoas. Você não é a primeira vítima, já houve duas meninas antes — Fico realmente passada com a notícia e triste por minha amiga ter desenvolvido este transtorno.

— Sinto muito, Paolo. Não deve ser fácil ver a sua irmã seguir por esse rumo.

— Não é mesmo! Mas você sabe que meus pais são culpados, não é?

Dou de ombro, porque sempre percebi que eles eram distantes de Gina, mas nunca entendi direito o funcionamento daquela família.

— Eles sempre demonstraram gostar muito mais de mim, do que de Gina. Sempre fui elogiado, motivo de orgulho no seio familiar e minha irmã era deixada de lado, excluída. Isso foi devastador em sua autoestima e como consequência, corria atrás de migalhas de afeto, desenvolvendo obsessões descabidas.

Abaixo a cabeça, triste por ter percebido antes que descambava para esse caminho. Gina sempre soube mascarar seus sentimentos e se agora estava fora do controle é porque a doença devia estar num grau elevado.

— E agora, Paolo? Me preocupo com ela, mas não vou mentir que também estou apavorada. Gina está cismada com Luca, ressaltou que é o culpado de nosso afastamento.

— Calma!! Vou conversar com meus pais e juntos teremos que fazer uma intervenção. Eles tentam fingir que não veem, mas assim não dá mais. Te mantenho informada, ok?

Assinto positivamente e desligo o celular ainda anestesiada e sem chão. Sempre soube que a minha amiga era esquisita e diferente, mas jamais imaginei que tivesse desenvolvido esse tipo de obsessão doentia. Arfo pesarosamente e resolvo tomar um banho para dormir. Amanhã acordo cedo e tenho muitas coisas pela frente. Só espero que tudo dê certo, que Gina aceite o tratamento e supere essa fase destrutiva.

Narrado por Gina

Saio da casa de Nina, transtornada, emputecida. Ela pensa que acreditei que irá me procurar, que caí em sua conversa fiada. Nina é transparente, verdadeira. Os sentimentos estão sempre ali, às claras, na superfície. É uma péssima mentirosa, os olhos sempre a denunciam, a entregam. Vi o exato momento de seu afastamento, presencie a típica frieza que já me é tão conhecida. Cresci num ambiente assim, estéril de carinho e acolhimento. Paolo sempre foi o filho querido, amado e planejado. Eu fui a gravidez inesperada e indesejada. A filha menos bonita, que não se arrumava e nem lhes dava orgulho. Não segui o legado da família que era ser médico, não tracei um caminho de glória e reconhecimento como meu pai sempre buscou.

Muito pelo contrário, dei trabalho, fiz coisas que envergonharam sua moral. Para eles é inconcebível que a sua única filha seja lésbica, que ame e durma com outras mulheres. Entretanto, de uns anos para cá passei a não me importar, não busco mais aprovação ou reconhecimento. Agora vivo minha vida, curto o momento e Nina faz parte dessa nova fase. Juntas construiremos uma vida, traçaremos o nosso futuro. Minha menina ainda resiste ao nosso amor, teme o preconceito. Mas estou pronta e disposta a mostrar que temos muita história para viver, basta que nos dê uma chance.

Sei que há um pequeno obstáculo à minha frente, mas logo, o loiro maldito irá sumir de cena. Estou me encarregando desse fato.

Pego o aparelho celular que está acoplado ao painel do carro e ligo.

— Sou eu — Digo assim que atende.

— Oi, Gina — Responde de má vontade.

— Ele aceitou seu convite? — Questiono sem paciência.

— Ainda não!! — Retruca, brava. — Luca parece estar enfeitiçado por aquela vadiazinha. Foge das minhas investidas, evita de ficarmos sozinhos. Está um típico namorado fiel e apaixonado. Faça-me o favor!! — A morena volta a esbravejar. E irrita-me com a sua incompetência.

— Será que preciso contratar uma profissional, pois você não passa de uma burra sem cérebro?

Meu ataque a deixa colérica e exaltada.

— Não fale assim comigo, entendeu? Entrei nessa porque gosto de Luca, mas não sou capacho para ser insultada. Não esqueça que precisa de mim, portanto, trate-me com educação ou caio fora! E há de convir que é bem mais fácil trabalhar com alguém que o conheça e esteja por perto. Sou a armadilha perfeita!! — Ela se vangloria.

Bufo de irritação, respiro fundo e decido que preciso engolir essa garota para chegar onde almejo.

— Ok, Antonella! Vamos fazer as coisas do seu jeito. Mas espero não estar errada a seu respeito. Aguardo por resultados o mais breve possível.

Ela dá um sorriso afetado, típico de garotas nojentas como ela.

— Deixe comigo! Luca vai ceder, tenho minhas armas.

Desligo e divago enquanto dirijo. Só aturo essa vaca, porque ela trabalha com Luca e preciso de alguém próximo. E vou para casa, sonhando com o dia que finalmente terei Nina em meus braços.

Capítulo 38

21 dias depois.....

Luca e eu desenvolvemos uma rotina gostosa e tranquila. Estamos entrosados, e as brigas diminuíram consideravelmente. Nossa relação parece estar amadurecendo, criando bases e se fortalecendo. Cada vez mais tenho esperança do nosso relacionamento decolar e seguir adiante. Parece que finalmente as coisas têm se encaixado, e assentado no seu lugar de origem. Luca mudou completamente e já demonstra confiança e comprometimento. Só há algo que ainda ronda e tira a minha paz. Faz 32 dias que a camisinha estourou e a minha menstruação, que costuma ser um relógio, não deu às caras. Lembro-me de Rosita e suas palavras o dia inteiro e por mais doloroso e difícil, não posso ficar enrolado por mais tempo. Preciso tomar coragem e fazer um teste de farmácia.

Não tive ânimo de contar nada a Clara, somente vovó sabe das minhas suspeitas. Passo em uma farmácia, e sigo para seu hotel, armada de teste e muita falta de coragem.

— Oi, vó, tudo bem? — Pergunto assim que ela abre a porta.

— Olá, querida — Se aproxima e me beija carinhosamente. — Fará o teste aqui? — Questiona.

— Sim! Estou ansiosa sabe, nem dormi à noite — Desabafo com a voz embargada — Ela sorri, fazendo as marcas de ruga acentuarem na face. E seu jeito calmo e sereno, termina abrandando meus temores por um momento.

— Não sei o futuro, querida, mas posso te dizer que não está sozinha e que se estiver mesmo grávida, já amo minha bisnetinha.

Eu a abraço novamente, porque realmente não me sinto sozinha. Muito pelo contrário, desde que as conheci, aprendi a valorizar o amor e o apreço pela família.

Respiro fundo e me forço a levantar do sofá. Pego os 3 testes da bolsa. Pode ser exagero, mas quero ter total certeza do diagnóstico, afinal, hoje faz 33 dias que a camisinha rasgou, e a era para a minha menstruação ter descido há 5 dias atrás.

Olho para vovó por cima do ombro e continuo seguindo para o banheiro. Tiro a primeira caixinha e urino no bastão com a fitinha. No verso da embalagem diz que se o bastão ficar azul é positivo, rosa negativo. Os minutos passam e parecem uma eternidade, ando de um lado a outro, vó Keiko não me incomoda, aguarda lá fora. Finalmente tomo coragem e levanto o bastão, e lá está a cor azul acenando como uma bandeira. Estremeço e me arrepio, não pode ser!! Dentro de mim, ainda havia uma pequena esperança que aquelas previsões fossem errôneas. Não me dou por vencida e sigo para o segundo teste. O bastão é digital e irá mostrar a palavra grávida e não grávida. Refaço todo o procedimento e lá está a palavra que tanto me tortura “Grávida”. Como uma teimosa de carteirinha, pego a terceira caixa e refaço de novo. E lá está o que tanto quero fugir, o sinal de positivo, atestando a minha gestação. Sento-me no vaso sanitário, derrotada e destruída, o primeiro soluço rompe a garganta sem que nem eu perceba, é alto e sentido. Coloco as duas mãos na cabeça, porque sou acometida por uma enxaqueca dilacerante, estou fraca, perdida e assustada. Não sei o que fazer e nem que passo tomar. O terror se entranha em meu

interior e tenta a todo custo ganhar espaço. Sou uma massa de sensações perdida e sem rumo.

Uma batida na porta interrompe minha luta interior.

— Nina, abra a porta, querida!! Deixe-me te ajudar!

Esforço-me, tentando criar forças para levantar. Num impulso, lanço-me na porta e a destranco. Meu olhar desolado e rosto vermelho já denunciavam o resultado. Vó Kieko, apesar de pequena e franzina, só falta me carregar no colo.

— Não chore, meu amor!! Sua filha vai te trazer tanta alegria, vai ser uma parte do seu coração. Não lamente por carregá-la, Nina.

Suas palavras me deixam ainda pior, porque vovó tem razão. Minha bonequinha nem nasceu, e já está sendo assolada por sentimentos ruins, recebendo dor e tristeza. Tento me controlar para que ela não sinta nada.

— Isso, se acalme!! Não pode ficar nessa montanha russa. Sente-se aqui, que vou buscar um composto de maracujá, que é natural e ajuda a acalmar.

Aos poucos vou sossegando e acalmando. O primeiro baque parece arrefecer, e meu organismo aos pouquinhos se aquieta. O tremor cessa, e o coração volta a bater no compasso normal.

Vovó volta com um copo com cheiro de maracujá.

— Será que posso tomar isso? — Questiono.

— Esse composto é natural e sem contraindicações, pode tomar sem medo.

Viro o copo e sinto o delicioso sabor da fruta. Ela senta-se ao meu lado e faz um afago em minha mão.

— Logo dará uma aliviada na angústia, Nina.

Assinto com a cabeça de maneira desanimada, e a encosto em seu ombro.

— Vamos lá para o quarto, deite um pouco e recupere as forças — Faço o que me pede e a sigo obedientemente. Deito em sua cama e apago num piscar de olhos. Tenho um sono agitado, cheio de pesadelos e cenas ruins. Vejo-me abandona por todos que amo, nem minha irmã está ao meu lado, fico completamente só com um bebê no colo. Acordo assustada, agitada. Vovó está sentada ao meu lado, vigiando meu sono.

— Oi, vó, acho que dormi bastante, né! Que horas são?

Ela sorri de maneira terna e responde:

— Deixei você dormir porque estava precisando. E Clara ligou para avisar que Luca está te procurando, parece que ligou umas 20 vezes no seu celular e está preocupado.

Fecho os olhos, porque ele é a última pessoa com quem desejo conversar agora. Respiro fundo e decido lhe enviar uma mensagem, talvez o acalme.

— Obrigada, vó!! Vou mandar uma mensagem dizendo que estou aqui.

Ela assente, sai do quarto e deixa-me à vontade.

Pego o aparelho com as mãos trêmulas e início o teatro. Não tenho estrutura para vê-lo ou conversarmos hoje. Minha cabeça está uma bagunça e ainda não sei o que fazer. Tenho ciência

que não posso fugir por muito tempo, mas por alguns dias preciso de um tempo.

Disco seu número e aguardo a ligação completar;

— Oi, pequena, estava preocupado. Onde está?

Fala atropelado e parece realmente agitado.

— Tô na casa da vovó e acabei dormindo — Respondo sonolentemente.

— Você está bem? Sua voz tá estranha — Decido inventar uma história para que não possa vê-lo.

— Estou resfriada, com dor de cabeça e garganta, não é nada de mais — Sibilo, dando a entender que não é nada sério ou preocupante.

— Vou te buscar para irmos no pronto-socorro — Conclui autoritário, como se a decisão já estivesse tomada.

— Não quero, Luca! Não curto muito hospitais, e além do mais, é uma gripe comum, sei como tratá-la — Ele parece não concordar com minha decisão, mas a engole sem ter o que fazer.

— Te levo em casa então. Que horas quer que eu passe aí?

Entro em pânico mediante a ideia de nos encontrarmos.

— Ah... não precisa, vovó já está chamando um táxi para me levar. A gente se vê amanhã.

Minha voz sai insegura e fraca, preciso falar com mais convicção ou irá desconfiar.

— Que merda tá acontecendo, pequena? Tá fugindo, por acaso?

Respiro ruidosamente e penso. Por que Luca tem que ser tão desconfiado e teimoso?

— Só estou doente, Luca!! Não quero te passar nada — Bufo irritada, acredito que por conta da gravidez, meu humor não está nos seus melhores dias.

— Não se preocupe!! Tenho uma saúde de touro, dificilmente fico doente.

Arfo e tenho vontade de lhe mandar à merda, mas mordo a língua e seguro o mau gênio.

— Você que sabe!! — Retruco de má vontade e fecho os olhos para manter o controle da raiva.

— Passo aí em uma hora.

Desligo sem lhe dar tchau. Sei que Luca não tem culpa, mas estou sem rumo. E ficar fingindo diante deste cenário não será nada agradável ou fácil.

Caminho para a sala e encontro vovó no laptop sentada no sofá.

— E aí como foi?

— Oh teimoso vem me buscar daqui a pouco — Concluo brava. Vó Keiko gargalha e comenta:

— Admiro o Luca! Ele não se deixa abater, tampouco desiste do que almeja. É do tipo obstinado e quando quer algo, vai até as últimas consequências.

Sorrio sem realmente achar graça.

— Quando souber da gravidez, vai dar um pulo de dez metros e duvido que fique tão

obstinado e persistente em manter isso que temos — Murmuro quase num lamento.

— Acho que no começo ele vai dar trabalho, vai relutar muito para aceitar, mas depois vão ser um pai apaixonado e dedicado. Daqueles que andam de quatro pela casa inteira, para fazer a filha feliz e ver um sorriso em seus lábios — Fico com os olhos marejados imaginando essa cena, mas logo trato de voltar à realidade e cair na real.

— Eu gostaria muito de acreditar nessa hipótese, mas, infelizmente, nosso futuro é incerto e desconhecido. Só vou descobrir quando contar e esperar a sua reação.

— Mas não fale nada hoje. Primeiro restaure seu equilíbrio e estabilidade. Veja qual é a melhor maneira de abordar o assunto e a hora certa — Nem sei se haverá a hora certa, mas resolvo não dizer nada, afinal, estou mal-humorada e impaciente. E ninguém merece me aturar desse jeito.

A campainha toca e resolvo atendê-la, pois sei de quem se trata. Ao abrir a porta, eu o encontro lindo e sorridente. Está vestido de maneira casual, mas parece um modelo da vogue. Usa jeans escuro, um blazer preto e uma camisa branca. Deve ter saído do trabalho e ao me aproximar, sinto o cheiro de perfume masculino gostoso e amadeirado. Luca é uma tentação, isso é fato!!

Ele se aproxima, curva-se, porque fico quase em seu ombro e me dá um beijo gostoso e casto. Sinto carinho e zelo nesse gesto, quase me derreto de tanto amor. Sou apaixonada por ele e nada irá mudar isso.

Vovó se aproxima para cumprimentá-lo e na brincadeira, fala algumas palavras em italiano. Nós rimos e ela esclarece.

— Estou fazendo aulas de italiano. Claro que ainda tenho muito a aprender, mas quero ir praticando aos poucos, assim vou me acostumando.

— Pode contar comigo, Keiko! Praticaremos sempre que desejar — Luca responde simpaticamente e minha vó, que já arrasta um bonde por ele, se derrete.

— Vamos — Falo para irmos embora logo, não estou no clima de bater papo.

Me despeço da minha avó, que sussurra no meu ouvido:

— Vai com calma, estou sentindo que está a ponto de estourar. Não faça uma besteira! — Me alerta com serenidade e sei que tem razão. Tenho que segurar a onda para não botar tudo a perder. Agradeço e vamos embora.

Luca está carinhoso e protetor. Quase que me carrega no colo por saber que não estou bem.

— Você tá tão murchinha, pequena, que estou morrendo de pena! Dorme lá em casa daí eu cuido de você — Luca se oferece, carinhoso, me fazendo um afago no rosto. Fecho os olhos, só de sentir o toque de sua pele, o calor do seu corpo. E um medo feroz, aterrador, me invade as entranhas e sem que eu dê permissão, uma lágrima traiçoeira e fujona, escapa pelo canto do olho.

— Por que está chorando, Nina? Você tá estranha o caminho inteiro. Tudo isso é carência, por que está doente? — Tento me recompor, mas falho veemente.

— Só estou sensível, não é nada!! Deve ser porque estou com dor — Dou um sorriso amarelo e torço para que acredite nessa falsa desculpa.

— Então fica comigo hoje! Prometo que vou cuidar de você — E termino aceitando, porque

cada momento ao seu lado pode ser o último.

Capítulo 39

Nossa noite é intensa e maravilhosa! No começo ele diz que não faremos nada, porque não estou bem. Entretanto, devagarzinho o seduzo e o convenço que não é nada preocupante. Fazemos amor lentamente, desfrutando de cada toque, cheiro e sensação. Pela primeira vez, o sexo não é duro e visceral. Parece que Luca pressente que meu problema é emocional, que estou carente e precisando de afeto. É cuidadoso, terno e afetuoso. Eu o sinto se entregar profundamente, seus olhos nunca se afastam, estão sempre vigiando minhas feições, em busca de algo diferente. Sinto que tenta me decifrar e em certos momentos, fujo do seu olhar, que me esquadrinha. Após terminamos de transar, ficamos abraçados, em silêncio.

— Tenho a sensação de que não está aqui, parece longe e desatenta — Ele pontua.

— Não é nada com você, Luca — Dou um sorriso fraco, que não alcança os olhos. — São preocupações do dia a dia, só isso — E tento mudar de assunto. — E o Ângelo, como está?

Ele me encara, desconfiado, e parece perceber que procurei apenas uma distração.

— Está bem, graça a Deus. Estão com uma ideia estranha de adotar uma criança, andaram falando isso um dia desses, sei lá. Acho loucura!!

— Por que são gays? — Pergunto, arqueando a sobrancelha.

— Não, Nina!! Você sabe que não sou preconceituoso. Mas é muita responsabilidade criar um filho. Os dois têm uma vida corrida, sem tempo para nada. Alguém terá que abrir mão da carreira para ter mais tempo para criança.

— A partir da hora que um casal decide ter um filho, ambos estão cientes das responsabilidades. Com certeza há consenso sobre esse assunto — Defendo Ângelo e Marcelo.

— Ah sei lá... não vou me meter. Não sou eu que vou ter filho!! — Sentencia cheio de opinião e engulo em seco com o seu comentário. — Amanhã você irá dar aula para a minha mãe, não é?

— Vou sim, por quê?

— Pensei em jantarmos por lá. Faz algum tempo que não apareço. Estou com saudades — Sorrio, contente. Luca pode ter qualquer defeito, mas ama profundamente a sua família.

— Não vou me convidar, Luca — Falo, encarando-o, séria.

— Avisarei para a minha mãe antes, pequena. Relaxa!! Quando acabar a aula, só me espere.

Olho para ele meio de lado e coloco a mão na cintura.

— Acabei de virar uma fila boia oficial — Luca ri e responde:

— Dona Domenica adora a casa cheia, Nina. Para aqueles dois, tudo vira festa.

— Tá ok, eu te espero então.

Dormimos abraçados como sempre e o sono me domina completamente, em meio a muito carinho e afago.

Na manhã seguinte, sou deixada na clínica logo cedo.

— Nos vemos mais tarde — Luca avisa e me dá um selinho casto.

— Tá ok — Quando estou saindo do carro, ele me puxa de novo. — Vê se melhora essa cara, estou começando a achar quer é comigo — Dou um sorriso triste e respondo:

— Está tudo bem — Só tenho força e ânimo para dizer isso. — Luca parece insatisfeito, comprime os lábios num risco fino, mas me solta.

— Quando decidir falar a verdade, me avise — Ele parece irritado e arranca com o carro.

Fico parada, olhando o veículo virar a esquina, com uma vontade tão grande de sentar na calçada e chorar até as lágrimas secarem. Procuro forças do interior e me recomponho.

Não posso chegar na clínica chorando como uma doída desvairada, certas coisas não se fazem em público. E fora que não quero ninguém bisbilhotando, sobre o porquê estou nesse estado.

Respiro fundo e sigo meu rumo para o trabalho. Foco nas atividades diárias e tento me desligar dos problemas.

A manhã passa rapidamente e logo estou indo para casa. Clara ligou avisando que ia pegar um cinema com uma amiga e voltaria mais tarde. Achei até melhor!! Minha irmã é perspicaz demais, sacaria que estou mal só de bater o olho.

A tarde se arrasta e troco-me para a minha aula. Às 18 horas em ponto chego à casa de Domenica e iniciamos as atividades do pilates.

— Luca me avisou que vocês vão jantar aqui — Domenica comenta sorridente e animada.

— Pois é!! Já estou me convidando — Falo sem graça.

— Imagina, Nina. Você é de casa — Responde sorridente.

Continuamos a sequência de exercícios e estou calada e apática, Domenica parece perceber meu estado, mas nada diz. Ao fim do circuito, Ângelo e Marcelo chegam. Parecem animados e alegres. Os dois se aproximam e me cumprimentam com um beijo no rosto.

Ângelo logo se afasta para conversar com pai. E ficamos na sala de exercício eu, Marcelo e Domenica.

— Por que está tão eufórico, Marcelo? — Domenica questiona, curiosa.

— Estamos vendo todos os trâmites para a adoção na Espanha — Comenta, descontraído e eufórico. Ele me olha e pergunta:

— Luca falou que estamos querendo adotar uma criança?

— Comentou sim. Parabéns, Marcelo — Eu o cumprimento, sorrindo. — Mas por que não adota aqui?

— A Itália ainda não permite adoção por gays. Então pesquisei bastante sobre o assunto e descobri que na Espanha já foi legalizado. E para a minha sorte, tenho cidadania espanhola, então tratei de mexer uns pauzinhos e estamos em contato com uma instituição para viabilizar os trâmites legais.

— Nossa!! Não sabia que aqui não era permitido.

Marcelo revira os olhos, aborrecido, e comenta:

— Eu também não sabia, mas, enfim, teremos que adotar em outro país e depois entramos

com pedido de cidadania italiana. É praticamente certo que conseguiremos.

— Você vai conseguir sim, pensamento positivo — Falo e lhe aperto a mão, em sinal de apoio.

— Pois é, estou tão animado!! Não vejo a hora de ter uma criança em casa fazendo bagunça — Enquanto fala, seus olhos brilham em expectativa e percebo o quanto quer ser pai. E penso, triste, bem que Luca podia ser assim. — Ângelo está tão empolgado, que está procurando uma casa, disse que criança precisa de espaço para brincar — Marcelo comenta com a feição radiante. Sua felicidade me acerta em cheio e não consigo controlar o choro que me rompe a garganta. Inconscientemente, seguro meu ventre, como se dessa forma fosse proteger a minha filha de se magoar.

Os dois me olham confusos e compadecidos. Marcelo se aproxima e segura meus ombros.

— Que foi, Nina, eu falei alguma coisa errada? — O coitado está achando que fez algo errado, tento falar, mas só pronuncio meias palavras em meio ao choro.

— Não é culpa sua... — Balbucio. — O Luca vai me odiar... — Parece que se abriu uma comporta e uma enxurrada de emoções explode em meu peito, o choro é compulsivo e ininterrupto.

Domenica se aproxima e levanta meu queixo, está preocupada. Quando vê que continuo com a mão na barriga de maneira protetora, ela parece perceber a razão do meu estado desolador. Seus olhos arregalam e imediatamente põe a mão na boca, como se abafasse um grito.

— Meu netinho está aqui, não é? — Questiona e toca meu ventre. Não consigo falar nada, só aceno que sim movendo a cabeça. Ela sorri abertamente e pequenas lágrimas escorrem pelos cantos.

Marcelo me encara, espantado, perplexo, e se emociona em seguida. Domenica me puxa para um abraço de urso e sussurra:

— Não chore, meu amor!! Vai ficar tudo bem — Sua voz é branda, gentil e acalentadora. Mãos pequenas e delicadas afagam minhas costas, tentando trazer algum tipo de paz e serenidade. Aos poucos eu me acalmo e o choro cessa, luto para encontrar equilíbrio e lembro-me que não posso ficar nessa montanha-russa de emoções, minha filha sente tudo. — Venha, sente-se — Domenica aponta para uma cadeira e me sento, preciso me recuperar dessa crise. — Pronto!! Agora vamos conversar — Ela se ajoelha à minha frente e Marcelo continua em pé, fazendo um carinho em meu ombro. — Luca já sabe? — Domenica pergunta calmante.

— Ainda não — O choro ameaça emergir novamente, mas esforço-me para segurá-lo. Sempre fui uma chorona de carteirinha, mas agora com a gravidez, pareço nem ter controle sobre minhas emoções.

— Então me conte, por que está desse jeito? — Então narro tudo, passo a passo. Os dois ouvem e não se manifestam. Apenas assentem como se entendessem e nenhum momento fazem cara de julgamento ou reprovação. Só escutam de maneira imparcial e neutra.

Narrado por Luca

Assim que saio do escritório, penso em enviar uma mensagem para Nina e mamãe, avisando que estou a caminho. Mas resolvo fazer uma surpresa!! No trajeto, paro numa loja de chocolates e compro uma cesta com vários tipos de bombons, sei que minha pequena é uma formiga e vai adorar o presente. Ela anda tão triste e cabisbaixa, quem sabe um docinho ajude a recuperar ânimo.

Ao entrar na sala, encontro papai e Ângelo conversando sobre a empresa.

— Oi — Cumprimento ambos e me abaixo para abraçar papai.

— Oi, filho. Tá sumido, hein — Meu pai me puxa a orelha.

— Correria, pai e aí, está tudo bem?

— Está sim, tudo certo.

— Cadê o restante do pessoal? — Pergunto, olhando para meu irmão.

— Estão na sala de ginástica. Devem estar fofocando. Você sabe que Marcelo adora falar e quando se junta com a mamãe, o assunto nunca acaba — Ângelo fala rindo e revirando os olhos.

Dou risada também, porque imagino que Nina não deve nem ter tido chance de abrir a boca no meio daqueles dois. Me aproximo com passos lentos, sem fazer barulho e escuto um choro alto e compulsivo. Fico com o coração acelerado quando me aproximo e vejo que é Nina. Penso em entrar com tudo na sala, anunciar minha chegada, mas algo que escuto, me breca no lugar.

— *Meu netinho está aqui, não é?* — Minha mãe faz a pergunta, enquanto toca a barriga de Nina. Fico com a respiração travada, presa na garganta.

Que história é essa de netinho? Não... não!! Eu me nego a acreditar, não pode ser verdade. Deve ser alguma brincadeira deles, olho para trás, na esperança de ver Ângelo e papai rindo da minha cara, provando que tudo era apenas armação. Nina parece arrasada, sem chão e apenas responde que sim com a cabeça. Por alguns segundos, fico de longe vendo tudo como se fosse um mero expectador e nada daquilo tivesse a ver comigo. Fico apático, inerte e anestesiado. Não estou preparado para ser pai, digo a mim mesmo. E minha conversa interior é interrompida pela voz de dona Domenica.

— *Não chore, meu amor!! Vai ficar tudo bem* — Mamãe a abraça e lhe faz um carinho. Fico ali, escondido, espiando a cena que se desenrola à minha frente. Não tenho força para reagir, a surpresa é grande demais. Agora entendo, porque Nina estava estranha e arredia. — *Venha, sente-se. Pronto!! Agora vamos conversar. Luca já sabe?* — Mamãe está calma e serena, parece tentar tranquilizar, Nina.

As duas se entendem só com um olhar. Tenho vontade de responder em seu lugar. E gritar: NÃO!! Sou o principal interessado e fui deixado no escuro até agora. Sinto-me um idiota, Nina podia ter me contado ontem à noite, mas não, preferiu abrir a boca para minha mãe antes de me contar a verdade, e essa parte não está me descendo muito bem.

— Ainda não — Responde quase num sussurro. Fico puto e mordo o lábio com força, é uma forma de frear a minha língua que coça e teima em querer se manifestar. Novamente meu monólogo interior é interrompido e sou obrigado a focar no que dizem.

— Então me conte, por que está desse jeito? — E Nina descreve tudo que aconteceu com riqueza de detalhes, a cada palavra, me enfureço e sinto-me um idiota!! Sei que o fato da

camisinha ter estourado não foi culpa de ninguém, mas a parte de não ter falado a verdade sobre o remédio é imperdoável. E algo sinistro começa a povoar minha cabeça. E por mais que eu tente empurrar esse pensamento para o fundo, ele teima em ficar na superfície. Será que a Nina deixou de tomar a pílula de propósito? Afinal, ela gosta de mim e é doida para ter uma família, deve ter aproveitado a situação para me segurar, me prender num relacionamento. Fico puto, irado. Devia ter escutado minha intuição quando me alertou que Nina era uma armadilha. Aquela carinha de anjo, jeitinho de menina ingênua, era só fachada para uma garota esperta, que aproveitou a primeira oportunidade para agarrar um trouxa. Pronto!! Agora ela teria o que tanto queria e sonhou, um marido, filho e uma bela casa. Não é isso que garotas virgens como ela querem? CARALHO, NÃO ACREDITO QUE CAÍ NESSA!! — Meu subconsciente grita a plenos pulmões. E não aguento mais ficar escondido, inerte e me faço presente.

Bato palmas, como se tivesse ovacionando uma atriz no palco. Meus olhos estão presos em Nina, sua feição de espanto e surpresa não me passam despercebidos. Parece não acreditar que estou ali, em pé, a encarando com uma cara nada amigável.

— Continue, Nina. Sua atuação está perfeita! — Falo destilando ironia. — Confesso que você simula o sofrimento como ninguém. Merece um Oscar!! Mas o babaca aqui, você não engana mais — Gesticulo para mim mesmo e Nina se levanta pálida e trêmula, caminha em minha direção, mamãe vem logo atrás.

— Eu ia te contar, Luca. Só estava tentando assimilar a notícia — Murmura choramingando e esse simples ato me irrita.

— IA NADA!! NÃO PASSA DE UMA FINGIDA, SONSA — Esbravejo alto e não passo vontade, lhe direcionando minha fúria genuína.

— Filho!! Não fale isso, você vai se arrepender depois — Mamãe tenta amenizar o lado de Nina, acreditando em sua inocência.

— Não fiz de propósito, Luca!! O acidente de Clara me deixou fora de rumo, só lembrei de tomar no domingo. Lembra que passamos na farmácia? Eu comprei naquela hora e tomei, achei que faria efeito, mas não deu certo — Se explica, tentando ganhar minha confiança. Ledo engano, não caio nessa!!

— Guarde sua conversinha fiada para minha mãe!! A mim você não engana.

Novamente dona Domeninca tenta remediar a briga.

— Luca, você está de cabeça quente, vá lá pra dentro, dê um tempo e depois vocês conversam.

— NÃO — Grito, enfático. — Ela está se fazendo de coitada, para ganhar aliados! Assim todo mundo fica com peninha da menina órfã, da garota esforçada que cuida da irmã mais nova, e aí o Luca é o vilão da história e se vê obrigado a casar com a mocinha desprotegida — Vejo o exato momento em que minhas palavras lhe atingem em cheio. Nina, cambaleia e é segurada por Marcelo, que me encara com muita raiva e indignação.

— Cala a boca, Luca!! — Mamãe fala brava, possessa. — Não seja cretino! Já disse para esfriar a cabeça em outro lugar.

Meu pai e Ângelo aparecem em meu campo de visão, estão assustados, mas parecem ter escutado o conteúdo da conversa.

— Luca! — Meu pai se manifesta. — Faça o que sua mãe disse, conversem depois.

— Não quero!! — No fundo sei me arrepender de dessas palavras, mas não consigo brecá-las. Sinto uma fúria sem tamanho e preciso colocar pra fora. Sempre fui impulsivo, de dizer o que queria, não mudarei agora depois de velho. — Não percebem suas tramoias? Está tentando jogá-los contra mim. Ela que saia! Essa casa é da minha família, não sou o intruso aqui.

Meu cunhado aponta o dedo em minha direção e retruca feroz:

— A única coisa que vejo aqui é um idiota que irá se lamentar pelas merdas que diz, e não se esqueça, cunhadinho, peixe morre pela boca, babaca!!

Nina se solta dos braços de Marcelo e se vira para pegar sua bolsa.

— Eu te levo, Nina — Marcelo se prontifica em ajudá-la e sai a segurando pelo ombro.

Minha mãe, que me olha magoada, derrotada, se oferece para ir com eles.

Eu a vejo desaparecer pela porta e uma sensação estranha de dor e sofrimento me varrem por inteiro. Por um breve momento, tenho a sensação de estar cometendo um erro, um erro me custará muito caro.

Narrado por Gina

Estou em casa, revisando algumas apresentações do trabalho. Tenho que me esforçar para crescer no emprego, não posso depender do dinheiro do meus pais. Apesar de sermos uma família abastada, com recursos para viver extremamente bem, futuramente terei minha família e pra isso preciso de autonomia. E com certeza com o rumo que estou tomando, provavelmente não terei apoio daqueles que chamo de progenitores. Quando souberem que assumi uma relação pública e oficial com a Nina, não irão concordar, farão chantagem, pressão. Achando que por conta do dinheiro, irei voltar atrás e esconder quem sou da sociedade. Enganam-se!! Pela Nina, farei qualquer coisa, abro mão de bens, conforto. Só quero estar ao lado da mulher que amo. Enquanto divago sobre o nosso futuro, meu celular toca e vejo no visor, que se trata do detetive que coloquei na cola de Luca.

— Gina, pode falar?

— Posso sim — Respondo ansiosa.

— Eu tô seguindo o tal Luca desde a casa da mãe e ele parou num Pub aqui no bairro do Monti. Parece nervoso, bravo. Vou continuar vigiando, tá ok?

— Continue, Nestor. Se alguma mulher se aproximar, tire fotos e me avise. Faça como combinamos.

— Tá ótimo Gina, estou de alerta, qualquer coisa me avise.

Desligo o aparelho e ligo para Antonella, preciso que me ajude, temos que aproveitar a oportunidade de pegá-lo sozinho. É agora ou nunca!!

Capítulo 40

Narrado por Antonella

Gina acabou de me ligar, ainda não sei se este plano dará certo, acho arriscado demais. E fora que podemos ser vistos. Tudo que não preciso é de problemas com a polícia.

Mas a garota me garante que Nina irá cair na armadilha, que do jeito que faremos será perfeito e nem Luca se lembrará no dia seguinte. Então topei!! E agora estou seguindo para o tal Pub no bairro do Monti. O detetive Nestor, que é um picareta de marca maior, irá me ajudar. Quando já estou próxima do lugar combinado, o cara me aborda.

— Antonella? — Pergunta olhando para os lados.

— Sim.

— Tome — Ele me entrega um pequeno frasco de plástico.

— É o Boa Noite Cinderela?

Nestor assente e me entrega.

— Assim que o cara estiver grogue, peça que alguém no bar te ajude a levá-lo para o carro, mas não esqueça, use o carro dele. Deixe o seu por aqui — Nestor alerta. — Desse jeito a história terá mais veracidade, vocês indo embora juntos.

Assinto e me preparo para representar. Espero que tudo dê certo! Assim tiro aquela fingidinha do meu caminho e Luca irá acreditar que nos deixamos levar pela bebida. Sem efeitos colaterais ou danos irreparáveis.

Caminho de maneira atraente e confiante, como sempre ajo no dia a dia. Chamo atenção, sou bonita e sei disso. O pub não é um lugar do tipo que frequentaria, moderno ou sofisticado. Está mais para um lugar simples, que se frequenta para o happy hour. Ignoro o olhar cobiçoso de um grupo de caras e sigo o foco, meu olhar varrendo o lugar e procurando Luca. Eu o encontro sentado sozinho num canto, está tomando uma garrafa de uísque. Parece triste, solitário e desanimado. Preparo-me para fazer cara de surpresa ao vê-lo.

— Luca!! — Falo alto, demonstrando surpresa em encontrá-lo. — O que está fazendo aqui?

Ele me olha semicerrando as pálpebras, como se estivesse desconfiado.

— Eu que pergunto, o que faz aqui? Está me seguindo por acaso — Dou uma risada boba, como se me divertisse com seu comentário.

— Claro que não!! Tenho desejo por você, mas não a esse ponto — Faço-me de desentendida e trato de dar uma bela desculpa. — Me cadastrei num site de relacionamentos e marquei para encontrá-lo aqui, Dante trabalha aqui perto — Sinalizo, apontando para um conjunto de prédios comerciais próximo ao estabelecimento.

Sua feição se suaviza, e acredita na desculpa que dei.

— O cara não ficará brava de te encontrar sentada com outro homem? — Luca pergunta sério.
— É melhor esperar sozinha, Antonella — Luca fala sem qualquer resquício de ciúme ou raiva.

Parece nem se importar que sairei com outro.

— Eu aviso que você trabalha comigo, não se preocupe — Tento parecer descontraída, como se tudo tivesse dentro da normalidade.

— Você que sabe. Quer beber alguma coisa? — Pergunta educadamente.

— Pode ser uma cerveja — Luca acena para o garçom, porém, o mesmo não nos vê. Ele se irrita e levanta para buscar direto no balcão. Aproveito este momento, tiro o pequeno recipiente na bolsa e pingo a quantidade de gotas que me foi instruído, espero que não tenha nenhuma reação a droga.

Ele volta com a garrafa na mão, puxo conversa, tento lhe causar algum efeito, mas Luca parece apático e desinteressado em qualquer assunto.

— Aconteceu alguma coisa, Luca? Sua cara está péssima — Falo rindo para descontraí-lo.

Ele ri, mas parece não achar graça. Esfrega as duas mãos no rosto em sinal de impaciência.

— Por que mulher vive tentando forçar a barra? Tentando laçar o homem, o encurralando a casar? Não podem simplesmente aceitar viver num relacionamento, sem papel e vestido de noiva? Por que vivem pondo o carro na frente dos bois? Que obsessão vocês têm de ter marido e filho, como se vivessem exclusivamente para isso — Sua indignação é palpável.

Não entendo nada que ele diz e de repente algo me passa na mente.

— Problemas no paraíso? A virgenzinha armou alguma?

Ele me olha feio e responde:

— Não a chame assim, o nome dela é Nina.

— Pelo jeito ela te sacaneou e você a defende?

— Só não quero que a chame assim, ok?

Dou de ombros e faço-me de desinteressada. Mas estou louca para saber o que aconteceu.

— Eu vou ser pai — Luca comenta e parece desestabilizado com a notícia.

— Não acredito que caiu nesse golpe, Luca!! Como pôde se descuidar desta forma? — Pergunto indignada, por ter sido tão displicente e negligente.

— Foi acidente, a camisinha estourou e Nina demorou para tomar a pílula do dia seguinte.

Fico puta e ensandecida. Aquela pirralhinha é mais esperta que imaginei. Já foi logo fazendo um filho para segurá-lo. VACA!! Grito em meu interior.

— Claro que ela esqueceu!! — Falo com deboche. — Ela fez de propósito, isso sim!! E você foi um amador!! Devia ter comprado o remédio, e esperado que bebesse na sua frente. Aí sim, estaria livre de qualquer dor de cabeça.

Luca parece pensativo, introspectivo. E sorrio, acho que estou conseguindo envenená-lo. Ponto para mim.

— Não sei o que fazer! Estou tão perdido, frustrado, sem rumo. Não posso negar que gosto da Nina, aquela garota penetrou na minha couraça. E sinto um vazio tão grande quando penso em me afastar.

Respiro fundo e engulo meu orgulho. Estou fervendo de ciúmes, mas tenho certeza que ainda

há tempo de neutralizar aquela barata. Filho não segura relacionamento!! E com certeza o deles é frágil demais para resistir a tudo isso. Basta apenas fazê-los se odiarem.

— É óbvio que ela se aproveitou da situação. Mas agora temos que ser práticos. Fique um tempo longe e veja o que realmente sente por ela. Ninguém é obrigado a ficar junto por conta de filho. Vocês podem criar o bebê amigavelmente, como amigos — Faço-me de amiga e o aconselho como quem não quer nada.

Vejo Luca levantar o copo e dar um gole bem grande na bebida. Sorrio, porque logo a droga fará seu trabalho e ele irá para casa comigo. Continuamos batendo papo e depois de 20 minutos, vejo que sua feição está alterada.

— Que foi? — Faço-me de desentendida.

— Estou zozinho, acho que o uísque subiu rápido demais — Em poucos minutos Luca está completamente fora de si, deita a cabeça na mesa e começa a cochilar.

— É querido, agora vamos ao show!! — Levanto-me e vou até o balcão. — Meu amigo bebeu um pouco demais, vou pagar a nossa conta. Será que alguém pode me ajudar a carregá-lo até o carro — O bartender olha o estado de Luca e fala:

— Vou pedir para o segurança lhe dar uma ajuda, aguarde na mesa.

Volto e fico no aguardo. Um garçom e o segurança o carregam até o carro, apesar de estar drogado, ele consegue dar alguns passos, mesmo tropeçando. Mas não diz palavras coerentes.

Tiro a chave do seu bolso, sigo para o lado do motorista e espero os rapazes se afastarem. Ernesto se aproxima e entra na parte de trás.

— Vamos, Antonella. Você estaciona na porta do prédio dele, que te ajudo a subir com a encomenda — Ernesto é um cara estranho, calado e carrancudo. Não sei onde Gina arrumou esse tipo.

Narrado por Nina

Vou o caminho inteiro arrasada, deprimida, não tenho forças ou vontade de falar. Deixo que Domenica e Marcelo me consolem. Eles dizem coisas positivas, tentam amenizar e se desculpar pela brutalidade de Luca, mas não vejo o porquê de ele ter me atacado daquela forma. Acusou-me e me diminui sem o menor peso na consciência!! Tudo bem que errei em ter mentido sobre o remédio, mas dizer que premeditei, que não passo de uma fingida buscando migalhas, é demais!! A dor no peito e no corpo é tão grande, que chego a sentir dores musculares. Meus braços e pernas estão doloridos, como se tivesse corrido uma maratona. Estou acabada, só sinto desejo de deitar e dormir, quero esquecer o mundo ao meu redor. Ao chegarmos, Domenica me leva até o meu apartamento, parece tão arrasada quanto eu.

— Desculpe, Nina!! Não sei nem o que dizer.

Eu a encaro triste e aperto as mãos.

— Você não fez nada! Muito pelo contrário, me defendeu, quando nem eu tive reação para isso. Obrigada por tudo, Domenica! E mesmo que Luca não assuma o filho, você e Benito têm as portas abertas para visitá-lo sempre que quiserem. Tenho certeza que serão avós maravilhosos —

Enquanto falo, uma pequena lágrima desce por meu rosto, luto para me manter firme.

— Deixe o tempo passar, Nina. Luca é temperamental e impulsivo. Eu o conheço bem, tenho certeza que irá se arrepender.

Não quero retrucar, até porque estou cansada e precisando deitar. Mas não sei se quero vê-lo tão cedo.

Eu lhe dou um abraço e entro em casa. A televisão está ligada e Clara está deitada no sofá, distraída, com as pernas para o alto.

— Nina — Ela me chama, mas não tenho força para me mover e fico parada, olhando para a tela da televisão. Estou vazia, como uma sacola solta no vento que é sacudida de um lado a outro. Percebendo meu silêncio, Clara levanta a cabeça e encontra meu olhar. Estou uma verdadeira bagunça. Olhos inchados, nariz vermelho e descabelada.

— O que aconteceu, Nina? — Não consigo responder e só choro. Deito-me em seu colo no sofá e ali me derramo completamente, sem medo ou vergonha. Posso me mostrar sem receio de julgamento. Depois de vários minutos, consigo me acalmar e contar o que aconteceu.

— Desgraçado!! Filho da puta!! — Clara esbraveja e treme inteira de raiva. — Não lhe dê confiança, Nina. Você não precisa daquele bosta!! Temos nossa avó, tia Kira e a herança que recebemos. Mande-o ir à merda, já que se acha tanto. Você é bonita, nova e gostosa, vai arrumar outro e lhe dar um belo chute na bunda. Prometo que cuidarei bem da minha sobrinha — Minha irmã faz um pequeno carinho em minha barriga inexistente.

— Tenho certeza que vai mimá-la bastante — Digo tentando parecer confiante e fazendo um esforço para me sentir melhor.

— Vem, vamos deitar um pouco, vou dormir com você — Clara me ajuda e fica comigo na cama, ficamos abraçadas do mesmo jeito de quando éramos pequenas.

O sono e exaustão me vencem e durmo pesado. Acordo de madrugada com o barulho persistente do meu celular tocando. Vejo o número de Luca em meu visor e um frio na barriga aparece. Sei que deveria ignorar, mas não consigo e atendo. Acho que no fundo, no fundo, ainda tenho um fio de esperança.

— Alô — Atendo receosa.

— Oi, moça, estou ligando porque deixaram este aparelho aqui no meu bar.

— Quem está falando? — Pergunto confusa, não entendo porque este homem está com o celular do Luca.

— Sou dono do Irish pub, e teve um rapaz alto e loiro que estava bebendo em uma das mesas. Ele saiu acompanhado de uma moça e esqueceu o aparelho aqui em cima, eu escutei eles falando que iam para casa dele — Sua revelação me magoa como uma faca. Luca está com outra, enquanto eu fico aqui chorando, arrasada? Sou uma burra mesmo!! Uma anta!!

— E por que você está me ligando? — Pergunto irritada.

— Só disquei para o último número que foi chamado. Você conhece o dono do aparelho ou não?

— Não conheço ninguém com essa descrição, sinto muito, não posso ajudar — Finalizo a ligação em sua cara. Estou fervendo de raiva e ódio. Aquele cretino já foi se deitar com outra!

Clara, que havia acordado, pergunta.

Então conto sobre a ligação.

— Pode ser que não seja o que você tá pensando — Minha irmã tenta remediar.

— Você realmente acredita nisso? — Questiono, cínica. — Acha que eles estão só trocando uma ideia agora? Ou vendo um filme?

Clara parece envergonha e abaixa a cabeça.

Me levanto e começo a me vestir.

— Aonde vai? — Clara arregala os olhos.

— Vou até a casa dele, quero ver com meus próprios olhos.

— Não faz isso, Nina. Irá se rebaixar desse jeito.

— Preciso disso para seguir em frente, Clara. Tenho que ter um desfecho. Sei que é difícil de entender, mas às vezes é necessário chegar até o fundo do poço para voltar à superfície.

— Espere! Vou com você — Clara conclui.

Narrado por Gina

Aguardo a ligação de Nestor. Ansiosa, andando de um lado a outro. Temendo que algo dê errado. Estou com a faca e o queijo não mão, tudo caminha para acabar o romance dos dois.

No visor, o número de Nestor aparece.

— Pode comemorar! Acabei de ligar para a Nina me passando pelo dono do Pub e pelo jeito, ela caiu direitinho na conversa. Parecia perturbada com a ligação.

— Ótimo, e a Antonella está com o traste na casa dele?

— Está sim!! Acabei de sair de lá e os dois pombinhos vão passar a noite juntos. Pelo menos é o que o cara vai achar amanhã de manhã. A droga causa amnésia, não vai lembrar de nada que aconteceu.

— Obrigada pelos seus serviços, você foi muito bem recomendado e atendeu as minhas expectativas.

— Estou às ordens, moça, precisando é só avisar.

Narrado por Nina

Chego à portaria do prédio e Clara me questiona.

— Como vai fazer para entrar? Não tem chave da portaria.

— Vou dar uma de boba e ver se alguém abre a porta.

Saio tocando em outros apartamentos, já passa da meia-noite e finalmente dou sorte.

— Alô — A voz de uma senhora idosa ecoa pelo interfone, penso rápido e invento uma história.

— Olá! Sou moradora do apartamento 06 — Menciono o apartamento de Luca. — E percebi agora que perdi a chave da portaria. Será que a senhora pode fazer a gentileza de abrir, por favor? — Ela parece desconfiada e tento reforçar a mentira. — Sou noiva do Luca, o rapaz loiro e alto que é dono do apartamento.

— Ah!! Eu o conheço — Ela diz, rindo. — Seu noivo sempre me ajuda com as compras, é um rapaz muito gentil — Ela comenta simpaticamente. Tenho vontade de dizer que é só uma capa de pessoa bem civilizada, que no fundo é um tirano, calhorda.

— Concordo!! Luca adora ajudar as pessoas.

— Estou abrindo, querida!! E manda lembranças a seu noivo.

— Mando sim. Obrigada!! — Escuto o estralo de porta automática e logo meu sangue começa a correr como fogo pelas veias.

Ao chegar em seu andar, paro em frente à porta, que me separa da verdade.

— Mana, tem certeza que quer ver isso?

Arfo, respiro fundo e retiro forças de onde não tenho. Quero ver com meus próprios olhos, preciso desse baque para conseguir pôr um ponto final no que sinto.

Toco a campainha, uma, duas, três vezes... após uns segundos escuto passos apressados e nada me preparou para o que vejo à minha frente. Antonella toda descabelada, com uma camiseta de Luca, e percebo pela silhueta do corpo, que está sem sutiã. Uma dor horrível me rasga de cima a baixo. Ela ri de lado, como se encarasse um inseto sujo.

— Isso não é horário para fazer visita — Conclui de má vontade.

— Cadê ele? — Questiono fora de mim, querendo lhe quebrar a cara.

— Tá dormindo — Ela dá risada e solta a sentença final. — A gente fez muito esforço físico e Luca capotou — Fecho os olhos, sentindo um peso enorme em meus ombros. Minha vontade é de entrar e quebrar a casa inteira. Mas acho que a humilhação já foi grande demais!! Não me resta mais nada, preciso saber perder e aceitar quando algo não deu certo.

— Faça bom proveito, Antonella. Vocês se merecem!!

Dou as costas e saio dali com a certeza que nunca mais pisarei naquele lugar.

Epílogo

Ao descer do táxi estou zonha e perdida, meu corpo treme, as dores musculares retornam a todo vapor. Clara me apoia, caminho com passo lentos, lânguida. Minha única vontade é deitar e dormir, esquecer que o mundo existe. Ainda revivo a cena de Antonella de camiseta, imagino que Luca a tocou, lhe deu prazer. Uma sensação horrível de traição me golpeia, arrasando completamente meu coração. Sei que não éramos namorados e nem tive promessas de amor eterno, mas havia um acordo mútuo que estabelecemos em não nos relacionarmos com outros, e mediante a primeira dificuldade, fui traída sem a menor cerimônia ou peso na consciência. Enquanto eu chorava em casa, o maldito se refestelava na cama com Antonella, curtia a nova condição de homem livre e desimpedido. Tenho certeza que poderia perdoar as ofensas e a forma rude com que me tratou, mas traição, isso eu não perdoo!! Aquela cena vai me perseguir por muito tempo e talvez eu nunca a esqueça.

Deito na cama e Clara me acompanha, se estendendo ao meu lado.

— Você tá tremendo, tô preocupada mana, se acalme!! O bebê senti todo seu sofrimento.

Suas palavras são como um gatilho e me machucam ainda mais, pois não quero trazer sofrimento para a minha filha. Toco na barriga e faço um pequeno afago na pele.

— Desculpe, meu amor, mamãe está te magoando e você nem pode se defender — Uma pequena lágrima escorre e vem seguida de outras dezenas.

— Quer saber? Chore, mana, é melhor liberar, que guardar essa dor no peito. Chore até as lágrimas secarem, mas me prometa uma coisa?

Ergo o rosto e encaro Clara com os olhos inchados.

— O quê? — Pergunto com a voz lamuriosa.

— Que amanhã você vai levantar dessa cama e seguir com sua vida. Não deixará Luca te derrubar. Dará a volta por cima, porque você é forte, Nina!! Já perdemos muito e não será ele que te fará quebrar.

Eu a encaro com determinação, ânimo e aceito o desafio.

— Eu prometo!! Hoje é meu luto, amanhã é um novo dia e será o meu novo recomeço — Estas palavras entram em meu sistema e me dão certeza que há uma luz no fim do túnel, que por mais difícil, tudo pode ter um outro lado.

Não quero me tornar amarga ou sem esperança como vó Corinna. Muito pelo contrário!! Vou aprender com os erros e escrever uma nova página. Ainda amo Luca, mas um dia esse sentimento vai minguar e chegar ao fim, e finalmente estarei livre para amar novamente.

Deito e demoro a dormir. Choro, durmo, acordo e choro novamente. Quando finalmente a exaustão cobra o preço, apago de vez e só desperto no dia seguinte. Quando desperto, a primeira coisa que me vem à mente é: **“Hoje é meu dia de cumprir a promessa. Hoje inicia meu recomeço”**.

Bonus

Paixão em Roma

Livro 2

Prólogo

Abro os olhos e a primeira coisa que recordo é do dia anterior, tenho vontade de fechá-los novamente. De dormir e voltar no tempo. Retornar aos dias que eu e Luca estávamos bem, em paz e juntos. Mas, infelizmente, a realidade não é essa, e o cenário atual é outro. O conto de fadas em que vivi chegou ao fim, hora de pôr os pés no chão, encarar a verdade. Tudo que vivemos foi lindo, mágico e excitante. Mas não passou de faz de conta, de momentos passageiros.

Encarando os fatos e analisando friamente, nunca fui enganada ou iludida. Luca sempre foi transparente e autêntico, em momento algum me prometeu um relacionamento duradouro, casamento ou qualquer coisa do gênero. Quem sempre quis acreditar em tudo isso, fui eu!! E agora encontro-me aqui, com um filho na barriga, me preparando para uma nova fase. Mas é estranho! Porque estou em paz e serena. Como se uma força maior e grandiosa estivesse me apoiando e sustentando nesse momento. Apesar de triste e cabisbaixa, algo dentro de mim está mais firme, decidido. Me dando estímulo para caminhar adiante.

Levanto-me e vou para o banheiro fazer minha higiene matinal. Uma ideia está me rondando, desde que cheguei em casa ontem à noite. Ainda não tenho certeza se irá dar certo, nem falei com ninguém sobre o assunto. Mas antes de tudo, preciso conversar com minha avó e tia para sondar antes de qualquer decisão.

Pego o aparelho e telefone para Kira.

— Oi, tia, bom dia!

— Bom dia, Nina. Tudo bem?

— Tudo certo e você?

— Tudo bem também. O que você precisa, querida.

— Você e a vovó estarão livres hoje à noite? — Pergunto, pois preciso falar com as duas ao mesmo tempo.

— Eu ia sair para um jantar de negócios, mas não é nada tão urgente, posso desmarcar — Kira explica.

— Não quero atrapalhar seus planos, tia, posso marcar para outro dia — Tento tranquilizá-la.

— Não irá atrapalhar, te espero no hotel às 19:00 horas — Ela se adianta e combina o horário.

— Tá ok!!

Desligo e sigo para a cozinha. Estou morta de fome e doida para comer.

O cheiro de café está maravilhoso e minha boca saliva em expectativa. Sou movida a cafeína e não nego. Preciso marcar uma consulta com um ginecologista e ver todos os tramites necessários para fazer pré-natal. Penso nisso assim que sento-me na banqueta alta.

— Bom dia! — Clara me cumprimenta com um sorriso acolhedor e compreensivo, como se entendesse minha situação.

— Bom dia! — Respondo dando um leve sorriso.

— Dormiu bem? — Ela pergunta, preocupada.

— Mais ou menos, acordei algumas vezes, mas dei boas cochiladas — Esclareço sem ficar inventando desculpas.

— Eu imaginei — Clara conclui. — Você está sensível e magoada pelo que viu.

— Eu tô bem, Clara!! Vai passar — Concluo, mostrando que não quero mais tocar no assunto. Prefiro pôr uma pedra em cima. Lamentações e choramingo não irão me tirar desse rodamoinho de sensações.

— A mãe do Luca te ligou agora cedo — Minha irmã avisa, e não sei por que, não me encara quando diz isso. Vejo que tem algo de errado.

— O que ela queria? — Questiono, desconfiada.

— Só saber se está bem — Novamente Clara foge do meu olhar.

— O que está escondendo? — Pergunto de maneira direta, sem meias palavras.

— Nada, ué!! Por que sempre desconfia do que faço, Nina?

— Porque te conheço!! Não é do seu feitio se fazer de boba ou tonta. Desembucha, Clara!

Ela ri e comenta:

— Nunca consigo mentir para você, né!! Parece que tem detector.

— Pois é!! Então não adianta enrolar.

Ela pensa um pouco e conta sobre o que conversaram.

— Ela ligou para saber como você está, ficamos conversando, aí terminei contando de ontem à noite... — Clara me olha com um sorriso de deboche estampado no rosto. — Ela ficou uma arara com o Luca, disse que vai lhe arrancar o couro — Comenta, caindo na risada. — Tomara que leve umas boas cintadas para aprender a ser homem e não um moleque.

— Não devia ter contado, Clara! Caramba!

— Deixe de ser boba, Nina. Vai ficar protegendo aquele babaca?

— Não é proteger, mana!! Entenda que Luca sempre será o pai da minha filha, eu gostando ou não. Quero manter uma relação saudável e sem brigas, pois teremos este vínculo para o resto de nossas vidas. E colocar sua família contra ele, não é bem um início de política de boa vizinhança. Só quero ficar na minha, curtir minha gravidez em paz e sozinha. Sem confusão ou qualquer tipo de acusação.

— Desculpe!! Não pensei por esse lado. Só quis me vingar — Diz ela, coçando a cabeça e dando de ombros. — Mas e se ele mudar de ideia e quiser acompanhar a gravidez?

— Não quero contato com ele até a minha filha nascer! Ele não pode me obrigar — Digo firme e decidida, como nunca estive na vida. E também não acreditando nessa possibilidade. Luca não gosta de mim, com certeza após esfriar a cabeça, vai aceitar a criança e só isso. E para mim está de bom tamanho. — Eu aceitei que o tínhamos acabado, que Luca não gosta de mim. De agora em diante, somos pais de uma criança, só isso. E basta ter respeito e uma relação pacífica para conseguirmos dividir a responsabilidade de criarmos juntos.

— E você acha que consegue ser tão fria e evoluída assim, sem deixar seus sentimentos ou frustrações aparecerem?

Dou uma risada fraca, que não me alcança os olhos e nem a alma.

— Tenho oito meses para enterrar e aniquilar qualquer sentimento que senti por ele. E por isso mesmo que tomei uma decisão, que pode ser até um pouco drástica. Mas vai me ajudar a pôr os sentimentos no lugar.

— Hum... que mistério!! Fiquei curiosa agora — Ela cruza os braços na frente do peito.

— Vou morar em Tóquio com a vovó e a tia Kira por um tempo. Depois que o bebê nascer eu volto.

Minha irmã me encara, estática, abismada e com a boca aberta, incrédula pelo que disse.

— É sério isso? — Pergunta e engole em seco.

— É sim, mana! Vai ser bom ficar longe, respirar novos ares, conhecer gente nova. Vovó já tinha me sondado se eu gostaria de ir embora. Na época descartei a ideia, mas agora acho que é providencial e me fará bem. Pensei até em ajudar a Kira com as coisas da empresa, posso começar a aprender — Falo e lhe dou uma piscada.

— Eu não quero mudar para Tóquio, Nina. E além do mais, ainda estou terminando a escola. Faculdade só ano que vem — Percebo que Clara tenta me dissuadir, mas estou com a opinião formada e não volto atrás por nada.

— Você já provou ser uma moça responsável. Daqui a seis meses faz 18 anos e tenho certeza que irá se virar enquanto estou fora. E fora que posso confiar em Enzo, que se mostrou um bom rapaz, lhe darei esse voto de confiança.

— Vou sentir sua falta, Nina. Nós nunca ficamos separadas — Clara fala triste e uma lágrima escorre pelo rosto.

— Não tô indo embora para sempre!! É só por um ano. E fora que você vai nos visitar no natal e ano novo, não atreva a passar sem sua família.

Ela ri triste, mas parece entender.

— Eu te admiro, Nina. Queria ter um terço da sua força de vontade e garra. Mas sei que é para seu bem, que precisa se refazer. Tem meu apoio, pode ter certeza.

Nos abraçamos cheia de carinho e ficamos ali curtindo uma a outra.

Narrado por Luca

Estou num sono pesado, sentindo a cama fofinha e bem aquecida. O silêncio domina a casa, até que sinto uma onda de água gelada bater em meu rosto. Abro os olhos de maneira assustada, sentando e tentando me localizar.

Me deparo com o olhar gélido e crepitante de dona Domenica. Ela está com um balde na mão e me fuzila. Sua carranca diz que está fervendo de raiva. Conheço bem essa expressão, a vi por toda minha infância, principalmente quando aprontávamos.

— Mãe! Por que jogou água em mim? — Pergunto indignado e quando olho para o lado, vejo Antonella, de calcinha e sutiã deitada ao meu lado na cama. Parece assustada e com medo.

— O que tá fazendo aqui, Antonella? — Questiono, confuso, pois lembro de nos

encontrarmos no Pub, mas depois disso está tudo nublado e em branco.

— Nós exageramos na bebida e dormimos juntos — Fala sem graça e dá de ombros.

Ah que merda, era só o que faltava!!! Porra, não acredito que fiz uma bosta dessa!!

Olho para frente e mamãe me encara com uma raiva bem explícita.

— Como entrou aqui mãe? — Pergunto, bravo.

— Chave de emergência. Lembra? — E lembro-me que lhe dei uma chave de casa para uma necessidade. — Que foi, tá com raiva porque te peguei no flagrante? Seu moleque idiota!

— Mãe! Eu nem lembro o que aconteceu ontem. Também não me recordo de ter bebido tanto para ficar desse jeito — Comento e passo a mão no cabelo, bagunçando-o de um lado a outro.

— Ah que providencial, vai dizer que foi violentando também? Que Antonella te pegou a força?

— Não! Porque nem lembro do que fiz — Sou o mais sincero possível.

— Me poupe dessa conversa fiada, filho! Estou decepcionada com essa atitude infantil e impulsiva. Na primeira dificuldade corre para transar com a primeira que vê pela frente.

— Alto lá, Domenica!! Não sou qualquer uma, trabalho com o Luca e nós saíamos de vez em quando.

Domenica a encara com indiferença, como se não tivesse lhe chamado na conversa.

— E a quanto tempo não estavam mais juntos? — Antonella engole em seco e responde.

— Uns três meses — Responde baixo.

— Era o tempo que ele estava em outro relacionamento — Antonella faz uma cara de desagrado e se cala, — Aliás, a Nina esteve aqui ontem à noite. Você sabia?

Minha mãe libera aquela bomba sem que eu estivesse preparado. Fecho os olhos, puto da vida, imaginado o que ela pode ter visto.

— Eu... eu não sabia — Até gaguejo de tão nervoso com medo da possível bomba que vou ouvir.

— Ela esteve, Luca, e advinha quem foi recebê-la na porta? — Olho para o lado e encaro Antonella. Seu semblante culpado a denuncia.

— A campainha estava tocando sem parar, achei que pudesse ser alguém da sua família por isso fui atender — Se justifica, mas nada a absolve. Ela não tinha nada que atender a porta da minha casa. Fico puto e bravo. Merda!!

Esfrego as duas mãos no rosto, porque estou me sentindo acuado. Não sou inocente, afinal, acordei pelado ao lado de Antonella e também não me lembro de nada. E por livre e espontânea vontade não teria rolado nada. E agora, em que me classifico? Culpado ou inocente?

Nina com certeza não irá querer me ver pela frente. Tenho certeza disso!

— Antonella, é melhor ir embora, as coisas não aconteceram de maneira espontânea, nós nem sabíamos o que estávamos fazendo.

— Espere lá!! Vai me mandar embora por causa daquela japonesinha enxerida?

— Querida, você não entendeu que está sendo despachada de maneira educada? Vamos lá,

trocando em miúdos e ele quis dizer que só transou com você porque estava bêbado. Compreendeu agora? — Mamãe a confronta sem paciência e decido me interferir.

— Antonella, vá, por favor!!

Ela parece indignada, mas levanta-se de calcinha e sutiã e sai em busca da roupa. Só escuto a porta de frente batendo com força.

— E agora. O que você vai fazer? — Mamãe pergunta, se sentando ao meu lado.

— Não sei, mãe!! Nina não irá acreditar que não lembro o que fiz. Afinal, eu estou errado, não é?

— Peça desculpa, seja sincero — Dona Domenica tenta me convencer.

— Mas eu ainda estou com raiva, também fui enganado — Trato de lembrar que fui sacaneado.

— Querido!! Se alguém não der o braço a torcer, onde vocês vão parar? Ela só estava com medo de te contar, ficou apreensiva. E vamos pesar as duas situações, o seu caso está pior, Luca.

— Não sei!! Preciso de um tempo.

Mamãe bufa e retruca cansada:

— Chega!! Vou para a minha casa. Vocês são adultos e que se entendam. Não posso forçar ninguém a nada.

Vejo ela se afastar e ir embora irritada e fico ali na cama, sentindo falta da minha pequena. Mas não querendo admitir tais sentimentos!!

Capítulo 01

Ao anoitecer, seguimos de Uber até o hotel para jantarmos juntas. As duas estão tranquilas e parecem curiosas pelo meu pedido. Conversamos sobre a semana, coisas da empresa e outras besteiras de mulher. Comemos e demos risada.

Kira já sabia sobre minha gravidez, minha avó havia lhe contado e perguntaram sobre a bebê.

— Como você está querida?

— Estou bem, vó! Sinto muito sono e estou mais comilona, mas fora isso, está tudo dentro do normal — Comento sorrindo e fazendo um afago em minha barriga.

— Eu sempre abusava na comida quando estava grávida — Vovó relembra com o olhar saudosos.

— Não vou cair nessa! Depois é um custo para perder — Digo com firmeza.

— Não exagere, mas também não deixe de comer algo que tenha vontade. Afinal, gravidez é momento para ser curtido, não levado como tortura.

Kira tem razão, o problema não é comer pouco e sim comer até se saciar.

— Gente, o assunto que tenho com vocês é um pouco mais sério. E por favor, sintam-se à vontade para dizer não, se acharem que irá atrapalhar — As duas se olham e depois voltam a atenção para mim.

Conto tudo que aconteceu ontem, tia Kira fica brava, revoltada. Percebo que é o tipo de gente justa. Mas quando sente que foi injustiçada, se transforma e não deixa por menos.

— Você não precisa dele, Nina. Nada irá te faltar, é uma promessa — Kira anuncia com veemência.

— Obrigada, tia! Me sinto muito melhor sabendo que tenho apoio e suporte da minha família. Mas quero pedir outro favor, mas volto a dizer, não quero atrapalhar — Deixo essa mensagem bem implícita.

— Nada que venha de vocês irá atrapalhar — Minha vó se adianta.

Então penso por alguns segundos e comento meu desejo de ir embora, ficar durante a gravidez em Tóquio. A ideia é comemorada com entusiasmo e alegria. As duas apoiam e se põem à disposição.

— Clara, você irá ficar?

Minha irmã me olha triste e responde com sinceridade.

— Vó, ainda estou terminando o colégio e fora que namoro, não quero abandonar a minha vida.

— Eu entendo suas escolhas. Sua irmã vai embora, porque precisa desse tempo. Mas, Clara, você ainda é menor e se precisar tomar alguma ação em seu nome?

— Já pensei nisso, vó — Tomo a frente da conversa. — Vou emancipar a Clara e assim ela pode praticar qualquer ato de uma pessoa com 18 anos. Inclusive, recebemos de herança os

aluguéis de um prédio que meu avô paterno nos deixou. Vou deixar Clara como responsável por isso — Falo, pensando que depois terei que conversar melhor com minha irmã. Dar mais detalhes para que não tenha problemas.

— Bem, então estamos acertadas? — Pergunto para ambas. — Não há nenhum problema mesmo? Eu entendo se não puderem me receber — Falo séria, realmente irei compreender se não puder ir agora.

— Deixe de bobagem, Nina! Aquela casa é sua também — Vovó me chama a atenção. — Estamos mais que felizes em recebê-la. Mas deixe-me fazer um mimo à minha neta — Ela se remexe ansiosa e fala:

— Gostaria de fazer um tour por alguns países da Europa e levá-la comigo antes de irmos para Tóquio. O que acha da ideia?

Abro um sorriso de lado a lado.

— É claro que topo, vó!! Vou adorar.

— Então está combinado!! Resolva a parte legal com a sua irmã e depois decidimos para onde vamos.

Saio de lá andando em nuvens, sempre quis conhecer vários lugares. Pena que até pouco tempo atrás achei que poderia fazer isso com Luca. Doce ilusão!!

O dia seguinte é sábado e já me sinto depressiva ao pensar no fim de semana. Será torturante e maçante. Preciso me ocupar e dar um rumo aos meus dias até ir embora. Mente vazia, oficina do diabo!!

Penso, penso e chego à conclusão que devo ir passear. Ligo para a minha vó e pergunto se aceita ir visitar o Vaticano e fazer alguns passeios de turista. Mesmo não sendo católica, topa na hora e até a tia Kira se oferece para ir junto. Andamos muito sábado e domingo. Posso falar com toda certeza que isso me salva de sofrer e remoer o fim de semana inteiro. Aliás, nem vejo os dois dias passando. As companhias são boas e a conversa interessante. Rimos, fofocamos e aproveitamos cada segundo. Amo fazer turismo com elas e já vi que aproveitarei bastante este tour com a minha vó, que apesar da idade, é uma mulher cheia de saúde e vitalidade, arrisco a dizer que tem mais energia que eu, que sou jovem.

— Adorei fazer turismo com vocês — Falo, empolgada.

— Estou pensando em pegar uns dias para viajar com vocês — Kira anuncia. — Estou precisando de férias mesmo, e já vi que a viagem será animada.

— Vamos, tia? Nos divertiremos bastante — Peço com carinho.

— Vou ajeitar algumas coisas na empresa e fechamos o roteiro juntas — Kira sinaliza sua decisão.

Dou um pulo no lugar em sinal de alegria e rimos juntas.

Na segunda-feira vou a um cartório e vejo o que é necessário para fazer o procedimento da emancipação. Converso com o advogado da minha avó Corina e aviso da minha ida para o Japão. Ele promete que assinaremos a documentação passando a escritura para o meu nome essa semana. Vou até a clínica avisar da minha saída e agradecer pela oportunidade.

Enfim, a semana é corrida. E dá tudo de certo. Clara está emancipada, sem nenhum

obstáculo. E a escritura do prédio é passada para o meu nome e já deixo uma procuração para que Clara possa cuidar da burocracia. Aparentemente, tudo está caminhando rapidamente. E a próxima segunda-feira, embarcarei para começar o nosso tour.

Decidimos conhecer a Turquia e Grécia. Inicialmente, viajaremos por 20 dias, mas o passeio pode ser estendido por mais 10, se for necessário. Apesar dos meus protestos, não me deixaram desembolsar nada, tudo será por conta de Kira. Iremos embarcar na primeira classe e ficaremos em hotéis 05 estrelas. Nunca viajei com tanta pompa e luxo. Só tenho a agradecer a gentileza de minha tia. Tê-las em minha companhia será muito gratificante e enriquecedor. Enquanto faço a mala, penso que de lá, irei embora para o Japão e só voltarei daqui a 01 ano. Fecho os olhos e já sinto saudades de tudo. Da Clara e do Snop. Da minha cidade, da comida, do clima. Das amigas que fiz no trabalho, da Fabíola da faculdade e até de Gina, que apesar de ser doidinha é minha amiga de infância. E a saudade maior, é do pai da minha filha, que sempre será meu primeiro amor. Sinto sua falta, mesmo que tente não pensar no assunto. A dor de não tê-lo por perto é quase física e palpável. Mas simplesmente decidi abafá-la, sufocar os sentimentos, até que estejam soterrados e silenciados.

Não pensar no assunto tem me confortado por enquanto. Fujo de tentar analisar qualquer assunto sobre ele. Às vezes o melhor remédio é o esquecimento, e tento usá-lo para apagar as lembranças do que passamos.

Clara fala que estou fugindo da verdade. Pode até ser!! Mas prefiro isso a ficar com uma ferida aberta, latejando sem cessar. Enquanto agir dessa forma estiver funcionando, em time que está se ganhando, não se mexe.

Vou tocar minhas prioridades até o dia da partida. Combino de me despedir de Fabiola e as meninas da clínica. Nos encontramos num barzinho no centro e a choradeira é geral.

— Gente, em um ano eu volto. Prometo!!

Todas riem e comemoramos juntas. Conto para a minha amiga sobre a gravidez, ela ri e chora. E diz que comprará uma lembrancinha para a minha filha. A comemoração é descontraída e posso me despedir em grande estilo das meninas.

Resolvo não contar nada para Gina, pois tenho medo dos seus surtos de obsessão. Gente assim é uma bomba relógio!! E até pensei em contar a Domenica, mas tenho receio de qualquer interferência. Afinal, sou mãe da sua neta, ela poderia criar algum tipo de caso quanto a isso. Resolvo só contar a ambas quando estiver acomodada no Japão.

O dia fatídico chega. Estamos na entrada do portão de embarque internacional. Viro-me para Clara e a abraço, choramingando.

— Cuide do Snop, pelo amor de Deus!! Você sabe que ele sentirá minha falta por uns dias. Deixe que durma com você para amenizar — Falo em tom de instrução.

— Vou cuidar dele, Nina. E eu, não ficarei triste com a sua ida? — Questiona num choramingo.

— Eu sei que vai, mas nos veremos daqui há 04 meses. Natal e ano novo, lembra?

— Pode deixar. Ah! Enzo vai comigo, ok?

— Sem problemas, meu cunhado tem passagem liberada — Digo e pisco em sinal de cumplicidade.

— Você é uma puxa-saco, isso sim!!

Damos risada, nos abraçamos e sigo com Kira e vovó para uma nova fase da minha vida. Que será cheia de expectativas e possibilidade!!

Continua....